

Série Crepúsculo

Midnight Sun

Versão de Edward

[http://vampirosjogambasebol.blospot.com/
vampirosjogambaseball@gmail.com](http://vampirosjogambasebol.blospot.com/vampirosjogambaseball@gmail.com)

STEPHENIE MEYER

1. À Primeira Vista

Essa era a hora do dia em que eu desejava poder dormir.

Segundo grau. Ou será que a palavra certa era purgatório? Se houvesse uma maneira de conciliar os meus pecados, isso devia contar no ajuste de alguma forma. O tédio não era uma coisa com a qual eu me acostumei; cada dia parecia mais impossivelmente monótono do que o último.

Eu acho que essa era a minha forma de dormir - se dormir era definido como um estado de inércia entre períodos ativos. Eu olhei para as rachaduras no gesso no canto mais distante do refeitório, imaginando padrões por dentro deles que não estavam lá. Essa era a única forma de desconectar as vozes que tagarelavam como o jorro de um rio dentro da minha cabeça.

Várias centenas de vozes que eu ignorava por pura chateação. Quando se tratava da mente humana, eu já tinha ouvido tudo e mais um pouco. Hoje, todos os pensamentos estavam sendo consumidos com o drama comum de uma nova adição ao pequeno corpo estudantil daqui. Não levou muito tempo para ouvir todos eles. Eu havia visto o rosto se repetindo em pensamento após pensamento sob todos os ângulos. Só uma garota humana normal. A excitação pela chegada dela era cansativamente previsível - como um objeto brilhante para um criança. Metade do corpo estudantil masculino já estava se imaginando apaixonado por ela, só porque ela era algo novo pra se olhar. Eu tentei desconectá-los mais ainda.

Só havia quatro vozes que eu bloqueava mais por cortesia do que por desgosto: minha família, meus dois irmãos e duas irmãs, que já estavam tão acostumados com a falta de privacidade quando estavam ao meu lado que já nem pensavam nela. Eu dava a eles toda a privacidade que podia. Eu tentava não ouvi-los, se podia. Mesmo tentando, ainda assim... eu sabia.

Rosalie estava pensando, como sempre, nela mesma. Ela havia visto o reflexo do seu perfil no copo de alguém, e ela estava meditando sobre a sua própria perfeição. A mente de Rosalie era uma piscina rasa com poucas surpresas. Emmett estava espumando por causa de uma luta que ele havia perdido para Jasper na noite passada. Ele iria usar toda a sua limitada paciência pra chegar até o fim do dia escolar e orquestrar uma revanche. Eu nunca me senti muito intrusivo ouvindo os pensamentos de Emmett, porque ele nunca pensava em alguma coisa que ele não diria em voz alta ou fizesse. Talvez eu só me sentisse culpado lendo as mentes dos outros porque eu sabia que havia coisas que eles não iriam querer que eu soubesse.

Se a mente de Rosalie era uma piscina rasa, então a de Emmett era uma lagoa sem sombras, clara como cristal. E Jasper estava... sofrendo. Eu segurei um suspiro.

Edward. Alice chamou meu nome em sua cabeça, e chamou minha atenção imediatamente. Era exatamente como se ela estivesse chamando o meu nome em voz alta. Eu ficava feliz que o nome que me foi dado havia saído um pouco de moda ultimamente - isso era incômodo; toda vez que alguém pensava em um Edward qualquer, minha cabeça se virava automaticamente... Minha cabeça não se virou agora. Alice e eu éramos bons nessas conversas privadas. Era raro quando alguém nos flagrava. Eu mantive meus olhos nas linhas do gesso.

Como ele está agüentando?, ela perguntou para mim. Eu fiz uma careta só com um pequeno movimento da minha boca. Nada que pudesse alertar os outros. Eu podia facilmente estar fazendo uma careta de chateação.

O tom mental de Alice estava alarmado agora, eu vi na mente dela que ela estava observando Jasper com a sua visão periférica. Há algum perigo? Ela procurou à frente, no futuro imediato, vasculhando por visões de monotonia para a fonte da minha careta. Eu virei minha cabeça lentamente para a esquerda, como se estivesse olhando para os tijolos na parede, suspirei, e

depois para a direita, de volta para as rachaduras no teto. Só Alice sabia que eu estava balançando a minha cabeça. Ela relaxou. Me avise se piorar.

Eu mexi apenas os meus olhos para cima, para o teto, e pra baixo de novo. Obrigada por estar fazendo isso.

Eu estava feliz por não poder respondê-la em voz alta. O que eu iria dizer? 'O prazer é meu'? Não era bem assim. Eu não gostava de ouvir as lutas de Jasper. Era mesmo necessário fazer experiências como essas? Será que o caminho mais seguro não seria admitir que ele jamais seria capaz de lidar com a sede do jeito que nós fazíamos, e não forçar os limites dele? Pra quê flertar com o desastre? Já fazia duas semanas desde a nossa última viagem de caça. Esse não era um tempo imensamente difícil para o resto de nós. Ocasionalmente era um pouco desconfortável - se um humano se aproximasse demais, se o vento soprasse na direção errada. Mas os humanos raramente se aproximavam demais. Seus instintos diziam a eles o que suas mentes conscientes não podiam entender: nós éramos perigosos.

Jasper era muito perigoso nesse momento. Nesse momento, uma garota pequena pausou na ponta da mesa mais próxima da nossa, parando para falar com uma amiga. Ela alisou o seu cabelo curto, cor de areia, passando os dedos por ele. Os aquecedores jogaram o cheiro na nossa direção. Eu já estava acostumado ao jeito que esse cheiro me fazia sentir - a dor seca na minha garganta, o grito vazio no meu estômago, a contração automática dos meus músculos, o excesso do fluxo de veneno na minha boca...

Tudo isso era muito normal, geralmente fácil de ignorar. Só que era mais difícil agora, com esses sentimentos mais fortes, duplicados, enquanto eu monitorava a reação de Jasper. Era uma sede gêmea, não apenas a minha. Jasper estava deixando a sua imaginação se separar dele. Ele estava imaginando isso - se imaginando levantando do lugar dele ao lado de Alice e indo ficar ao lado da garota. Pensando em se inclinar pra baixo e pra frente, como se ele fosse falar no ouvido dela, e deixando seus lábios tocarem o arco da garganta dela. Imaginando como seria a sensação de sentir o fluxo quente do pulso dela por baixo de sua pele fina na boca dele...

Eu chutei a cadeira dele. Ele me olhou nos olhos por um minuto e depois olhou para baixo. Eu podia ouvir a vergonha e a rebeldia guerreando na cabeça dele.

- Desculpe - Jasper murmurou. Eu levantei os ombros.

- Você não ia fazer nada - Alice murmurou pra ele, acalmando seu pesar. - Eu podia ver. Eu lutei contra a careta que teria denunciado a mentira dela. Nós tínhamos que permanecer juntos, Alice e eu. Não era fácil ouvir vozes ou ter visões do futuro. Duas aberrações no meio daqueles que já eram aberrações. Nós protegíamos os segredos um do outro.

- Ajuda um pouco se você pensar neles como seres humanos - Alice sugeriu, sua voz alta, musical, era rápida demais para os ouvidos humanos entenderem, se algum deles estivesse perto o suficiente pra ouvir. - O nome dela é Whitney. Ela tem uma irmãzinha que ela adora. A mãe dela convidou Esme para a aquela festa de jardim, você se lembra? - Eu sei quem ela é - Jasper disse curtamente. Ele se virou pra olhar por uma das pequenas janelas que eram colocadas bem embaixo das vigas pela grande sala. O tom dele acabou com a conversa.

Ele teria que caçar hoje à noite. Era ridículo se arriscar desse jeito, tentando testar sua força, tentando construir sua resistência. Jasper deveria simplesmente aceitar suas limitações e trabalhar com elas. Seus hábitos antigos não condizia com os hábitos que nós escolhemos; ele não devia exigir tanto de si mesmo desse jeito. Alice suspirou baixinho e se levantou, levando sua bandeja de comida - seu adereço, isso é que era - com ela e deixando-o sozinho. Ela sabia quando ele já estava de saco cheio dos encorajamentos dela. Apesar de Rosalie e Emmett serem mais abertos em relação ao relacionamento deles, eram Alice e Jasper que conheciam cada traço do humor do outro como o seu próprio. Como se eles pudessem ler mentes também - só que só um do outro.

Edward Cullen. Reação por reflexo. Eu me virei com o som do meu nome sendo chamado, apesar de ele não estar sendo chamado, só pensado.

Meus olhos se prenderam por uma pequena fração de segundo com um grande par de olhos humanos, cor de chocolate num rosto pálido, com formato de coração. Eu já conhecia o rosto, apesar de nunca tê-lo visto até esse momento. Ele esteve em quase todas as cabeças humanas hoje. A nova estudante, Isabella Swan. Filha do chefe de polícia da cidade, trazida pra viver aqui por uma nova situação de custódia. Bella. Ela corrigia todo mundo que usava o seu nome inteiro... Eu desviei o olhar, enfadado. Eu levei um segundo para me dar conta de que não fora ela quem pensou no meu nome.

É claro que ela já está se apaixonando pelos Cullen, eu ouvi o primeiro pensamento continuar. Agora eu reconhecia a "voz". Jéssica Stanley - já fazia um tempo que ela me incomodava com as suas tagarelices internas. Foi um alívio quando ela se curou da sua paixão deslocada. Era quase impossível escapar dos seus constantes, ridículos sonhos diurnos. Eu desejei, naquele tempo, poder explicar exatamente o que teria acontecido se os meus lábios, e os dentes atrás deles, chegassem em algum lugar perto dela. Isso teria silenciado aquelas fantasias incômodas. O pensamento da reação dela quase me fez sorrir.

Grande bem que vai fazer para ela, Jessica continuou. Ela não é nem bonita. Eu não sei por que Eric está olhando tanto pra ela... ou Mike. Ela suspirou mentalmente no último nome. A nova paixão dela, o genericamente popular Mike Newton, era completamente inconsciente dela. Aparentemente, ele não era tão inconsciente sobre a garota nova. Como a criança com o objeto brilhante de novo. Isso colocou uma pontada maligna nos pensamentos de Jessica, apesar de ela ser externamente cordial com a recém-chegada enquanto explicava os conhecimentos comuns sobre a minha família. A nova estudante deve ter perguntado sobre nós.

Hoje todos estão olhando pra mim também, Jessica pensou presumidamente em um aparte. É uma sorte que Bella tenha duas aulas comigo... eu aposto que Mike vai perguntar o que ela... Eu tentei bloquear a tagarela antes que a mesquinha e a insignificância me deixassem louco.

- Jessica Stanley está dando à nova garota Swan todos os podres do clã Cullen - eu murmurei pra Emmett como distração. Ele gargalhou por debaixo do fôlego. Eu espero que ela esteja fazendo isso direito, ele pensou.

- Na verdade, muito pouco criativo. Só a pequena ponta do escândalo. Nenhuma fofoca horrorosa. Eu estou um pouco desapontado.

E a garota nova? Ela também está desapontada com a fofoca? Eu tentei escutar o que essa nova garota, Bella, estava pensando das histórias de Jéssica. O que ela via quando olhava para a estranha família com peles pálidas que era universalmente evitada?

Era meio que a minha obrigação saber a reação dela. Eu agia como um espião, por falta de uma palavra melhor, para a minha família. Para nos proteger. Se alguém comesse a suspeitar, eu podia nos dar a chance de ter um aviso prévio para nos retirarmos facilmente. Isso acontecia ocasionalmente - algum humano com uma mente ativa nos via como personagens de um livro ou um filme. Geralmente eles entendiam tudo errado, mas era melhor nos mudarmos pra algum lugar novo do que arriscarmos o escrutínio. Muito, muito raramente, alguém adivinhava corretamente. Nós não dávamos a eles uma chance de testar suas hipóteses. Nós simplesmente desaparecíamos, para nos tornarmos nada além de uma memória assustadora...

Eu não ouvi nada, apesar de ouvir onde a tagarelice frívola de Jessica continuava jorrando ali perto. Era como se não houvesse ninguém sentado ao lado dela. Que peculiar, será que a garota nova tinha ido embora? Não parecia provável, já que Jessica continuava fofocando com ela. Eu olhei pra cima pra checar, me sentindo meio desequilibrado. Checar o que os meus "ouvidos" extras podiam me dizer não era uma coisa que eu tinha que fazer. De novo, os meus olhos se prenderam naqueles mesmos grandes olhos marrons.

Ela estava sentada lá exatamente como antes, olhando pra nós, uma coisa natural a se fazer, eu acho, já que Jessica ainda estava espalhando as fofocas locais sobre os Cullen. Pensar em nós também seria natural.

Mas eu não ouvia nem um sussurro. Um quente e convidativo vermelho coloriu suas bochechas quando ela olhou para baixo, desviando o olhar da embaraçosa gafe de ser pega encarando um estranho. Era bom que Jasper ainda estivesse olhando para a janela. Eu não gostava de imaginar o que aquele simples agrupamento de sangue faria com o controle dele. As emoções estavam tão claras como se elas tivessem sido palavras saindo pela testa dela: surpresa, enquanto ela, sem saber, absorvia as diferenças entre a espécie dela e a minha; curiosidade, enquanto ela escutava os contos de Jessica; e algo mais... fascínio? Não seria a primeira vez. Nós éramos lindos pra eles, a nossa presa.

E depois, finalmente, vergonha, quando eu a flagrei me encarando. E, mesmo assim, apesar dos seus pensamentos serem tão claros através dos seus olhos estranhos - estranhos por causa da profundidade deles; olhos marrons freqüentemente pareciam vazios em sua escuridão -, eu não conseguia ouvir nada além do silêncio vindo do lugar onde ela estava sentada. Absolutamente nada.

Eu senti um momento de intranquilidade. Isso não era uma coisa pela qual eu já tinha passado antes. Havia algo errado comigo? Eu me sentia exatamente do jeito que me sentia sempre. Preocupado, eu tentei escutar mais.

Todas as vozes que eu estive bloqueando estavam gritando na minha cabeça de repente. ...me pergunto de que música ela gosta... talvez eu possa mencionar aquele CD novo..., Mike Newton estava pensando, a duas mesas de distância - fixado em Bella Swan.

Olha ele olhando pra ela. Será que já não é suficiente que ele tenha metade das garotas da escola esperando que ele?, Eric Yorkie estava tendo pensamentos sofríveis, também girando ao redor da garota. ...tão nojento. Daria pra pensar que ela é famosa ou alguma coisa assim... Até Edward CULLEN está olhando... Lauren Mallory estava tão enciumada que o rosto dela, de todas as formas, devia estar com uma cor verde como a de jade. E Jessica, ostentando a sua nova melhor amiga. Que piada..., a garota continuou soltando veneno com os pensamentos.

...Eu aposto que todo mundo já deve ter perguntado isso a ela. Mas eu gostaria de falar com ela. Eu vou pensar em uma pergunta mais original..., Ashley Dowling meditou. ...Talvez ela esteja comigo em Espanhol..., June Richardson esperou.

...Toneladas de coisas para fazer essa noite! Trigonometria e o teste de inglês. Eu espero que a minha mãe... Angela Weber, uma garota tímida, cujos pensamentos eram anormalmente gentis, era a única na mesa que não estava obcecada com essa Bella. Eu conseguia ouvir todos eles, ouvir cada coisinha insignificante que eles pensavam enquanto os pensamentos passavam em suas mentes. Mas absolutamente nada vinha da nova estudante com olhos enganosamente comunicativos.

E, é claro, eu conseguia ouvir o que a garota dizia quando ela falava com Jessica. Eu não precisava ouvir pensamentos pra ouvir sua voz baixa, clara, no outro lado da sala. - Quem é o garoto com o cabelo marrom avermelhado? - eu a ouvi perguntar, dando uma olhadinha pelo canto dos olhos, só pra desviar rapidamente quando viu que eu ainda estava encarando-a.

Se eu tivesse tempo pra esperar que o som da voz dela pudesse me ajudar a conectar seus pensamentos, que estava perdidos em algum lugar onde eu não podia acessá-los, eu ficaria instantaneamente desapontado. Geralmente, os pensamentos das pessoas vinham acompanhados por um lance diferente em suas vozes físicas. Mas essa voz baixa, tímida, não era familiar, não era nenhuma das centenas de vozes rodeando a sala, eu tinha certeza disso.

Ela era inteiramente nova. Oh, boa sorte, idiota!, Jessica pensou antes de responder à pergunta da garota.

- Aquele é Edward. Ele é deslumbrante, é claro, mas não perca o seu tempo. Ele não namora. Aparentemente nenhuma das garotas daqui é bonita o suficiente pra ele. - Ela fungou. Eu virei minha cabeça para esconder um sorriso. Jessica e as amigas dela não tinha idéia de quanta sorte elas tinham por nenhuma delas ser particularmente apelativa pra mim.

Por baixo do humor passageiro, eu senti um estranho impulso, um que eu não entendia claramente. Tinha alguma coisa a ver com os pensamentos maldosos de Jessica, dos quais a garota nova não estava consciente... Eu senti uma estranha urgência de me meter entre elas, para proteger essa Bella Swan dos trabalhos obscuros da mente de Jessica. Que coisa estranha a se sentir. Tentando entender as motivações por trás desse impulso, eu examinei a garota nova mais uma vez. Talvez fosse algum instinto de proteção que estava há muito tempo enterrado - o mais forte pelo mais fraco. Essa garota parecia mais frágil do que as suas novas colegas de classe. A pele dela era tão translúcida que era difícil de acreditar que ela oferecia alguma resistência contra o mundo exterior. Eu podia ver o ritmo da pulsação do sangue através das suas veias, debaixo da sua membrana clara, pálida... Mas eu não deveria me concentrar. Eu era bom nessa vida que eu havia escolhido, mas eu estava com tanta sede quanto Jasper e era melhor não convidar a tentação. Havia uma fraca linha entre as suas sobrancelhas da qual ela não parecia ter consciência.

Isso era inacreditavelmente frustrante! Eu podia ver claramente que ela estava tensa por ter que sentar aqui, ter que conversar com estranhos, ser o centro das atenções. Eu podia sentir a sua timidez pelo jeito como ela segurava seus ombros de aparência frágil, levemente espremidos, como se ela estivesse esperando ser empurrada a qualquer momento. E, mesmo assim, eu só podia sentir, só podia ver, só podia imaginar. Não havia nada além de silêncio vindo dessa garota humana muito normal.

Eu não conseguia ouvir nada. Por quê? - Vamos? - Rosalie murmurou, interrompendo minha concentração. Eu desviei o olhar da garota com uma sensação de alívio. Eu não queria continuar falhando nisso - isso me irritava. Eu não queria desenvolver nenhuma espécie de interesse especial pelos seus pensamentos simplesmente porque eles estavam escondidos de mim. Sem dúvida, quando eu decifrasse seus pensamentos - e eu ia encontrar uma forma de fazer isso - eles seriam exatamente tão insignificantes e triviais quanto os pensamentos de qualquer humano. Eles não valeriam o esforço que eu faria para alcançá-los.

- Então, a novata já está com medo de nós? - Emmett perguntou, ainda esperando pela resposta à sua pergunta anterior. Eu levantei os ombros. Ele não estava interessado o suficiente pra me pressionar por mais informações. Eu também não deveria estar interessado.

Nós nos levantamos da mesa e saímos do refeitório. Emmett, Rosalie e Jasper estavam fingindo estar no último ano; eles foram para as aulas deles. Eu estava fingindo ser mais novo que eles. Eu fui para a minha aula de Biologia do nível médio, preparando a minha mente para o tédio. Era duvidoso que o Sr. Banner, um homem com uma inteligência não mais que comum, pudesse tirar da sua aula alguma coisa que pudesse surpreender alguém que já tinha dois graus de graduação em medicina.

Na sala de aula, eu sentei na minha cadeira e deixei meus livros - adereços de novo; eles não continham nada que eu já não soubesse - espalhados pela mesa. Eu era o único aluno que tinha uma mesa só pra si. Os humanos não eram espertos o suficiente pra saber que eles tinham medo de mim, mas seus instintos de sobrevivência eram suficientes pra mantê-los afastados de mim. A sala foi se enchendo lentamente enquanto eles voltavam do almoço. Eu me inclinei na minha cadeira e esperei o tempo passar. De novo, eu desejei ser capaz de dormir.

Como eu estava pensando nela, quando Angela Weber acompanhou a garota nova pela porta, o nome dela chamou minha atenção. Bella parece ser tão tímida quanto eu. Eu aposto que hoje foi

muito difícil pra ela. Eu queria poder dizer alguma coisa... Mas provavelmente eu só ia parecer uma estúpida...

Isso! Mike Newton se virou em sua cadeira pra observar a entrada da garota. Ainda, do lugar onde Bella estava, nada. O espaço vazio onde os pensamentos dela deveriam estar me deixou irritado e enervado.

Ela se aproximou, passando pelo corredor ao meu lado para chegar à mesa do professor. Pobre garota; o lugar ao meu lado era o único que estava vazio.

Automaticamente eu limpei aquele que seria o lado dela da mesa, colocando os meus livros numa pilha. Eu duvidava que ela fosse se sentir muito confortável aqui. Ela teria que agüentar um longo semestre - nessa aula, pelo menos. Talvez, no entanto, me sentando ao lado dela, eu fosse capaz de desvendar os seus segredos... não que eu já tivesse precisado de tanta proximidade antes... não que eu fosse encontrar alguma coisa que valesse a pena escutar... Bella Swan caminhou para o fluxo do ar aquecido que soprava na minha direção do aquecedor.

O cheiro dela me atingiu como uma bola, como um bastão de jogo. Não há nenhuma imagem violenta o suficiente para encapsular a força do que aconteceu comigo naquele momento. Naquele instante, eu não era nada nem perto do humano que um dia eu fui, nenhum traço da humanidade na qual eu estive tentando me esconder.

Eu era um predador. E ela era a minha presa. Não havia nada mais nesse mundo além desse verdade. Não havia uma sala lotada de testemunhas - na minha cabeça eles já eram uma avaria colateral. O mistério dos pensamentos dela estava esquecido. Os pensamentos dela não significavam nada, ela não iria passar muito mais tempo pensando.

Eu era um vampiro e ela era o sangue mais doce que eu havia cheirado em oitenta anos. Eu nunca imaginei que um cheiro assim pudesse existir. Se eu soubesse que existia, eu já teria saído procurando há muito tempo. Eu teria vasculhado o planeta por ela. Eu podia imaginar o sabor...

A sede queimou a minha garganta como fogo. Minha boca estava torrada e desidratada. O fluxo fresco de veneno não fez nada para dissipar essa sensação. Meu estômago revirou com o fome que era um eco da sede. Meus músculos se contraíam e descontraíam. Nem um segundo havia se passado. Ela ainda estava andando no mesmo passo que a havia colocado no vento em minha direção.

Enquanto os pés dela tocavam o chão, seus olhos escorregaram na minha direção. Um movimento que ela claramente estava esperando que fosse furtivo. O olhar dela encontrou o meu, e eu me vi refletido no grande espelho dos seus olhos. O choque pelo rosto que eu vi lá salvou a vida dela por mais alguns momentos. Ela não facilitou as coisas. Quando ela viu a expressão no meu rosto, o sangue apareceu nas bochechas dela de novo, deixando a pele dele com a cor mais deliciosa que eu já havia visto. O cheiro era uma grossa neblina no meu cérebro. Eu mal conseguia pensar através dela.

Meus pensamentos se enfureceram, resistindo ao controle, incoerentes. Agora ela caminhava mais rapidamente, como se ela entendesse que precisava escapar. A pressa dela a deixou desastrada - ela tropeçou e se inclinou para a frente, quase caindo na garota que se sentava na minha frente. Vulnerável, fraca. Até mais que o normal para um humano.

Eu tentei me concentrar no rosto que havia visto nos olhos dela, um rosto que eu reconhecia com nojo. O rosto do monstro em mim - o rosto que eu havia afastado com décadas de esforço e disciplina inflexível. Como ele voltara à superfície com facilidade agora! O cheiro me invadiu novamente, ferindo os meus pensamentos e quase me fazendo pular do meu lugar.

Não. Minha mão se agarrou à beirada da mesa enquanto eu tentava me segurar na cadeira.

A madeira não ajudou na tarefa. Minha mão quebrou a estrutura e escapuliu, cheia de restos de fuligem, deixando a marca dos meus dedos cravadas na madeira que restou. Destruir as provas. Essa era a regra fundamental.

Eu rapidamente pulverizei as beiradas com as pontas dos dedos, sem deixar nada além de um buraco e uma pilha de fuligem no chão, que eu limpei com o meu pé. Destruir as provas. Avarias colaterais...

Eu sabia o que tinha que acontecer agora. A garota teria que vir se sentar ao meu lado e eu teria que matá-la. Os inocentes espectadores na sala, outras dezoito crianças e um homem, não poderiam mais ter permissão de sair dessa sala, tendo visto o que eles veriam em breve.

Eu enrijei com o pensamento do que eu precisava fazer. Mesmo em meus piores dias, eu nunca havia cometido esse tipo de atrocidade. Eu nunca matei inocentes em nenhuma desses oito décadas. E agora eu planejava matar vinte deles de uma só vez. O rosto do monstro no espelho zombou de mim.

Mesmo com parte de mim se afastando desse monstro, a outra parte estava fazendo planos. Se eu matasse a garota primeiro, eu só teria uns quinze ou vinte segundos com ela antes que os outros humanos na sala comessem a reagir. Talvez um pouco mais de tempo, se eles não percebessem logo no início o que eu estava fazendo. Ela não teria tempo de gritar ou de sentir dor; eu não ia matá-la cruelmente. Pelo menos isso eu podia dar à essa estranha com sangue horrivelmente desejável.

Mas depois eu teria que impedi-los de escapar. Eu não precisaria me preocupar com as janelas, elas eram altas e pequenas demais para servir como escapatória pra alguém. Só a porta - a bloqueie e eles ficarão presos. Seria mais lento e difícil tentar matar todos eles quando estivessem em pânico e se misturando, se movimentando no caos. Nada impossível, mas haveria muito mais barulho. Daria tempo para muitos gritos. Alguém poderia ouvir... e eu seria obrigado a matar ainda mais inocentes nessa hora negra.

E o sangue dela iria esfriar enquanto eu estivesse assassinando os outros. O cheiro me castigou, fechando a minha garganta com uma dor seca...

Então seriam as testemunhas primeiro. Eu planejei tudo na minha cabeça. Eu estaria no meio da sala, na fila mais afastada do fundo. Eu pegaria o lado direito primeiro. Eu podia morder quatro ou cinco pescoços por segundo, eu estimei. Não seria barulhento. O lado direito seria o lado de sorte; eles não iriam me ver chegando. Me movendo pra frente e pra trás até a fila esquerda iria me levar, no máximo, cinco segundos pra acabar com todas as vidas nessa sala.

Tempo o suficiente pra Bella Swan ver, brevemente, o que estava esperando por ela. Tempo o suficiente para ela sentir medo. Tempo suficiente, talvez, se o choque não a congelasse no lugar, para ela tentar gritar. O gritinho suave não faria ninguém aparecer correndo. Eu respirei fundo, e o cheiro era como um fogo correndo nas minhas veias secas, queimando por dentro do meu peito pra consumir qualquer impulso de bondade do qual eu ainda fosse capaz.

Ela estava se virando agora. Em alguns segundos, ela se sentaria a apenas alguns centímetros de mim. O monstro na minha cabeça sorriu com a antecipação.

Alguém fechou um fichário ao meu lado. Eu não me virei pra ver qual dos humanos predestinados havia feito isso, mas o movimento mandou uma onda de vento sem cheiro na minha direção. Por um curto segundo, eu fui capaz de pensar com clareza. Naquele precioso segundo, eu vi dois rostos na minha cabeça, lado a lado.

Um era o meu, ou o que ele foi um dia: o monstro de olhos vermelhos que já havia matado tantas pessoas que já havia parado de contar o número. Assassinos racionalizados, justificados. Um assassino de assassinos, um assassino de outros monstros, menos poderosos. Era um complexo de ser Deus, eu sabia disso - decidir quem merecia uma sentença de morte. Era um compromisso comigo mesmo. Eu havia me alimentado de sangue humano, mas somente humanos em sua definição mais fraca. As minhas vítimas eram, em seus violentos dias negros, tão humanos quanto eu era.

O outro rosto era o de Carlisle.

Não havia nenhuma semelhança entre os dois rostos. Eles eram como o dia mais claro e a noite mais escura. Não havia motivo pra que houvesse uma semelhança. Carlisle não era meu pai no sentido biológico básico. Nós não tínhamos feições semelhantes. A similaridade na nossa cor era apenas por causa do que éramos; todos os vampiros tinham a mesma cor pálida como gelo. A similaridade da cor dos nossos olhos era outra coisa - uma reflexão da nossa escolha mútua.

E, mesmo assim, apesar de não haverem bases pra uma semelhança, eu havia imaginado que o meu rosto havia começado a refletir o dele, até um certo ponto, nos últimos estranhos setenta anos em que eu abracei a escolha dele e segui os seus passos. O meu rosto não havia mudado, mas para mim parecia que alguma da sabedoria dela havia marcado a minha expressão, que um pouco da compaixão dele podia ser traçada nos contornos da minha boca, e que as suas sugestões de paciência estavam evidentes nas minhas sobrancelhas. Todas essas pequenas melhorias estavam escondidas no rosto do monstro. Em alguns instantes, não haveria mais nada que pudesse refletir os anos que eu havia passado com o meu criador, o meu mentor, o meu pai em todas as formas que se podia contar.

Meus olhos brilhariam vermelhos como os do diabo; todas as semelhanças estariam perdidas pra sempre. Na minha cabeça, os olhos bondosos de Carlisle não me julgavam. Eu sabia que ele me perdoaria por esse terrível ato que eu iria cometer. Porque ele me amava. Porque ele pensava que eu era melhor do que eu era de verdade. E ele continuaria me amando, mesmo agora, quando eu provasse que ele estava errado.

Bella Swan se sentou ao meu lado, seus movimentos eram rígidos e estranhos - com medo? -, e o cheiro do sangue dela criou uma inexorável nuvem ao meu redor. Eu iria provar que meu pai estava errado sobre mim. A tristeza desse fato doía quase tanto quanto o fogo na minha garganta.

Eu me afastei dela com repulsa - revoltado com o monstro implorando pra atacá-la. Por que ela tinha que vir para cá? Por que ela tinha que existir?

Por que ela tinha que acabar com o pouco de paz que eu tinha nessa minha não-vida? Por que essa humana agravante tinha que ter nascido? Ela ia me arruinar. Eu desviei o meu rosto pra longe dela, enquanto uma súbita fúria, um aborrecimento irracional passou por mim.

Quem era essa criatura? Por que eu, por que agora? Por que eu tinha que perder tudo só porque ela escolheu aparecer nessa cidade improvável? Por que ela tinha que vir pra cá?!

Eu não queria ser o monstro! Eu não queria matar essa sala cheia de crianças indefesas! Eu não queria perder tudo o que eu havia conseguido com uma vida inteira de sacrifícios e negações! Eu não faria isso. Ela não ia me obrigar.

O cheiro era o problema, o cheiro odiosamente apelativo do sangue dela. Se houvesse alguma forma de resistir... se apenas um sopro de ar fresco pudesse limpar a minha cabeça. Bella Swan balançou os seus longos, grossos cabelos cor de mogno na minha direção.

Ela era louca? Era como se ela estivesse encorajando o monstro! Cutucando-o. Não havia nenhuma brisa amigável pra afastar o cheiro de mim agora. Tudo estaria perdido em breve.

Não, não havia nenhuma brisa amigável. Mas eu não precisava respirar. Eu parei o fluxo de ar para os meus pulmões; o alívio foi instantâneo, mas incompleto. Eu ainda tinha a memória do cheiro na minha cabeça, o gosto no fundo da minha língua. Eu não seria capaz de resistir por muito mais tempo. Mas talvez eu pudesse resistir por uma hora. Uma hora. Só o tempo suficiente pra sair dessa sala cheia de vítimas, vítimas que talvez não precisassem ser vítimas. Se eu pudesse resistir durante uma curta hora.

Ficar sem respirar era uma sensação desconfortável. Meu corpo não precisava de oxigênio, mas isso ia contra os meus instintos. Eu me valia desse sentido muito mais do que em qualquer outro quando estava estressado. Ele me guiava nas caças, era o primeiro a me avisar em casos de perigo. Eu não cruzava com alguma coisa tão perigosa quanto eu com frequência, mas a auto-preservação era tão forte na minha espécie quanto nos humanos.

Desconfortável, mas suportável. Mais suportável do que sentir o cheiro dela e não afundar os meus dentes naquela pele bonita, fina, transparente, até o quente, molhado, pulsante ? Uma hora! Só uma hora. Eu não devo pensar no cheiro, no gosto.

A garota silenciosa manteve o cabelo dela entre nós, se inclinando para a frente até que ele se espalhou no classificador dela. Eu não conseguia ver o seu rosto para tentar ler as emoções dela através de seus olhos claros, profundos. Era por isso que ela deixava as mechas entre nós? Para esconder aqueles olhos de mim? Por medo? Timidez? Para esconder seus segredos de mim? A minha antiga irritação por ser incapacitado pelos seus pensamentos sem som era fraca e pálida em comparação à necessidade - e ao ódio - que me possuía agora. Eu odiava essa mulher-criança ao meu lado, a odiava com todas as forças que eu devotava ao meu antigo eu, meu amor pela minha família, meus sonhos de ser melhor do que eu era... Odiá-la, odiar o que ela me fazia sentir - isso ajudou um pouco.

Eu me agarrei a qualquer emoção que me distraísse do pensamento de qual seria o gosto dela... Ódio e irritação. Impaciência. Será que essa hora não passaria nunca? E quando essa hora terminasse... Então ela sairia dessa sala. E eu faria o quê?

Eu podia me apresentar. Olá, meu nome é Edward Cullen. Posso te acompanhar até a sua próxima aula? Ela diria sim. Era a coisa educada a se fazer. Mesmo já sentindo medo de mim, como eu suspeitava que ela sentisse, ela iria me acompanhar convencionalmente e caminhar ao meu lado. Seria fácil o suficiente guiá-la na direção errada.

Havia um pedaço da floresta que se esticava como um dedo e tocava o estacionamento pelos fundos. Eu podia dizer a ela que havia esquecido um livro no meu carro... Será que alguém notaria que eu fui a última pessoa com a qual ela foi vista?

Estava chovendo, como sempre; dois casacos de chuva escuros se movendo na direção errada não chamariam tanta atenção, nem me denunciariam. A não ser pelo fato de eu não ser o único estudante que estava consciente dela hoje - apesar de nenhum estar tão devastadoramente consciente dela quanto eu. Mike Newton, em particular, estava consciente de cada movimento que ela fazia se mexendo na cadeira - ela estava desconfortável ao meu lado, assim como qualquer um estaria, assim como eu já esperava antes que o cheiro dela destruísse todos os traços de preocupação por caridade. Mike Newton repararia se ela deixasse a sala comigo.

Se eu pudesse agüentar uma hora, será que eu poderia agüentar duas? Eu vacilei com a dor da queimação. Era iria para uma casa vazia. O chefe de polícia Swan trabalhava o dia inteiro. Eu conhecia a casa dele, assim como eu conhecia todas as casinhas da cidade. A casa dele ficava acima da encosta da floresta, sem vizinhos próximos. Mesmo se ela tivesse tempo pra gritar, e ela não teria, não haveria ninguém por perto pra ouvir.

Essa era a forma mais responsável de lidar com isso. Eu havia agüentado sete décadas sem sangue humano. Se eu segurasse a respiração, eu poderia agüentar duas horas. E quando eu a encontrasse sozinha, não haveria chances de alguém mais se machucar. E não há motivo pra

apressar a experiência, o monstro em minha cabeça concordou. Eu estava me enganando ao pensar que, salvando os dezenove humanos dessa sala com esforço e paciência, eu seria menos monstro quando matasse essa garota inocente.

Apesar de odiá-la, eu sabia que o meu ódio era injusto. Eu sabia que quem eu realmente odiava era eu mesmo. Eu odiaria a nós dois muito mais quando ela estivesse morta. Eu consegui passar a hora desse jeito - imaginando as melhores formas de matá-la.

Eu tentei evitar pensar no ato de verdade. Isso seria demais pra mim; eu acabaria perdendo essa batalha e matando todo mundo que eu visse. Então eu planejei a estratégia e nada mais. Isso me ajudou a passar a hora.

Uma vez, quase no final, ela olhou pra mim pela fluida parede dos seus cabelos. Eu podia sentir o ódio injustificado queimando em mim quando eu olhei nos olhos dela - eu vi a minha reflexão em seus olhos assustados. O sangue pintou suas bochechas antes que ela pudesse se esconder em seus cabelos de novo, e eu quase me desfiz. Mas o sinal tocou. Salva pelo gongo - que clichê. Nós dois estávamos salvos. Ela, salva de sua morte. Eu, salvo por um curto período de tempo de ser a criatura de pesadelos que eu temia e não suportava.

Eu não consegui caminhar tão devagar quanto devia quando saí da sala. Se alguém estivesse olhando pra mim, poderia ter suspeitado que havia alguma coisa anormal no jeito como eu me movia. Ninguém estava prestando atenção em mim. Todos os pensamentos humanos ainda rondavam a garota que estava condenada a morrer em pouco mais de uma hora. Eu me escondi no meu carro.

Eu não gostava de pensar em mim mesmo tendo que me esconder. Isso soava muito covarde. Mas esse era inquestionavelmente o caso agora. Eu não estava suficientemente disciplinado pra ficar perto de humanos agora. Me concentrar tanto em não matar um deles havia acabado com todos os meus recursos para resistir a matar os outros. Que desperdício isso seria. Se eu tinha que dar o braço a torcer para o monstro, eu podia pelo menos fazer o desafio valer a pena.

Eu coloquei o CD de música que geralmente me acalmava, mas ele fez pouco por mim agora. Não, o que mais ajudou agora foi o ar frio, molhado, limpo que entrava com a chuva pelas minhas janelas abertas. Apesar de eu conseguir me lembrar do cheiro do sangue de Bella Swan com perfeita clareza, inalar o ar limpo era como lavar o interior do meu corpo contra as infecções. Eu estava são de novo. Eu podia pensar de novo. E eu podia lutar de novo. E eu podia lutar contra o que eu não queria ser.

Eu não tinha que ir até a casa dela. Eu não queria matá-la. Obviamente, eu era uma criatura racional, uma criatura que pensava, e eu tinha uma escolha. Sempre havia uma escolha.

Não era isso o que parecia na sala de aula... mas agora eu estava longe dela. Talvez, se eu a evitasse muito, muito cuidadosamente, não houvesse motivos para a minha vida mudar. Eu tinha as coisas sob controle do jeito como elas eram agora. Por que eu deveria deixar alguém agravante e delicioso arruinar isso? Eu não tinha que desapontar o meu pai. Eu não tinha que causar estresse à minha mãe, preocupação... dor. Sim, isso machucaria a minha mãe adotiva também. E Esme era tão gentil, tão delicada e suave. Causar dor a alguém como Esme era verdadeiramente indesculpável. Era irônico que eu tivesse tido vontade de proteger essa garota da ameaça desprezível, sem dentes, dos pensamentos de Jessica Stanley. Eu era a última pessoa que iria querer servir de protetor de Isabella Swan. Ela jamais precisaria de proteção de alguma coisa tanto quanto ela precisava de mim.

Onde estava Alice?, eu me perguntei de repente. Ela não havia me visto matar a garota Swan de alguma forma? Por que ela não apareceu para ajudar - para me parar ou para me ajudar a limpar as provas, o que quer que fosse? Será que ela estava tão preocupada em livrar Jasper de problemas que ela havia deixado passar essa possibilidade muito mais horrorosa? Será que eu

era mais forte do que eu pensava? Será que eu realmente não teria feito nada com a garota? Não. Eu sabia que isso não era verdade. Alice deve estar se concentrando bastante em Jasper.

Eu procurei na direção em que eu sabia que ela estaria, no pequeno prédio que era usado para as aulas de inglês. Não me levou muito tempo localizar sua "voz" familiar. E eu estava certo. Todos os seus pensamentos estavam voltados pra Jasper, vendo todas as suas pequenas escolhas a cada minuto. Eu desejei poder pedir seus conselhos, mas, ao mesmo tempo, eu estava feliz que ela não soubesse do que eu era capaz. Que ela não soubesse do massacre que eu havia planejado na hora anterior.

Eu senti uma nova queimação pelo meu corpo - a da vergonha. Eu não queria que nenhum deles soubesse. Se eu pudesse evitar Bella Swan, se eu pudesse conseguir não matá-la - mesmo enquanto eu pensava nisso, o monstro trincava e rangia os dentes, cheio de frustração - então ninguém teria que saber. Se eu pudesse manter distância do cheiro dela...

Não havia razão para que eu não tentasse, pelo menos. Fazer uma boa escolha. Tentar ser o que Carlisle pensava que eu era. A última hora de escola já estava quase acabada. Eu decidi começar a colocar o meu novo plano em ação imediatamente. Era melhor do que ficar sentado no estacionamento, onde ela poderia passar a qualquer minuto e arruinar minha tentativa. De novo, eu senti o ódio injusto por essa garota. Eu odiava que ela tivesse esse poder inconsciente sobre mim. Que ela conseguisse me fazer ser algo que eu repugnava.

Eu caminhei rapidamente - um pouco rapidamente demais, mas não havia testemunhas - através do pequeno campus até a secretaria. Não havia razão pra Bella Swan cruzar o meu caminho. Ela seria evitada como a praga que ela era. A secretaria estava vazia, com exceção da secretária, a única que eu queria ver.

Ela não reparou na minha entrada silenciosa. - Sra. Cope?

A mulher com o cabelo desnaturalmente vermelho olhou pra cima e os olhos dela se arregalaram. Eu sempre os pegava fora de guarda, pequenos marcadores que eles não conseguiam entender, não importava quantos de nós eles já tivessem visto. - Oh. - Ela ofegou, um pouco corada. Ela alisou sua blusa. Boba, ela pensou consigo mesma. Ele quase é novo o suficiente pra ser meu filho. Novo demais pra eu pensar nele desse jeito... - Olá, Edward. O que eu posso fazer por você? - Seus cílios flutuaram por trás das lentes dos seus grossos óculos.

Desconfortável. Mas eu sabia ser charmoso quando eu queria ser. Era fácil, já que eu era capaz de saber instantaneamente como qualquer tom ou gesto meu era recebido. Eu me inclinei para a frente, encontrando seu olhar como se estivesse olhando profundamente dentro dos seus olhos marrons rasos, pequenos. Os pensamentos dela já estavam em polvorosa. Isso iria ser simples.

- Eu estava me perguntando se você pode me ajudar com os meus horários - eu disse com a minha voz suave que era reservada a não assustar humanos. Eu ouvi o ritmo do coração dela acelerar.

- É claro, Edward. Como eu posso ajudar? - Jovem demais, jovem demais, ela repetiu para si mesma. Errada, é claro. Eu era mais velho que o avô dela. Mas, de acordo com a minha carteira de motorista, ela estava certa. - Eu estava imaginando se eu poderia trocar a minha aula de Biologia para o nível mais alto de Ciências. Física, talvez?

- Algum problema com o Sr. Banner, Edward? - Absolutamente não, é só que eu já estudei esse material...

- Naquela escola acelerada que você estudou no Alaska, certo? - Os lábios finos dela se torceram enquanto ela considerava isso. Eles todos já deveriam estar na faculdade. Eu já ouvi todos os professores reclamando. Notas perfeitas, nunca hesitavam antes de responder, nunca respondiam errado num teste - como se eles encontrassem uma forma de colar em todos os

assuntos. O Sr. Varner preferiria admitir que tem alguém colando do que dizer que existe alguém mais inteligente que ele... Eu aposto que a mãe deles os instrui... - Na verdade, Edward, a aula de física já está muito cheia agora. O Sr. Banner odeia ter mais de vinte e cinco alunos na sala de aula - - Eu não daria nenhum problema.

É claro que não. Não um Cullen perfeito. - Eu sei disso, Edward. Mas simplesmente não tem lugares suficientes...

- Então eu posso desistir da aula? Eu posso usar o período pra estudos independentes. - Desistir de Biologia? - A boca dela se abriu. Isso é loucura. Quão difícil pode ser ver um assunto que você já viu? DEVE haver algum problema com o Sr. Banner. Eu me pergunto se devo falar sobre isso com Bob. - Você não teria créditos suficientes pra se formar.

- Eu posso acompanhar no ano que vem. - Talvez você devesse falar com os seus pais sobre isso.

A porta se abriu atrás de mim, mas quem quer que fosse não estava pensando em mim, então eu ignorei a chegada e me concentrei na Sra. Cope. Eu me inclinei um pouco mais pra perto e abri meus olhos um pouco mais. Isso funcionaria melhor se eles estivessem dourados em vez de pretos. A negritude assustava as pessoas, tal como devia. - Por favor, Sra. Cope? - Eu fiz minha voz ficar o mais suave e convincente que eu pude - e isso podia ser consideravelmente convincente. - Não há uma outra seção à qual eu possa me mudar? Será que não existe nenhuma vaga em aberto em algum lugar? Biologia no sexto horário pode ser a única opção...

Eu sorri pra ela, tomando cuidado pra não mostrar os meus dentes demais pra não assustá-la, deixando a expressão se suavizar no meu rosto. O coração dela bateu mais rápido. Jovem demais, ela dizia para si mesma freneticamente. - Bem, talvez eu pudesse falar com Bob - quero dizer, o Sr. Banner. Eu posso ver se -

Um segundo foi o que levou para tudo mudar: a atmosfera na sala, a minha missão aqui, a razão pela qual eu me inclinava para a mulher de cabelos vermelhos... O que havia sido por um propósito, agora era por outro. Um segundo foi só o que demorou pra Samantha Wells abrir a porta e jogar uma assinatura que ela havia pego na cesta ao lado da porta e correr para fora de novo, com pressa de sair da escola. Um segundo foi tudo o que levou para uma rajada repentina de vento passar pela porta e vir me atingir. Um segundo foi o tempo que eu levei pra me dar conta de por que aquela primeira pessoa não havia me atrapalhado com os seus pensamentos.

Eu me virei, apesar de não precisar ter certeza. Eu me virei lentamente, lutando pra controlar os meus músculos que se rebelavam contra mim. Bella Swan ficou com as costas pressionadas na parede ao lado da porta, com um papel agarrado nas mãos.

Os olhos dela estava ainda maiores do que o normal quando ela percebeu o meu olhar feroz, desumano. O cheiro dela saturou cada pequena partícula de ar na sala pequena, quente. Minha garganta ficou em chamas.

O monstro olhou pra mim pelo espelho dos olhos dela de novo, uma máscara do mal. Minha mão hesitou no ar em cima do balcão. Eu não teria que olhar para bater com a cabeça da Sra Cope na mesa dela com força suficiente pra matá-la. Duas vidas, ao invés de vinte. Uma troca.

O monstro esperou ansiosamente, faminto, que eu fizesse isso. Mas sempre havia uma escolha - tinha que haver.

Eu parei o movimento dos meus pulmões e fixei o rosto de Carlisle na frente dos meus olhos. Eu me virei de volta pra olhar para a Sra. Cope e ouvi a surpresa interna dela com a mudança da minha expressão. Ela se afastou de mim, mas o medo dela não saiu em palavras coerentes. Usando todo o auto-controle que eu havia aprendido em minhas décadas de auto-negação, eu fiz

a minha voz ficar uniforme e suave. Havia ar o suficiente nos meus pulmões pra falar uma última vez, apressando as palavras.

- Deixa pra lá então. Eu vejo que é impossível. Muito obrigado por sua ajuda. Eu me virei e me lancei pela porta, tentando não sentir o calor do sangue quente do corpo da garota enquanto eu passei a apenas alguns centímetros dela.

Eu não parei até estar no meu carro, me movendo rápido demais em todo o caminho até lá. A maioria dos humanos já havia ido embora, então não havia muitas testemunhas.

Eu ouvi um garoto do segundo ano, D.J. Garrett, notar e depois deixar pra lá... De onde foi que Cullen saiu? Foi como se ele tivesse aparecido com o vento... Lá vou eu com minha imaginação de novo. Minha mãe sempre diz...

Quando eu escorreguei para dentro do meu Volvo, os outros já estavam lá. Eu tentei controlar a minha respiração, mas eu estava asfixiando por ar fresco como se estivesse sufocando. - Edward? - Alice perguntou com uma voz alarmada.

Eu só balancei a minha cabeça pra ela. - O que diabos aconteceu com você? - Emmett quis saber, distraído, por um momento, do fato de Jasper não estar no clima de aceitar a sua revanche.

Ao invés de responder, eu dei a ré no carro. Eu tinha que sair daquele estacionamento antes que Bella me seguisse aqui também. Meu demônio pessoal me perseguindo... Eu virei o carro e acelerei. Eu já estava nos quarenta antes de chegar à estrada. Na estrada, eu fiz setenta antes de chegar à esquina. Sem olhar, eu sabia que Emmett, Rosalie e Jasper se viraram todos para olhar para Alice.

Ela levantou os ombros. Ela não podia ver o que havia se passado, só o que estava por vir.

Ela olhou pra mim agora. Nós dois estávamos processando o que ela viu em sua cabeça agora, e nós dois estávamos surpresos. - Você vai embora? - ela sussurrou.

Os outros olharam pra mim agora. - Eu vou? - eu assoviei através dos meus dentes.

Ela viu nessa hora, enquanto a minha decisão ia para outro caminho e outra escolha virava o meu futuro pra uma direção mais escura. - Oh.

Bella Swan morta. Meus olhos brilhando, vermelhos com o sangue fresco. A procura que se seguiria. O tempo cuidadoso que nos levaria a esperar até que fosse seguro sair e começar tudo de novo... - Oh - ela disse de novo. A imagem ficou mais específica. Eu vi o interior da casa do Chefe Swan pela primeira vez, vi Bella na pequena cozinha com os armários amarelos, com as costas viradas pra mim enquanto eu a perseguia na escuridão... deixava o cheiro dela me guiar até ela...

- Pare! - eu rugi, incapaz de agüentar mais. - Desculpa - ela cochichou com os olhos arregalados.

O monstro gostou. E a visão na cabeça dela mudou de novo. Uma avenida vazia à noite, as árvores ao lado dela cobertas de neve, brilhando com os quase duzentos quilômetros por hora.

- Eu vou sentir sua falta - ela disse. - Não importa quão curto seja o tempo que você vai ficar fora. Emmett e Rosalie trocaram um olhar apreensivo.

Nós já estávamos quase na curva da longa estrada que levava à nossa casa. - Nos deixe aqui - Alice sugeriu. - Você deve dizer isso a Carlisle pessoalmente.

Eu balancei a cabeça e o carro guinchou quando parou de repente. Emmett, Rosalie e Jasper saíram silenciosamente; eles fariam Alice explicar tudo quando eu fosse embora. Alice tocou o meu ombro.

- Você vai fazer a coisa certa - ela murmurou. Não era uma visão dessa vez, era uma ordem. - Ela é a única família de Charlie Swan. Isso o mataria também. - Sim - eu disse, concordando apenas com a última parte.

Ela saiu pra se juntar aos outros, as sobranças dela estavam se juntando por causa da ansiedade. Eles se enfiaram nas matas, desaparecendo de vista antes que eu pudesse virar o carro.

Eu acelerei de volta à cidade, e eu sabia que as visões na cabeça de Alice estariam passando de negras a claras num piscar de olhos. Enquanto eu corria pra Forks com mais de noventa quilômetros por hora, eu não tinha certeza do que estava fazendo. Dizer adeus ao meu pai?

Ou abraçar o monstro que havia dentro de mim? A estrada passava voando por baixo dos meus pneus.

2 – Livro Aberto

Eu deitei contra o macio banco de neve, deixando-a se remodelar em volta do meu peso. Minha pele havia esfriado para combinar com o ar em minha volta, e as pequenas pecinhas de gelo pareciam como veludo na minha pele.

O céu acima estava claro, brilhante com estrelas, com um azul brilhante em alguns lugares, amarelo em outros. As estrelas criavam majestosas formas curvadas contra o universo negro – uma visão maravilhosa. Raramente lindo. Ou então, deveria ter sido raro. Seria, se eu pudesse realmente vê-lo.

Não estava ficando melhor. Passaram-se seis dias, seis dias que eu me escondi aqui na vazia região dos Denali, mas eu estava mais perto da liberdade agora desde o primeiro momento em que eu senti o cheiro dela.

Quando eu olhei para o céu cheio de jóias, era como se tivesse uma obstrução entre meus olhos e sua beleza. A obstrução era um rosto, só um rosto humano que não era marcável, mas eu não conseguia bani-lo de minha mente.

Eu ouvi os pensamentos se aproximando antes de poder ouvir os passos que os acompanhavam. O som de movimento era só um pequeno sussurro contra o pó.

Eu não fiquei surpreso que Tanya me seguiu até aqui, ela estava se preparando pra essa conversa futura nos últimos dias, colocando na cabeça até ela ter certeza do que queria dizer.

Ela pulou a alguns metros ao longe, parando na ponta de uma pedra negra e balançou em seus calcanhares descalços.

A pele de Tanya estava prata à luz das estrelas, e seus longos cachos loiros pareciam pálidos, parecia quase rosa com sua matiz avermelhada. Seus olhos âmbar brilharam enquanto me espiavam, meio-enterrados na neve, seus lábios cheios se esticaram em um sorriso.

Raro. Se eu tivesse a possibilidade de realmente a ver. Suspirei.

Ela se curvou na ponta da pedra, a ponta de seus dedos tocando a pedra, seu corpo se encolheu.

Bola de Canhão, ela pensou.

Ela se jogou no ar, sua forma se tornou uma escura sombra se retorcendo enquanto ela girava graciosamente entre eu e as estrelas. Ela se curvou em uma bola e se chocou contra a pilha de neve ao meu lado.

Uma brisa de neve voou a minha volta. As estrelas ficaram negras e eu estava enterrado bem fundo nos cristais gelados que pareciam penas.

Eu suspirei de novo, mas não me movi. A escuridão embaixo da neve não machucava e nem melhorava a visão. Eu ainda via o mesmo rosto.

“Edward?”

E então a neve estava voando de novo enquanto Tanya me desenterrava. Ela tirou o pó de meu rosto imóvel, não encontrando meus olhos.

"Me desculpe," ela murmurou. "Foi uma brincadeira."

"Eu sei. Foi engraçado."

Sua boca se virou para baixo.

"Irina e Kate disse que eu deveria te deixar sozinho. Elas acham que estou te incomodando -

"De jeito nenhum," eu a assegurei. "Pelo contrário, eu sou o que está sendo rude - abominavelmente rude. Eu sinto muito."

Você vai pra casa, não vai? ela pensou.

"Eu não... decidi... isso ainda."

Mas você não vai ficar aqui. Seu pensamento estava triste agora.

"Não. Não parece estar... ajudando."

Ela fez uma careta. "É minha culpa, não é?"

"Claro que não." Eu menti suavemente.

Não seja um cavalheiro.

Eu sorri.

Eu faço você se sentir desconfortável. Ela acusou.

"Não."

Ela ergueu uma sobrancelha, sua expressão tão desacreditada que eu tive que rir. Uma curta risada, seguida por outro suspiro.

"Tudo bem," eu admiti. "Um pouquinho."

Ela suspirou também, e colocou seu queixo em suas mãos. Seus pensamentos estavam desapontados.

"Você é mil vezes mais encantadora que as estrelas, Tanya. Claro, você já sabia disso. Não deixe minha teimosia mexer com a sua confiança." Eu ri pela indiferença daquilo.

"Eu não estou acostumada a rejeição," ela murmurou, e seu lábio de baixo formou um beijo atraente.

"Certamente não," eu concordei, tentando sem sucesso bloquear seus pensamentos enquanto ela pensava em suas milhares de conquistas com sucesso. Geralmente Tanya preferia homens humanos – eles eram mais populares por uma coisa, e ainda tinham a vantagem de ser quentes e macios. E mais impulsivos, definitivamente.

"Succubus," eu provoquei, esperando interromper as imagens em sua cabeça.

Ela sorriu, mostrando os dentes. "A original."

Diferente de Carlisle, Tanya e suas irmãs descobriram suas conseqüências bem devagar. No fim, era seu afeto por homens que se virou contra a matança das irmãs. Agora que os homens que elas amavam... viviam.

"Quando você apareceu aqui," Tanya disse devagar. "Eu pensei que..."

Eu sabia o que ela tinha pensado. E eu deveria ter adivinhado que ela se sentiria desse jeito. Mas eu não estava pensando muito naquele momento.

"Você pensou que eu mudei de idéia."

"Sim." Ela olhou feio.

"Eu me sinto horrível por brincar com suas expectativas, Tanya. Eu não tive a intenção – eu não estava pensando. Foi só que eu fui embora com... pressa."

"Eu não acredito que você vá me dizer por quê...?"

Eu sentei e envolvi meus braços em minhas pernas, me curvando defensivamente. "Eu não quero conversar sobre isso."

Tanya, Irina e Kate eram ótimas nessa vida que elas levavam. Melhores, em alguns modos, que Carlisle. Fora a proximidade insana das pessoas que deveriam ser – e um dia foram – sua presa, elas não cometiam erros. Eu estava muito envergonhado para admitir minha fraqueza à Tanya.

"Problemas com mulheres?" ela adivinhou, ignorando minha relutância.

Eu dei uma risada vazia. "Mas não do jeito que você quis dizer."

Ela ficou quieta então. Eu ouvi seus pensamentos enquanto ela corria por vários palpites, tentando adivinhar o significado das minhas palavras.

"Você não está nem perto," eu a disse.

"Uma pista?" ela perguntou.

“Por favor, deixe pra lá, Tanya.”

Ela ficou quieta de novo, ainda especulando. Eu a ignorei, tentando apreciar as estrelas em vão. Ela desistiu depois de um momento silencioso, e seus pensamentos tomaram uma nova direção. Pra onde você vai, Edward, se você for embora? De volta pra Carlisle?

“Eu não acho provável,” eu sussurrei.

Para onde eu iria? Eu não podia pensar em um lugar no mundo inteiro que tinha algum interesse para mim. Não havia nada que eu queria fazer ou ver. Porque não importava onde eu fosse, eu não iria pra nenhum lugar – eu só estaria fugindo.

Eu odiava isso. Quando eu virei um covarde?

Tanya jogou seu braço magro em volta de meus ombros. Eu endureci, mas não recuei por causa de seu toque. Ela fez isso não mais por causa de um conforto amigo. Quase.

“Eu acho que você vai voltar,” ela disse, sua voz com uma pequena pista de seu perdido sotaque Russo. “Não importa o que é... ou quem for... que está te assombrando. Você vai enfrentar de cabeça erguida. Você é o tipo.”

Seus pensamentos eram tão certos quando suas palavras. Eu tentei aceitar a visão de mim mesmo que ela carregava em sua mente. O que enfrentava as coisas de cabeça erguida. Era prazeroso pensar em mim desse jeito de novo. Eu nunca duvidei da minha coragem, minha habilidade de enfrentar a dificuldade, antes daquela horrível hora na escola em uma aula de biologia há tão pouco tempo atrás.

Eu beijei sua bochecha, a empurrando levemente quando ela virou seu rosto em direção ao meu, com seus lábios já enrugados. Ela sorriu perante a minha rapidez.

“Obrigado, Tanya. Eu precisava ouvir isso.”

Seus pensamentos se tornaram petulantes. “De nada, eu acho. Eu gostaria que você fosse um pouco mais razoável com as coisas, Edward.”

“Me desculpe, Tanya. Você sabe que é boa demais para mim. Eu só... não encontrei o que eu estou procurando ainda.”

“Bem, se você for embora antes de eu te ver de novo... Adeus, Edward.”

“Adeus, Tanya.” Enquanto eu disse as palavras, eu pude ver. Eu pude me ver indo embora. Sendo forte o suficiente para o único lugar que eu queria estar. “Obrigado de novo.”

Ela estava em pé em um simples movimento, e então estava correndo, desaparecendo por entre a neve tão rapidamente que seus pés não tinham tempo nem de afundar na neve; ela não deixava passos para trás. Ela não olhou para trás. Minha rejeição a incomodou mais do que antes, mesmo em seus pensamentos. Ela não queria me ver de novo antes de eu ir embora.

Minha boca se contorceu em desapontamento. Eu não gostava de machucar Tanya, embora seus sentimentos não fossem profundos, realmente puros, e nesse caso, não era algo que eu podia fazer o mesmo.

Isso me fez me sentir menos do que um cavalheiro.

Eu coloquei meu queixo em meus joelhos e olhei para as estrelas de novo, e então de repente eu estava ansioso para ir embora. Eu sabia que Alice iria me ver indo pra casa, que ela iria contar aos outros. Isso iria os fazer felizes – especialmente Carlisle e Esme. Mas eu olhei para as estrelas mais um pouco, tentando ver além do rosto na minha cabeça. Entre eu e as luzes brilhantes no céu, um par de olhos marrom-chocolate me encaravam, parecendo perguntar o que essa decisão significaria para ela. Claro, eu não podia ter certeza se era isso o que os olhos realmente queriam. Mesmo na minha imaginação, eu não podia ouvir seus pensamentos. Os olhos de Bella Swan continuavam a questionar, e uma visão desobstruída das estrelas continuava a me iludir. Com um suspiro forte, eu desisti, e levantei. Seu eu corresse, eu estaria no carro de Carlisle em menos de uma hora...

Com pressa para ver minha família – e querendo muito ser aquele Edward que enfrentava as coisas de cabeça erguida – eu corri pelo campo de neve iluminado pelas estrelas, não deixando nem traços de passos.

“Vai ficar tudo bem,” Alice respirou. Seus olhos estavam desfocados, e Jasper tinha uma de suas mãos levemente embaixo de seu cotovelo, a guiando para frente enquanto entrávamos na cafeteria em um grupo próximo. Rosalie e Emmett foram na frente, parecendo ridiculamente

guarda-costas no meio de um território inimigo. Rose parecia atenta, também, mas muito mais irritada do que protetora.

“É claro que é,” eu murmurei. O comportamento deles era ridículo. Se eu não tivesse positivo que eu poderia segurar o momento, eu teria ficado em casa.

A mudança inesperada de normal, até uma manhã agradável – tinha nevado à noite, e Emmett e Jasper não estavam acima de tomar vantagem da minha distração e me bombardear com bolas de neve, quando eles ficavam entediados com a minha falta de resposta, eles se viravam um contra o outro – para essa vigilância que era demais, teria sido cômico se não fosse tão irritante.

“Ela não está aqui ainda, mas o jeito que ela irá entrar... ela não vai estar junto com o vento se nós sentarmos no nosso lugar de sempre.”

“É claro que nós vamos sentar no nosso lugar de sempre. Pára, Alice. Você está me irritando. Eu estou ótimo.”

Ela piscou uma vez enquanto Jasper a ajudava a sentar, e seus olhos se focaram em meu rosto.

“Hmm,” ela disse, parecendo surpresa. “Acho que você está certo.”

“É claro que eu estou,” eu murmurei.

Eu odiava ser o centro de preocupação deles. Eu sentia pena do Jasper, lembrando de todos os tempos que nós nos curvávamos o protegendo. Ele encontrou meu olhar brevemente, e sorriu.

Irritante, não é?

Eu sorri para ele.

Foi só semana passada que esse grande lugar parecia tão entediante para mim? Que parecia até dormir, como num coma, estar aqui?

Hoje meus nervos estavam esticados e duros – fios de piano, pressionados a cantar à menor pressão. Meus sentidos estão hiper-alertas, eu percebia todo som, todo olhar, todo movimento do ar que tocava minha pele, todo pensamento. Especialmente os pensamentos. Havia um único sentido que eu me recusava a usar. Cheiro, é claro. Eu não respirei.

Eu esperei ouvir mais dos Cullen nos pensamentos que eu segui em frente. O dia todo eu esperei, qualquer novo pensamento que Bella Swan tenha participado, tentando ver qual direção a fofoca ia tomar. Mas não havia nada. Ninguém tinha percebido os cinco vampiros na cafeteria, do mesmo jeito que antes, quando a garota nova chegou. Muitos dos humanos ainda estavam pensando naquela garota, ainda com os mesmos pensamentos de semana passada. Ao invés de pensar nisso como entediante, eu estava fascinado.

Ela não disse para ninguém sobre eu?

Não tinha jeito dela não ter percebido meu escuro, assassino olhar. Eu a vi reagir a isso. Com certeza eu a assustei. Eu estava convencido de que elaalaria disso para alguém, talvez até exagerar um pouco na história para ficar melhor. Me dando algumas falas ameaçadoras.

E então, ela também ouviu eu tentar sair de nossa aula de biologia. Ela deve ter imaginado, depois de ver minha expressão, se ela era a causa. Uma garota normal teria perguntado por aí, comparando sua experiência coma de outros, procurando por coisas em comum para que ela pudesse explicar meu comportamento para que ela não se sentisse sozinha nisso. Humanos eram tão constantemente desesperados para se sentirem normais, para se encaixarem. Para se misturarem com todo mundo à sua volta, como rebanho de ovelhas. Essa necessidade era mais forte na época da adolescência. Aquela garota não deveria ser uma exceção para essa regra.

Mas ninguém pareceu notar nós sentados na nossa mesa de sempre.

Bella devia ser excepcionalmente tímida, se ela não confiava em ninguém. Talvez ela tenha falado com seu pai, talvez aquela fosse a mais forte relação... embora isso parecesse não muito provável, dando o fato que ela não tenha passado tanto tempo com ele Durante sua vida. Ela devia ser mais próxima à sua mãe. Ainda assim, eu teria que passar pelo Chefe Swan alguma hora e ouvir o que ele estava pensando.

“Alguma coisa nova?” Jasper perguntou.

“Nada. Ela... não deve ter dito nada.”

Todos eles levantaram uma sobrancelha pela novidade.

“Talvez você não seja tão assustador quanto você pensa que é,” Emmett disse, rindo. “Eu aposto que teria assustado ela mais do que isso.”

Eu virei meus olhos pra ele.

"Imagino por quê...?" Ele se questionou de novo sobre minha revelação pelo silêncio único da garota.

"Nós já falamos nisso. Eu não sei."

"Ela está entrando," Alice murmurou então. Eu senti meu corpo ficar rígido. "Tente parecer humano."

"Humano, você diz?" Emmett perguntou.

Ele levantou seu punho direito, movendo seus dedos e revelando uma bola de neve que ele guardou em sua palma. É claro que não derreteu lá. Ele apertou até virar o bloco de gelo. Ele tinha seus olhos nos de Jasper, mas eu vi a direção de seus pensamentos. E Alice também, é claro. Quando ele jogou o pedaço de gelo na direção dela, ela o desviou com um casual movimento dos dedos. O gelo ricocheteou por entre a cafeteria; rápido demais para ser visto pelos olhos humanos, e bateu em um afiado crack na parede de tijolos. O tijolo quebrou, também.

As cabeças naquele canto do lugar viraram para olhar a pilha de gelo quebrado no chão, e então viraram pra procurar o culpado. Eles não olharam além de algumas mesas longe deles. Ninguém olhou para nós.

"Super humano, Emmett," Rosalie disse. "Por que você não soca a parede?"

"Iria parecer mais impressionante se você fizesse, baby."

Eu tentei prestar atenção neles, mantendo um sorriso no meu rosto como se eu fizesse parte da conversa. Eu não me permiti a olhar para a fila em que ela estava parada. Mas isso era tudo o que eu estava ouvindo.

Eu podia ouvir a impaciência de Jéssica com a garota nova, que parecia estar distraída também, parada sem emoção na linda que se movia. Eu vi, nos pensamentos de Jéssica, que as bochechas de Bella Swan estavam de novo rosadas com um rosa claro por causa do sangue.

Eu respirava pouco, preparado para parar de respirar se uma pista do cheiro dela pairasse no ar perto de mim.

Mike Newton estava com as duas garotas. Eu ouvia as suas duas vozes, mental e verbal, quando ele perguntou o que tinha de errado com a garota Swan. Eu não gostava do jeito que seus pensamentos se envolviam com ela, as fantasias que já se estabeleciam em sua mente a fazendo ficar nebulosa enquanto ele olhava ela parecia esquecer que ele estava lá.

"Nada," eu ouvi Bella dizer silenciosamente, com a voz clara. Parecia tocar feito um sino por cima da tagarelice da cafeteria, mas eu sabia que era só porque eu estava prestando atenção muito intensamente à ela.

"Eu vou pegar só um refrigerante hoje," ela continuou para seguir a fila.

Eu não pude deixar de olhar pra direção dela. Ela estava olhando para o chão, o sangue saindo de seu rosto. Eu olhei rapidamente para Emmet, que riu do meu sorriso no rosto.

Você parece doente, mano.

Eu arrumei minha expressão para fazê-la parecer normal.

Jéssica estava pensando alto sobre a falta de apetite da garota. "Você não está com fome?"

"Na verdade, eu me sinto um pouco mal." Sua voz estava mais baixa, mas ainda bem clara.

Por que me incomodava a preocupação toda protetora que invadiu os pensamentos de Mike Newton? O que importava o modo possessivo em que ele pensava nela? Não era da minha conta se Mike Newton se sentia ansioso perto dela. Talvez essa fosse a maneira que todo mundo respondia à ela. Eu não queria a proteger também? Antes de querer mata-la, isso é...

Mas ela estava doente?

Era difícil de julgar – ela parecia tão delicada com sua pele translúcida... E então eu percebi que estava me preocupando também, assim como aquele maldito garoto, e eu me forcei a não pensar na saúde dela.

Alice me cutuvelou. Ela irá olhar em breve, aja como humano.

Eu apertei meus dentes atrás do meu sorriso.

"Calma, Edward," Emmett disse. "Honestamente. Se você matar um humano. Não vai ser o fim do mundo."

"Você saberia." Eu murmurei.

Emmett riu. "Você precisa aprender a superar as coisas. Assim como eu. Eternidade é um tempo muito grande pra se sentir culpado."

E então, Alice lançou uma mão cheia de gelo que ela estava guardando, no rosto de Emmett.

Ele piscou, surpreso, e então sorriu em antecipação.

“Você pediu,” ele disse, enquanto se inclinava na mesa e balançava seu cabelo cheio de gelo em direção à Alice. A neve, derretendo no lugar quente, voou de seu cabelo em um chuveiro meio líquido e meio gelo.

“Eca!” Rose reclamou, enquanto ela e Alice se encolhiam.

Alice riu, e então todos nós nos juntamos. Eu pude ver no rosto de Alice com ela orquestrou esse momento perfeito, e eu soube que a garota – eu tinha que parar de pensar nela desse jeito, como se ela fosse a única garota do mundo – que Bella estaria nos vendo rir e brincar, parecendo felizes e humanos e irrealmente ideal quanto uma pintura de Normal Rockwell.

Alice continuou a rir, e ergueu sua bandeja como um escudo. A garota – Bella ainda deveria estar olhando para nós.

...olhando para os Cullen de novo, alguém pensou, segurando minha atenção.

Eu olhei automaticamente em direção à chamada não intencional, reconhecendo a voz – eu estive ouvindo muito ela hoje.

Mas meus olhos passaram reto de Jéssica, e me foquei no olhar penetrante da garota.

Ela olhou pra baixo rapidamente, se escondendo por entre seus cabelos de novo.

O que ela estava pensando? A frustração parecia ficar mais aguda enquanto o tempo passava, diferente de entediante. Eu tentei – incerto do que eu estava fazendo porque nunca tinha tentado isso antes – investigar com minha mente o silêncio em volta dela. Minha audição extra sempre veio à mim naturalmente, sem pedir; eu nunca tive que trabalhar. Mas eu me concentrei agora, tentando quebrar qualquer escudo que tivesse em volta dela.

Nada mais que silêncio.

O que há com ela? Jéssica pensou, ecoando minha frustração.

“Edward Cullen está olhando para você.” Ela sussurrou na orelha da garota Swan, adicionando uma risadinha. Não havia pistas da irritação ciumenta em seu tom. Jéssica parecia acostumada.

Eu ouvi, com atenção, a resposta da garota.

“Ele não parece estar com raiva, parece?” ela sussurrou de volta.

Então ela tinha notado minha reação semana passada. É claro que ela notou.

A pergunta deixou Jéssica confusa. Eu vi meu próprio rosto em seus pensamentos enquanto ela chegava minha expressão, mas eu não encontrei seu olhar, eu ainda estava concentrando na garota, tentando ouvir algo. Minha concentração não parecia estar ajudando.

“Não,” Jess disse à ela, e eu sabia que ela desejava dizer sim – como meu olhar a inflamava por dentro – embora não tinha nada disso em sua voz. “Deveria estar?”

“Acho que ele não gosta de mim,” a garota sussurrou, deitando sua cabeça em seu braço parecendo cansada imediatamente. Eu tentei entender o movimento, mas eu só pude tentar adivinhar. Talvez ela estava cansada.

“Os Cullen não gostam de ninguém,” Jess a assegurou. “Bem, eles não percebem a presença de ninguém para gostar.” Eles nunca fizeram isso. Seu pensamento era uma reclamação. “Mas ele ainda está olhando pra você.”

“Pare de olhar para ele,” a garota disse ansiosamente, levantando sua cabeça de seu braço para ver se Jéssica tinha obedecido sua ordem.

Jéssica riu, mas fez o que ela pediu.

A garota não olhou pra fora da mesa pro resto da hora. Eu pensei -- embora, é claro, eu não podia ter certeza – que isso era deliberar. Parecia que ela queria olhar para mim. Seu corpo se virava suavemente em minha direção, seu queixo começava a virar, e então ela se pegava fazendo isso, respirava, e olhava para qualquer um que tivesse falando.

Eu ignorei os outros pensamentos em volta da garota pelo maior tempo, enquanto eles não eram, momentaneamente, sobre ela. Mike Newton agora estava planejando sobre uma guerra de neve no estacionamento depois da escola, não parecendo perceber que a neve tinha se tornada chuva. A neve tinha derretido contra o telhado e virara gotas d’água. Ele realmente não conseguia ouvir a mudança? Parecia bem alto para mim.

Quando o período de lanche terminou, eu fiquei no meu assento. Os humanos saíram, e eu me peguei tentando diferenciar os passos dela com o das outras pessoas, como se tivesse algo diferente sobre eles. Que idiota.

Minha família também não se mexeu. Eu esperei para ver o que eu iria fazer.

Eu iria para a classe, sentar do lado da garota onde eu poderia sentir o cheiro absolutamente potente de seu sangue e sentir o calor dela que pulsava o ar em minha pele? Eu era forte o suficiente para isso? Ou eu tive o suficiente por um dia?

“Eu... acho que está tudo bem,” Alice disse, hesitante. “Sua mente está fixa. Eu acho que você vai conseguir passar a hora.”

Mas Alice sabia o quão rápido uma mente podia mudar.

“Por que pressionar, Edward?” Jasper perguntou. Embora ele não queria se sentir um pouco feliz por eu ser o que era fraco agora, eu pude ouvir que ele conseguiu, só um pouquinho “Vá pra casa. Pega leve.”

“O que importa?” Emmett discordou. “Ele vai ou não vai matar ela. É bom terminar com isso, de qualquer jeito.”

“Eu não quero me mudar ainda,” Rosalie reclamou. “Eu não quero começar tudo de novo. Nós estamos quase saindo da escola, Emmett. Finalmente.”

Eu estava dividido pela decisão. Eu queria, queria mesmo, enfrentar isso de frente ao invés de fugir de novo. Mas eu também não queria me forçar tão longe, também. Foi um erro semana passada para Jasper ficar tanto tempo sem caçar; será que isso era só um erro sem objetivo?

Eu não queria magoar minha família. Ninguém ia me agradecer por isso.

Mas eu queria ir para a minha aula de biologia. Eu percebi que queria ver o rosto dela de novo.

Foi isso que me fez decidir. Essa curiosidade. Eu fiquei bravo comigo mesmo por sentir isso. Eu não tinha prometido à mim que o silêncio da mente dessa garota não ia me fazer interessado por ela? E ainda, aqui estava eu, bastante interessado.

Eu queria saber o que ela estava pensando. A mente dela era fechada, mas seus olhos eram bem abertos. Talvez eu deveria ler eles.

“Não, Rose, eu acho que realmente vai ficar tudo bem,” Alice disse. “Está se firmando. Tenho 93% de certeza que nada de ruim vai acontecer se ele for pra aula.” Ela olhou para mim com um olhar duvidoso, imaginando o que tinha mudado em minha mente que fez a visão do futuro mais segura.

Seria curiosidade o bastante para manter Bella Swan viva?

Emmett estava certo – por que não acabar com isso logo, de qualquer jeito? Eu iria confrontar a tentação de cabeça erguida.

“Vá para aula,” eu ordenei, empurrando a mesa. Eu saí do lugar sem olhar pra trás. Eu podia ouvir a preocupação de Alice, a censura de Jasper, a aprovação de Emmett e a irritação de Rosalie logo atrás de mim.

Eu tomei uma última respiração na porta da classe, então a segurei nos meus pulmões e entrei no pequeno, quente espaço.

Eu não estava atrasado, o Sr Banner ainda estava arrumando o laboratório de hoje. A garota estava sentada na minha – na nossa mesa, seu rosto estava baixo de novo, olhando para a pasta que ela estava desenhando. Eu examinei os rascunhos enquanto eu me aproximei, interessado até nessa criação da mente dela, mas era sem significados. Só um desenho aleatório de curvas e mais curvas. Talvez ela não estivesse prestando atenção no desenho, mas pensando em algo diferente?

Eu puxei minha cadeira com uma aspereza desnecessária, deixando-a fazer barulho contra o linóleo, humanos sempre se sentiam mais conformado com o barulho anunciando a aproximação de alguém.

Eu sabia que ela tinha ouvido o som; ela não olhou para cima, mas sua mão perdeu uma curva no design que ela estava desenhando, fazendo-o ficar fora de balance.

Por que ela não olhou para cima? Ela provavelmente estava com medo. Eu tinha que ter a certeza de deixar uma impressão diferente com ela dessa vez. Fazer com que ela pensasse que estava imaginando coisas antes.

“Olá,” eu disse em uma voz silenciosa que eu sempre usava quando queria que os humanos se sentissem mais confortáveis, formando um sorriso educado nos meus lábios que não mostraria nenhum dos meus dentes.

Ela olhou para cima então, seus grandes olhos marrons brilharam – quase confusos – e cheios de perguntas silenciosas. Era a mesma expressão que estava obstruindo minha visão na semana passada.

Enquanto eu olhava para aqueles olhos marrons estranhamente profundos, eu percebi que o ódio – o ódio que eu imaginei que essa garota merecia por simplesmente existir – tinha evaporado. Ainda sem respirar, sem sentir seu cheiro, era difícil acreditar que alguém tão vulnerável podia merecer ódio.

Suas bochechas começaram a rosar, e ela não disse nada.

Eu continuei olhando seus olhos, focando só as partes questionáveis, e tentei ignorar sua apetitosa cor. Eu tinha respiração o suficiente para falar um pouquinho mais sem precisar inalar.

“Meu nome é Edward Cullen,” eu disse, mesmo sabendo que ela sabia disso. Era a maneira mais educada para começar. “Eu não tive a chance de me apresentar semana passada. Você deve ser Bella Swan.”

Ela parecia confusa – e um pequeno franzido no meio de seus olhos de novo. Demorou meio segundo a mais do que deveria para ela responder.

“Como você sabe meu nome?” ela ordenou, e sua voz balançou um pouco.

Eu devo ter realmente assustado ela. Isso me fazia sentir culpado; ela era tão inofensiva. Eu ri gentilmente – era um som que fazia os humanos relaxarem um pouco. De novo, tomei cuidado com meus dentes.

“Ah, acho que todo mundo sabe seu nome,” Claramente ela percebeu que ela virou o centro das atenções nesse lugar monótono. “A cidade toda estava esperando você chegar.”

Ela franziu as sobrancelhas como se essa informação fosse desagradável. Eu imaginei, sendo tímida como ela era, atenção parecia uma coisa ruim para ela. A maioria dos humanos sentiam o oposto. Eles não queriam ficar fora do rebanho, mas no mesmo tempo eles cravavam um holofote para sua uniformidade individual.

“Não,” ela disse. “Quer dizer, por que me chamou de Bella?”

“Você prefere Isabella?” eu perguntei, perplexo pelo fato de que eu não podia ver para onde essa pergunta estava indo. Eu não entendia. Claro, ela fez sua preferência clara muitas vezes naquele primeiro dia. Todos os humanos eram incompreensíveis desse jeito sem um manual mental?

“Não, eu gosto de Bella,” ela respondeu, sua cabeça se virando para um lado. Sua expressão – se eu tivesse lendo certo – estava dividida entre vergonha e confusão. “Mas eu acho que Charlie – quer dizer, meu pai – deve me chamar de Isabella pelas minhas costas. Parece que todo mundo aqui me conhece assim.” Sua pele se tornou rosa.

“Oh,” eu disse, e rapidamente olhei pra longe de seu rosto.

Eu percebi o que as perguntas dela significavam: eu escorreguei – cometi um erro. Se eu não tivesse ouvido as pessoas naquele primeiro dia, então eu teria falado seu nome inteiro, assim como os outros. Ela notou a diferença.

Eu me senti mal. Foi bem rápido da parte dela perceber meu escorregão. Bem astuto, especialmente para alguém que deveria estar assustado por causa da minha proximidade.

Mas eu tinha problemas maiores do que qualquer coisa suspeita sobre mim que ela tinha na cabeça dela.

Eu estava sem ar. Se eu fosse falar de novo, eu teria que inalar.

Seria difícil não falar. Infelizmente para ela, dividir essa mesa a faria ser minha parceira de laboratório, e nós teríamos que trabalhar juntos hoje. Iria parecer estranho – e incompreensivelmente rude – a mim ignora-la enquanto fazíamos o laboratório. A faria ficar mais suspeita, com mais medo.

Eu fui para mais longe dela o quanto podia sem me mover do meu banco, colocando minha cabeça no corredor. Eu me abracei, colocando meus músculos no lugar, e então puxei o ar em um movimento rápido, respirando só pela minha boca.

Ahh!

Era muito doloroso. Mesmo sem cheira-la, eu podia sentir ela na minha língua. Minha garganta entrou em chamas de novo, ficando mais forte do que o momento que eu peguei o cheiro dela semana passada.

Eu juntei meus dentes e tentei me recompor.

“Comecem,” Sr Banner comandou.

Pareceu que levou cada pequeno pedaço de auto-controle que eu conquistei em 70 anos de trabalho duro para virar para a garota de novo, que estava olhando para a mesa, e sorriu.

“Damas primeiro, parceira?” eu ofereci.

Ela olhou para a minha expressão e sua face ficou branca, seus olhos enormes. Havia algo em minha expressão? Ela estava com medo de novo? Ela não falou nada.

“Ou, eu posso começar, se você quiser.” Eu disse quietamente.

“Não,” ela disse, e sua face foi de branco para vermelho de novo. “Eu vou primeiro.”

Eu olhei para o equipamento na mesa, o microscópio, a caixa de slides, ao invés de olhar para o sangue se mexer embaixo da pele dela. Eu tomei outra respiração rápida, pelos meus dentes, e estremei por causa do gosto e a dor em minha garganta.

“Prófase,” ela disse depois de um rápido exame. Ela começou a remover o slide, mesmo sem nem examinar direito.

“Você se importa se eu der uma olhada?” Instintivamente – estúpido, como se eu fosse um do tipo dela – eu alcancei a mão dela pra parar de remover o slide. Foi como um pulso elétrico – bem mais quente que meros 37 graus. O calor passou pela minha mão e depois subiu para meu braço. Ela puxou sua mão debaixo da minha.

“Me desculpe,” eu murmurei por entre meus dentes. Precisando de algum lugar pra olhar, eu olhei pro microscópio, na lente. Ela estava certa.

“Prófase,” concordei.

Eu ainda estava muito incerto para olhar pra ela. Respirando silenciosamente pelos meus dentes e tentando ignorar a sede, eu concentrei na simples tarefa, escrevendo a letra na ficha do laboratório e então mudando o primeiro slide para o próximo.

O que ela estava pensando agora? Como foi isso pra ela, quando eu toquei sua mão? Minha pele devia ser gelada como gelo – repulsiva. Não é por mais que ela esteja quieta.

Eu olhei pro slide.

“Anáfase,” eu disse para mim mesmo enquanto escrevia na segunda linha.

“Posso?” ela perguntou.

Eu olhei pra ela, surpreso que ela estava esperando, uma mão meio esticada para o microscópio. Ela não parecia estar com medo. Ela achava que eu errei na resposta?

Eu não pude não sorrir para o olhar esperançoso no rosto dela enquanto eu coloquei o microscópio em sua direção.

Ela olhou na lente. Os cantos de seus lábios se viraram pra baixo.

“Slide três?” ela perguntou, não olhando pra cima do microscópio, mas levantando a mão. Eu deixei o slide na mão dela, não deixando minha pele chegar qualquer lugar próximo da dela dessa vez. Sentando do lado dela era como sentar do lado de uma lâmpada quente. Eu podia me sentir um pouquinho quente pela alta temperatura.

Ela não olhou para o slide por muito tempo. “Interfase.” Ela disse indiferente – talvez tentando um pouco forte demais para parecer desse jeito – e empurrou o microscópio para mim. Ela não tocou no papel, mas esperou eu escrever a resposta. Eu chequei – ela estava correta de novo.

Nós terminamos desse jeito, falando uma palavra por vez e nunca encontrando os olhos do outros. Nós éramos os únicos que tinham terminado – os outros na classe estavam tendo um tempo difícil com o laboratório. Mike Newton parecia ter problema de se concentrar – ele estava tentando olhar Bella e eu.

Queria que ele tivesse ficado aonde ele foi, Mike pensou, me olhando furioso. Hmm, interessante, eu não tinha percebido que o garoto desejava essas coisas para mim. Esse era um novo desenvolvimento, tão recente quanto a chegada da garota parecia. Até mais interessante, eu me achei – para minha surpresa -- que o sentimento era mútuo.

Eu olhei para a garota de novo, maravilhado pela alta taxa de dano e revolta disso, embora sua comum, não ameaçadora aparência, ela estava desafiando minha vida.

Não era que eu não pudesse ver o que Mike estava querendo. Ela é realmente bonita... em um jeito diferente. Melhor do que ser linda, seu rosto era interessante. Não muito simétrico – seu queixo estreito era fora de balanço com suas bochechas grandes, extremamente coloridas – o contraste claro escuro de sua pele com seu cabelo, e então, tinha os olhos, com seus segredos silenciosos.

Olhos que eram tediosos nos meus.

Eu a encarei de novo, tentando adivinhar pelo menos um de seus segredos.

“Você usa lentes de contato?” Ela perguntou abruptamente.

Que pergunta estranha. “Não.” Eu quase sorri pela idéia de mudar minha visão.

“Ah,” ela murmurou. “Pensei ver alguma coisa diferente em seus olhos.”

Eu me senti mais frio de novo enquanto percebia que eu não era o único a guardar segredos hoje.

Eu estremei, meus ombros endureceram, e olhei à frente para onde o professor estava fazendo rondas.

É claro que tinha algo diferente com meus olhos desde a última vez que ela os olhou. Para preparar-me para hoje, a tentação de hoje, eu passei o fim-de-semana inteiro caçando, satisfazendo minha sede tanto quanto possível, demais até. Eu me enchi do sangue dos animais, não que fizesse muita diferença na face do sabor que pairava no ar em volta dela. Quando eu olhei para ela semana passada, meus olhos estavam pretos de sede. Agora, meu corpo estava nadando em sangue, meus olhos eram cor-de-ouro. Um âmbar claro pela excessiva matança da sede.

Outro escorregão. Se eu tivesse visto o que ela queria dizer com essa pergunta, eu poderia só dizer aos olhos dela.

Eu sentei do lado de humanos por dois anos nessa escola, e ela foi a primeira a me examinar tão de perto para notar a mudança da cor dos meus olhos. Os outros, enquanto admiravam a beleza da minha família, tinham a mania de olhar pra baixo quando nós retornávamos o olhar. Eles olhavam pra longe, bloqueando os detalhes da nossa aparência como um esforço instintivo para mantê-los longe de entender. Ignorância era a felicidade da mente humana.

Por que tinha que ser essa garota a ver tanta coisa?

O Sr Banner se aproximou da nossa mesa. Eu inalei o ar que ele trouxe consigo agradecidamente antes que ele pudesse se misturar com o cheiro dela.

“Então, Edward,” ele disse, olhando para as nossas respostas. “não acha que Isabella devia ter a chance de usar o microscópio?”

“Bella,” eu corriji. “Na verdade, ela identificou três das cinco lâminas.”

Os pensamentos do Sr Banner eram bem céticos enquanto ele voltava a olhar para a garota. “Já fez essa experiência de laboratório antes?”

Eu olhei, enquanto ela sorria, parecendo um pouco envergonhada.

“Não com raiz de cebola.”

“Blástula de linguado?” Mr Banner perguntou.

“É.”

Isso o surpreendeu. O laboratório de hoje era algo que ele fez para um curso avançado. Ele assentiu pensando para a garota. “Você estava em algum curso avançado em Phoenix?”

“Sim.”

Ela era avançada então, inteligente para uma humana. Não me surpreendeu.

“Bem,” Mr Banner disse apertando os lábios. “Acho que é bom que os dois sejam parceiros de laboratório.” Ele virou e foi para o outro lado, murmurando. “Assim as outras crianças podem ter uma chance de aprender algo,” embaixo de sua respiração. Eu duvido que a garota pôde ouvir isso. Ela começou a desenhar curvas em sua pasta de novo.

Dois escorregões até agora em meia hora. Uma pobre aparição da minha parte. Embora eu não tinha idéia o que a garota pensava de mim – o quanto ela tinha medo, o quanto ela suspeitava? – eu sabia que eu precisava me esforçar mais para deixar com ela uma nova impressão minha. Algo melhor para ela se aprofundar nas memórias do nosso último furioso encontro.

“Que chato aquele neve, não é?” repetindo a pequena conversa que eu ouvi uma dúzia de alunos discutir. Um chato padrão de conversa. O tempo – sempre seguro.

Ela olhou para mim com dúvidas óbvias nos olhos – uma reação anormal para minhas simples palavras. “Na verdade não.” Ela disse, me surpreendendo de novo.

Eu tentei manter a conversa em níveis seguros. Ela era de um lugar muito mais claro, quente – sua pele parecia refletir isso um pouco – e o frio deveria ser desconfortável. Meu toque gelado certamente teria...

“Você não gosta do frio,” eu adivinhei.

“Nem da umidade,” ela concordou.

“Forks deve ser um lugar difícil para você morar. Talvez você não devia ter vindo pra cá, eu queria adicionar. Talvez devesse voltar pra onde você pertence.

Eu não tinha certeza que eu queria isso. Eu sempre ia lembrar do cheiro de seu sangue – havia alguma garantia que eu não a seguiria? E ainda, se ela fosse embora, sua mente ia pra sempre permanecer um mistério. Um constante quebra cabeças.

“Nem faz idéia,” ela disse em uma voz baixa, olhando para mim por um momento.

As respostas dela nunca eram as que eu esperada. Elas me faziam querer perguntar mais.

“Então por que veio pra cá?” eu ordenei, percebendo que meu tom era muito acusador, não casual o suficiente para essa conversa. A pergunta soou rude.

“É... complicado.”

Ela piscou seus olhos, deixando a minha pergunta sem resposta, e eu quase implodi de curiosidade – a curiosidade queimava tão quente quanto a sede em minha garganta. Na verdade, eu descobri que estava ficando mais fácil respirar; a agonia estava se tornando mais fácil de agüentar depois da familiaridade.

“Acho que posso agüentar,” eu insisti. Talvez a cortesia comum ia a fazer continuar a responder minhas perguntas enquanto eu fosse rude o suficiente para pergunta-las.

Ela olhou para suas mãos silenciosamente. Isso me fez impaciente; eu queria colocar minha mão embaixo de seu queixo e levantar sua cabeça para eu conseguir ler seus olhos. Mas iria me enganar – até perigoso – tocar a pele dela de novo.

Ela olhou para cima. Era um alívio conseguir ver as emoções dela em seus olhos de novo. Ela falou com pressa, com rapidez pelas palavras.

“Minha mãe se casou de novo.”

Ah, isso era humano demais, fácil de entender. Tristeza passou pelos seus olhos e trouxe um franzido de volta a eles.

“Isso não parece tão complexo,” eu disse. Minha voz estava gentil sem mesmo eu trabalhar para parecer desse jeito. A tristeza dela me deixou estranhamente sem poder ajudar, desejando que houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer para ela se sentir melhor. Um estranho impulso.

“Quando foi que aconteceu?”

“Em setembro.” Ela exalou pesadamente – não muito um suspiro. Eu segurei minha respiração enquanto a sua respiração quente vinha até meu rosto.

“E você não gosta dele,” eu adivinhei, pescando mais informações.

“Não, o Phil é legal.” Ela disse, corrigindo minha especulação. Havia uma pequena pista de sorriso no canto de seus lábios agora. “Novo demais, talvez, mas é bem legal.”

Isso não se encaixava no cenário que eu construí em minha mente.

“Por que não ficou com eles?” eu perguntei, minha voz um pouco, até demais, curiosa. Pareceu que eu estava me intrometendo. O que eu estava, admito.

“Phil viaja muito. Ganha a vida jogando bola.” O pequeno sorriso cresceu um pouco; essa escolha de carreira a maravilhava.

Eu sorri também, sem nem escolher isso. Eu não estava tentando fazê-la ficar relaxada. Seu sorriso só me fez querer responder – segredo.

“Eu conheço?” Eu corri pelos nomes de jogadores profissionais em minha cabeça, imaginando qual Phil era o dela...

“Provavelmente não. Ele não joga bem.” Outro sorriso. “É da segunda divisão. Ele se muda muito.”

Os nomes mudaram na minha cabeça, e eu tabulei uma lista de possibilidades em um segundo. No mesmo tempo, eu estava imaginando um cenário novo.

“E sua mãe mandou você pra cá para poder viajar com ele.” Eu disse. Fazer especulações parecia mais fácil obter respostas do que com fazer perguntas. Funcionou de novo. Seu queixo se elevou um pouco, parecendo teimosa.

“Não, ela não me mandou pra cá,” ela disse, e sua voz tinha um novo, pesado tom. Minha especulação tinha a chateado, mas eu não podia ver como. “Eu quis vir.”

Eu não pude entender o significado, ou a fonte de seu pique. Eu estava perdido.

Então eu desisti. Ela não fazia sentido nenhum. Ela não era como os outros humanos. Talvez o silêncio em seus pensamentos e o perfume de seu cheiro não eram as únicas coisas fora do normal nela.

“Não entendo.” Eu admiti, odiando ceder.

Ela suspirou, e olhou nos meus olhos por mais tempo que os humanos normais conseguiam suportar.

“Ela ficou comigo primeiramente, mas ela sentia falta dele,” ela explicou devagar, seu tom aumentando a cada palavra. “Isso a fazia infeliz... então eu decidi que era hora de passar algum tempo com Charlie.”

O franzido no meio de seus olhos aumentou.

“Mas agora você está infeliz,” eu murmurei. Eu não conseguia parar de dizer minhas hipóteses em voz alta, tentando aprender suas reações. Essa não parecia tão fora de marca.

“E?” ela disse, como se não fosse nem um aspecto a ser considerado.

Eu continuei a olhar nos olhos, sentindo que eu finalmente consegui a primeira olhadinha em sua alma. Eu vi naquela única palavra que ela se colocava embaixo no ranking de suas prioridades. Diferente de muitos humanos, as suas necessidades estavam bem abaixo na lista.

Ela era altruísta.

Enquanto eu via isso, o mistério da pessoa que se escondia dentro dessa mente quieta começou a diminuir um pouco.

“Isso não parece justo,” eu disse. Eu estremeci, tentando parecer casual, tentando conciliar com a intensidade da minha curiosidade.

Ela riu, mas não havia nada nesse som. “Ninguém te contou ainda? A vida não é justa.”

Eu queria rir com suas palavras, mas eu não senti nada. Eu sabia que alguma coisa pequena sobre a injustiça da vida. “Acho que eu já ouvi isso em algum lugar.

Ela olhou para mim, parecendo confusa de novo. Seus olhos foram para longe e então voltaram para os meus.

“Então é isso,” ela me disse.

Mas eu não estava pronto pra essa conversa acabar. O pequeno V no meio de seus olhos, o remanescente sentimento de arrependimento, me incomodava. Eu queria leva-lo embora com o meu dedo. Mas, é claro, eu não podia a tocar. Não era seguro.

“Está fazendo um belo papel.” Eu falei devagar, ainda considerando a próxima hipótese. “Mas aposto que está sofrendo mais do que deixa transparecer.”

Ela fez uma careta, seus olhos se estreitando e sua boca se virando em um beijo de lado, e ela olhou para frente da classe. Ela na gostava quando eu acertava. Ela não era o mártir médio – ela não queria uma audiência para a sua dor.

“Estou errado?”

Ela estremeceu suavemente, mas fingiu não me ouvir.

Isso me fez sorrir. “Acho que não.”

“Por que isso interessa a você?” ela ordenou, ainda olhando pra frente.

“Boa pergunta.” Eu admiti, mais para mim mesmo do que uma resposta para ela.

Seu discernimento era melhor que o meu – ela via o centro das coisas enquanto eu tentava ver os cantos, procurando por pistas. Os detalhes de sua vida humana não deveriam importar a mim. Era errado eu me importar com o que ela pensa. Depois de tentar proteger minha família de suspeitas, os pensamentos humanos não eram significantes.

Eu não estava acostumado a ser perceptivo as coisas. Eu confiava muito na minha audição extra – eu não era tão perceptivo tanto quanto eu me dava créditos.

A garota suspirou e olhou para frente da classe. Algo sobre sua expressão frustrada era engraçado. A situação, a conversa era engraçada. Nunca ninguém esteve em tanto perigo por minha causa quanto essa garota – a qualquer momento eu poderia, distraído pela ridícula absorção à conversa, inalar pelo meu nariz e atacar ela antes de poder parar – e ela estava irritada porque não respondi sua pergunta.

“Estou irritando você?” eu perguntei, sorrindo por ser tudo tão absurdo.

Ela olhou para mim rapidamente, e então seus olhos pareciam presos pelo meu olhar.

“Não exatamente,” ela me disse. “Estou mais irritada é comigo mesma. É tão fácil de ler minha expressão – minha mãe sempre me chama de livro aberto.”

Ela juntou as sobrancelhas.

Eu olhei para ela maravilhado. A razão que ela estava chateada era porque ela pensava que eu conseguia a enxergar muito facilmente. Que bizarro. Eu nunca gastei tanto esforço em entender alguém em minha vida – ou existência, porque vida não era a palavra certa. Eu não tinha uma vida.

“Ao contrário,” eu discordei, me sentindo estranho... atento, como se algo tivesse escondido aqui e eu não podia ver. Eu estava na beira, a premonição me fazendo ansioso. “Acho você muito difícil de ler.”

“Então você deve ser um bom leitor,” ela adivinhou, tentando fazer suas próprias especulações que eram, bem no alvo.

“Em geral sou.” Eu concordei.

Eu sorri bem abertamente, deixando meus lábios exporem meus dentes, os afiados dentes, feito lâminas.

Era uma coisa idiota de se fazer, mas eu estava abruptamente, inesperadamente desesperado em dar algum aviso para a garota. Seu corpo estava mais perto de mim do que antes. Por que ela não fugiu de mim com medo? Claro que ela tinha visto uma boa parte do meu lado escuro, intuitiva como ela era.

Eu não pude ver se meu aviso teve o efeito que eu queria. O Sr Banner chamou atenção da classe, e ela se virou para frente para ver. Ela parecia um pouco aliviada pela interrupção, então talvez ela tenha entendido subconscientemente.

Eu espero que ela tenha.

Eu reconheci que a fascinação crescia dentro de mim, mesmo se eu tentasse tirar. Eu não podia fazer nada para não achar Bella Swan interessante. Ou então, ela não podia fazer nada. Eu já estava ansioso para ter outra chance de conversar com ela. Eu queria saber mais sobre sua mãe, sua vida antes de vir para cá, sua relação com seu pai. Todas esses detalhes sem significado que iria me mostrar mais quem ela era. Mas cada segundo que eu passava com ela era um erro, um risco que ela não deveria tomar.

Ela jogou seu cabelo bem na hora que eu me permiti respirar de novo. Uma particularmente concentrada onda de seu cheiro bateu contra minha garganta.

Era como no primeiro dia. A dor da seca queimante me fazia tonto. Eu teria que segurar a mesa pra me manter no lugar. Dessa vez eu tinha um pouco mais de controle. Eu não quebrei nada, pelo menos. O monstro grunhiu dentro de mim, mas não teve prazer com minha dor. Ele estava bem selado. Pelo momento.

Eu parei de respirar, e fui para mais longe que pude dela.

Não, eu não podia a achar fascinante. Quanto mais interessante eu a achava, mais fácil era a matar. Eu já tinha escorregado duas vezes hoje. Será que faria o terceiro, que não seria menor? Quando o sinal tocou, e voei da classe – provavelmente destruindo toda impressão de educação que eu tinha construído naquela hora. De novo, eu tossi no ar limpo, molhado lá fora que era como algo que curava. Eu me senti com pressa de colocar a maior distancia que pude entre eu e a garota.

Emmett me esperou na porta de nossa aula de Espanhol. Ele leu minha louca expressão por um momento.

Como foi? ele imaginou.

“Ninguém morreu,” eu murmurei.

Acho que isso é algo. Quando eu vi Alice matando aula no final, eu pensei...”

Enquanto nós entrávamos na sala, eu vi sua memória de alguns momentos atrás, vista pela porta aberta de sua sala. Alice estava andando e com o rosto sem foco, cruzando o piso em direção ao prédio de ciência. Se Alice precisasse de sua ajuda, ela pediria.

Eu fechei meus olhos em horror e nojo enquanto sentava no meu lugar. “Eu não percebi que estava tão perto. Eu não pensei que eu estava... eu não vi que era tão ruim,” eu sussurrei.

Não foi, ele me assegurou. Ninguém morreu, certo?

“Certo,” eu disse pelo meus dentes. “Pelo menos não dessa vez.”

Talvez fique mais fácil.”

“Claro.”

Ou, talvez você a mate. Ele estremeceu. Você não seria o primeiro a dar uma bola fora. Ninguém ia te julgar tão duramente. Algumas vezes uma pessoa só cheira tão bem. Estou surpreso que você agüentou tanto.

“Não está ajudando, Emmett.”

Eu estava revoltado pela aceitação dele pela idéia que eu iria matar a garota, que isso era de algum jeito inevitável. Era culpa dela que ela cheirava tão bem?

Eu sei quando aconteceu comigo... ela lembrou, me levando com ele meio século atrás, em um lugar no campo, quando uma mulher de meia-idade estava tirando seus lençóis do varal. O cheiro das maçãs estavam no ar – a época de colheita e as frutas rejeitadas estavam no chão, os machucados em sua pele e a fragrância em nuvens. O campo era o fundo para o cheiro dela, uma harmonia. Ele andou pelo campo, muito obviamente para a mulher, para irritar Rosalie. O céu estava roxo, laranja onde estavam as árvores ao oeste. Ele teria continuado o caminho e não deveria ter razão para ele lembrar daquela noite, exceto pela brisa que atingiu os lençóis e o cheiro da mulher chegou ao rosto de Emmett.

“Ah,” eu grunhi silenciosamente. Como se minha própria memória da sede não fosse o suficiente.

Eu sei. Eu não agüentei um segundo. Eu nem pensei em resistir

A memória dele ficou muito explícita para eu agüentar.

Eu fiquei em pé, meus dentes juntos o suficiente para que cortassem aço.

“Esta bien, Edward?” Senora Goff perguntou, assustada pelo meu movimento repentino. Eu podia ver minha face em sua mente, e eu sabia que parecia bem.

“Me perdona,” eu murmurei, enquanto eu ia para a porta.

“Emmett – por favor, puedes tu ayuda a tu hermano?” ela perguntou, gesticulando em minha direção enquanto eu saía do lugar.

“Claro,” ouvi-o dizer. E então estava bem do meu lado.

Ele me seguiu até o lado do prédio, onde me alcançou e colocou a mão no meu ombro.

Eu tirei a mão dele com uma desnecessária força. Teria quebrado os ossos em uma mão humana, e os ossos do braço que estavam junto.

“Desculpa, Edward.”

“Eu sei.” Eu respirava fundo, tentando clarear minha cabeça e meus pulmões.

“É tão ruim quanto isso?” ele perguntou, tentando não pensar no cheiro e no sabor de sua memória, enquanto perguntava, e não tendo sucesso.

“Pior, Emmett, pior.”

Ele ficou silencioso por um momento.

Talvez...

“Não, não seria melhor se eu acabasse com isso logo. Volte para a sala, Emmett. Eu quero ficar sozinho.”

Ele se virou sem outra palavra ou pensamento e andou rapidamente para longe. Ele diria para a professora de espanhol que eu estava enjoado, ou matando aula, ou que era um vampiro que estava fora de controle. A desculpa realmente importava? Talvez eu não fosse voltar. Talvez eu tivesse que ir embora.

Fui para o meu carro de novo, para esperar a escola acabar. Me esconder. De novo.

Eu devia ter passado o tempo tomando decisões, mas como um viciado, eu me achei procurando pela tagarelice por entre os prédios. As vozes familiares se destacavam, mas eu não estava interessado em escutar as visões de Alice ou as reclamações de Rosalie agora. Eu achei Jéssica facilmente, mas a garota não estava com ela, então eu continuei a procurar. Os pensamentos de Mike Newton me chamaram a atenção, e eu a achei, no ginásio com ela. Ele estava infeliz, porque eu conversei com ela hoje na aula de biologia. Ele estava correndo pela resposta dela quando ele trouxe o assunto de volta...

Eu nunca vi ele conversando com alguém por mais que uma palavra aqui ou ali. É claro que ele iria achar Bella interessante. Eu não gosto da maneira que ele olha pra ela. Mas ela não parece tão animada com ele. O que ela disse? ‘Imagino o que havia com ele na última Segunda’. Algo assim. Não parecia que ela ligava. Não deve ter sido muito uma conversa...

Ele se tirava pra fora do pessimismo, animado pela idéia de que Bella não estivesse interessada em mim. Isso me incomodou um pouco mais do que era aceitável, então eu parei de escuta-lo.

Eu coloquei um CD de músicas violentas no meu rádio, e então aumentei o som até que afundasse a voz deles. Eu tinha que me concentrar na música para me manter longe de voltar a ouvir os pensamentos de Mike Newton sobre a garota...

Eu trapaceei algumas vezes, enquanto a hora chegava perto. Não espiar, eu tentei convencer à mim mesmo. Eu só estava preparando. Eu queria saber exatamente quando ela sairia do ginásio, quando ela viria para o estacionamento. Eu não queria que ela me tomasse de surpresa.

Enquanto os estudantes saíam do ginásio, eu saí do meu carro, não sabendo porque eu fiz isso. A chuva estava fraca – a ignorei enquanto caía no meu cabelo.

Eu queria que ela me visse aqui? Eu esperaria que ela conversasse comigo? O que eu estava fazendo?

Eu não me mexi, embora eu tentei me convencer a voltar ao carro, sabendo que meu comportamento era repreensivo. Eu manti meus braços cruzados no meu peito e respirava bem devagar enquanto eu a via andar em minha direção, sua boca se virando pra baixo nos cantos. Ela não olhou pra mim. Algumas vezes ela olhei para as nuvens com uma careta, como se elas a ofendessem.

Eu fiquei desapontado quando ela chegou ao seu carro antes de passar por mim. Ela teria falado comigo? Eu teria falado com ela?

Ela entrou em seu Chevy vermelho desbotado, uma caminhonete enferrujada que era mais velha que o pai dela. Eu a olhei ligar a caminhonete – o motor velho fez um barulho mais alto que qualquer outro carro no estacionamento – e então colocou suas mãos em direção ao ar aquecido. O frio era desconfortável pra ela – ela não gostava. Ela passava seus dedos pelo seus cabelos, colocando-os em direção do aquecedor como se quisesse seca-los. Eu imaginei como a caminhonete estaria cheirando, e rapidamente saí desse pensamento.

Ela olhou ao seu redor para sair, e finalmente olhou em minha direção. Ela me encarou de volta por apenas meio segundo, e tudo o que eu pude ler em seus olhos era a surpresa antes que ela virasse seus olhos pra longe e movesse a caminhonete dando ré. E então parou de novo, a traseira de sua caminhonete perdendo uma colisão com o carro de Erin Teague por alguns centímetros.

Ela olhou pelo espelho retrovisor, sua boca aberta em desapontamento. Quando o outro carro passou por ela, ela chegou todos os pontos cegos duas vezes e então saiu do estacionamento tão cuidadosamente que me fez sorrir. Era como se ela pensasse que ela era perigosa em sua caminhonete.

O pensamento de Bella Swan sendo perigosa pra qualquer um, não importa o que ela estivesse dirigindo, me fez rir enquanto ela dirigia por mim, olhando diretamente pra frente.

3- FENÔMENO

Era verdade, eu não estava com sede, mas decidi sair para caçar naquela noite. Uma pequena dose de prevenção, mesmo sabendo que seria inadequado.

Carlisle veio comigo; nós dois não havíamos estado sozinhos desde que eu havia retornado dos Denali. Enquanto corríamos pela floresta escura, eu o ouvi pensando sobre a despedida apressada da última semana.

Na sua lembrança, eu vi a maneira como meus traços estavam retorcidos num violento desespero. Eu senti sua surpresa e sua súbita preocupação.

"Edward?"

"Eu tenho que ir, Carlisle. Eu tenho que ir agora."

"O que aconteceu?"

"Nada. Ainda. Mas vai acontecer, se eu ficar."

Ele havia vindo para tocar meu braço. Eu senti como o havia machucado quando me encolhi para evitar a sua mão.

"Eu não entendo."

"Você já... já houve alguma vez..."

Eu assisti a mim mesmo respirar profundamente, vi a luz selvagem nos meus olhos através do filtro de sua profunda preocupação.

"Alguma vez uma pessoa cheirou melhor para você que o resto deles? Muito melhor?"

“Oh”.

Quando eu soube que ele havia entendido, meu rosto caiu de vergonha. Ele veio me tocar, ignorando quando eu me afastei de novo, e deixou sua mão no meu ombro.

“Faça o que tiver que fazer para resistir, filho. Eu vou sentir sua falta. Aqui, pegue o meu carro. É mais rápido.”

Ele estava pensando agora se havia feito a coisa certa, me mandando embora. Imaginando se ele não havia me magoado com sua falta de confiança.

“Não”, eu suspirei enquanto corria. “Aquilo era o que eu precisava. Eu poderia ter traído aquela confiança tão facilmente, se você tivesse me dito para ficar.”

“Eu sinto muito que você esteja sofrendo, Edward. Mas você deveria fazer o que for capaz para manter a criança Swan viva. Mesmo que signifique que você precisará nos deixar de novo.”

“Eu sei, eu sei.”

“Por que você voltou? Você sabe o quão feliz eu estou de tê-lo aqui, mas se isso é difícil demais...”

“Eu não gosto de me sentir um covarde”, eu admiti.

Nós havíamos diminuído o passo – agora mal estávamos numa corrida leve através da escuridão.

“É melhor que colocá-la em perigo. Ela vai ter partido em um ano ou dois.”

“Você está certo, eu sei disso”. Pelo contrário, entretanto, suas palavras apenas me fizeram mais ansioso por ficar. A garota iria embora em um ano ou dois...

Carlisle parou de correr e eu parei com ele; ele virou para examinar minha expressão.

“Mas você não vai fugir, não é?”

Eu inclinei minha cabeça.

“É por orgulho, Edward? Não há vergonha alguma em...”

“Não, não é orgulho que me mantém aqui. Não agora.”

“Não tem para onde ir?”

Eu dei uma risada curta. “Não. Isso não me pararia, se eu conseguisse me obrigar a partir.”

“Nós iremos com você, é claro, se for isso o que você precisa. Você só tem que pedir. Você se mudou por eles, sem reclamar. Eles não vão se queixar disso.”

Eu levantei uma sobrancelha.

Ele riu. “Sim, Rosalie talvez, mas ela te deve isso. De qualquer forma, é muito melhor se partirmos agora, sem ter causado danos, do que se partirmos depois, depois que uma vida tenha sido terminada”. No fim, todo o humor havia ido embora.

Eu me encolhi com suas palavras.

“Sim”, eu concordei. Minha voz soava rouca.

Mas você não vai partir?

Eu suspirei. “Eu deveria”.

“O que te segura aqui, Edward? Eu não estou conseguindo ver...”

“Eu não sei se eu consigo explicar”. Para mim mesmo não fazia sentido.

Ele mediu minha expressão por um longo momento.

Não, eu não vejo. Mas respeitarei sua privacidade, se você prefere.

“Obrigado. É generoso da sua parte, dado que eu não dou privacidade a ninguém”. Com uma exceção. E eu estava fazendo tudo o que podia para privá-la disso, não estava?

Todos nós temos nossas peculiaridades. Ele riu de novo. Vamos?

Ele havia acabado de sentir o rastro de um pequeno rebanho de cervos. Era difícil reunir muito entusiasmo pelo que era, mesmo sob as melhores circunstâncias, um aroma que fazia menos que dar água na boca. Agora, com a memória do sangue fresco da garota na minha mente, o aroma na verdade revirava o meu estômago.

Eu suspirei. “Vamos”, eu concordei, apesar de saber que forçar mais sangue por minha garganta ajudaria tão pouco.

Nós dois assumimos uma posição de caçada e deixamos o rastro desinteressante nos puxar silenciosamente para frente.

Estava mais frio quando voltamos para casa. A neve derretida havia congelado de novo; era como se um fino lençol de vidro cobrisse tudo – cada ponta de pinheiro, cada folha das plantas, cada lâmina de grama estava congelada.

Enquanto Carlisle foi se vestir para seu turno matinal no hospital, eu fiquei perto do rio, esperando o sol nascer. Eu me sentia quase inchado de tanto sangue que havia consumido, embora eu soubesse que a falta de sede significaria pouco quando eu sentasse ao lado da garota de novo.

Frio e estático como a pedra em que me sentava, eu encarei a água fria que corria ao lado da margem congelada, olhando através daquela cena.

Carlisle estava certo. Eu deveria deixar Forks. Eles poderiam espalhar alguma história para explicar a minha ausência. Intercâmbio na Europa. Visitando parentes distantes. Fuga adolescente. A história não importava. Ninguém questionaria muito.

Seria apenas um ano ou dois, e então a garota desapareceria. Ela continuaria com sua vida – ela teria uma vida para continuar. Ela iria para alguma faculdade, envelheceria, começaria uma carreira, talvez se casaria com alguém. Eu conseguia visualizar – conseguia ver a garota vestida inteira de branco e andando num passo ritmado, de braços dados com seu pai.

Era estranha, a dor que a imagem me causou. Eu não conseguia entendê-la. Será que eu estava com inveja, porque ela teria um futuro que eu nunca poderia ter? Isso não fazia sentido. Cada um dos humanos ao meu redor tinha o mesmo potencial a frente – uma vida-, e eu raramente parava para invejá-los.

Eu deveria deixá-la ter seu futuro. Parar de arriscar sua vida. Era a coisa certa a ser feita. Carlisle sempre estava certo sobre o caminho certo. Eu deveria escutá-lo agora.

O sol se ergueu detrás das nuvens, e uma luz fraca brilhou sobre toda a camada de gelo.

Um dia a mais, eu decidi. Eu a veria uma vez mais. Eu podia suportar isso. Talvez eu mencionasse minha desapareição, armaria a história.

Mas ia ser difícil; eu conseguia sentir isso na pesada relutância que já estava me fazendo pensar em desculpas para ficar – para adiar o fim da linha por mais dois dias, três, quatro... Mas eu iria fazer a coisa certa. Eu sabia que podia confiar nos conselhos de Carlisle. E eu sabia que estava num conflito muito grande para tomar a decisão certa sozinho.

Num conflito muito grande. Quanto disso vinha da minha curiosidade obsessiva, e quanto do meu apetite insaciável?

Eu entrei, para trocar de roupa para ir ao colégio.

Alice estava me esperando, sentada no último degrau antes do terceiro andar.

Você vai partir de novo, ela me acusou.

Eu suspirei e assenti.

Eu não consigo ver para onde você está indo dessa vez.

“Eu ainda não sei para onde estou indo”, eu suspirei.

Eu quero que você fique.

Eu balancei minha cabeça.

Talvez Jazz e eu poderíamos ir com você?

“Eles precisarão de você mais do que tudo, quando eu não estiver aqui para vigiar para eles. E pense em Esme. Você tiraria metade da família dela em uma só tacada?”

Você vai deixá-la tão triste.

“Eu sei. É por isso que você tem que ficar.”

Isso não é o mesmo que tê-lo por perto, e você sabe disso.

“Sim. Mas eu tenho que fazer o que é certo.”

Mas há muitos caminhos certos e muitos caminhos errados, não é mesmo?

Por um breve momento ela estava absorta em uma de suas estranhas visões; eu assisti com ela enquanto as imagens indistintas torciam e giravam. Eu vi a mim mesmo misturado com sombras estranhas que eu não conseguia decifrar – formas nebulosas, imprecisas. E então, de repente, minha pele estava brilhando na luz do sol de uma pequena e aberta clareira. Este era um lugar que eu conhecia. Havia uma figura na clareira comigo, mas, de novo, era imprecisa, não ali o suficiente para ser reconhecida. As imagens tremeram e desapareceram quando um milhão de pequenas escolhas rearranjaram o futuro de novo.

“Eu não absorvi muito dessa”, eu disse quando a visão ficou escura.

Eu também não. Seu futuro está mudando e mudando tanto que eu não consigo acompanhar. Mas eu acho...

Ela parou, e foi repassando uma vasta coleção de memórias de suas outras visões recentes a meu respeito. Eram todas do mesmo jeito – borradas e vagas.

“Mas eu acho que alguma coisa está mudando”, ela falou em voz alta. “Sua vida parece estar numa encruzilhada.”

Eu ri sinistramente. “Você percebe que soou como um cigano de araque no carnaval, certo?”

Ela mostrou sua pequena língua para mim.

“Mas hoje está tudo bem, não?”, eu perguntei, minha voz abruptamente apreensiva.

“Eu não vejo você matando ninguém hoje”, ela garantiu.

“Obrigado, Alice.”

“Vá se vestir. Eu não direi nada – eu deixarei que você diga aos outros, quando estiver preparado.”

Ela se levantou e disparou escada abaixo, seus ombros levemente alarmados. Sentirei sua falta. De verdade.

Sim, eu também sentiria muita falta dela, eu pensei.

Foi uma jornada silenciosa até o colégio. Jasper podia sentir que Alice estava chateada com alguma coisa, mas ele sabia que se ela quisesse falar a respeito, já o teria feito. Emmet e Rosalie estavam inconscientes de todo o resto, tendo um de seus momentos, encarando os olhos um do outro maravilhados – era um pouco nojento assistir de fora. Nós sabíamos muito bem do quão desesperadamente apaixonados eles eram. Ou talvez eu estivesse sendo um pouco amargo porque eu era o único que estava sozinho. Em alguns dias era mais difícil do que em outros, conviver com três pares de amantes que combinavam perfeitamente. Hoje era um destes dias.

Talvez todos eles fossem ficar mais felizes quando eu não estivesse mais por perto, mal-humorado e beligerante como o homem velho que eu deveria ser agora.

É claro, a primeira coisa que eu fiz quando chegamos ao colégio foi procurar pela garota. Apenas me preparando de novo.

Certo.

Era embaraçoso como meu mundo de repente parecia estar vazio de qualquer coisa que não fosse ela – toda a minha existência centrada ao redor da garota, ao invés de em mim mesmo.

Mas era fácil o bastante de entender, na verdade; depois de oitenta anos das mesmas coisas todo dia e toda noite, cada mudança era um ponto de absorção.

Ela ainda não havia chegado, mas eu podia ouvir o perigoso barulho do seu motor na distância.

Eu me inclinei ao lado do carro para esperar. Alice ficou comigo, enquanto os outros foram direto para a aula. Eles estavam aborrecidos com a minha fixação – era incompreensível para eles como um humano podia reter minha atenção por tanto tempo, não importava o quão delicioso era seu cheiro.

A garota dirigiu devagar para dentro do meu campo de visão, seus olhos atentos na estrada e suas mãos apertadas no volante. Ela parecia nervosa com alguma coisa. Levei um segundo para descobrir o que era, para perceber que hoje todos os humanos tinham a mesma expressão preocupada. Ah, a pista estava escorregadia com o gelo, e todos estavam procurando dirigir cuidadosamente. Eu podia ver que ela estava levando o risco adicional muito a sério.

Aquilo pareceu alinhado com o pouco que eu havia aprendido sobre sua personalidade. Eu adicionei isso à minha pequena lista: ela era uma pessoa séria, uma pessoa responsável.

Ela estacionou não muito longe de mim, mas ela ainda não havia me notado ainda, parado aqui, a encarando. Eu imaginei, o que ela iria fazer quando percebesse? Iria corar e ir embora? Este foi o meu primeiro palpite. Mas talvez ela fosse encarar de volta. Talvez ela viesse falar comigo.

Eu respirei fundo, enchendo meus pulmões esperançosamente, por via das dúvidas.

Ela saiu da picape com cuidado, testando o chão escorregadio antes de colocar seu peso nele.

Ela não olhou para cima, e isso me frustrou. Talvez eu iria falar com ela...

Não, isso seria errado.

Ao invés de se virar na direção do colégio, ela foi até a parte de trás da picape, se agarrando à lateral da carroceria de um jeito cômico, não confiando em seus passos. Aquilo me fez sorrir, e eu senti os olhos de Alice no meu rosto. Eu não escutei ao que quer que isso a tivesse feito pensar – eu estava me divertindo demais, assistindo à garota checar as correntes de neve nos

pneus. Na verdade ela parecia estar correndo o risco de cair, pela maneira como seus pés estavam escorregando. Ninguém mais parecia estar tendo problemas – será que ela havia estacionado na pior parte do gelo?

Ela parou ali, olhando para baixo com uma expressão estranha no rosto. Era... terna? Como se alguma coisa sobre o pneu a estivesse deixando... emocionada?

Novamente, a curiosidade doeu como uma sede. Era como se eu tivesse que saber o que ela estava pensando – como se nada mais importasse.

Eu iria falar com ela. Ela parecia mesmo estar precisando de uma ajuda de qualquer forma, pelo menos até que ela estivesse fora do piso escorregadio. É claro, eu não poderia lhe oferecer isso, poderia? Eu hesitei, dividido. Por mais avessa à neve que ela parecesse, dificilmente ela acharia bem-vindo o toque da minha mão fria e branca. Eu deveria ter vestido luvas -

“Não!”, Alice arfou em voz alta.

Instantaneamente, eu escaneei seus pensamentos, a princípio achando que eu tinha feito uma escolha ruim e que ela me via fazendo algo imperdoável. Mas não tinha simplesmente nada a ver comigo.

Tyler Crowley havia optado por fazer a curva para dentro do estacionamento a uma velocidade imprudente. A escolha o faria sair deslizando por um pedaço de gelo...

A visão veio apenas meio segundo antes da realidade. A van de Tyler dobrou a esquina e eu ainda estava assistindo à conclusão que havia feito os lábios de Alice arfarem horrorizados.

Não, esta visão não tinha nada a ver comigo, mas mesmo assim ela tinha tudo a ver comigo, porque a van de Tyler – os pneus neste exato momento atingindo o gelo no pior ângulo possível – estava prestes a girar ao redor do estacionamento e esmagar a garota que havia se tornado, sem ter sido convidada, o ponto focal do meu mundo.

Mesmo sem a visão de Alice, ler a trajetória do veículo, que estava fugindo do controle de Tyler, teria sido simples o bastante.

A garota, parada exatamente no lugar errado atrás de sua picape, olhou para cima, desorientada pelo som dos pneus cantando. Ela olhou direto nos meus olhos horrorizados, e então se virou para assistir à aproximação de sua morte.

Não ela! As palavras foram gritadas na minha cabeça, como se pertencessem a outra pessoa.

Ainda preso aos pensamentos de Alice, eu vi a imagem de repente se alterar, mas eu não tive tempo para esperar e ver qual seria o desfecho.

Eu me lancei através do estacionamento, me atirando entre a van que escorregava e a garota paralisada. Eu me movi tão rápido que tudo era um borrão, menos o objeto do meu foco. Ela não me viu – olhos humanos não poderiam acompanhar o meu vôo –, ainda encarando a enorme forma que a iria esmagar entre a estrutura de metal da sua picape.

Eu a agarrei pela cintura, me movendo com urgência demais para ser delicado como ela exigia que eu fosse. No centésimo de segundo entre o momento em que eu puxei sua delicada forma para fora do caminho da morte, e o instante em que eu me choquei ao solo com ela nos meus braços, eu estava vividamente consciente do seu corpo, frágil e quebradiço.

Quando eu ouvi sua cabeça se chocando contra o gelo, eu senti como se eu tivesse me transformado em gelo, também.

Mas eu não tive nem um segundo completo para checar sua condição. Eu ouvi a van atrás de nós, fazendo barulho enquanto se dobrava ao redor da imponente carroceria de ferro da picape da garota. Estava mudando de curso, arqueando, vindo na direção dela de novo – como se ela fosse um ímã, a atraindo em nossa direção.

“Droga”, eu sibilei.

Eu já havia feito demais. Enquanto eu quase voava para tirá-la do caminho, eu estava completamente consciente do erro que estava cometendo. Saber que isso era errado não me impediu, mas eu não estava inconsciente do risco que estava correndo – não só eu, mas toda a minha família.

Se expor.

E isto certamente não iria ajudar, mas de jeito nenhum eu permitiria que a van fosse bem sucedida em sua segunda tentativa de tirar a vida dela.

Eu a soltei e atirei as minhas mãos, agarrando a van antes que ela pudesse tocar a garota. A força da van me atirou contra o carro estacionado ao lado da picape, e eu podia sentir sua

estrutura partindo por detrás de meus ombros. A van vibrou e chacoalhou contra o intransponível obstáculo que eram meus braços, e então se inclinou, se equilibrando instavelmente sobre as duas rodas do lado oposto.

Oh, pelo amor de tudo que é sagrado, as catástrofes não iriam terminar nunca? Havia alguma coisa a mais que podia dar errado? Eu não poderia ficar sentado aqui, segurando a van no ar e esperando pelo resgate. Também não podia atirá-la para longe – havia o motorista a ser considerado, seus pensamentos incoerentes com o pânico.

Rosnando internamente, eu atirei a van de forma que voasse na direção oposta a nós por um instante. Enquanto caía de volta para mim, eu a peguei embaixo da estrutura com a mão direita, enquanto coloquei meu braço esquerdo ao redor da cintura da garota novamente e a arrastei de debaixo da van, a segurando apertado ao meu lado. Seu corpo se moveu frouxamente enquanto eu a girava até que suas pernas estivessem no espaço livre – ela estava consciente? Quanto dano eu havia causado a ela com a minha tentativa não-planejada de resgate?

Eu deixei a van cair, agora que não poderia machucá-la. Ela se chocou com o solo, todas as suas janelas se despedaçando em uníssono.

Eu sabia que estava no meio de uma crise. O quanto ela havia visto? Outras testemunhas haviam visto eu de repente me materializar ao lado dela, atirar e agarrar novamente a van, enquanto tentava tirá-la de baixo? Estas questões deveriam ser minha maior preocupação.

Mas eu estava nervoso demais para realmente me preocupar com a ameaça de exposição da maneira que eu deveria. Aterrorizado demais porque eu poderia tê-la machucado em minha tentativa de protegê-la. Assustado demais por tê-la tão perto de mim, sabendo como seria o aroma se eu me permitisse inalar. Consciente demais do calor do seu corpo macio, pressionado contra o meu – mesmo contra o duplo obstáculo de nossas jaquetas, eu podia sentir aquele calor...

O primeiro medo era o mais forte. Quando os gritos de nossas testemunhas irromperam ao nosso redor, eu me inclinei para analisar sua face, para verificar se ela estava consciente – esperando fervorosamente que ela não tivesse nenhum sangramento.

Seus olhos estavam abertos, encarando em choque.

“Bella?”, eu perguntei com urgência. “Você está bem?”

“Eu estou bem”, ela respondeu automaticamente com uma voz atordoada.

Alívio, tão intenso que era quase uma dor, me inundou quando eu ouvi a sua voz. Eu inalei por entre meus dentes, e não me incomodei com a queimação na minha garganta. Ela era quase bem-vinda.

Ela lutou para sentar, mas eu não estava preparado para soltá-la. Eu me sentia como se fosse, de alguma forma.... mais seguro? Melhor, no mínimo, mantendo-a apertada ao meu lado.

“Tenha cuidado”, eu a alertei. “Eu acho que você bateu a sua cabeça bem forte”.

Não havia cheiro de sangue fresco – por piedade -, mas isso não significava que não havia dano interno. Eu estava abruptamente ansioso para levá-la até Carlisle e sua aparelhagem completa de radiologia.

“Ow”, ela disse, seu tom comicamente chocado enquanto ela percebia que eu estava certo sobre sua cabeça.

“Foi o que eu pensei”. O alívio fez aquilo parecer engraçado para mim, quase frívolo.

“Como foi que...”. Sua voz se arrastou, e suas pálpebras vibraram. “Como você chegou aqui tão rápido?”

O alívio se tornou amargo, o bom humor desapareceu. Ela tinha percebido coisas demais.

Agora que parecia que a garota estava decente, o nervosismo pela minha família era severo.

“Eu estava parado bem do seu lado, Bella”. Eu sabia, por experiência própria, que se eu parecesse confiante o suficiente quando mentia, isso faria qualquer questionador menos seguro da verdade.

Ela lutou para se mover de novo, e desta vez eu permiti. Eu precisava respirar para interpretar meu papel corretamente. Eu precisava de distância do calor do seu sangue quente, para que ele não se combinasse com o aroma e me dominasse. Eu escorreguei para longe dela, tão longe quanto era possível no pequeno espaço entre os carros destruídos.

Ela me encarou, e eu encarei de volta. Desviar o olhar primeiro era um erro que só um mentiroso incompetente cometeria. Minha expressão era suave, benigna... o que pareceu confundi-la. Isso era bom.

O local do acidente estava cercado agora. A maioria estudantes, crianças, empurrando e procurando através dos destroços se algum corpo mutilado estava visível. Houve uma confusão de gritos e uma efusão de pensamentos chocados. Eu escaneei as mentes para verificar se eles ainda não estavam suspeitando, e então me virei e me concentrei apenas na garota.

Ela estava distraída pela confusão. Ela olhou ao redor, ainda com uma expressão atordoada, e tentou ficar de pé.

Eu pus minha mão levemente no seu ombro para segurá-la sentada.

"Apenas fique quieta por enquanto". Ela parecia estar bem, mas será que ela realmente deveria estar mexendo o pescoço? Novamente, eu ansiei por Carlisle. Meus anos de estudo da teoria da medicina não eram nada comparado com seus séculos de prática.

"Mas está frio", ela retrucou.

Ela havia quase sido esmagada até a morte duas vezes distintas, e em outra quase teve as pernas amputadas, e era o frio que a preocupava. Uma risada escapou por entre meus dentes, antes de eu me lembrar de que a situação não era engraçada.

Bella piscou, e então seus olhos se focaram no meu rosto. "Você estava bem ali".

Aquilo me deixou sério de novo.

Ela olhou na direção sul, embora não houvesse nada agora para ser visto além do lado amassado da van. "Você estava perto do seu carro".

"Não, eu não estava".

"Eu te vi", ela insistiu; sua voz era infantil quando ela estava sendo teimosa. Seu queixo se projetou para fora.

"Bella, eu estava perto de você, e te puxei para fora do caminho".

Eu encarei profundamente seus olhos escancarados, tentando convencê-la a aceitar a minha versão – a única versão racional em questão.

Sua mandíbula enrijeceu. "Não".

Eu tentei ficar calmo, não entrar em pânico. Se ao menos eu conseguisse mantê-la quieta por alguns momentos, para destruir as evidências... e descreditar sua história, revelando sobre o machucado em sua cabeça.

Não deveria ser fácil, manter essa garota silenciosa e cheia de segredos quieta? Se ao menos ela confiasse em mim, por apenas alguns segundos...

"Por favor, Bella", eu disse, e minha voz estava intensa demais, porque eu subitamente queria que ela confiasse em mim. Um desejo estúpido. Que sentido faria para ela confiar em mim?

"Por quê?", ela perguntou, ainda na defensiva.

"Confie em mim", eu pedi.

"Você promete que vai me explicar tudo mais tarde?"

Eu fiquei irritado por ter que mentir para ela de novo, quando eu desejava tanto que de alguma forma eu pudesse merecer sua confiança. Então, quando eu respondi, fui seco:

"Está bem".

"Está bem", ela repetiu no mesmo tom.

Enquanto a tentativa de resgate ao nosso redor começava, adultos chegando, autoridades acionadas, sirenes na distância – eu tentei ignorar a garota e colocar minhas prioridades na ordem correta. Eu procurei dentro de cada mente no estacionamento, as testemunhas e as que chegaram depois, mas não pude encontrar nada perigoso. Muitos estavam surpresos de me verem aqui ao lado de Bella, mas todos concluíram – já que não havia mais nada que se pudesse concluir – que eles simplesmente não tinham reparado que eu estava parado ao lado dela antes do acidente.

Ela foi a única que não aceitou a explicação mais simples, mas ela seria considerada a testemunha menos confiável. Ela estava assustada, traumatizada, sem mencionar o machucado na cabeça. Possivelmente em choque. Seria aceitável se ela estivesse confusa, não seria? Ninguém lhe daria crédito, contra tantos outros expectadores...

Eu me encolhi quando ouvi os pensamentos de Rosalie, Jasper e Emmet, chegando agora à cena do acidente. Eu pagaria caro por isso esta noite.

Eu queria apagar a marca que meu ombro havia deixado no carro marrom claro, mas a garota estava perto demais. Eu teria que esperar até que ela estivesse distraída.

Era frustrante esperar – tantos olhos sobre mim – enquanto os humanos lutavam para tirar a van de perto de nós. Eu poderia tê-los ajudado, apenas para acelerar o processo, mas eu já estava em encrenca demais e a garota tinha olhos afiados. Finalmente, eles conseguiram afastá-la o suficiente para que os paramédicos conseguissem se aproximar com suas macas.

Um rosto familiar e grisalho me avaliava.

“Hei Edward”, disse Brett Warner. Ele também era um enfermeiro registrado, e eu o reconhecia do hospital. Era um golpe de sorte – a única sorte de hoje – que ele foi o primeiro a nos alcançar. Em seus pensamentos, ele notava que eu estava alerta e calmo. “Tudo bem, filho?”

“Perfeitamente, Brett. Nada encostou em mim. Mas tenho medo de que Bella aqui possa ter tido uma concussão. Ela bateu a cabeça bem forte quando eu a tirei do caminho...”

Brett desviou sua atenção para a garota, que me atirou um violento olhar de traição. Oh, é verdade. Ela era a mártir silenciosa – ela preferia sofrer em silêncio.

Mas ela não contradisse minha história imediatamente, e isso fez com que eu me sentisse mais tranqüilo.

O próximo paramédico tentou insistir para que eu me permitisse ser tratado, mas não foi difícil dissuadi-lo. Eu prometi que deixaria meu pai me examinar, e ele deixou estar. Com a maioria dos humanos, falar seguramente era tudo o que era necessário. Com a maioria dos humanos, mas não com a garota, claro. Será que ela se encaixava em algum dos padrões normais?

Quando eles colocaram o suporte de pescoço nela – e seu rosto ficou vermelho vivo de vergonha – eu aproveitei o momento de distração para silenciosamente arrumar o amassado no carro marrom com a parte de trás do meu pé. Apenas meus irmãos perceberam o que eu estava fazendo, e eu ouvi a promessa mental de Emmet de cuidar de qualquer coisa que eu deixasse para trás.

Grato por sua ajuda – e mais grato porque pelo menos Emmet já parecia ter perdoado minha perigosa escolha – eu estava mais relaxado quando entrei na ambulância e me sentei no banco da frente, junto com Brett.

O chefe de polícia chegou depois que eles tinham colocado Bella na parte de trás da ambulância. Apesar de os pensamentos do pai de Bella estarem mudos, o pânico e a preocupação emanando da mente do homem afundaram quase todos os outros pensamentos na vizinhança. Ansiedade e culpa sem palavras, uma grande onda das duas, emanaram dele enquanto ele via sua única filha na maca.

Emanaram dele e através de mim, ecoando e tomando força. Quando Alice me alertou de que matar a filha do Chefe Swan iria matá-lo também, ela não estava exagerando.

Minha voz se arqueou com a culpa, enquanto eu ouvia a sua voz cheia de pânico.

“Bella”, ele gritou.

“Eu estou perfeitamente bem, Char – pai”. Ela expirou. “Não há nada de errado comigo”.

Sua segurança mal suavizou o terror dele. Ele se virou de uma vez para o paramédico mais próximo, demandando por mais informações.

E não foi até eu ouvir ele falar, formando sentenças perfeitamente coerentes apesar de seu pânico, que eu percebi que seu nervosismo e preocupação não eram mudos. Eu só... não conseguia ouvir as palavras exatas.

Hmm. Charlie Swan não era tão silencioso quanto sua filha, mas eu podia ver de quem ela havia puxado. Interessante.

Eu nunca havia passado muito tempo perto do chefe de polícia da cidade. Eu sempre o tomei por uma pessoa de pensamento lento – e agora percebia que o lento era eu. Seus pensamentos eram parcialmente selados, mas não ausentes. Eu apenas podia perceber sua direção, seu tom...

Eu queria ouvir mais atentamente, para ver se eu podia encontrar nesse novo quebra-cabeça, mais simples, a chave dos segredos da garota. Mas a esta altura Bella já estava colocada na parte de trás, e a ambulância seguiu seu caminho.

Foi difícil me separar desta possível solução para o mistério que agora me obcecava. Mas eu tinha que pensar – analisar o que havia acontecido hoje por cada ângulo. Eu tinha que escutar,

me certificar de que não nos havia colocado em tanto perigo que teríamos que partir imediatamente. Eu tinha que me concentrar.

Não havia nada no pensamento dos paramédicos que me preocupasse. Pelo que eles podiam dizer, não havia nada de muito grave com a garota. E, até agora, Bella estava cooperando com a história que eu havia criado.

A principal prioridade, quando chegamos no hospital, era ver Carlisle. Eu passei apressado pelas portas automáticas, mas fui incapaz de me esquecer completamente de tomar conta de Bella; eu mantive um olho nela através dos pensamentos dos paramédicos.

Foi fácil encontrar a mente familiar do meu pai. Ele estava sentado em sua saleta, completamente sozinho – o segundo golpe de sorte neste dia azarado.

“Carlisle”.

Ele havia ouvido a minha aproximação, e estava alarmado tão logo viu o meu rosto. Ele ficou de pé num salto, sua face ficando pálida como um fantasma. Ele se inclinou para frente, sobre a mesa de nogueira cuidadosamente organizada.

Edward – você não –

“Não, não, não é isso”.

Ele respirou profundamente. Claro que não. Me desculpe por permitir o pensamento. Seus olhos, é claro, eu deveria saber... Ele reparou nos meus olhos, ainda dourados, com alívio.

“Mas ela está ferida, Carlisle. Provavelmente nada sério, mas –”

“O que aconteceu?”

“Um acidente de carro estúpido. Ela estava no lugar errado na hora errada. Mas eu não podia ficar lá parado – assisti-la ser esmagada –”

Comece de novo, eu não entendi. Como você se envolveu?

“Uma van deslizou pelo gelo”, eu suspirei. Estava encarando a parede atrás dele enquanto falava. Ao invés de uma multidão de diferentes diplomas, havia uma simples pintura a óleo – uma de suas favoritas, um Hassam não descoberto. “Ela estava no caminho. Alice viu se aproximando; mas não havia tempo para mais nada a não ser realmente correr pelo estacionamento e arrastá-la para fora do caminho. Ninguém notou... a não ser ela. Eu também tive que parar a van, mas de novo, ninguém viu... além dela. Eu... eu sinto muito, Carlisle. Eu não queria nos colocar em perigo.”

Ele contornou a mesa e colocou sua mão no meu ombro.

Você fez a coisa certa. E não deve ter sido fácil para você. Estou orgulhoso, Edward.

Agora eu podia olhá-lo no olho. “Ela sabe que tem alguma coisa... errada comigo”.

“Isso não importa. Se tivermos que partir, partiremos. O que ela disse?”

Eu balancei a cabeça, um pouco frustrado. “Nada ainda”.

Ainda?

“Ela concordou com a minha versão dos eventos – mas está esperando por uma explicação”.

Ele franziu a testa, ponderando.

“Ela bateu a cabeça – bem, eu fiz isso”, eu continuei rápido, “eu a empurrei para o chão com força. Ela parece bem, mas... eu não acho que vai ser difícil descredibilizar sua versão”.

Eu me senti uma pessoa sem honra, enquanto dizia estas palavras.

Carlisle ouviu o desgosto na minha voz. Talvez isso não seja necessário. Vamos ver o que acontece, sim? Parece que eu tenho uma paciente para checar.

“Por favor”, eu disse. “Eu estou tão preocupado que eu a tenha machucado.”

A expressão de Carlisle se tranqüilizou. Ele alisou seus cabelos claros – apenas alguns tons mais claros que seus olhos dourados – e riu.

Está sendo um dia interessante para você, não? Na sua mente eu podia ver a ironia, e era engraçado, pelo menos para ele. Uma bela reversão de papéis. Em algum momento durante aquele curto e descuidado segundo em que eu voei pelo estacionamento congelado, eu havia me transformado de assassino em protetor.

Eu ri com ele, lembrando do quão certo eu havia estado de que Bella jamais precisaria se proteger de qualquer outra coisa mais do que de mim mesmo. Havia um nervosismo no meu riso, porque, apesar da van, aquilo ainda era completamente verdade.

Eu aguardei sozinho na sala de Carlisle – uma das horas mais longas que eu já havia vivido – ouvindo o hospital cheio de pensamentos.

Tyler Crowley, o motorista da van, parecia estar mais machucado do que ela, e as atenções se viraram para ele enquanto ela esperava para fazer um raio-X. Carlisle se manteve no plano de fundo, confiando no diagnóstico dos paramédicos de que a garota havia se machucado apenas levemente. Isto me deixou nervoso, mas eu sabia que ele estava certo. Bastaria olhar em seu rosto e ela imediatamente se lembraria de mim, do fato de que havia alguma coisa errada com minha família, e isso poderia fazê-la começar a falar.

Ela certamente tinha um parceiro interessado o bastante com quem conversar. Tyler estava consumido pela culpa de quase tê-la matado, e não conseguia se calar a respeito disso. Eu podia ver a expressão dela pelos olhos dele, e estava claro que ela queria que ele parasse. Como ele não via isso?

Houve um momento tenso para mim quando Tyler perguntou como ela havia conseguido sair do caminho.

Eu esperei, sem respirar, enquanto ela hesitou.

“Um”, ele a ouviu dizer. E então ela fez uma pausa tão longa que Tyler achou que sua pergunta a tivesse deixado confusa. Finalmente, ela continuou. “Edward me puxou para fora do caminho”.

Eu expirei. E então minha respiração acelerou. Eu nunca havia ouvido ela dizer meu nome antes. Eu gostei da maneira que soava – mesmo apenas ouvindo através dos pensamentos de Tyler.

Eu queria ouvir pessoalmente...

“Edward Cullen”, ela disse, quando Tyler não parecia saber de quem ela estava falando. Quando percebi já estava na porta, minha mão na maçaneta. O desejo de vê-la estava ficando mais forte. Eu precisava lembrar a mim mesmo da necessidade de tomar cuidado.

“Ele estava parado perto de mim.”

“Cullen?”. Huh. Que estranho. “Eu não vi ele”. Eu poderia ter jurado... “Uau, foi tudo tão rápido, eu acho. Ele está bem?”

“Eu acho que sim. Ele está em algum lugar por aqui, mas eles não fizeram ele usar um suporte para o pescoço.”

Eu vi a aparência pensativa de seu rosto, a suspeita se apertando nos seus olhos, mas estas pequenas mudanças na sua aparência não eram captadas por Tyler.

Ela é bonita, ele estava pensando, quase surpreso. Mesmo neste estado. Não é meu tipo usual, mas ainda assim... eu devia levá-la para sair. Compensar por hoje...

Eu estava no corredor, e então na sala de emergência, sem pensar por um segundo no que estava fazendo. Por sorte, a enfermeira entrou na sala antes que eu pudesse – era a hora de Bella fazer o raio-X. Eu me inclinei contra a parede numa alcova após a esquina, e tentei me recompor enquanto ela era levada embora.

Não importava que Tyler a achasse bonita. Qualquer um perceberia isso. Não havia razão para eu me sentir... como eu me sentia? Perturbado? Ou bravo estaria mais correto? Isso não fazia sentido nenhum.

Eu fiquei onde estava tanto quanto consegui, mas a impaciência me venceu e eu dei a volta, seguindo para a sala de radiologia. Ela já havia sido levada de volta para a sala de emergência, mas eu pude checar seus exames de raio-x enquanto a enfermeira estava de costas.

Eu me senti mais calmo. Ela estava bem. Eu não a havia machucado, não de verdade.

Carlisle me encontrou ali.

Você parece melhor, ele comentou.

Eu apenas olhei diretamente para a frente. Nós não estávamos sozinhos, os corredores cheios de atendentes e visitantes.

Ah, sim. Ele colocou seus raios-x sob a luz, mas eu não precisava olhar de novo. Eu vejo. Ela está absolutamente bem. Muito bem, Edward.

O som da aprovação de meu pai criou uma reação mista em mim. Eu ficaria satisfeito, exceto pelo fato de que eu sabia que ele não aprovaria o que eu iria fazer agora. Pelo menos, ele não aprovaria se soubesse das minhas verdadeiras motivações...

“Eu acho que vou falar com ela – antes que ela te veja”, eu murmurei. “Agir naturalmente, como se nada tivesse acontecido. Amaciar as coisas”. Todas razões aceitáveis.

Carlisle assentiu, ainda olhando os raios-x. “Boa idéia. Hmm”.

Eu olhei para ver o que estava prendendo seu interesse.

Olhe para todas essas contusões curadas! Quantas vezes a mãe dela a derrubou?. Carlisle riu para si mesmo de sua piada.

“Eu estou começando a achar que a garota simplesmente tem muita má sorte. Sempre no lugar errado e na hora errada.”

Forks certamente é o lugar errado para ela, com você aqui.

Eu recuei.

Vá em frente. Amacie as coisas. Eu me juntarei a você momentaneamente.

Eu saí rapidamente, me sentindo culpado. Talvez eu seja um mentiroso realmente bom, se podia enganar Carlisle.

Quando eu cheguei na sala de emergência, Tyler estava murmurando baixo, ainda se desculpando. A garota tentava escapar do remorso dele fingindo que dormia. Seus olhos estavam fechados, mas sua respiração não estava tranqüila, e de vez em quando seus dedos se curvavam impacientemente.

Eu encarei seu rosto por um longo momento. Esta era a última vez que eu a veria. Este fato disparou uma dor aguda no meu peito. Será que era porque eu odiava deixar qualquer quebra-cabeça sem solução? Isso não parecia uma explicação boa o bastante.

Finalmente, eu respirei profundamente e me movi para o campo de visão deles.

Quando Tyler me viu, ele começou a falar, mas eu coloquei um dedo em meus lábios.

“Ela está dormindo?”, eu murmurei.

Os olhos de Bella estalaram abertos e focalizaram o meu rosto. Eles se alargaram momentaneamente, e depois de estreitaram em raiva ou suspeita. Eu me lembrei que tinha um papel a interpretar, então sorri para ela como se nada de estranho tivesse ocorrido nesta manhã – além de uma pancada em sua cabeça e um pouco de imaginação correndo solta.

“Hei Edward”, Tyler disse. “Eu realmente sinto – “

Eu levantei uma mão para interromper seu pedido de desculpas. “Sem sangue, sem culpa”, eu disse ironicamente. Sem pensar, eu sorri muito abertamente por causa da minha piada interna.

Era imensamente fácil ignorar Tyler, parado a não mais que um metro e meio de mim, coberto de sangue fresco. Eu nunca havia entendido como Carlisle era capaz de fazer isso – ignorar o sangue em seus pacientes para tratá-los. Não poderia a tentação constante distraí-lo, ser perigosa...? Mas, agora... eu podia ver como, se você estivesse suficientemente focado em algo, a tentação não significaria nada.

Mesmo fresco e exposto, o sangue de Tyler não se comparava com o de Bella.

Eu mantive minha distância dela, me sentando ao pé da cama de Tyler.

“Então, qual o veredito?”, eu perguntei a ela.

Seu lábio inferior crispou um pouco. “Não há simplesmente nada de errado comigo, mas eles não me deixam ir. Por que você não está amarrado a uma maca como o resto de nós?”

Sua impaciência me fez sorrir novamente.

Eu podia ouvir Carlisle no corredor agora.

“É tudo sobre quem você conhece”, eu disse levemente. “Mas não se preocupe, eu vim para resgatá-la”.

Eu assisti a sua reação cuidadosamente enquanto meu pai entrou na sala. Seus olhos se arregalaram e sua boca literalmente caiu de surpresa. Eu rosnei internamente. Sim, ela certamente havia notado a similaridade.

“Então, Srta. Swan, como está se sentindo?”, Carlisle perguntou. Ele tinha reservada uma maneira maravilhosa de tranqüilizar os pacientes em segundos. Eu não podia dizer como ela afetava a Bella.

“Eu estou bem”, ela disse silenciosamente.

Carlisle prendeu seus raios-x à placa iluminada junto à cama. “Seus raios-x têm uma boa aparência. Sua cabeça está doendo? Edward disse que você a bateu bem forte.”

Ela suspirou, e disse, “Estou bem” novamente, mas desta vez a impaciência transpareceu em sua voz. E ela olhou furiosamente na minha direção.

Carlisle foi para mais perto dela e correu seus dedos gentilmente por seu couro cabeludo até que ele encontrou o galo sob o seu cabelo.

Eu fui pego fora de guarda pela onda de emoções que se chocou comigo.

Eu havia visto Carlisle trabalhar com humanos milhares de vezes. Há anos atrás, eu até mesmo o ajudei informalmente – apesar de que apenas em situações em que não havia sangue envolvido. Então não era uma coisa nova para mim, assisti-lo interagir com a garota como se ele fosse tão humano quanto ela. Eu havia invejado seu controle muitas vezes antes, mas aquilo não era o mesmo que esta emoção. Eu invejava mais do que o seu controle. Me doía a diferença entre Carlisle e eu – que ele pudesse tocá-la tão gentilmente, sem medo, sabendo que nunca iria machucá-la...

Ela tremeu, e eu me remexi na cadeira. Eu tive que me concentrar, por um momento, em manter minha postura relaxada.

“Dolorido?”, Carlisle perguntou. Seu queixo se levantou um pouco. “Na verdade não”, ela disse.

Outra pequena faceta de sua personalidade se mostrou: ela era valente. Não queria mostrar fraqueza.

Possivelmente a criatura mais vulnerável que eu já havia visto, e ela não queria parecer fraca. Um risinho escapou por meus lábios.

Ela me encarou novamente.

“Bem”, Carlisle disse, “seu pai está na sala de espera – você pode ir para casa com ele agora. Mas volte aqui se você sentir tontura ou se tiver qualquer problema com sua visão.”

O pai dela estava aqui? Eu passei através dos pensamentos na sala de espera lotada, mas não consegui encontrar sua indistinta voz mental dentre o grupo, e então ela começou a falar de novo, sua expressão ansiosa.

“Eu não posso voltar para o colégio?”

“Talvez você devesse pegar leve por hoje”, Carlisle sugeriu.

Seus olhos se reviraram de volta para mim. “Ele vai voltar para a escola?”

Agir normalmente, amaciar as coisas... esquecer da maneira como me sinto quando ela me olha diretamente nos olhos...

“Alguém tem que espalhar a boa notícia de que sobrevivemos”, eu disse.

“Na verdade”, Carlisle corrigiu, “aparentemente a maior parte dos alunos do colégio se encontra na sala de espera.”

Eu antecipei a reação dela desta vez – sua aversão à atenção. Ela não me desapontou.

“Oh não!”, ela lamentou, e colocou suas mãos sobre seu rosto.

Eu gostava de finalmente ter acertado. Eu estava começando a entendê-la...

“Você quer ficar aqui?”, Carlisle perguntou.

“Não, não!”, ela disse rapidamente, passando suas pernas pelo lado da cama e escorregando até que seus pés tocassem o chão. Ela cambaleou para frente, desequilibrada, para os braços de Carlisle. Ele a segurou e a estabilizou.

Novamente, a inveja me inundava.

“Estou bem”, ela disse antes que ele pudesse comentar, um rosa claro em suas bochechas.

Claro, aquilo não incomodaria Carlisle. Ele se certificou de que ela estava equilibrada, e então deixou cair suas mãos.

“Tome Tylenol para a dor”, ele instruiu.

“Não está doendo tanto.”

Carlisle sorriu enquanto assinava sua ficha. “Parece que você é extremamente sortuda”.

Ela virou o rosto levemente, para me encarar com os olhos rígidos. “Sorte que Edward estava justamente parado perto de mim”.

“Oh, bem, sim”, Carlisle concordou rapidamente, ouvindo a mesma coisa na sua voz que eu havia ouvido. Ela não tinha descartado suas suspeitas. Ainda.

Toda sua, Carlisle pensou. Lide com isso como achar melhor.

“Muito obrigado”, eu sussurrei, rápida e silenciosamente. Nenhum dos humanos me ouviu. Os lábios de Carlisle se curvaram um pouco com meu sarcasmo enquanto ele se virava para Tyler.

“Tenho medo de que você tenha que ficar um pouco mais”, ele disse enquanto começava a examinar os cortes deixados pela janela partida.

Bem, eu havia criado a confusão, então era apenas justo que eu lidasse com ela.

Bella caminhou deliberadamente na minha direção, não parando até que estivesse inconfortavelmente perto. Eu me lembrei de como havia esperado, antes de toda a confusão, que ela viesse me abordar... isso era como uma gozação daquele desejo.

“Posso falar com você por um minuto?”, ela sibilou para mim.

Seu hálito quente acariciou minha face e eu tive que recuar um passo. A atração que ela exercia sobre mim não havia diminuído nem um pouco. Toda vez que ela estava perto de mim, eram disparados todos os meus piores, mais urgentes instintos. Minha boca se enchia de veneno e meu corpo se preparava para atacar – para prendê-la nos meus braços e levar sua garganta para os meus dentes.

Minha mente era mais forte que meu corpo, mas por muito pouco.

“Seu pai a está esperando”, eu a recordei, minha mandíbula rígida.

Ela mirou através de Carlisle e Tyler. Tyler não prestava nenhuma atenção em nós, mas Carlisle monitorava cada respiração minha.

Cuidado, Edward.

“Eu gostaria de falar com você a sós, se você não se importa”, ela insistiu numa voz baixa.

Eu queria dizer a ela que eu me importava muito, mas eu sabia que teria que fazer isso em algum momento. Eu deveria simplesmente resolver isso logo.

Eu estava cheio de tantas emoções conflitantes enquanto andava irritado para fora da sala, seus passos atrapalhados atrás de mim, tentando acompanhar.

Eu tinha um show a interpretar agora. Eu conhecia o papel que interpretaria – eu conhecia bem o personagem. Eu seria o vilão. Eu iria mentir e ridicularizar e ser cruel.

la contra todos os meus melhores impulsos – os impulsos humanos a que eu tinha me agarrado por todos esses anos. Eu nunca quis merecer confiança mais do que neste momento, quando eu iria destruir todas as possibilidades disso acontecer.

E o pior foi saber que esta seria a última memória que ela teria de mim. Esta era minha cena de despedida.

Eu virei para ela.

“O que você quer?”, eu perguntei friamente.

Ela recuou por causa da minha hostilidade. Seus olhos ficaram assustados, a expressão que me assombrava...

“Você me deve uma explicação”, ela disse numa voz baixa; seu rosto claro empalideceu.

Era muito difícil manter minha voz áspera. “Eu salvei sua vida – não te devo nada.”

Ela recuou – queimava como ácido ver minhas palavras machucá-la.

“Você prometeu”, ela suspirou.

“Bella, você bateu sua cabeça, você não sabe do que está falando”.

Seu queixo se levantou. “Não há nada de errado com a minha cabeça.”

Ela estava irritada agora, e isso facilitou as coisas para mim. Eu encontrei seu olhar, assumindo uma expressão ainda menos amigável.

“O que você quer de mim, Bella?”

“Eu quero saber a verdade. Eu quero saber por que estou mentindo por você.”

O que ela queria era justo o suficiente – me frustrava ter que negar isso a ela.

“O que você acha que aconteceu?”, eu quase rosnei para ela.

Suas palavras brotaram como em uma corrente. “Tudo o que eu sei é que você não estava em nenhum lugar perto de mim – Tyler também não te viu, então não venha me dizer que eu bati a cabeça muito forte. Aquela van ia esmagar a nós dois – mas não o fez, e suas mãos deixaram marcas na lateral dela – e você deixou um afundado no outro carro, e você não está nem um pouco machucado – e a van deveria ter esmagado as minhas pernas, mas você a estava segurando...” De repente, ela contraiu os dentes e seus olhos estavam brilhando com lágrimas não derramadas.

Eu a encarei, minha expressão a ridicularizando, embora o que eu realmente sentisse fosse temor; ela tinha visto tudo.

“Você acha que eu tirei uma van de cima de você?”, eu perguntei sarcasticamente.

Ela respondeu com um curto aceno.

Minha voz ficou mais zombeteira. “Ninguém vai acreditar em você, sabe.”

Ela fez um esforço para controlar sua raiva. Quando ela respondeu, pronunciou cada palavra deliberadamente devagar. “Eu não vou contar a ninguém”.

Ela realmente queria dizer isso – eu podia ver nos seus olhos. Mesmo furiosa e traída, ela não revelaria meu segredo.

Por quê?

O choque arruinou minha expressão cuidadosamente preparada por meio segundo, e então eu me recompus novamente.

"Então o que importa?", eu perguntei, trabalhando para manter minha voz severa.

"Importa para mim", ela disse intensamente. "Eu não gosto de mentir – então é melhor que haja um bom motivo pelo qual estou fazendo isso".

Ela estava me pedindo que confiasse nela. Tanto quanto eu queria que ela confiasse em mim. Mas esta era uma linha que eu não podia atravessar.

Minha voz permaneceu sem sentimento. "Você não pode simplesmente me agradecer e deixar para lá?"

"Obrigada", ela disse, e então ela se ressentiu silenciosamente, aguardando.

"Você não vai deixar para lá, não é mesmo?"

"Não".

"Neste caso..." Eu não poderia dizer para ela a verdade que eu queria dizer... e que eu não queria dizer. Eu preferia que ela inventasse sua própria história do que soubesse o que eu era, porque nada poderia ser pior do que a verdade – eu era um pesadelo vivo, direto das páginas de uma história de horror. "Eu espero que goste de desapontamento."

Nós nos encaramos furiosamente. Era estranho o quanto a sua raiva inspirava simpatia. Como um gatinho furioso, macio e inofensivo, inconsciente de sua própria vulnerabilidade.

Ela corou e contraiu os dentes novamente. "Por que você simplesmente se dá ao trabalho?"

Sua questão não era uma que eu estava esperando ou preparado para responder. Eu perdi o controle do papel que estava interpretando. Eu senti a máscara escorregar do meu rosto, e eu disse a ela – nesta única vez – a verdade.

"Eu não sei."

Eu memorizei o rosto dela pela última vez – ainda tinha linhas de raiva, o sangue ainda não havia se desconcentrado de suas bochechas – e então eu me virei e caminhei para longe dela.

4 - Visões.

Eu voltei para escola. Esta era a coisa certa a fazer, a melhor maneira de se tornar imperceptível. No fim do dia, quase todos os alunos tinham retornado a classe, também. Apenas Tyler e Bella e poucos outros – que estavam provavelmente usando o acidente como chance para cabular – permaneciam ausentes.

Não deveria ser tão difícil para mim fazer a coisa certa. Mas, toda tarde, eu estava rangendo meus dentes contra o desejo ardente que eu tinha de cabular. Também – a fim de encontrar a garota novamente.

Como um caçador. Um obsessivo caçador. Um obsessivo vampiro caçador.

A escola hoje foi – de algum modo, impossível – cada vez mais chata do que parecia ter ido na semana passada. Igual a coma. Era como se a cor tivesse drenado dos tijolos, das árvores, do céu, dos rostos ao meu redor... Eu olhei fixamente as rachaduras nas paredes.

Havia outra coisa certa que eu deveria estar fazendo....mas não estava. Certamente, era também uma coisa errada. Tudo dependia da perspectiva de como você via.

Da perspectiva dos Cullens – não apenas um vampiro, mas um Cullen, alguém que pertencia a família, uma condição rara no mundo – a coisa certa a fazer seria algo como isto:

"Eu estou surpreso em ver você na sala, Edward. Eu soube que você se envolveu em um terrível acidente nesta manhã."

"Sim, eu me envolvi, Sr. Barner, mas eu fui o único sortudo." Um sorriso amigável. "Eu não me feri em nada....eu desejaria poder dizer o mesmo para Tyler e Bella."

"Como eles estão?"

"Eu acho que Tyler está bem....apenas alguns aranhões superficiais devido ao pára-brisa. Eu não tenho certeza sobre Bella." Um olhar preocupado. "Ela pode ter tido uma concussão. Eu escutei que ela ficou um pouco incoerente por um tempo – vendo coisas. Eu sei que os médicos estavam preocupados..."

Era como eu deveria ter sido. Isto era o que eu devia a minha família.

"Eu estou surpreso em ver você na sala, Edward. Eu soube que você se envolveu em um terrível acidente nesta manhã."

"Eu não me machuquei." Não sorri.

Sr. Barner deslocou seu peso de pé-a-pé, desconfortavelmente.

"Você tem alguma idéia de como Tyler Crowley e Bella Swan estão? Eu soube que houve alguns ferimentos..."

Eu encolhi os ombros "Eu não saberia."

Sr. Barner limpou sua garganta. " Er, certo...", ele disse, meu olhar fixo e frio fez sua voz parecer um pouco forçada.

Ele andou rapidamente de volta a frente da sala e começou sua explanação.

Esta era a coisa errada a fazer. A não ser que você olhasse por um ponto de vista obscuro.

Isto parecia ser tão...tão ofensivamente descortês difamar uma garota por suas costas, especialmente quando ela estava provando ser mais confiável do que eu tinha sonhado. Ela não disse nada para me trair, apesar de ter uma boa razão para tanto. Deveria eu trair ela quando ela não fez nada além de manter o meu segredo?

Eu tive uma conversa quase idêntica com a Sra. Goff – apenas em Espanhol um pouco mais do que em Inglês – e Emmett me deu um longo olhar.

Eu espero que você tenha uma boa explicação para o que aconteceu esta manhã, Rose está em pé de guerra.

Eu rolei meus olhos sem olhar para ele.

Eu atualmente tinha imaginado um perfeita e audível explicação. Apenas supondo que se eu não tivesse feito nada para parar a van de esmagar a garota... Eu recuei deste pensamento. Mas se ela tivesse sido batida, se ela tivesse sido destrozada e sagrando, o fluido vermelho derramando, se desperdiçando sobre o asfalto, o aroma do sangue fresco pulsando através do ar...

Eu estremei novamente, mas não apenas em horror. Parte de mim tremia em desejo. Não, eu não teria sido capaz de observar o sangue dela sem expor a todos nós, em muito mais do que um flagrante, e de um jeito chocante.

Era uma perfeita e audível desculpa....mas eu não deveria usá-la.era tão vergonhoso.

E eu não tinha pensado nisto por um longo tempo depois do fato, negligente.

Olhe para Jasper, Emmett continuou, absorto do meu devaneio. Ele não está tão nervoso.....mas ele é mais resolvido.

Eu vi o que ele pretendia, e por um momento a sala girou ao meu redor. Minha raiva estava me consumindo tanto que uma neblina vermelha nublou minha visão. Eu pensei, eu deveria verificar. SHEESH, EDWARD! SEGUIR-SE! Emmett gritou para mim de sua cabeça. Sua mão caiu sobre meus ombros, me segurando em minha cadeira antes que eu pudesse saltar para os meus pés. Ele raramente usava sua força completamente – havia raramente uma necessidade, para ele que era tão forte do que qualquer vampiro que nós tínhamos encontrado – mas ele usava agora. Ele apertou meu braço, um pouco mais do que me abaixando. Se ele estivesse me empurrando, a cadeira debaixo de mim teria um colapso.

CUIDADO! Ele ordenou.

Eu tentei me acalmar,mas estava difícil. O ódio queimava em minha cabeça.

Jasper não fará nada até que todos nós falemos.É apenas um pensamento da cabeça dele .

Eu me concentrei relaxando, e eu senti a mão de Emmett se afrouxar.

Tente não chamar tanta atenção de si mesmo. Você já está em problemas suficientes com isto.

Eu respirei profundamente e Emmett me libertou.

Eu procurei ao redor da sala rotineiramente, mas nosso confronto tinha sido tão curto e silencioso que apenas algumas pessoas sentadas atrás de Emmett tinham percebido.Nenhum deles souberam a causa, e eles eram indiferentes.Os Cullens eram esquisitos - todos já sabiam.

Maldição, garoto, você está uma confusão. Emmett adicionou, simpatia em seu tom.

"Me morda" Eu murmurei embaixo da minha respiração, e eu escutei sua alta risada.

Emmett não falou com rancor e eu deveria ser mais agradecido por sua natureza descontraída.Mas eu poderia ver que as intenções de Jasper faziam sentido para Emmett, que ele estava considerando como isto poderia ser o melhor modo de ação.

A raiva estava a ponto de estourar, malmente sobre controle. Sim, Emmett era mais forte do que eu era, mas ele ainda teria que me bater em uma luta livre. Ele clamava por isto, era porque eu trapaceava. Mas escutar pensamentos era como uma grande parte do que eu era como sua imensa força era parte dele. Nós estávamos inteiramente iguais na luta.

Uma luta? Era onde estava minha cabeça? Estava eu indo lutar com a minha família por uma humana que eu mal conhecia?

Eu pensei sobre isto por um momento, pensei sobre o frágil sentimento do corpo da garota em meus braços em justaposição a Jasper, Rose e Emmett – sobrenaturalmente forte e rápido, máquinas de matar por natureza...

Sim, eu deveria lutar por ela. Contra minha família. Eu estremeci.

Mas não era justo deixá-la indefesa quando eu era o único que colocou ela em perigo.

Eu não poderia vencer sozinho, embora, não contra três deles. e eu imaginei quem poderia ser meus aliados.

Carlisle certamente. Ele não iria lutar contra ninguém, mas ele seria completamente contra aos desígnios de Rose e Jasper. Isto poderia ser tudo que eu precisava. Eu veria...

Esme, duvidoso. Ela não tomaria partido contra mim tampouco, e ela odiaria discordar com Carlisle, mas ela seria de qualquer plano que mantivesse sua família intacta. Sua primeira prioridade não seria probidade e sim eu. Se Carlisle era a alma de nossa família, Esme era o coração. Ele nos deu um líder eu merecesse seguir, ela faz seguindo um ato de amor. Todos nos amamos uns aos outros – mesmo sobre a fúria que sinto em frente de Rose e Jasper agora, mesmo planejando lutar contra eles para salvar a garota. Eu sabia que os amava.

Alice....eu não tinha a menor idéia. Provavelmente dependeria sobre o que ela viu vindo. Ela ficaria do lado do vencedor. Eu imaginei.

Então, eu deveria fazer isto sem ajuda. Eu não iria lutar por eles sozinho, mas eu não iria deixar a garota ser machucada por minha culpa. Isto poderia significar uma ação evasiva....

Minha Riva, ficou um pouco estúpida de repente, humor negro. Eu poderia imaginar como a garota deveria reagir pelo meu seqüestro a ela. Claramente, eu raramente adivinharia suas reações direitas, mas que outras reações ela poderia ter além de terror?

Eu não estava certo como manejar isto, embora, seqüestra-se-^a Eu não seria capaz de permanecer perto dela por muito tempo. Eventualmente, eu deveria apenas entregar ela de volta, a sua mãe. Mesmo que muito disto fosse perigoso. Para ela.

E também para mim. Eu percebi de repente. E se eu matasse ela por acidente....eu não estava exatamente seguro de quanta dor isto iria me causar. Mas eu sabia que seria multifacetada e intensa.

O tempo passou rapidamente enquanto eu ponderava sobre todas as complicações à minha frente; a discussão esperando por mim em casa, o conflito com a minha família, o cumprimento que eu poderia ser forçado a ir posteriormente....

Eu não poderia me queixar que a vida fora da escola era monótona nunca mais. A garota tinha mudado tudo.

Emmett e eu andamos silenciosamente em direção ao carro quando a sirene tocou. ele está se preocupando comigo, e se preocupando com Rosalie. Ele sabia que lado ele deveria escolher no quartel, e isso incomodava ele.

Os outros estavam esperando por nós no carro, também em silêncio. Nós éramos um grupo muito quieto. Somente eu poderia escutar os gritos.

Idiota! Lunático! Retardado! Imbecil! Egoísta, tolo irresponsável! Rosalie manteve uma constante corrente de insultos no topo de sua cabeça aberta. Isso dificultou escutar os outros, mas eu a ignorei o melhor que eu pude.

Emmett estava certo sobre Jasper. Ele estava certo de sua conduta.

Alice estava com problemas, preocupada com Jasper, movendo rapidamente as imagens do futuro. Não importa qual direção, Jasper iria para a garota, Alice sempre me via lá, bloqueando ele. Interessante nem Rosalie nem Emmett estavam com ele nas visões. Então Jasper planejou trabalhar sozinho. Isso era uma boa coisa.

Jasper era o melhor, certamente o mais experiente lutador entre nós. Minha única vantagem era que eu poderia armazenar (ver) os seus movimentos antes de ele fazer.

Eu nunca tinha lutado mais do que por diversão com Emmett e Jasper – apenas perdendo tempo com brincadeiras estúpidas. Eu me senti doente em realmente pensar em machucar Jasper...

Não, não isto. Apenas bloqueá-lo. Isto era tudo.

Eu me concentrei em Alice. Memorizando as diversas formas de ataque de Jasper.

Quando eu fiz isto, suas visões deslocaram, movendo-se mais e mais longe da casa dos Swan. Eu estava machucando ele antes....

Pare com isso, Edward. Não pode acontecer desta maneira. Eu não irei deixar.

Eu não a respondi, apenas continuei observando.

Ela começou a procurar mais longe, a frente, no nevoeiro, tempo incerto de distintas possibilidades. Tudo era sombrio e vago.

A incólume maneira do lar, o silêncio carregado não melhorou. Eu estacionei na garagem grande fora de casa; a Mercedes de Carlisle já estava lá, próxima do grande jipe de Emmett, da Mercedes de Rosalie e do meu Vanquish. Eu estava feliz que ele já estivesse em casa – o silêncio iria acabar explosivamente, e eu queria ele lá quando isso acontecesse.

Nós entramos em linha reta na sala de jantar.

sala, claramente, nunca fora usada para servir os seus propósitos. Mas equipada com uma mesa de mogno oval longa rodeada de cadeiras – nós éramos cuidadosos sobre ter todos os acessórios corretos no lugar. Carlisle gostava de usá-la como uma sala de conferências. Em um grupo com tantas personalidades fortes e diferentes, as vezes era necessário para discutir coisas com calma, de maneira comportada.

Eu tinha um sentimento que mesmo sentando não iria me ajudar muito hoje.

Carlisle sentou em seu usual assento na ponta oriental da mesa. Esme estava ao seu lado – eles seguravam as mãos em cima da mesa.

Os olhos de Esme estavam em mim. De um ouro profundo cheio de preocupação.

Fique. este era o seu único pensamento.

Eu desejei poder sorrir para a mulher que era realmente a minha verdadeira mãe, mas eu não tinha confiança nela agora.

Eu sentei do outro lado de Carlisle. Esme alcançou em volta dele e pôs sua mão em meus ombros. Ela não tinha idéia do que estava para começar, ela apenas estava preocupada comigo.

Carlisle teve o melhor senso do que estava por vir. Seus lábios estavam pressionados apertadamente juntos e sua testa estava enrugada. A expressão parecia tão velha para um rosto jovem.

Quando todos sentaram, eu pude ver as linhas sendo extraídas.

Rosalie sentou diretamente do outro lado de Carlisle, na outra extremidade da longa mesa. Ela olhou penetrantemente para mim,, nunca desviando.

Emmett sentou ao lado dela, seu rosto e seus pensamentos ambos esquisitos.

Jasper hesitou, e então foi permanecer contra a parede atrás de Rosalie. Ele estava decidido, desatento ao resultado da discussão. Meus dentes prenderam juntos.

Alice foi a última a entrar e seus olhos focariam em alguma coisa longe, – no futuro ainda tão indistinto pra ela usar. Sem parecer pensar sobre ela sentou perto de Esme. Ela esfregou sua testa como se estivesse com dor. Jasper se contraiu ocasionalmente, e considerou participar com ela, mas manteve-se em seu lugar.

Eu respirei profundamente. Eu tinha que começar isto – eu tinha que ser o primeiro a falar.

"Me desculpe" eu disse olhando primeiramente para Rose, depois para Jasper e então Emmett. "Eu não pretendia colocar nenhum de vocês em risco. Foi imprudente, eu tomo toda a responsabilidade por minha imprudente ação."

Rosalie olhou malignamente para mim. "O que você pretende com, `tomar toda a responsabilidade?` Como você vai consertar isto?"

"Não do jeito que você pretende" eu disse, trabalhando para manter minha voz igual e calma. "Eu estou disposto a ir embora agora, se isso melhorar as coisas." se eu acreditasse que a garota estaria segura, se eu acreditasse que nenhum de vocês iriam tocar nela. Eu emendei em minha cabeça.

"Não", Esme murmurou. "Não, Edward."

Eu dei um tapinha em sua mão. "É apenas por alguns anos."

"Esme está certa." Emmett disse "Você não pode ir a qualquer lugar agora. Seria o oposto de ajudar. Nós teremos que saber o que as pessoas estão pensando, agora mais do que nunca."

"Alice pegará coisa maior" Eu discordei.

Carlisle balançou sua cabeça. "Eu acho que Emmett está certo, Edward. A garota provavelmente falará se você desaparecer." u todos nós partimos, ou nenhum de nós."

"Ela não irá falar nada." Eu insisti rapidamente. Rose estava quase explodindo e eu queria este fato ara fora primeiramente.

"Você não conhece a mente dela." Carlisle me lembrou.

"Eu sei muito disto. Alice me auxiliará."

Alice olhou fixamente para mim exausta. "eu não posso ver o que irá acontecer se nós ignorarmos isto.." ela olhou furiosamente para Rose e Jasper.

Não ela não pode ver esse futuro – não quando Rosalie e Jasper estão tão decididos contra ignorar o incidente.

As palmas das mãos de Rosalie estalaram com força na mesa em um barulho alto. "Nós não podemos permitir um humano a chance de dizer qualquer coisa. Carlisle você deveria ver isto. Mesmo se nós decidirmos todos desaparecer, não é seguro deixar historias para trás. Nós vivemos tão diferentemente do restante de nossa espécie – você sabe que há aqueles que amariam uma desculpa para apontar os dedos. Nós temos que ser mais cuidadosos do que qualquer outro!"

"Nós deixamos rumores para trás antes." Eu a relembrei.

"Apenas rumores e suspeitas, Edward. Sem nenhuma testemunha ocular e evidências."

"Evidencia!" Eu zombei.

Mas Jasper estava balançando a cabeça aquiescente, seus olhos duros.

"Rose – "Carlisle começou.

"Me deixe terminar Carlisle. Não precisa ser uma grande produção. A garota bateu a cabeça hoje. Então talvez os ferimentos voltaram mais graves do que pareciam." Rose encolheu os ombros. "Cada mortal tem a chance de ir dormir e não acordar. Os outros devem esperar que nós limpemos depois nós mesmos. Tecnicamente, isto deve ser o trabalho de Edward, e isto é obviamente excedente dele. Você sabe eu sou capaz de controlar. Eu não deixarei nenhuma evidência atrás."

"Sim Rosalie, todos nós sabemos o quão hábil assassina você é." Eu rosnei.

Ela assobiou para mim, furiosa.

"Edward, por favor" Carlisle disse. Então ele volto para Rosalie. "Rosalie, eu olhei de uma outra maneira em Rochester porque eu senti que você esta no seu dever de justiça. O homem que você matou tinha feito mal a você monstruosamente. Está não é a mesma situação. A garota Swan é uma inocente."

"Não é nada pessoal, Carlisle" Rosalie disse através de seus dentes. "Isto é para proteger nós todos."

Houve um breve momento de silêncio enquanto Carlisle pensava através de sua resposta. Quando ele assentiu, os olhos de Rosalie brilharam. Ela deveria saber melhor. Mesmo se eu não tivesse sido capaz de ler os seus pensamentos, eu poderia ter antecipado suas próximas palavras. Carlisle nunca se comprometia.

"Eu sei bem o que você pretende, Rosalie, mas.... eu tenho como muito, para que nossa família valha a pena se proteger. O ocasional..... acidente ou lapso de controle é um a lamentável parte de quem nós somos." Eu estava muito agradecido de ele ter incluído a si mesmo no plural. Apesar dele nunca ter tido um lapso. "Assassinar uma criança sem culpa a sangue frio é inteiramente outra coisa. Eu acredito que ela apresenta, se ela falar sua suspeita ou não, não é nenhum grande risco. Se nós fizemos exceções para protegermos nós mesmos, nosso risco é muito mais importante. Nosso risco esta perdendo na essência de quem nós somos."

Eu controlei minha expressão muito cuidadosamente. Eu não deveria sorrir largamente, ou aplaudir como eu desejei poder.

Rosalie olhou zangada. "Apenas sendo responsável"

"Sendo insensível" Carlisle corrigiu gentilmente. "Cada vida é preciosa."

Rosalie suspirou pesadamente, e seus lábios finos fizeram beijo. Emmett deu pancadinhas em seu ombro. "Tudo ficará bem, Rose." Ele a encorajou em uma voz baixa.

"A questão." Carlisle continuou. "Nós devemos nos mudar?"

"Não", Rosalie gemeu. "Nós já estamos instalados. Eu não quero ser estudante do segundo ano novamente!"

"Você pode manter a sua idade atual, claramente." Carlisle disse.

"E nós teríamos que mudar em quanto tempo?" Ela contou.

Carlisle encolheu os ombros.

"Eu gosto daqui. Há tão pouco sol. Nós conseguimos quase ser normais."

"Bem, certamente nós não teremos que decidir isto agora. Nós podemos esperar e ver se isso se torna necessário. Edward parece ter certeza que a garota Swan ficará quieta."

Rosalie bufou.

Mas eu não estava nem longe preocupado com Rose. Eu poderia ver que ela iria junto com qualquer decisão de Carlisle, não importando o quão enfurecida ela estava comigo. Suas conversas tinham mudado para assuntos sem importância.

Jasper permanecia sem se mexer.

Eu entendi o porquê. Antes dele e Alice nos conhecesse, eles tinham vivido em zona de combate, um impiedoso cinema de guerra. Ele conhecia as consequências de se insultar uma regra. Ele tinha visto terríveis consequências com os seus próprios olhos.

Disse muito não tentando acalmar Rosalie com suas faculdades extras, nem tentou aborrecê-la.

Ele estava se segurando indiferente desta decisão.

"Jasper" eu disse.

Ele me olhou atento, sua face sem expressão.

"Ela não irá pagar pelo meu erro. Eu não irei permitir isso."

"Ela vai tirar proveito disto, então? Ela deveria morrer hoje, Edward. E a única forma de corrigir direito."

"Ah" ela suspirou. Sua decisão estava clara em um novo futuro. "Vê, Bella não irá dizer nada. Não há nada do que se preocupar com isso."

O jeito como ela disse o nome da garota....como se elas já fossem confidentes próximas....

"Alice", eu sufoquei. "O que...é isto...?"

"Eu te disse que havia uma mudança vindo,..Eu não sei, Edward". Mas ela fechou seu maxilar, e eu pude ver que havia algo a mais. Ela estava tentando não pensar sobre isto, ela se focou de repente com dificuldades em Jasper, embora ele estivesse tão atordoado no progresso que a sua decisão fez.

Ela fazia isto as vezes quando queria manter algo longe de mim.

"O que, Alice? O que você está escondendo?"

Eu escutei Emmett rosnar. Ele sempre ficava frustrado quando Alice eu tínhamos esses tipo de conversa.

Ela balançou sua cabeça tentando não me deixar entrar.

"è sobre a garota?" Eu exigi. "É sobre Bella?"

Ela tinha apertado seus dentes em concentração. Mas quando eu falei o nome de Bella, ela escorregou. Ela escorregou somente na ultima e fina porção de segundo, mas foi longe o suficiente.

"Não" Eu gritei. Eu escutei minha cadeira cair no chão e somente então eu percebi que estava sobre os meus pés.

"Edward!" Carlisle estava de pé, também, seus braços em meu ombros. Eu estava mal consciente dele

"Está se solidificando." Alice sussurrou. " Cada minuto a mais que você decide. Havia realmente somente dois jeitos de deixar ela. Era um ou outro, Edward."

Eu pude ver o que ela viu.,.,.,mas eu não pude aceitar.

'Não" Eu disse novamente, não havia nenhum volume em minha negação. Minhas pernas ficaram vazias e eu tinha me atado contra a mesa.

"Será que alguém poderia dizer ao restante qual é o mistério?" Emmett se queixou.

"Eu tenho que ir." Eu suspirei para Alice, ignorando ele.

"Edward, nós já superamos isto." Emmett disse alto. "Qual é o melhor jeito de fazer uma garota falar? Além disso, se você escapar, nós não teremos certeza de que a garota está falando ou não. Você tem que ficar e conduzir isto."

"Eu não vejo você indo para nenhum lugar, Edward." Alice me disse. "Eu não sei se você quer mais ir de qualquer forma. Pense sobre isso." Ela adicionou silenciosamente. Pense em partir.

Eu vi o que ela pretendia, a idéia de nunca mais ver a garota novamente era..... dolorosa. Mas era também necessária. Eu não tinha a sanção que aparentemente no futuro eu não condenasse ela também.

Eu não estou inteiramente certa sobre Jasper, Edward. Alice continuou Se voe partir ele pensara que ela é um perigo para nós...

"Eu não quero escutar isso." Eu contradisse ela. Ainda apenas metade consciente da minha audiência. Jasper estava oscilando. Ele não poderia fazer nada que machucasse Alice.

Não neste momento, você irá arriscar a vida dela, deixando-a indefesa?

"por que você está fazendo isto comigo?" eu gruni. Minha cabeça em minhas mãos.

Eu amo ela também, ou irei amar.Não é a mesma coisa , mas eu a quero ao meu redor.

"A ama , também?" Eu sussurrei incrédulo.

Ela suspirou. Você é tão cego Edward. Você não pode ver onde está em sua cabeça? Não pode ver onde você já está? É mais inevitável do que o sol nascer no leste. Veja o que eu vejo..

Eu balancei minha cabeça, horrorizado."Não" Eu tentei calar as visões que ela revelava para mim. "Eu não tenho que seguir este curso. Eu irei embora. Eu irei mudar o futuro."

"Você pode tentar." Sua voz questionável

'Oh, vamos lá." Emmett berrou.

"Preste atenção" Rose assobiou para ele. "Alice vê ele se apaixonando por uma humana!Que clássico, Edward" Ela abriu a boca em um som.

Eu mal podia escutá-la.

"O que?" Emmett disse, em choque.Então um estrondo de uma risada ecoou através da sala."É isto que está acontecendo?" Ele gargalhou novamente. " Cabeçudo, Edward."

Eu senti sua mão sobre o meu ombro e eu balancei distraidamente. Eu não pode prestar atenção nele.

"Apaixonado por uma humana? "Esme repetiu em sua voz atordoada."Pela garota que salvou hoje.. se apaixonar por ela?"

"O que você ver Alice?Exatamente" Jasper exigiu.

Ela voltou-se para ele. Eu continuei a olhar entorpecido para ela.

"Tudo depende se ele é forte o suficiente ou não. Também: ele pode matar ela ele mesmo.-"

Ela olhou a me olhar de novo, resplendorando."-você deve realmente me irritar Edward, você não faz idéia do eu deveria fazer pra você" – ela olhou Jasper novamente "Ou ela será uma de nós um dia ".

Alguém ofegou.Eu não olhei para ver quem.

"Isto não vai acontecer!" eu estava gritando de novo."Outra não!"

Alice pareceu não me ouvir. "Tudo depende." Ela repete."Ele talvez seja forte o suficiente para não matá-la. – mas estará perto. Ele terá que ter uma grande quantia de controle." Ela meditou. " Mais do que Carlisle tem. Ele talvez seja forte o bastante..A única coisa na qual ele não é forte é ficar longe dela.Isto é uma causa perdida."

Eu não pude encontrar a minha voz. Ninguém pareceu ser capaz também. A sala ainda estava.

Eu olhei fixo para Alice e todos olharam pra mim. Eu pude ver minha expressão horrorizada de diversos pontos de vista.

Depois de um longo momento Carlisle suspirou.

"Bem...isto é uma coisa complicada."

"Eu iria dizer." Emmett concordou. Sua voz ainda estava próxima uma risada. Confiar em Emmett para achar uma piada a destruição de minha vida.

"Eu suponho que os planos de permanecer são os mesmos agora." Carlisle disse pensativo.

"Nós iremos permanecer, e observar.Obviamente...ninguém irá machucar a garota."

Eu me aborreci.

"Não" jasper disse calmamente. "eu concordo com isto. Se Alice vê somente dois jeitos."

"Não" Minha voz não era um grito de um rosnado ou um choro de desespero.mas uma combinação dos três."Não".

Eu tinha que ir embora, de tirar os barulhos dos pensamentos da minha cabeça – Rosalie auto-honrado desgosto, Emmett humor, Carlisle nunca perdendo a paciência

Pior ; Alice confiante Jasper confiante na confiança.

Pior de todos: Esme.....alegre,

Eu cacei na sala. Esme tocou meus braços quando eu passei mas eu não admiti o gesto.

Eu estava correndo antes de sair de casa. Eu limpei o rio com um salto, e corri pela floresta. A chuva voltou, caindo pesadamente me ensopando em alguns segundos. Eu parecia um grosso lençol na chuva – como uma parede entre eu e o resto do mundo. Eu me fechei, ficando sozinho. Eu corri dois leste, acima e através das montanhas sem quebrar o meu curso, até que eu pude ver as linhas de Seattle no outro lado do som. Eu parei antes de tocar as bordas da civilização humana.

Fechado pela chuva, sozinho, eu finalmente fiz eu mesmo olhar para o que eu tinha feito – e no jeito que eu mutilei o meu futuro.

Primeiro, a visão de Alice e a garota com suas mãos ao redor da outra, - a verdade e a amizade eram tão óbvias que gritavam na imagem. Bella com seus olhos de chocolate não confusos pela visão, mas ainda cheios de segredos. – neste momento eles pareciam segredos felizes. Ela não se importava do braço gélido de Alice?

O que significava? O quanto ela sabia? Ela ainda estava viva neste momento futuro, o que ela pensava de mim?

A outra imagem, muito parecida, ainda colorida pelo horror. Alice e Bella seus braços enrolados ao redor da outra em uma amizade verdadeira. Mas agora havia uma diferença entre esse braços, ambos eram brancos, levemente marmorizados duro como aço.

Bella abriu seus olhos em um longo chocolate. Suas Iris estava em choque, em um vivido vermelho. Os segredos eram insondáveis, aceitação ou desolação? Era impossível de dizer. Sua face estava fria e imortal.

Eu estremei. Eu não podia suprir as questões, similar, mas diferentes. Como significaria – como ficaria? E o que ela pensava de mim agora?

Eu tive a resposta na última. Eu forcei ela a meia vida através da fraqueza e do egoísmo, certamente ela devia me odiar.

Mas havia mais terror nas imagens – pior do que a imagem que eu tinha em minha cabeça.

Meus próprios olhos vermelhos com sangue humano, os olhos de monstro. o corpo quebrado de Bella em meus braços, semelhante ao branco, drenado, sem vida. Ela estava concreta sem clara. Eu não poderia permanecer aqui. Não podia suportar. Eu tentei banir da minha mente tentando ver algo além, alguma coisa. Tentando ver a expressão dela vivendo para desobstruir o último capítulo de sua existência. Com todo o meu proveito.

Alice limpou minha visão no caminho e eu sofri internamente com a agonia causada. Entretanto o monstro estava pulando de alegria, com seu provável sucesso. Me adoecia.

Eu poderia ter permanecido. Deveria haver um jeito de enganar o futuro. Eu não deveria deixar as visões de Alice me direcionar. Eu poderia mudar o trajeto. Havia sempre uma escolha,

Tinha que ter.

Segundo grau. Já não era mais o purgatório, era agora puro inferno. Tormento e fogo... sim, eu tinha ambos.

Eu estava fazendo tudo corretamente, agora. Todos os 'i's pingados e todos os 't's cortados. Ninguém podia reclamar que eu estava negligenciando minhas responsabilidades.

Para agradar a Esme e proteger os outros, fiquei em Forks. Voltei à minha antiga rotina. Eu não caçava mais que o resto deles. Todo dia, eu ia à escola e me fingia de humano. Todo dia, eu ouvia cuidadosamente em busca de algo novo sobre os Cullen—nunca havia algo novo. A garota não dissera uma palavra sobre suas suspeitas. Ela só repetira a mesma história inúmeras vezes—que eu estava ao lado dela e a tirei do caminho—até que seus ávidos ouvintes se entediasssem e parassem de procurar por mais detalhes. Não havia perigo. Minha ação precipitada não machucara ninguém.

Ninguém, exceto a mim.

Eu estava determinado a mudar o futuro. Não era a tarefa mais fácil que eu já tivera, mas não conseguiria conviver com outra opção.

Alice disse que eu não seria forte o suficiente para ficar longe da garota. Eu provaria que ela estava errada.

Achei que o primeiro dia fosse ser o mais difícil. No fim dele, eu tinha certeza de que era o caso. Porém, eu estava errado.

Era desagradável saber que eu machucaria a garota. Me confortei com o fato de que a dor dela não seria nada além de uma chateação—uma minúscula pontada de rejeição—comparada à minha. Bella era humana e ela sabia que eu era outra coisa, uma coisa errada, uma coisa assustadora. Ela, provavelmente, ficaria mais aliviada do que magoada quando eu virasse a cara e fingisse que ela não existia.

“Olá, Edward,” ela me cumprimentou naquele primeiro dia, em Biologia. A voz dela estava agradável, amigável, muito mais quente do que estivera da última vez que eu tinha falado com ela.

Por quê? O que aquela mudança significava? Ela esquecera? Decidira que tinha imaginado todo o episódio? Ela poderia ter me perdoado por não ter cumprido minha promessa?

As perguntas tinham queimado como a sede que me atacava sempre que eu respirava.

Só um momento para olhar dentro de seus olhos. Só para ver se eu podia ler as respostas lá...

Não. Eu não podia me permitir nem mesmo aquilo. Não se eu iria mudar o futuro.

Movi meu queixo um centímetro em sua direção, sem desgrudar os olhos da frente da sala.

Aquiesci uma vez e então endireitei meu rosto.

Ela não falou comigo novamente.

Naquela tarde, assim que a escola terminou, meu papel tinha sido representado, corri para Seattle como tinha feito no dia anterior. Parecia que eu podia lidar com a dor mais facilmente quando eu estava voando sobre o chão, tudo em minha volta se transformando em um borrão verde.

Essa corrida se tornou meu hábito diário.

Eu a amava? Eu achava que não. Ainda não. Os relances de Alice, do futuro, tinham ficado comigo, porém, e eu podia ver como seria fácil amar Bella. Seria exatamente como cair: sem necessidade de esforço. Não me deixar amá-la era o oposto de cair—era como subir um penhasco, uma mão de cada vez, uma tarefa tão exaustiva como seria se eu tivesse a força de um mortal.

Mais de um mês se passou e a cada dia ficava mais difícil. Isso não fazia sentido para mim—eu esperava que fosse superar, que fosse ficar mais fácil. Aquilo devia ser o que Alice quisera dizer quando previra que eu não conseguiria ficar longe da garota. Ela tinha visto a magnitude crescente da dor. Mas eu podia lidar com dor.

Eu não destruiria o futuro de Bella. Se eu estava destinado a amá-la, evitá-la não era o mínimo que eu podia fazer?

Porém, evitá-la estava nos limites do que eu podia fazer. Eu poderia fingir que a ignorava e nunca olhar em sua direção. Eu poderia fingir que ela não me interessava. Mas era só isso, só fingimento e não-realidade.

Eu ainda me prendia a cada respiração que ela dava, a cada palavra que ela dizia.

Dividi meus tormentos em quatro categorias.

As duas primeiras eram familiares. O cheiro e o silêncio dela. Ou melhor—para transferir a responsabilidade para mim, como deveria ser—minha sede e minha curiosidade.

A sede era meu tormento mais primitivo. Era um hábito meu, agora, simplesmente não respirar mais na aula de Biologia. Claro, sempre tinham exceções—como quando eu tinha de responder uma questão ou algo do tipo e precisaria de fôlego para falar. Cada vez que eu provava o ar ao redor da garota, era como no primeiro dia—fogo e necessidade e violência brutal lutando para se libertarem. Era difícil me prender, mesmo que levemente, à razão ou me conter nesses momentos. E, como naquele primeiro dia, o monstro em mim iria roncar, tão próximo da superfície...

A curiosidade era o mais constante de meus tormentos. A pergunta nunca estava fora de minha mente: O que ela está pensando agora? Quando eu a ouvia suspirar silenciosamente. Quando ela torcia uma mecha do cabelo entre seus dedos, ausente. Quando ela soltava seus livros com mais força do que o normal. Quando ela chegava à sala atrasada. Quando ela batia o pé impacientemente contra o chão. Cada movimento captado por minha visão periférica era um mistério enlouquecedor. Quando ela falava com outros estudantes humanos, eu analisava cada uma de suas palavras e tom. Estaria ela falando o que pensava ou o que achava que deveria dizer? Parecia para mim que ela tentava dizer freqüentemente o que sua audiência esperava, e isso me lembrava de minha família e nossa vida diária de ilusão—éramos melhor nisso do que

ela. A não ser que eu estivesse errado sobre aquilo, só imaginando coisas. Por que ela teria que representar um papel? Ela era um deles—um adolescente humano.

Mike Newton era o mais inesperado de meus tormentos. Quem poderia imaginar que um mortal tão genérico, entendiante, poderia ser tão enfurecedor? Para ser justo, eu deveria ser grato ao garoto irritante; ele mantinha a garota falando mais do que os outros. Eu aprendi tanto sobre ela através dessas conversas—ainda estava montando minha lista—mas, ao contrário, a assistência de Mike nesse projeto só me chateava mais. Eu não queria que fosse Mike a descobrir os segredos dela. Eu queria fazer aquilo.

Ajudava que ele nunca notasse as pequenas revelações dela, os pequenos deslizos. Ele não sabia nada sobre ela. Ele tinha criado uma Bella, em sua cabeça, que não existia—uma garota tão genérica quanto ele. Ele não tinha observado a falta de egoísmo e a bravura que a diferenciava dos outros humanos, ele não ouvia a maturidade anormal nos pensamentos proferidos por ela. Ele não percebia que, quando ela falava da mãe dela, ela soava como um pai falando do filho e não o contrário—amorosa, indulgente, levemente divertida e fortemente protetora. Ele não ouvia a paciência na voz dela quando fingia interesse nas histórias aleatórias dele, e não via a gentileza por trás daquela paciência.

Através das conversas dela com Mike, fui capaz de adicionar sua qualidade mais importante à minha lista, a mais reveladora de todas, tão simples quanto rara. Bella era boa. Todas as outras coisas completavam aquele pacote—gentil e modesta e não-egoísta amorosa e corajosa—ela era completamente boa.

Estas descobertas úteis não me fizeram receptivo ao garoto, porém. O jeito possessivo com o qual ele via Bella—como se ela fosse uma aquisição a ser feita—me provocavam quase tanto quanto suas fantasias imaturas com ela. Ele também estava se tornando mais confiante em relação a ela com o passar do tempo, por parecer que ela preferia ele a aqueles que ele considerava seus rivais—Tyler Crowley, Eric Yorkie, e até, esporadicamente, eu. Ele, rotineiramente, se sentava ao lado dela em nossa mesa antes da aula começar, conversando, encorajado pelos sorrisos dela. São só sorrisos educados, disse a mim mesmo. Ainda assim, eu freqüentemente me divertia imaginando como seria lançá-lo através da sala, até a parede mais afastada... Isso provavelmente não seria o suficiente para matá-lo...

Mike não pensava muito em mim como rival. Depois do acidente, ele se preocupava que Bella e eu nos aproximaríamos por ter compartilhado a mesma experiência, mas, obviamente, o oposto acontecera. Naquela época, ele ainda estava incomodado com o fato de eu ter tratado Bella diferente quando ela pedia por minha atenção. Mas agora eu a ignorava tanto quanto aos outros, o que o fez complacente.

O que ela estava pensando agora? Ela gostava da atenção dele?

E, finalmente, o último de meus tormentos, o mais doloroso: a indiferença de Bella. Como eu a ignorava, ela me ignorava. Ela nunca mais tentou falar comigo. Pelo que eu sabia, ela nem mesmo pensou mais em mim.

Isso devia ter me levado à loucura—ou, ao menos, quebrado minha resolução de mudar o futuro—mas às vezes ela me olhava como antes. Eu não via isso diretamente, já que não me permitia olhar para ela, mas Alice sempre nos alertava quando ela ia olhar; os outros ainda estavam vigilantes pelo conhecimento problemático da garota.

O fato dela me olhar, de vez em quando, de uma distância, diminuía a dor. Claro, ela podia estar se perguntando que tipo de aberração eu era.

“Bella vai olhar para Edward em um minuto. Pareça normal,” Alice disse numa Quinta-Feira de Março, e os outros tomaram cuidado para se moverem e trocar o peso como humanos faziam; imobilidade absoluta era uma marca de nossa espécie.

Prestei atenção à quantidade de vezes que ela me olhava. Me agradava, mesmo que não devesse, que a freqüência não diminuía com o tempo. Não sabia o que aquilo significava, mas fazia eu me sentir melhor.

Alice suspirou. Eu queria...

“Fique fora disso, Alice,” eu disse silenciosamente. “Não vai acontecer.”

Ela apertou os lábios. Alice estava ansiosa para oficializar a amizade que vira que teria com Bella. De uma maneira estranha, ela sentia falta de uma garota que nem mesmo conhecia.

Vou admitir, você é melhor do que eu pensava. Você fez o futuro todo confuso e sem sentido outra vez. Espero que esteja feliz.

“Faz muito sentido para mim.”

Ela bufou delicadamente.

Tentei fazê-la se calar, impaciente demais para conversar. Eu não estava num humor muito bom—mais tenso do que deixava qualquer um deles ver. Somente Jasper estava consciente do quão fortemente disfarçado eu estava, sentindo o stress emanar de mim com sua habilidade única de sentir e influenciar o humor alheio. Ele não entendia as razões por trás dos humores, porém, e—como eu estivera com um péssimo humor nos últimos dias—ele ignorava.

Hoje seria um dia difícil. Mais difícil que o anterior, como de costume.

Mike Newton, o garoto odioso com quem eu não me permitia disputar, iria chamar Bella para sair.

Um baile cujos pares eram convidados pelas garotas estava próximo e ele esperava bastante que Bella o convidasse. Como ela ainda não o tinha feito, a confiança dele minara. Agora ele estava em uma desconfortável encruzilhada—eu gostava de vê-lo desconfortável mais do que devia—pois Jessica Stanley tinha acabado de chamá-lo para o baile. Ele não queria dizer “sim”, ainda com esperanças de que Bella fosse escolhê-lo (e provar sua vitória sobre seus rivais), mas ele não queria dizer “não” e terminar perdendo todo o baile. Jessica, magoada pela hesitação dele e adivinhando a razão por trás dela, estava pensando horrores sobre Bella. Novamente, eu tive o instinto de me colocar entre os pensamentos bravos de Jessica e Bella. Eu entendia o instinto melhor agora, mas isso só fez mais frustrante o fato de não poder segui-lo.

E pensar que chegara a esse ponto! Eu estava extremamente obcecado pelos dramas escolares que uma vez desprezara.

Mike estava criando coragem enquanto levava Bella para a sala de Biologia. Eu ouvi suas lutas internas enquanto esperava eles chegarem. O garoto era fraco. Ele esperara por esse baile de propósito, com medo de mostrar sua atração antes dela mostrar uma óbvia preferência por ele. Ele não queria ser vulnerável à rejeição, preferindo que ela fizesse aquilo antes.

Covarde.

Ele se sentou em nossa mesa novamente, confortável com a familiaridade que já tinha, e eu imaginei o som que faria se seu corpo atingisse a parede com força o suficiente para quebrar a maior parte de seus ossos.

“Então,” ele disse para a garota, olhando para o chão. “Jessica me chamou para o baile de primavera.”

“Isso é ótimo,” Bella respondeu imediatamente e com entusiasmo. Era difícil não sorrir enquanto seu tom penetrava a consciência de Mike. Ele esperara por desprezo. “Você vai se divertir muito com a Jessica.”

Ele procurou desajeitada e apressadamente pela resposta certa. “Bem...” ele hesitou e quase se acovardou. Então se organizou. “Eu disse a ela que iria pensar.”

“Por que você faria isso?” ela exigiu saber. Seu tom era desaprovatório, mas havia um frágil sinal de alívio também.

O que aquilo queria dizer? Uma fúria inesperada, intensa, fez meus punhos se fecharem com força.

Mike não ouviu o alívio. O rosto dele estava vermelho pelo sangue—senti fortemente como se aquilo fosse um convite—e ele olhou para o chão novamente enquanto falava.

“Eu fiquei imaginando se... bem, se você estaria planejando me convidar.”

Bella hesitou.

Naquele momento de hesitação dela, eu vi o futuro mais claramente do que Alice jamais vira.

A garota podia dizer sim para a pergunta silenciosa de Mike agora ou não, mas, de qualquer maneira, algum dia próximo, ela diria sim para alguém. Ela era adorável e intrigante, e homens humanos não estavam inconscientes a esse fato. Mesmo que ela escolhesse alguém nessa multidão tediosa ou esperasse até estar livre de Forks, chegaria o dia em que ela diria sim.

Eu vi sua vida como tinha visto antes—universidade, carreira... amor, casamento. Eu a vi nos braços de seu pai outra vez, vestida num tecido fino e branco, seu rosto corado de felicidade enquanto ela se movia ao som da marcha de Mendelssohn.

A dor era maior do que qualquer coisa que eu já sentira antes. Um humano teria de estar morrendo para sentir essa dor—um humano não suportaria vivê-la.

E não só dor, mas completa ira.

A fúria ardeu fisicamente. Apesar desse garoto insignificante e indigno poder não ser aquele para quem Bella diria sim, eu queria esmagar seu crânio com minha mão, para que ele servisse de exemplo para seja lá quem fosse.

Eu não entendia essa emoção—era uma mistura de dor e ira e desejo e desespero. Eu nunca havia sentido isso antes; eu não podia nomeá-la.

“Mike, eu acho que você devia aceitar,” Bella disse em uma voz gentil.

As esperanças de Mike afundaram. Eu teria aproveitado aquilo em outras circunstâncias, mas estava perdido no choque pós-dor—e remorso pelo que a dor e fúria tinham feito comigo.

Alice estava certa. Eu não era suficientemente forte.

Neste momento, Alice estaria assistindo o futuro girar e retorcer, tornando-se confuso novamente. Isso a agradaria?

“Você já convidou alguém?” Mike perguntou de repente. Ele olhou para mim, suspeitando pela primeira vez em semanas. Percebi que tinha traído meu interesse; minha cabeça estava inclinada na direção de Bella.

A inveja selvagem nos pensamentos dele—inveja por seja lá quem essa garota tinha preferido ao invés dele—de repente colocou um nome para a minha emoção desconhecida.

Eu estava com ciúmes.

“Não,” a garota disse, com um traço de humor em sua voz. “Eu não vou ao baile.”

Entre todo o meu remorso e raiva, me senti aliviado pelas palavras dela. De repente, eu estava considerando os meus rivais.

“Por que não?” Mike perguntou, seu tom quase rude. Me ofendeu ele tê-lo usado com ela. Reprimi um rosnado.

“Vou a Seattle nesse sábado,” ela respondeu.

A curiosidade não era tão severa quanto antes—já que agora eu pretendia descobrir as respostas de tudo. Eu logo iria saber os 'onde's e 'porque's desta nova revelação.

O tom de Mike se tornou desagradavelmente persuasivo. “Você não pode ir em outro fim de semana?”

“Desculpe, não,” Bella estava mais brusca agora. “Então você não deveria fazer Jes esperar mais—é rude.”

A preocupação dela pelos sentimentos de Jessica inflamou ainda mais as chamas do meu ciúme. Essa viagem a Seattle soava suspeita, como uma desculpa para dizer não—teria ela recusado por pura lealdade à sua amiga? Ela era sem egoísmo o suficiente para isso. Será que ela gostaria de aceitar? Ou as duas hipóteses estavam erradas? Estaria ela interessada em outra pessoa?

“É, você tá certa,” Mike resmungou, tão desmoralizado que eu quase senti pena dele. Quase.

Ele tirou os olhos da garota, tirando minha visão do rosto dela através de seus pensamentos.

Eu não iria tolerar aquilo.

Virei-me para ler o rosto dela pela primeira vez em mais de um mês. Era um incômodo alívio me deixar fazer isso, como um ofego para pulmões humanos depois de muito tempo dentro da água. Os olhos dela estavam fechados e suas mãos pressionadas contra os lados de seu rosto. Seus ombros encolhidos defensivamente. Ela balançou a cabeça quase imperceptivelmente, como se tivesse tentando afastar um pensamento de sua mente.

Frustrante. Fascinante.

A voz do Sr. Banner a tirou de suas divagações e seus olhos se abriram lentamente. Ela fitou-me imediatamente, talvez sentindo meu olhar. Ela olhou dentro de meus olhos com a mesma expressão confusa que havia me assombrado por muito tempo.

Não senti o remorso ou a culpa ou a raiva naquele segundo. Eu sabia que eles viriam novamente, e logo, mas naquele momento eu seguia em uma estranha, agitada estrada. Como se eu tivesse triunfado, e não perdido.

Ela não desviou os olhos, embora eu a estivesse olhando com uma intensidade inapropriada, tentando em vão ler seus pensamentos naqueles olhos marrons líquidos. Eles estavam cheios de perguntas, ao invés de respostas.

Eu podia ver o reflexo de meus próprios olhos e vi que eles estavam negros de sede. Tinham se passado cerca de duas semanas desde minha última caçada; esse não era o dia mais seguro

para minha força de vontade vacilar. Mas a negritude não pareceu assustá-la. Ela ainda não desviara o rosto, um suave e incrivelmente tentador rosa começando a colorir suas bochechas. O que ela estava pensando agora?

Eu quase fiz a pergunta em voz alta, mas naquele momento o Sr. Banner chamou meu nome. Escolhi a resposta correta dentro de sua cabeça enquanto olhava brevemente em sua direção. Tomei um rápido fôlego. “O Ciclo de Krebs.”

Sede queimou rapidamente minha garganta—fazendo meus músculos ficarem tensos e minha boca se encher de veneno—e eu fechei meus olhos, tentando concentrar, apesar do desejo pelo sangue dela que corria dentro de mim.

O monstro estava mais forte do que antes. O monstro estava regojizando. Ele adotara esse futuro ambíguo que lhe dava uma chance 50-50% de conseguir o que ele tanto queria. O terceiro, vacilante futuro que eu tentara construir somente com força de vontade havia ruído—destruído por ciúme comum, de todas as coisas—e ele estava tão mais próximo de seu objetivo.

O remorso e a culpa queimaram junto com a sede e, se eu tivesse a habilidade de produzir lágrimas, elas teriam preenchido meus olhos.

O que eu tinha feito?

Sabendo que a batalha já estava perdida, parecia não haver razão para resistir o que eu queria; me virei e olhei para a garota novamente.

Ela tinha se escondido em seus cabelos, mas eu podia ver através de uma divisão das mechas que sua bochecha estava de um vermelho profundo agora. O monstro gostou daquilo.

Ela não me encarou outra vez, mas torceu fios de seu cabelo escuro nervosamente entre seus dedos. Seus dedos delicados, seu frágil pulso—eles eram tão quebráveis, parecia que tudo, até minha respiração, poderia partí-los.

Não, não, não. Eu não podia fazer isso. Ela era quebrável demais, boa demais, preciosa demais para merecer esse destino. Eu não podia permitir que minha vida colidisse com a dela, destruísse a dela.

Mas também não podia ficar longe dela. Alice estava certa sobre isso.

O monstro dentro de mim sibilou quando eu vacilei, indo primeiro por um caminho e depois por outro.

Minha breve hora com ela passou rapidamente, enquanto eu vacilava entre a rocha e o lugar duro. O sinal tocou e ela começou a juntar suas coisas sem olhar para mim. Isso me desapontou, mas eu não podia esperar que fosse de outra forma. O jeito como eu a tratara depois do acidente fora indesculpável.

“Bella?” eu disse, sem conseguir me conter. Minha força de vontade já estava no chão, em pedaços.

Ela hesitou antes de olhar para mim; quando se virou, sua expressão era reservada, desconfiada.

Eu me lembrei que ela tinha todo o direito de desconfiar de mim. Que ela deveria desconfiar de mim.

Ela esperou que eu continuasse, mas eu só olhei para ela, lendo seu rosto. Eu engoli algumas golfadas de ar em intervalos regulares, lutando contra minha sede.

“O quê?” ela finalmente disse. “Você está falando comigo de novo?” Havia um tom de ressentimento em sua voz, que era, como sua raiva, afetuoso. Tive vontade de sorrir.

Eu não sabia como responder a pergunta dela. Eu estava falando com ela, no sentido que ela perguntara?

Não. Não se eu pudesse evitar. Eu tentaria evitar.

“Não exatamente,” lhe disse.

Ela fechou os olhos, o que me frustrou. Aquilo cortava o melhor acesso que eu tinha aos pensamentos dela. Ela respirou lentamente sem abrir os olhos. A mandíbula dela estava tensa.

Com os olhos ainda fechados, ela falou. Com certeza não era a maneira normal humana de conversar. Por que ela estava fazendo isso?

“Então o que você quer, Edward?”

O som de meu nome nos lábios dela fez coisas estranhas em meu corpo. Se meu coração batesse, ele teria acelerado.

Mas como responder a ela?

Com a verdade, decidi. Eu seria tão honesto com ela quanto podia, de agora em diante. Não queria merecer a desconfiança dela, mesmo que conseguir sua confiança fosse impossível.

“Desculpe,” disse a ela. Aquilo era mais verdade do que ela jamais saberia. Infelizmente, eu só podia pedir desculpa pelo trivial. “Estou sendo muito rude, eu sei. Mas é melhor assim, acredite.” Seria melhor para ela se eu pudesse continuar assim, continuar a ser rude. Eu conseguiria?

Seus olhos se abriram, ainda vigilantes.

“Não sei do que você está falando.”

Eu tentei alertá-la o máximo que era possível. “É melhor que não sejamos amigos.” Com certeza ela podia perceber aquilo. Ela era uma garota brilhante. “Confie em mim.”

Os olhos dela se estreitaram e me lembrei de já ter dito aquilo para ela—logo antes de quebrar uma promessa. Fiquei tenso quando ela apertou os dentes—ela, claramente, também se lembrava daquilo.

“Pena que você não descobriu isso antes,” ela disse, brava. “Você podia ter evitado todo esse arrependimento.”

Eu a fitei, em choque. O que ela sabia sobre meus arrependimentos?

“Arrependimento? Arrependimento pelo quê?” exigi saber.

“Por não deixar aquela van estúpida me esmagar!” ela explodiu.

Congelei, enervado.

Como ela podia pensar aquilo? Salvar a vida dela fora a única coisa aceitável que eu tinha feito desde que a conhecera. A única coisa da qual não me envergonhava. A única coisa que me fizera feliz por existir. Eu vinha lutando para mantê-la viva desde que sentira o seu cheiro. Como ela podia pensar isso de mim? Como ela ousava questionar minha única boa ação nessa bagunça toda?

“Você acha que eu me arrependo por ter salvado a sua vida?”

“Eu sei que sim,” retorquiu.

A estimação dela de minhas intenções me deixou agitado. “Você não sabe de nada.”

Como a maneira que a mente dela funcionava era confusa e incompreensível! Ela não deve pensar que nem os outros humanos. Essa devia ser a explicação por trás de seu silêncio mental. Ela era completamente diferente.

Ela desviou o rosto, rilhando os dentes. Suas bochechas estavam coradas, de raiva dessa vez.

Ela juntou os livros em uma pilha, jogou-os em seus braços e marchou para a porta sem encontrar meus olhos.

Mesmo irritado como eu estava, era difícil não achar a raiva dela divertida.

Ela andou rigidamente, sem olhar para onde ia, e seu pé se prendeu na borda da porta. Ela tropeçou e todas as suas coisas caíram no chão. Ao invés de se abaixar para pegá-las, ela continuou de pé, rígida, sem nem mesmo olhar para baixo, como se não tivesse certeza se os livros valiam a pena de serem pegos.

Consegui não rir.

Ninguém estava aqui para me ver; esvoacei para o lado dela e juntei seus livros antes mesmo dela olhar para baixo.

Ela estava meio curvada quando me viu e congelou. Eu lhe estendi seus livros, tendo a certeza de que minha pele gelada nunca tocasse a dela.

“Obrigada,” ela disse em uma voz fria, severa.

O tom dela trouxe de volta minha irritação.

“Por nada,” disse tão frio quanto ela.

Ela se endireitou e afastou-se pisando duro para sua próxima aula.

Eu observei até já não poder ver sua figura irritada.

Espanhol passou como um borrão. A Sra. Goff nunca questionou minha falta de atenção—ela sabia que meu espanhol era muito superior ao dela e me deu uma grande liberdade—me deixando livre para pensar.

Então, eu não poderia ignorar a garota. Isso era óbvio. Mas significaria que eu não tinha escolha a não ser destruí-la? Esse não podia ser o único futuro disponível. Tinha que ter outra opção, para balancear. Tentei pensar daquele jeito...

Eu não prestei muita atenção em Emmett até que a hora estava quase no fim. Ele estava curioso—Emmett não era intuitivo sobre o humor das pessoas, mas ele podia notar a mudança

óbvia em mim. Ele imaginava o que teria acontecido para tirar a ameaça inflexível de meu rosto. Ele lutou para identificar a mudança e, finalmente, decidiu que eu parecia esperançoso.

Esperançoso? Era assim que eu parecia para os outros?

Ponderei a idéia de esperança enquanto caminhava para o Volvo, imaginando pelo que exatamente eu deveria estar esperando.

Mas não tive muito tempo para pensar. Sensível como eu sempre estava a pensamentos sobre a garota, o som do nome de Bella na cabeça de... de meus oponentes, eu acho que tinha de admitir, prenderam minha atenção. Eric e Tyler, tinham ouvido—com muita satisfação—da falha de Mike e se preparavam para agir.

Eric já estava no lugar, apoiado na caminhonete dela, onde ela não poderia evitá-lo. A aula de Tyler tinha terminado tarde e ele estava com uma pressa desesperada para alcançá-la antes que ela escapasse.

Eu tinha que ver isso.

“Espere aqui pelos outros, certo?” murmurei para Emmett.

Ele me olhou de maneira suspeita, mas então deu de ombros e aquiesceu.

O garoto ficou louco, ele pensou, divertido pelo meu estranho pedido.

Eu vi Bella saindo do ginásio e esperei onde ela passaria sem poder me ver. No que ela se aproximava do ataque surpresa de Eric, eu avancei, regulando meus passos para que eu passasse no momento certo.

Vi o corpo dela ficar tenso com a visão do garoto a esperando. Ela congelou por um momento, então relaxou e continuou.

“Oi, Eric,” a ouvi chamar em uma voz amigável.

Eu estava abruptamente e inesperadamente ansioso. E se esse adolescente desengonçado, com sua pele não-sadia fosse, de alguma forma, atraente para ela?

Eric engoliu audivelmente, seu pomo de Adão subindo e descendo rapidamente. “Oi, Bella”.

Ela pareceu não estar consciente do nervosismo dele.

“E aí?” ela perguntou, destrancando sua caminhonete sem olhar para a expressão assustada dele.

“Uh, eu estava pensando... se você não quer ir ao baile de primavera comigo?” A voz dele falhou.

“Achei que eram as garotas quem convidavam,” ela disse, soando confusa.

“Bem, sim,” ele concordou miseravelmente.

O pobre garoto não me irritava tanto quanto Mike Newton, mas não consegui sentir nenhuma simpatia por ele até que Bella o respondeu em uma voz gentil.

“Obrigada por me chamar, mas vou estar em Seattle no dia.”

Ele já tinha ouvido isso; ainda assim, estava desapontado.

“Oh,” murmurou. “Talvez na próxima.”

“Claro,” ela concordou. Então mordeu os lábios, como se arrependida de deixar uma esperança. Gostei daquilo.

Eric tropeçou para frente e se afastou, na direção errada para seu carro, que ele achou ser sua única saída.

Passei por ela naquele momento e a ouvi suspirar de alívio. Eu ri.

Ela virou em direção ao som, mas olhei diretamente para frente, lutando para impedir-me de sorrir, divertido.

Tyler estava logo atrás de mim, quase correndo para alcançá-la antes que ela fosse embora. Ele era mais corajoso e confiante que os outros dois; ele só esperara até agora para se aproximar de Bella por respeitar a exigência de prioridade de Mike.

Eu queria que ele a alcançasse por dois motivos. Se—como eu estava começando a suspeitar—toda essa atenção estivesse chateando Bella, eu queria aproveitar para ver a reação dela. Mas, se não estivesse—se o convite de Tyler fosse pelo qual ela estivera esperando—eu também queria saber disso.

Eu considerei Tyler Crowley como um rival, mesmo sabendo que era errado fazer isso. Ele parecia normal, tedioso e sem nada notável para mim, mas o que eu sabia sobre as preferências de Bella? Talvez ela gostasse de rapazes comuns...

Fiquei tenso com o pensamento. Eu nunca seria um rapaz comum. Que tolíce minha considerar-me um oponente pelas afeições dela. Como ela poderia se importar com alguém que, sem dúvidas, era um monstro?

Ela era boa demais para um monstro.

Eu tinha que deixá-la escapar, mas minha indesculpável curiosidade me impediu de fazer o que era certo. De novo. Eu estacionei meu Volvo na via estreita, bloqueando sua saída.

Emmett e os outros estavam a caminho, mas ele tinha lhes descrito meu comportamento estranho e eles estavam andando devagar, me observando, tentando decifrar o que eu estava fazendo.

Observei a garota pelo meu espelho retrovisor. Ela fitou ameaçadoramente para a traseira do meu carro sem encontrar meu olhar, como se desejasse dirigir um tanque ao invés de uma caminhonete Chevy enferrujada.

Tyler se apressou para seu carro e entrou na fila atrás dela, grato pelo meu comportamento inexplicável. Ele acenou para ela, tentando chamar sua atenção, mas ela não reparou. Ele esperou um momento e então saiu do carro, andando despreocupado até a janela do lado do passageiro dela. Ele bateu na janela.

Ela pulou e olhou para ele, confusa. Depois de um segundo, ela abaixou o vidro da janela manualmente, parecendo ter um problema ao fazer isso.

“Desculpa, Tyler,” ela disse, sua voz irritada. “Estou presa atrás do Cullen.”

Ela disse meu sobrenome com uma voz dura—ainda estava brava comigo.

“Oh, eu sei,” Tyler disse, sem ser desencorajado pelo humor dela. “Só queria te perguntar algo enquanto estamos presos aqui.”

O sorriso dele era arrogante.

Achei gratificante como ela empalideceu com a óbvia tentativa dele.

“Você vai me chamar para o baile da primavera?” ele perguntou, sem nenhum pensamento de falha em sua cabeça.

“Eu não vou estar na cidade, Tyler,” ela disse a ela, a irritação ainda óbvia em sua voz.

“É, o Mike disse isso.”

“Então por que—” ela começou a perguntar.

Ele deu de ombros. “Eu esperava que você só estivesse dando uma desculpa para ele não se machucar.”

Os olhos dela piscaram rapidamente e então se acalmaram. “Desculpe, Tyler,” ela disse, sem parecer arrependida. “Eu realmente vou estar fora da cidade.”

Ele aceitou a desculpa, sua segurança intocada. “Sem problemas. Ainda temos o baile.”

Eu estava certo por ter esperado.

A expressão horrorizada no rosto dela era impagável. Ela me dissera o que eu não devia estar tão desesperado para saber—que Bella não sentia nada por esses homens humanos que desejavam cortejá-la.

Além disso, a expressão dela era, possivelmente, a coisa mais engraçada que eu já vira.

Minha família chegou, então, confusa pelo fato de eu estar rolando de rir ao invés de querer matar tudo o que eu via.

O que é tão engraçado? Emmett queria saber.

Eu só balancei a cabeça, enquanto balançava de rir também e Bella revivia o motor barulhento, irritada. Parecia que ela estava desejando o tanque outra vez.

“Vamos logo!” sibilou Rosalie impacientemente. “Pare de ser um idiota. Se você conseguir.”

As palavras dela não me chatearam—eu estava muito entretido. Mas fiz como ela havia pedido.

Ninguém falou comigo no caminho de casa. Eu continuava a rir de vez em quando, pensando no rosto de Bella.

No que eu me concentrei em dirigir—acelerando agora que não tinham testemunhas—Alice arruinou meu humor.

“Então, já posso falar com a Bella?” ela perguntou de repente, sem pensar em suas palavras e, conseqüentemente, sem me dar nenhum aviso.

“Não,” rebati.

“Não é justo. O que eu estou esperando?”

“Eu não decidi nada, Alice.”

“Que seja, Edward.”

Na cabeça dela, os dois destinos de Bella estavam claros novamente.

“Qual o sentido em conhecê-la?” eu murmurei, de repente triste. “Se eu vou simplesmente matá-la?”

Alice hesitou por um segundo. “Você tem um ponto.” ela admitiu.

Eu fiz a última curva em U a 144 km/h e então freei para parar a um centímetro da parede no final da garagem.

“Aproveite sua corrida,” Rosalie disse de maneira superior, enquanto eu me jogava para fora do carro.

Mas eu não fui correr. Ao invés disso, fui caçar.

Os outros iam caçar amanhã, mas eu não podia me dar ao luxo de ficar com sede. Eu exagerei, bebendo mais do que o necessário, me empanurrando outra vez—um pequeno grupo de veados e um urso negro. Eu tive sorte de cruzar com isso tão cedo este ano. Eu estava tão cheio que chagava a ser desconfortável. Por que aquilo não era o suficiente? Por que o cheiro dela tinha de ser mais forte do que qualquer coisa?

Eu tinha caçado em preparação para o próximo dia, mas, quando eu não conseguia mais caçar e o sol ainda levaria horas para nascer, eu soube que o próximo dia não estava próximo o suficiente.

Um grande nervosismo tomou conta de mim novamente quando eu percebi que ia encontrar a garota.

Discuti comigo mesmo enquanto voltava a Forks, mas meu lado menos nobre ganhou a briga e eu continuei com meu plano invencível. O monstro estava inquieto, mas bem alimentado. Eu sabia que manteria uma distância segura dela. Eu só queria saber onde ela estava. Eu só queria ver o rosto dela.

Já passava da meia-noite e a casa de Bella estava escura e silenciosa. A caminhonete dela estava estacionada no meio-fio, a viatura do pai dela na rua. Não havia nenhum pensamento consciente na vizinhança. Eu observei a casa por um instante da escuridão da floresta que a rodeava pelo leste. A porta da frente estaria, provavelmente, trancada—não era um problema, mas não queria deixar uma porta arrombada como evidência atrás de mim. Decidi tentar a janela do segundo andar primeiro. Poucas pessoas se importariam em instalar uma fechadura lá.

Cruzei o quintal aberto e escalei a casa em meio segundo. Pendi pela borda acima da janela por uma mão, olhei pela janela e parei de respirar.

Era o quarto dela. Eu podia vê-la na pequena cama, suas cobertas no chão e os lençóis torcidos entre suas pernas. Enquanto eu observava, ela se virou, inquieta, e jogou um braço sobre a cabeça. Ela não dormia calmamente, ao menos, não esta noite. Teria ela percebido o perigo perto dela?

Senti repulsa de mim mesmo ao vê-la se agitar outra vez. Como eu poderia ser melhor do que um voyeur doentio? Eu não era melhor. Eu era muito, muito pior.

Relaxe meus dedos, pronto para deixar-me cair. Mas antes eu me permiti olhar longamente para o rosto dela.

Ele não estava em paz. A pequena ruga entre suas sobrancelhas estava lá, os cantos de sua boca estavam caídos. Seus lábios tremeram e então se separaram.

“Tá, mãe,” ela resmungou.

Bella falava enquanto dormia.

Curiosidade acendeu em mim, superando o nojo. A atração daqueles pensamentos não-protegidos, inconscientemente proferidos era impossivelmente tentadora.

Eu tentei abrir a janela e não estava trancada, embora presa pela falta de uso. Eu a subi devagar, fincando tenso a cada leve rangido da borda de metal. Eu teria de encontrar óleo para a próxima vez...

Próxima vez? Balancei a cabeça, enojado novamente.

Atravessei a janela meio-aberta silenciosamente.

O quarto dela era pequeno—desorganizado, mas não sujo. Havia pilhas de livro no chão ao lado da cama dela, seus nomes virados para o outro lado, CDs dispersos sobre o CD player não-carro dela—o de cima era só uma capa vazia. Pilhas de papel rodeavam o computador que parecia pertencer a um museu dedicado a tecnologias obsoletas. Sapatos espalhados no chão.

Eu queria muito ler os títulos dos livros e CDs dela, mas prometi a mim mesmo que manteria distância; ao invés disso, fui sentar na cadeira de balançar no canto extremo do quarto.

Eu tinha mesmo chamado ela de normal? Pensei naquele primeiro dia e no meu desgosto pelos garotos que tinham ficado imediatamente intrigados por ela. Mas quando eu me lembrava do rosto dela nas mentes deles, agora, não podia entender porque não a tinha achado bonita imediatamente. Parecia ser algo óbvio.

Agora—com seu cabelo escuro embaraçado e selvagem em volta de seu rosto pálido, vestindo uma velha camisa esburacada e uma calça moletom surrada, seus traços relaxados, seus lábios cheios levemente separados—ela tirou meu fôlego. Ou teria, pensei secamente, se eu estivesse respirando.

Ela não falou. Talvez seu sonho tivesse terminado.

Olhei para o rosto dela e tentei pensar em uma maneira de fazer o futuro suportável.

Machucá-la não era suportável. Aquilo significava que minha única escolha era tentar ir embora outra vez?

Os outros não podiam brigar comigo dessa vez. Minha ausência não colocaria ninguém em perigo. Não haveria suspeitas, nada para ligar os pensamentos de ninguém ao acidente.

Eu hesitei como tinha feito de tarde e nada pareceu possível.

Eu não podia esperar rivalizar com garotos humanos, seja lá se esses garotos eram atraentes para ela ou não. Eu era um monstro. Como ela poderia me ver de outra forma? Se ela soubesse a verdade sobre mim, ela sentiria medo e repulsa. Como uma vítima intencional num filme de terror, ela fugiria, berrando horrorizada.

Lembrei do primeiro dia dela em Biologia... e eu sabia que era a reação correta para ela ter.

Era tolice imaginar que, se eu tivesse sido aquele a chamá-la para o baile idiota, ela teria cancelado seus recém-feitos planos e ido comigo.

Eu não era aquele destinado a ouvir um 'sim' dela. Era outra pessoa, alguém humano e quente. E eu nem poderia me deixar—um dia, quando ela dissesse sim—perseguí-lo e matá-lo, porque ela o merecia, seja lá quem ele fosse. Ela merecia felicidade e amor com quem ela escolhesse.

Eu devia a ela, fazer a coisa certa agora; eu não podia fingir mais que eu só estava perigando me apaixonar por ela.

Afinal, não faria diferença se eu partisse, porque Bella nunca me veria da forma que eu queria que ela visse. Nunca me veria como alguém digno de amar.

Nunca.

Um coração morto e congelado poderia se quebrar? Parecia que o meu podia.

“Edward,” Bella disse.

Eu congelei, olhando para os olhos fechados dela.

Ela tinha acordado, me pego aqui? Ela parecia adormecida, mas, ainda assim, a voz dela tinha soado tão clara...

Ela suspirou silenciosamente e se moveu agitadamente outra vez, rolando para o lado—ainda dormindo profundamente e sonhando.

“Edward,” ela murmurou suavemente.

Ela estava sonhando comigo.

Um coração morto e congelado poderia voltar a bater? Parecia que o meu ia.

“Fique,” ela suspirou. “Não vá. Por favor... não vá.”

Ela estava sonhando comigo e nem mesmo era um pesadelo. Ela queria que eu ficasse com ela, lá no sonho que estava tendo.

Lutei para achar palavras para nomear os sentimentos que me preencheram, mas eu não tinha palavras fortes o suficiente para contê-los. Por um longo momento, me afoguei neles.

Quando voltei à superfície, eu não era o mesmo homem de antes.

Minha vida era uma meia-noite imutável, infinita. Devia ser, por necessidade, sempre meia-noite para mim. Então como era possível que o sol estivesse nascendo agora, bem no meio da minha meia-noite?

No tempo em que me tornara vampiro, trocando minha alma e mortalidade por imortalidade na dor intensa da transformação, eu estivera verdadeiramente congelado. Meu corpo tinha se tornado algo mais pedra do que carne, durável e imutável. Meu ser também havia congelado

como estavam—minha personalidade, meus gostos e desgostos, meus humores e desejos; tudo estava fixo.

Era a mesma coisa para o resto deles. Estávamos todos congelados. Pedras vivas.

Quando algo mudava em algum de nós, era raro e permanente. Eu tinha visto isso em Carlisle e, uma década depois, em Rosalie. O amor os tinha mudado de maneira permanente, de maneira incorrigível. Mais de oitenta anos tinham se passado desde que Carlisle encontrara Esme, e ele ainda olhava para ela com os olhos incrédulos do primeiro amor. Seria sempre daquela forma para eles.

Seria sempre daquela forma para mim também. Eu sempre amaria esta frágil garota humana, pelo resto da minha existência ilimitada.

Olhei seu rosto inconsciente, sentindo o amor por ela se firmar em cada pequena porção de meu corpo de pedra.

Ela dormia mais pacificamente agora, um leve sorriso em seus lábios.

Sempre observando-a, comecei a tramar.

Eu a amava, então tentaria ser forte o suficiente para deixá-la. Eu sabia que não era tão forte agora. Eu trabalharia nisso. Mas talvez eu fosse forte o bastante para contornar o futuro de outra forma.

Alice vira apenas dois futuros para Bella e agora eu entendia a ambos.

Amá-la não me impediria de matá-la, se eu me permitisse errar.

Ainda assim, eu não podia sentir o monstro agora, não podia encontrá-lo em lugar nenhum dentro de mim. Talvez o amor o tivesse silenciado para sempre. Se eu a matasse agora, não seria intencionalmente, apenas um horrível acidente.

Eu teria de ser incomumente cuidadoso. Não poderia nunca, jamais baixar minha guarda. Teria de controlar cada respiração minha. Teria de manter sempre uma distância cuidadosa.

Eu não cometeria erros.

Finalmente entendi o segundo futuro. Eu tinha estado perplexo pela visão—o que poderia acontecer para resultar em Bella sendo aprisionada a essa meia-vida imortal? Agora—devastado pelo desejo por essa garota—podia entender como eu poderia, em um egoísmo indesculpável, pedir ao meu pai por aquele favor. Pedir a ele para tirar a vida e alma dela para que eu pudesse tê-la para sempre.

Ela merecia algo melhor.

Mas eu vi mais um futuro, uma tênue linha na qual eu seria capaz de andar se mantivesse meu equilíbrio.

Eu conseguiria fazer isso? Estar com ela e mantê-la humana?

Deliberadamente, eu inspirei profundamente, e então outra vez, deixando o cheiro dela me cortar como um fogo incontrollado. A sala estava cheia do perfume dela; sua fragrância sobre cada superfície. Minha cabeça rodou, mas lutei contra isso. Eu teria de me acostumar com isso se eu tentaria ter qualquer tipo de relação com ela. Tomei outro fôlego profundo, ardente.

Eu a observei dormir até o sol sair de trás das nuvens vindas do leste, tramando e respirando.

Cheguei em casa logo depois dos outros saírem para a escola. Troquei-me rapidamente, evitando os olhos questionadores de Esme. Ela viu a luz febril em meu rosto e sentiu tanta preocupação quanto alívio. Minha longa melancolia a tinha machucado e ela estava feliz por esta parecer ter acabado.

Eu corri para a escola, chegando apenas segundos depois que meus irmãos. Eles não se viraram, embora Alice devesse saber que eu estava ali nas árvores densas que ficavam na borda do chão pavimentado. Esperei até ninguém estar olhando e caminhei casualmente de entre as árvores para o estacionamento cheio de carros.

Ouvi a caminhonete de Bella ronronando logo ao redor da esquina e parei atrás de um Suburban, onde eu poderia observar sem ser visto.

Ela entrou no lote, olhando friamente para o meu Volvo por um longo momento antes de estacionar em uma das vagas mais distantes, o cenho franzido.

Era estranho lembrar que ela, provavelmente, ainda estava brava comigo e por uma boa razão. Eu queria rir de mim—ou me chutar. Todo o meu complô e planejamento era completamente hipotético se ela não gostasse de mim também, não era? O sonho dela podia ter sido sobre qualquer coisa. Eu era um tolo arrogante.

Bem, seria tão melhor para ela se não gostasse de mim. Aquilo não me impediria de perseguí-la, mas eu a alertaria enquanto perseguisse. Eu devia isso a ela.

Eu andei silenciosamente, imaginando qual a melhor maneira de me aproximar dela.

Ela facilitou. As chaves da caminhonete escaparam por seus dedos e caíram numa poça profunda.

Ela abaixou para pegar, mas eu a alcancei primeiro, recuperando-a antes que ela pudesse colocar os dedos na água fria.

Me apoiei contra a caminhonete, enquanto ela absorvia o acontecido e se endireitava.

“Como você faz isso?” ela exigiu saber.

Sim, ela ainda estava brava.

Eu lhe ofereci a chave. “Faço o quê?”

Ela estendeu a mão e eu as deixei cair em sua palma. Respirei fundo, engolindo seu cheiro.

“Aparece do nada,” esclareceu.

“Bella, não é culpa minha se você é especialmente distraída.” As palavras eram irônicas, quase uma piada. Havia algo que ela não via?

Teria ela notado como minha voz se enrolava ao redor do nome dela, como uma carícia?

Ela olhou friamente para mim, sem apreciar meu humor. O coração dela acelerou—de raiva? De medo? Após um momento, ela olhou para baixo.

“Por que o engarrafamento ontem à noite?” ela perguntou sem me olhar nos olhos. “Achei que você deveria estar fingindo que eu não existia e não me irritando até a morte.”

“Aquilo foi pelo bem de Tyler, não meu. Eu tinha que dá-lo uma chance.” E então eu ri. Não pude me impedir, pensando na expressão dela no dia anterior.

“Você—” ela ofegou e então sua voz se partiu, aparentemente furiosa demais para terminar. Ali estava—a mesma expressão. Segurei outra risada. Ela já estava brava o suficiente.

“E eu não estou fingindo que você não existe.” terminei. Era certo manter isso casual, provocar. Ela não entenderia se eu mostrasse como eu realmente me sentia. Eu a assustaria. Eu tinha que manter meus sentimentos escondidos, manter as coisas leves...

“Então você está tentando me irritar até a morte? Já que a van do Tyler não fez o trabalho?”

Um rápido lampejo de raiva pulsou através de mim. Ela honestamente acreditava nisso?

Era irracional eu estar tão ofendido—ela não sabia da mudança que acontecera aquela noite. Mas eu estava bravo mesmo assim.

“Bella, você é extremamente absurda.” rebati.

O rosto dela corou e ela virou as costas para mim. Ela começou a se afastar.

Remorso. Eu não tinha direitos sobre o meu anjo.

“Espere,” implorei.

Ela não parou, então eu a segui.

“Me desculpe, aquilo foi rude. Não estou dizendo que não é verdade,”—era absurdo imaginar que eu queria que ela se machucasse da maneira que fosse—“mas foi rude dizer, de qualquer forma.”

“Por que você não me deixa em paz?”

Acredite, eu queria dizer, eu tentei.

Ah é, e também, estou deploravelmente apaixonado pro você.

Manter as coisas leves.

“Eu queria te perguntar uma coisa, mas você me ultrapassou.” Um plano de ação tinha acabado de me ocorrer e eu ri.

“Você tem algum problema com múltiplas personalidades?” ela perguntou.

Devia parecer que sim. Meu humor era instável com tantas novas emoções correndo dentro de mim.

“Você está fazendo de novo.” aponte.

Ela suspirou. “Então tá. O que você quer perguntar?”

“Eu estava pensando se, uma semana depois desse sábado...” observei o choque cruzar o rosto dela e segurei uma risada. “Você sabe, o dia do baile de primavera—”

Ela me cortou, finalmente voltando a me encarar. “Você está tentando ser engraçado?”

Sim. “Você vai me deixar terminar?”

Ela esperou, em silêncio, seus dentes pressionados contra seu delicado lábio inferior.

Aquela visão me distraiu por um segundo. Reações estranhas, não-familiares tremularam profundamente dentro de meu esquecido âmagô humano. Tentei afastá-las para que então eu pudesse representar meu papel.

“Ouvi você dizer que vai para Seattle nesse dia e fiquei pensando se você não quer uma carona?” ofereci. Eu tinha percebido que, melhor do que perguntá-la sobre seus planos, eu podia compartilhá-los.

Ela olhou vagamente para mim. “O quê?”

“Você quer uma carona para Seattle?” Sozinho em um carro com ela—minha garganta queimou com o pensamento. Respirei fundo. Se acostume com isso.

“Com quem?” ela perguntou, seus olhos esbugalhados e confusos outra vez.

“Comigo, é claro.” disse devagar.

“Por quê?”

Era mesmo um choque eu querer a companhia dela? Ela deve ter associado o pior significado possível ao meu comportamento anterior.

“Bem,” eu disse o mais casualmente possível. “Eu estava planejando ir a Seattle nas próximas semanas e, para ser honesto, eu não tenho muita certeza se sua caminhonete consegue fazer a viagem.” Parecia mais seguro provocá-la do que me deixar ser sério.

“Minha caminhonete funciona bem, muito obrigada pela preocupação,” ela disse na mesma voz surpresa. Ela voltou a andar. Eu acompanhei seu passo.

Ela não tinha dito ‘não’, então pressionei aquela vantagem.

Ela diria não? O que eu faria se ela dissesse?

“Mas sua caminhonete pode fazer a viagem com um tanque de gás?”

“Não vejo como isso possa ser da sua conta,” ela resmungou.

Ainda não era um ‘não’. E o coração dela estava acelerado outra vez, a respiração dela saindo mais rápida.

“O desperdício de recursos finitos é da conta de todo mundo.”

“Honestamente, Edward, eu não consigo acompanhá-lo. Achei que você não queria ser meu amigo.”

Um arrepio me percorreu quando ela disse meu nome.

Como manter as coisas leves e ainda ser honesto ao mesmo tempo? Bem, era mais importante ser honesto. Especialmente nesse ponto.

“Eu disse que seria melhor se não fôssemos amigos, não que eu não queria ser.”

“Oh, obrigada, agora tudo ficou claro.” ela disse sarcasticamente.

Ela parou debaixo do telhado da cafeteria e me encarou. Seu coração disparou. Estaria com medo?

Escolhi minhas palavras cuidadosamente. Não, eu não podia deixá-la, mas talvez ela fosse suficientemente esperta para me deixar antes que fosse tarde demais

“Seria mais... prudente se você não fosse minha amiga.” Olhando dentro do chocolate profundo de seus olhos, esqueci de manter-me leve. “Mas estou cansado de tentar ficar longe de você, Bella.” As palavras queimaram de tão fervorosas.

Ela parou de respirar e, no segundo que levou para voltar, eu me preocupei. Quanto eu a tinha assustado? Bem, eu descobriria.

“Você irá a Seattle comigo?” quis saber, vago.

Ela aquiesceu, seu coração batendo fortemente.

Sim. Ela tinha dito sim para mim.

E então minha consciência me atingiu. O que aquilo custaria a ela?

“Você realmente deveria ficar longe de mim.” alertei. Ela teria me ouvido? Ela escaparia do futuro com o qual eu a estava ameaçando? Eu não poderia fazer nada para salvá-la de mim?

Mantenha as coisas leves, gritei para mim mesmo. “Vejo você na sala.”

Tive de me concentrar para impedir-me de correr enquanto escapava.

6- TIPO SANGUÍNEO

Eu a segui o dia inteiro pelos olhos de outras pessoas, mal consciente dos meus arredores. Não pelos olhos de Mike Newton, porque eu não podia mais suportar suas teorias ofensivas, e não pelos de Jéssica Stanley, porque seu ressentimento por Bella me deixava perigosamente irritado. Ângela Weber era uma boa escolha quando seus olhos estavam disponíveis; ela era gentil – sua cabeça era um lugar fácil de se estar. E às vezes eram os professores que forneciam a melhor vista.

Eu estava surpreso, vendo ela tropeçar o dia inteiro – sobre rachaduras no solo, livros largados, e, mais freqüentemente, nos próprios pés – que as pessoas pelas quais eu estava espionando achavam Bella desajeitada.

Eu refleti sobre isso. Era verdade que ela às vezes tinha problemas para se manter em pé. Eu me lembrei dela tropeçando na mesa naquele primeiro dia, escorregando no gelo antes do acidente, caindo sobre a parte de baixo do batente da porta ontem... que estranho, eles estavam certos. Era era desajeitada.

Eu não sabia por que isso era engraçado para mim, mas eu ri alto enquanto caminhava de História da América para Inglês, e várias pessoas me olharam estranho. Como eu nunca havia percebido isso antes? Talvez porque havia algo muito gracioso sobre seu jeito calmo, a maneira como ela segurava sua cabeça, o arco de seu pescoço...

Não havia nada de gracioso sobre ela agora. O Sr. Varner a assistia enroscando a ponta da bota no carpete e literalmente caindo em sua cadeira.

Eu ri de novo.

O tempo passou com uma lentidão inacreditável enquanto eu esperava por minha chance de vê-la com os meus próprios olhos. Finalmente, o sino tocou. Eu caminhei muito rápido até o refeitório, para assegurar meu lugar - fui o primeiro a chegar. Escolhi uma mesa que em geral estava vazia, e com certeza continuaria assim comigo sentado nela.

Quando minha família entrou e me viu sentado sozinho num lugar novo, eles não ficaram surpresos. Alice devia tê-los alertado.

Rosalie passou rápido do meu lado, sem me olhar.

Idiota.

Rosalie e eu nunca tivemos uma relação fácil – eu a havia ofendido na primeira vez em que ela me ouviu falar, e foi daí para pior – mas parecia que ela estava ainda mais mal-humorada que o normal nos últimos dias. Eu suspirei. Rosalie fazia tudo pensando em si mesma.

Jasper me deu um meio-sorriso quando ele passou.

Boa sorte, ele pensou cheio de dúvidas.

Emmet virou os olhos e balançou a cabeça.

Ficou louco, coitado.

Alice estava com um sorriso enorme, seus dentes brancos brilhando muito.

Eu posso conversar com Bella agora??

“Mantenha-se fora disso”, eu disse entredentes.

Sua expressão despencou, mas então se iluminou mais uma vez.

Tudo bem. Seja teimoso. É apenas questão de tempo.

Eu suspirei de novo.

Não esqueça sobre o laboratório de biologia de hoje, ela me lembrou.

Eu consenti com a cabeça. Não, eu não tinha me esquecido.

Enquanto eu esperava Bella chegar, a segui pelos olhos do calouro que caminhava atrás de Jessica no caminho até o refeitório. Ela estava tagarelando sobre o baile que se aproximava, mas Bella não disse nada. Não que Jessica desse muita chance.

No momento em que Bella passou pela porta, seus olhos correram na direção da mesa onde meus irmãos se sentavam. Ela observou por um momento, e então sua testa se enrugou e seus olhos caíram para o chão. Ela não havia me notado aqui.

Ela parecia tão... triste. Eu senti uma poderosa urgência de me levantar e ir para o lado dela, confortá-la de alguma forma, só que eu não sabia o que ela acharia reconfortante. Eu não fazia

idéia do que fazia ela se sentir assim. Jessica continuou a tagarelar sobre o baile. Será que Bella estava triste porque não poderia ir? Não muito provável...

Mas isso podia ser remediado, se ela desejasse.

Ela comprou uma bebida para o almoço e nada mais. Isso estava certo? Ela não precisava de mais nutrição que isso? Eu nunca havia prestado muita atenção à dieta de um humano antes.

Os humanos eram irritantemente frágeis! Havia um milhão de coisas diferentes com que se preocupar...

“Edward Cullen está te encarando de novo”, eu ouvi Jéssica dizer. “Por que será que ele está sentado sozinho hoje?”

Eu fiquei grato a Jessica – apesar de que ela estava ainda mais ressentida agora – porque a cabeça de Bella pulou e os olhos dela procuraram até encontrar os meus.

Não havia mais nenhum traço de tristeza no seu rosto. Eu me permiti ter a esperança de que ela estava triste porque pensou que eu tinha ido embora mais cedo, e essa esperança me fez sorrir.

Eu gesticulei com meu dedo para ela se juntar a mim. Ela pareceu tão surpresa com isso que eu queria provocá-la de novo.

Então eu pisquei, e seu queixo caiu.

“Ele quer dizer você?”, Jéssica perguntou rudemente.

“Talvez ele precise de ajuda com a tarefa de Biologia”, ela disse numa voz baixa e incerta. “Um, melhor eu ir ver o que ele quer”.

Isso era outro sim.

Ela tropeçou duas vezes enquanto vinha até minha mesa, apesar de que no seu caminho não havia nada a não ser o linóleo plano. Sério, como eu não tinha percebido isso antes? Eu havia estado prestando mais atenção aos seus pensamentos silenciosos, eu supus... o que mais eu havia perdido?

Manter a honestidade, manter a leveza, eu recitei para mim mesmo.

Ela parou atrás da cadeira de frente pra mim, hesitando. Eu inalei profundamente, pelo nariz desta vez ao invés da boca.

Sinta queimar, eu pensei secamente.

“Por que você não se junta a mim hoje?”, eu perguntei.

Ela puxou a cadeira e sentou, me encarando o tempo todo. Ela parecia nervosa, mas sua aceitação física era ainda outro sim.

Eu a esperei falar.

Levou um momento, mas finalmente, ela disse: “Isso é diferente”.

“Bem...”, eu hesitei. “Eu decidi que já que vou para o inferno, posso pelo menos fazer direito”.

O que me fez dizer isso? Eu supus que fosse a honestidade, no mínimo. E talvez ela ouvisse o aviso subentendido que minhas palavras implicavam. Talvez ela percebesse que ela devia se levantar e sair daqui o mais rápido possível...

Ela não se levantou. Ela me encarou, esperando, como se eu tivesse deixado minha frase incompleta.

“Você sabe que eu não tenho a menor idéia do que você quer dizer”, ela disse quando eu não continuei.

Que alívio. Eu sorri.

“Eu sei”.

Estava difícil ignorar os pensamentos gritados para mim detrás dela – e eu queria mesmo mudar de assunto.

“Eu acho que seus amigos estão bravos comigo por eu ter te roubado”.

Isso não pareceu preocupá-la. “Eles vão sobreviver”.

“Mas eu posso não te devolver”. Eu nem sabia se agora estava tentando ser honesto, ou apenas provocá-la de novo. Estar perto dela me fazia ter dificuldade em compreender meus próprios pensamentos.

Bella engoliu alto.

Eu ri de sua expressão. “Você parece preocupada”. Não deveria ser engraçado... ela deveria se preocupar.

“Não”. Ela mentia mal; não ajudou que sua voz partiu. “Surpresa, na verdade... o que causou tudo isso?”

“Eu te disse”, eu a recordei. “Estou cansado de tentar ficar longe de você. Então estou desistindo”. Eu segurei meu sorriso no lugar com um pouco de esforço. Simplesmente não estava funcionando – tentar ser honesto e casual ao mesmo tempo.

“Desistindo?”, ela repetiu, confusa.

“Sim – desistindo de tentar ser bom”. E, pelo jeito, desistindo de tentar ser casual. “Agora eu vou fazer o que eu quero, e deixar os dados rolares”. Isso era honesto o suficiente. Que servisse de alerta, também.

“Você me perdeu de novo”.

Eu era egoísta o bastante para ficar feliz que fosse esse o caso. “Eu sempre falo demais quando estou conversando com você – este é um dos problemas”.

Um problema bem insignificante, comparado com o resto.

“Não se preocupe”, ela reafirmou. “Eu não entendo uma palavra”.

“Então, em bom português, somos amigos agora?”

Eu ponderei por um segundo. “Amigos...”, eu repeti. Eu não gostava de como soava. Não era o bastante.

“Ou não”, ela murmurou, parecendo embaraçada.

Será que ela pensava que eu não gostava dela tanto assim?

Eu sorri. “Bom, podemos tentar, eu acho. Mas estou te avisando que não sou um bom amigo para você”.

Eu esperei a resposta dela, dividido – desejando que ela finalmente fosse ouvir e entender, e pensando que eu poderia morrer se ela o fizesse. Que melodramático. Eu estava me tornando um baita de um humano ao redor dela.

O coração dela acelerou. “Você diz isso bastante”.

“Sim, porque você não me escuta”, eu disse, mais uma vez intenso demais. “Ainda estou esperando você acreditar. Se for inteligente, vai me evitar”.

Ah, mas eu permitiria isso, se ela tentasse?

Seus olhos se estreitaram. “Eu acho que você também já deixou bem claro o que pensa sobre o meu intelecto”.

Eu não tinha certeza absoluta do que ela queria dizer, mas eu sorri para desculpar-me, pensando que devia tê-la ofendido acidentalmente.

“Então”, ela disse devagar, “já que eu estou sendo... não inteligente, vamos tentar ser amigos?”

“Isso parece correto”.

Ela olhou para baixo, encarando intensamente a garrafa de limonada em suas mãos.

A antiga curiosidade me atormentou.

“O que você está pensando?”, eu perguntei – era um alívio finalmente dizer as palavras em voz alta.

Ela encontrou meu olhar, e sua respiração acelerou enquanto suas bochechas coravam de um rosa claro. Eu inalei, sentindo o gosto disso no ar.

“Eu estou tentando compreender o que você é”.

Eu segurei o sorriso no meu rosto, travando meus traços como estavam, enquanto o pânico se retorcia no meu corpo.

Claro que ela estava pensando nisso. Ela não era burra. Eu não podia esperar que ela ignorasse algo tão óbvio.

“E você está tendo algum sucesso?”, eu perguntei o tão levemente quanto consegui.

“Não muito”, ela admitiu.

Eu soltei um risinho de alívio. “Quais são suas teorias?”

Elas não poderiam ser piores que a verdade, não importava o que ela inventasse.

Suas bochechas ficaram vermelhas, e ela não disse nada. Eu podia sentir o calor de sua corada no ar.

Eu tentei usar meu tom persuasivo nela. Costumava funcionar bem com humanos.

“Você não vai me dizer?”, eu sorri, encorajando-a.

Ela balançou a cabeça. “Embaraçoso demais”.

Ugh. Não saber era o pior de tudo. Por que as especulações dela a embaraçariam? Eu não podia suportar não saber.

“Isso é realmente frustrante, sabia?”

Minha reclamação fez alguma coisa faiscar dentro dela. Seus olhos brilharam e as palavras saíram mais rápido que o usual.

“Não, eu simplesmente não consigo imaginar por que isso seria frustrante – só porque alguém se recusa a te dizer o que está pensando, mesmo que o tempo todo ele faça pequenos comentários especificamente criados para te deixar acordada a noite, imaginando o que ele quis dizer... nossa, por que isso seria frustrante?”

Eu franzi a testa, chateado por perceber que ela tinha razão. Eu não estava sendo justo.

Ela continuou. “Ou melhor, digamos que essa pessoa também tenha feito um monte de coisas bizarras – de salvar sua vida num dia sob as condições mais impossíveis, até te tratar como uma paria no dia seguinte, e nunca explicando nada disso também, mesmo tendo prometido. Isso, também, seria muito não-frustrante”.

Foi o discurso mais longo que eu já tinha ouvido sair da boca dela, e me deu uma nova qualidade para minha lista.

“Você tem um temperamento e tanto, não?”

“Eu não gosto de dois pesos, duas medidas”.

Ela tinha total razão na sua irritação, claro.

Eu olhei para Bella, imaginando como poderia fazer qualquer coisa boa por ela, até que a gritaria silenciosa da cabeça de Mike Newton me distraiu.

Ele estava tão irado que me fez rir.

“O quê?”, ela demandou.

“Seu namorado parece achar que estou sendo desagradável com você – ele está debatendo se vem ou não separar nossa briga”. Adoraria vê-lo tentar. Eu ri de novo.

“Eu não sei do que você está falando”, ela disse numa voz fria. “Mas tenho certeza de que está errado”.

Eu adorei que ela o dispensou com o que disse.

“Não estou. Te disse, a maioria das pessoas é fácil de ler”.

“Menos eu, claro”.

“Sim. Menos você”. Será que ela tinha que ser a exceção para tudo? Não seria mais justo – considerando tudo o mais com que eu tinha que lidar – se eu pudesse ouvir pelo menos alguma coisa de sua mente? Era pedir muito? “Eu me pergunto por quê”.

Eu olhei para dentro dos olhos dela, tentando de novo...

Ela fugiu com o olhar. Ela abriu sua limonada e tomou um gole rápido, seus olhos a mesa.

“Você não está com fome?”, eu perguntei.

“Não”. Ela olhou a mesa vazia entre nós. “E você?”

“Não, eu não estou com fome”, eu disse. Definitivamente com isso eu não estava.

Ela encarou a mesa com os lábios crispados. Eu aguardei.

“Você pode me fazer um favor?”, ela perguntou, subitamente encontrando meu olhar de novo.

O que ela podia querer de mim? Será que ela perguntaria a verdade que eu não tinha a permissão de contar – a verdade que eu não queria que ela nunca, nunca soubesse?

“Isso depende do que você quer”.

“Não é muito”, ela prometeu.

Eu esperei, novamente curioso.

“Eu só estava pensando...”, ela disse lentamente, encarando a garrafa de limonada, traçando a boca da garrafa com o mindinho. “Se você poderia me avisar com antecedência na próxima vez em que decidir me ignorar? Só para que eu possa me preparar”.

Ela queria um aviso? Então ser ignorada por mim devia ser uma coisa ruim... eu sorri.

“Parece justo”, eu concordei.

“Obrigada”, ela disse, levantando o rosto. Sua face estava tão aliviada que eu queria rir com meu próprio alívio.

“Então posso fazer uma pergunta em retribuição?”, perguntei esperançoso.

“Uma”, ela permitiu.

“Me conte uma teoria”.

Ela corou. “Não essa uma”.

“Você não especificou, apenas me prometeu uma resposta”, eu argumentei.

“E você já quebrou promessas”, ela contra-argumentou.

Me pegou.

“Só uma teoria – eu não vou rir”.

“Sim, você vai”. Ela parecia ter muita certeza disso, apesar de que eu não conseguia imaginar onde poderia estar a graça.

Tentei dar mais uma chance à persuasão. Olhei para o fundo dos olhos dela – uma coisa fácil de se fazer, com olhos tão profundos – e sussurei, “Por favor?”

Ela piscou, e sua expressão ficou vazia.

Bem, não era bem essa a reação que eu estava esperando.

“Er, quê?”, ela perguntou, parecendo atordoada. O que havia de errado com ela?

Mas eu ainda não tinha desistido.

“Por favor, me conte só uma teorzinha”, eu pedi na minha voz macia, não-assustadora, segurando o olhar dela no meu.

Para minha surpresa e satisfação, finalmente funcionou.

“Um, bem, mordido por uma aranha radioativa?”

Gibis? Não era de se estranhar que ela tivesse achado que eu ia rir.

“Não foi muito criativa”, eu a reprovei, tentando disfarçar meu alívio.

“Sinto muito, foi tudo o que eu consegui pensar”, ela disse, ofendida.

Isso me aliviou ainda mais. Eu podia provocá-la de novo.

“Você não chegou nem perto”.

“Sem aranhas?”

“Sem”.

“E nenhuma radioatividade?”

“Nenhuma”.

“Droga”, ela suspirou.

“Também não me incomodo com kriptonita”, eu disse rápido – antes que ela pudesse perguntar sobre mordidas e então eu tive que rir, porque ela pensou que eu fosse um super-herói.

“Você não ia rir, lembra?”

Eu apertei meus lábios.

“Uma hora eu descubro”, ela prometeu.

E quando ela descobrisse, ela fugiria.

“Eu queria que você não tentasse”, eu disse, o tom provocativo indo embora.

“Porque...?”

Eu devia a ela honestidade. Mesmo assim, eu tentei sorrir, para que minhas palavras soassem menos ameaçadoras. “E se eu não for um super-herói? E se eu for o cara mau?”

Seus olhos se arregalaram por uma fração de segundo, e sua boca abriu um pouco. “Oh”, ela disse. E então, depois de outro segundo, “entendi”.

Ela finalmente havia me ouvido.

“Entendeu?”, eu perguntei, tentando esconder minha agonia.

“Você é perigoso?”, ela adivinhou. Sua respiração se prolongou, e seu coração acelerou.

Eu não consegui responder. Então era esse o meu último momento com ela? Agora ela ia fugir? Será que eu tinha a permissão de dizer a ela que a amava antes que ela partisse? Ou isso a assustaria ainda mais?

“Mas não mau”, ela suspirou, balançando a cabeça, sem medo nos seus olhos claros. “Não, eu não acho que você seja mau”.

“Você está errada”, eu respirei.

Claro que eu era mau. Eu não estava aqui agora, me regojizando do fato de que ela pensava melhor de mim do que eu merecia? Se eu fosse uma pessoa boa, eu ficaria longe dela.

Como desculpa, estiquei a mão pela mesa até alcançar a tampinha da sua limonada. Ela não fugiu da minha mão subitamente próxima. Ela realmente não estava com medo de mim. Ainda.

Eu girei a tampinha como um pião, olhando para ela ao invés de para Bella. Meus pensamentos giravam numa espiral. Corra, Bella, corra. Eu não conseguia me fazer pronunciar as palavras em voz alta.

Ela ficou de pé num salto. “Nós vamos nos atrasar”, ela disse, antes que eu começasse a me preocupar que ela tivesse de alguma forma ouvido meu aviso silencioso.

“Não vou para a aula”.

“Por quê?”

Porque eu não quero te matar. “É saudável cabular de vez em quando”.

Para ser mais preciso, era mais saudável para os humanos se os vampiros cabulassem em dias em que sangue humano seria derramado. O Sr. Banner ia fazer tipagem sanguínea hoje. Alice já havia cabulado a aula dela de manhã.

“Bom, eu vou”, ela disse. Isso não me surpreendeu. Ela era responsável – sempre fazia a coisa certa.

Ela era o oposto de mim.

“Te vejo mais tarde então”, eu disse, tentando ser casual de novo, olhando para baixo, para a tampinha girando. E, a propósito, eu te adoro... de maneiras assustadoras e perigosas”.

Ela hesitou, e eu esperei por um momento que ela fosse ficar comigo no fim das contas. Mas o sino tocou de novo e ela saiu apressada.

Eu esperei até que ela tivesse ido, e então coloquei a tampinha no bolso – um souvenir da conversa mais importante – e caminhei na chuva até meu carro.

Eu coloquei meu CD calmante favorito – o mesmo que havia ouvido naquele primeiro dia – mas eu não estava escutando as notas de Debussy por muito tempo. Outras notas corriam pela minha cabeça, o fragmento de uma melodia que me agradou e intrigou. Eu desliguei o rádio e escutei à música na minha cabeça, brincando com o fragmento até que ele evoluiu para uma harmonia completa. Instintivamente, meus dedos se moveram no ar sobre um piano imaginário.

A nova composição estava realmente saindo quando minha atenção foi tomada por uma onda de angústia mental.

Será que ela vai desmaiar? O que eu faço? Mike se desesperava.

A cem metros de distância, Mike Newton estava baixando o corpo sem nenhuma firmeza de Bella para a calçada. Ela despencou contra o concreto molhado sem reação, seus olhos fechados, sua pele branca como a de um cadáver.

Eu quase arranquei a porta do carro.

“Bella?”, eu gritei.

Não houve alteração no seu rosto sem vida quando eu gritei o seu nome.

Meu corpo inteiro ficou mais frio que o gelo.

Eu estava consciente da surpresa agravada de Mike enquanto eu vasculhava furiosamente os seus pensamentos. Ele só estava pensando na raiva que tinha de mim, então eu não consegui descobrir o que havia de errado com Bella. Se ele tivesse feito qualquer coisa para machucá-la, eu iria aniquilá-lo.

“O que aconteceu – ela está machucada?”, eu demandei, tentando me focar nos pensamentos dele. Era enlouquecedor ter que andar no passo humano. Eu não devia ter chamado atenção para a minha aproximação.

Então eu pude ouvir o coração dela batendo e sua respiração regular. Enquanto eu olhava, ela apertou os olhos ainda mais fechados. Isso aliviou um pouco meu pânico.

Eu vi as memórias vacilando na cabeça de Mike, uma mistura de imagens da aula de Biologia. Gotas de vermelho contra os cartões brancos...

Tipagem sanguínea.

Eu parei onde estava, segurando a respiração. O aroma dela era uma coisa, seu sangue escorrendo era outra completamente diferente.

“Eu acho que ela desmaiou”, Mike disse, nervoso e ressentido ao mesmo tempo. “Eu não sei o que aconteceu, ela nem furou o dedo”.

O alívio me inundou, e eu respirei de novo, provando do ar. Ah, eu podia sentir o cheiro do pequeno sangramento no furo no dedo de Mike. Antigamente, isso me atrairia.

Eu me ajoelhei ao lado dela enquanto Mike permanecia perto de mim, furioso pela minha intervenção.

“Bella. Você está me ouvindo?”

“Não”, ela resmungou. “Vá embora”.

Eu ri. Ela estava bem.

“Eu estava levando ela para a enfermeira”, Mike disse. “Mas ela não quis continuar”.

Eu não ia ficar aqui argumentando com esse infeliz.

Excitado e terrificado, metade agradecido e metade aflito com a situação que fazia com que tocá-la fosse uma necessidade, eu gentilmente levantei Bella da calçada e a carreguei em meus braços, encostando apenas em suas roupas, mantendo o máximo de distância entre nossos corpos quanto era possível. No mesmo movimento, já estava caminhando rápido, apressado para tê-la a salvo – em outras palavras, mais afastada de mim.

Seus olhos se abriram rápido, perplexos.

“Me ponha no chão”, ela ordenou numa voz fraca – embarçada de novo, eu deduzi de sua expressão. Ela não gostava de demonstrar fraqueza.

Eu mal ouvi Mike Newton gritando em protesto atrás de nós.

“Você está horrível”, eu disse, sorrindo de alívio porque não havia nada de errado com ela a não ser uma cabeça leve e um estômago fraco.

“Me coloque de volta na calçada”, ela disse. Seus lábios estavam brancos.

“Então você desmaia quando vê sangue?”. Dava para ficar mais irônico?

Ela fechou os olhos e apertou os lábios.

“E nem mesmo seu próprio sangue”, eu adicionei, meu sorriso ficando mais largo.

Nós estávamos na sala da frente. A porta estava um pouco aberta, e eu a chutei do meu caminho.

A Sra. Cope deu um pulo, alarmado. “Oh, meu...”, ela engasgou enquanto examinava a garota pálida que estava nos meus braços.

“Desmaiou em Biologia”, eu expliquei, antes que sua imaginação voasse muito.

A Sra. Cope se apressou para abrir a porta da enfermaria. Os olhos de Bella estavam arregalados de novo, vigiando-a. Eu ouvi a surpresa da enfermeira mais velha quando coloquei a garota cuidadosamente na cama gasta. Assim que Bella não estava mais nos meus braços, eu deixei o tamanho da sala de distância entre nós. Meu corpo estava excitado demais, faminto demais, os músculos tensos e o veneno jorrando. Ela era tão quente e perfumada.

“Foi só um pequeno desmaio”, eu garanti à Sra. Hammond. “Eles estão fazendo tipagem sanguínea em Biologia”.

Ela acenou com a cabeça, compreendendo agora. “Sempre tem um”.

Eu segurei uma risada. Pode esperar que Bella vai ser esse um.

“Apenas fique deitada por um minuto, querida”, disse a Sra. Hammond. “Já vai passar”.

“Eu sei”, disse Bella.

“Isso acontece sempre?”, a enfermeira perguntou.

“Às vezes”, Bella admitiu.

Eu tentei fingir que minha risada foi uma tossida.

Isso desviou a atenção da enfermeira para mim. “Pode voltar para a classe agora”, ela disse.

Eu a olhei diretamente nos olhos e menti com total confiança. “É para eu ficar aqui com ela”.

Hmm. Eu acho... ah, tanto faz. A Sra. Hammond assentiu com a cabeça.

Funcionava muito bem nela. Por que Bella tinha que ser tão difícil?

“Vou pegar um pouco de gelo para sua testa, querida”, a enfermeira disse, levemente desconfortável por ter olhado nos meus olhos – do jeito que um humano deveria estar – e saiu da sala.

“Você tinha razão”, Bella murmurou, fechando os olhos.

O que ela queria dizer? Eu pulei para a pior conclusão: ela havia aceitado meus avisos.

“Em geral eu estou”, eu disse, tentando continuar soando entretido. “Mas sobre o quê em particular desta vez?”

“Cabular é saudável”, ela suspirou.

Ah, alívio de novo.

Ela ficou quieta então, apenas respirando devagar. Seus lábios começavam a ficar rosados. Sua boca um pouco desbalanceada, o lábio inferior só um pouco mais cheio que o superior. Olhar para a boca dela me fez sentir-me estranho. Me fez querer chegar mais perto dela, o que não era uma boa idéia.

“Você me assustou por um minuto”, eu disse – para recomeçar a conversa, e poder ouvir sua voz de novo. “Eu pensei que Newton estivesse arrastando seu cadáver para enterrar na floresta”.

“Ha ha”, ela disse.

“Sério – já vi cadáveres com uma cor melhor”. Isso era mesmo verdade. “Eu estava preocupado que talvez fosse ter que vingar seu assassinato”. E eu teria vingado.

“Pobre Mike”, ela suspirou. “Aposto que ele está louco”.

Eu pulsei de fúria, mas logo a contive. Sua preocupação certamente era só por pena. Ela era gentil. Só isso.

“Ele simplesmente me abomina”, eu lhe disse, alegre com a idéia.

“Você não sabe disso”.

“Eu vi a cara dele – dava para perceber”. Era provavelmente verdade que ler sua expressão teria me dado informação o suficiente para deduzir isso. Toda essa prática com Bella estava melhorando minha habilidade de ler expressões humanas.

“Como você me viu? Pensei que estivesse cabulando”. O rosto dela parecia melhor – o tom esverdeado havia desaparecido de sua pele translúcida.

“Estava no meu carro, ouvindo um CD”.

A expressão dela mudou completamente, como se uma resposta tão comum a tivesse surpreendido de alguma forma.

Ela abriu os olhos de novo quando a Sra. Hammond voltou com o saco de gelo.

“Aqui está, querida”, a enfermeira disse quando o encostou na testa de Bella. “Você parece melhor”.

“Eu acho que estou bem”, Bella disse, sentando e afastando o gelo. Claro. Ela não gostava de ser cuidada.

As mãos enrugadas da Sra. Hammond se dirigiram à garota, como se fossem forçá-la a deitar de novo, mas então a Sra. Cope abriu a porta e entrou. Com ela veio o cheiro de sangue fresco, só uma brisa.

Invisível na outra sala, Mike Newton ainda estava muito irritado, desejando que o garoto pesado que ele carregava agora fosse a garota que estava aqui comigo.

“Mais um”, disse a Sra. Cope.

Bella desceu da maca num pulo, louca para sair dos holofotes.

“Aqui”, ela disse, entregando a compressa para a Sra. Hammond. “Não preciso disto”.

Mike bufou quando ele meio que empurrou Lee Stevens através da porta. Ainda havia sangue gotejando na mão que Lee segurava junto ao rosto, escorrendo até seu pulso.

“Oh não”. Esta era minha deixa para sair – e aparentemente a de Bella também. “Saia da sala, Bella”.

Ela me olhou confusa.

“Confie em mim – vai”.

Ela virou e segurou a porta antes que ela batesse, correndo pela sala. Eu segui apenas alguns passos atrás dela. Seu cabelo pendente acariciou a minha mão...

Ela se virou para me olhar, com os olhos ainda arregalados.

“”Você realmente me escutou”. Era a primeira vez.

Seu pequeno nariz enrugou. “Eu senti cheiro de sangue”.

Eu fiquei olhando para ela boquiaberto. “As pessoas não conseguem sentir cheiro de sangue”.

“Bom, eu consigo – é isso que me dá enjôo. Tem cheiro de ferrugem... e sal”.

Eu fiquei paralisado, ainda encarando.

Será que ela era mesmo humana? Ela parecia humana. Era macia como uma humana. Cheirava como uma humana – bem, melhor na verdade. Agia como uma humana... mais ou menos. Mas não pensava como uma humana, ou respondia como uma.

Que outra opção havia então?

“O quê?”, ela demandou.

“Nada”.

Mike Newton nos interrompeu, entrando na sala com pensamentos ressentidos, violentos.

“Você parece melhor”, ele lhe disse rudemente.

Minha mão se contraiu, querendo lhe ensinar boas maneiras. Eu teria que me vigiar, ou acabaria realmente matando este garoto detestável.

“Apenas mantenha sua mão no bolso”, ela disse. Por um instante de insensatez, pensei que ela estivesse falando comigo.

“Não tá mais sangrando”, ele respondeu ressentido. “Você vai voltar para a aula?”

“Você tá brincando? Eu teria que dar meia volta e vir pra cá de novo”.

Isso era muito bom. Eu havia pensado que ia ter que perder essa hora inteira com ela, e ao invés disso agora eu tinha tempo extra. Eu me senti ganancioso, a avareza aumentando a cada minuto.

“Sim, eu acho...”, Mike resmungou. “E então, você vai nesse fim de semana? Para a praia?”

Ah, eles tinham planos. Fui inundado pela raiva. Mas era um passeio em grupo. Eu havia visto na cabeça de alguns alunos. Não seriam só eles dois. Eu ainda estava furioso. Me encostei no canto e fiquei parado, tentando me controlar.

“Claro, eu disse que estava dentro”, ela lhe prometeu.

Então ela havia dito sim para ele também. O ciúme queimava, mais doloroso que a sede.

Não, era só um passeio em grupo, eu tentava me convencer. Ela só ia passar um dia com os amigos. Nada mais.

“Vamos nos reunir na loja do meu pai, às dez”. E Cullen NÃO ESTÁ convidado.

“Vou estar lá”, ela disse.

“Te vejo no ginásio, então”.

“Até lá”, ela respondeu.

Ele se arrastou de volta para a aula, seus pensamentos cheios de ira. O que ela vê naquele esquisito? Claro, ele é rico, eu acho. As meninas pensam que ele é gostoso, mas eu não vejo isso. Muito... muito perfeito. Eu aposto que o pai dele faz experiências com cirurgia plástica em todos eles. É por isso que eles são todos tão branquinhos e bonitos. Não é natural. E ele é meio que... assustador. Às vezes, quando ele me encara, eu poderia jurar que ele está pensando em me matar... Esquisito...”

Mike não era assim tão imperceptivo.

“Ginásio”, Bella repetiu silenciosamente. Um gemido.

Eu olhei para ela, e vi que ela estava triste por causa de alguma coisa de novo. Não sabia muito bem por quê, mas estava claro que ela não queria ir para sua próxima aula com Mike, e eu lhe daria total apoio.

Fui para o seu lado e me inclinei para perto de seu rosto, sentindo o calor de sua pele irradiando para os meus lábios. Eu não ousei respirar.

“Eu posso cuidar disso”, murmurei. “Vá sentar e parecer pálida”.

Ela fez como eu pedi, sentando em uma das cadeiras dobráveis e encostando a cabeça na parede, enquanto, atrás de mim, a Sra. Cope saiu da sala dos fundos e foi para sua mesa. De olhos fechados, Bella parecia ter desmaiado de novo. Sua cor ainda não tinha voltado completamente.

Eu me virei para a secretária. Tomara que Bella esteja prestando atenção, eu pensei. Era assim que um humano deveria responder.

“Sra. Cope?”, eu perguntei, usando minha voz persuasiva de novo.

Seus cílios ondularam, e seu coração acelerou. Jovem demais, se contenha. “Sim?”

Isso era interessante. Quando a pulsação de Shelly Cope acelerava, era porque ela me achava fisicamente atraente, e não porque ela estava assustada. Eu estava acostumado com isso perto de humanas mulheres... mas ainda não havia considerado essa explicação para o coração acelerado de Bella.

Eu meio que gostei disso. Eu sorri, e a respiração da Sra. Cope aumentou de volume.

“Bella tem educação física na próxima aula, e não acho que ela está se sentindo bem o bastante. Você acha que poderia liberá-la da aula?”. Eu encarei seus olhos rasos, gostando do caos que se formou nos seus processos mentais. Seria possível que Bella...?

A Sra. Cope teve que engolir alto antes de responder. “Você também precisará de uma dispensa, Edward?”

“Não, eu tenho aula da Sra. Goff, ela não se importará”.

Eu não estava prestando mais muita atenção nela. Estava explorando esta nova possibilidade.

Hmm. Eu gostaria de acreditar que Bella me achava atraente como as outras humanas achavam, mas quando foi que Bella teve a mesma reação que outros humanos? Eu não devia alimentar minhas esperanças.

“Ok, tudo resolvido. Melhoras, Bella”.

Bella consentiu fracamente – exagerando um pouco.

“Você consegue andar, ou quer que eu te carregue de novo?”, eu perguntei, divertido por sua péssima interpretação. Eu sabia que ela iria querer andar – ela não iria quer ser fraca.

“Eu vou andar”, ela disse.

Acertei de novo. Estava ficando bom nisso.

Ela se levantou, hesitando por um momento para testar seu equilíbrio. Eu abri a porta para ela, e nós saímos andando na chuva.

Eu a assisti levantar seu rosto para a chuva fina com seus olhos fechados, um leve sorriso nos lábios. No quê ela estava pensando? Algo nesta cena parecia estranho, e eu logo percebi por que esta postura parecia tão pouco familiar para mim. As garotas normais não levantariam o rosto para a garoa deste jeito – as garotas normais em geral usavam maquiagem, mesmo neste lugar úmido.

Bella nunca usava maquiagem, nem deveria. A indústria de cosméticos arrecadava milhões de dólares por ano de mulheres que tentavam obter peles como a dela.

“Obrigada”, ela disse, agora sorrindo para mim. “Vale a pena passar mal para perder a educação física”.

Eu olhei ao redor do campus, tentando pensar numa maneira de prolongar meu tempo com ela.

“Disponha”, eu disse.

“Então para onde você está indo? Sábado, quero dizer?”. Ela soava esperançosa.

Ah, sua esperança era um alívio. Ela queria que eu, e não Mike Newton, estivesse com ela. E eu queria dizer sim. Mas havia tantas coisas para considerar. Primeiro, o dia estaria ensolarado no Sábado...

“Aonde vocês estão indo, exatamente?”, eu tentei manter minha voz indiferente, como se não me importasse muito. Mas Mike havia dito praia. Poucas chances de evitar a luz do sol ali.

“Até La Push, para a First Beach”.

Droga. Bom, era impossível, então.

De qualquer forma, Emmett ficaria irritado se eu cancelasse nossos planos.

Eu olhei para ela, sorrindo ironicamente. “Eu não acho que fui convidado”.

Ela suspirou, já resignada. “Eu acabei de te convidar”.

“Vamos eu e você não pressionar mais o pobre Mike nesta semana. Nós não queremos que ele quebre”. Eu pensei em quebrar o pobre Mike eu mesmo, e apreciei a imagem na minha mente intensamente.

“Mike bobão”, ela disse, o dispensando novamente. Eu sorri abertamente.

E então ela começou a andar para longe de mim.

Sem pensar na minha reação, eu a alcancei e a agarrei por trás de seu casaco de chuva. Ela parou num tranco.

“Onde você pensa que vai?”. Eu estava quase bravo por ela estar me deixando. Eu não tinha passado tempo suficiente com ela. Ela não podia ir, não ainda.

“Para casa”, ela disse, confusa sobre o porquê disso me chatear.

“Você não me ouviu prometendo te levar para a casa em segurança? Você acha que eu vou te deixar dirigir nesta condição?”. Eu sabia que ela não ia gostar disso, minha insinuação de fraqueza por parte dela. Mas eu precisava mesmo praticar para a viagem a Seattle. Ver se eu conseguia suportar estar próximo dela num lugar fechado. Esta jornada seria muito mais curta.

“Que condição?”, ela demandou. “E a minha picape?”

“Vou pedir para Alice leva-la depois da aula”. Eu a puxei de volta até meu carro cuidadosamente, já que agora sabia que até andar para frente era desafiador o bastante para ela.

“Me solta!”, ela disse, se retorcendo e quase tropeçando. Eu estendi uma mão para segurá-la, mas ela se endireitou antes que isso fosse necessário. Eu não deveria estar procurando por desculpas para tocá-la. Isso me fez lembrar da reação da Sra. Cope a mim, mas eu guardei o pensamento para mais tarde. Havia muito mais a ser considerado naquela história.

Eu a soltei ao lado do carro, e ela se chocou com a porta. Eu teria que ser ainda mais cuidadoso, com seu equilíbrio ruim...

“Você é tão mandão!”

“Está aberta”.

Eu entrei do meu lado e liguei o carro. Ela se contraiu rigidamente, ainda lá fora, apesar de que a chuva havia apertado e eu sabia que ela não gostava de frio e de umidade. Seu cabelo grosso estava encharcado, quase preto.

“Eu sou totalmente capaz de dirigir até minha casa!”

Claro que ela era – só que eu não era capaz de deixá-la partir.

Eu desci o vidro do lado dela e me inclinei em sua direção, “Entre, Bella”.

Seus olhos se estreitaram, e eu pude ver que ela estava ponderando se fugia ou não.

“Eu vou te arrastar de volta”, prometi, gostando do desapontamento em seu rosto quando ela percebeu que eu estava falando sério.

Com o queixo rígido, ela abriu a porta e entrou. Seu cabelo escorria no couro e suas botas rangiam uma contra a outra.

“Isto é completamente desnecessário”, ela disse friamente. Achei que, por trás de sua atitude, ela parecia embaraçada.

Eu liguei o aquecedor para que ela não se sentisse desconfortável, e liguei o rádio num volume razoável de música ambiente. Eu dirigi até a saída, a vigiando do canto do meu olho. Seu lábio inferior fazia um beicinho teimoso. Eu fiquei olhando, examinando como isso fazia eu me sentir... pensando na reação da secretária de novo...

De repente ela olhou para o rádio e sorriu, seus olhos se arregalando. “Clair de Lune?”, ela perguntou.

Fã de clássicos? “Você conhece Debussy?”

“Não muito”, ela disse. “Minha mãe põe bastante música clássica pela casa – só conheço minhas favoritas.

“É uma das minhas favoritas também”. Eu fiquei olhando a chuva, considerando. Eu realmente tinha algo em comum com a garota. Estava começando a pensar que éramos opostos em todos os aspectos.

Ela parecia mais relaxada agora, olhando para a chuva como eu, olhando mas sem ver. Eu aproveitei o momento de distração para experimentar como seria respirar.

Eu inalei cuidadosamente pelo nariz.

Potente.

Eu agarrei o volante com mais força. A chuva deixou seu cheiro melhor. Eu não havia pensado nessa possibilidade. Estupidamente, de repente eu estava imaginando qual seria o seu gosto.

Tentei engolir contra o fogo na minha garganta, pensar em outra coisa.

“Como é a sua mãe?”, eu perguntei para me distrair.

Bella sorriu. “Ela se parece bastante comigo, mas é mais bonita”.

Eu duvidava.

“Eu tenho muito de Charlie em mim”, ela continuou. “Ela é mais extrovertida que eu, e mais corajosa”.

Duvidava disso também.

“Ela é irresponsável e um tanto excêntrica, e uma cozinheira totalmente imprevisível. É minha melhor amiga”. Sua voz agora estava melancólica; sua testa se enrugou.

Novamente, ela soava mais como mãe que como filha.

Eu parei na frente da casa dela, me perguntando um pouco tarde demais se eu deveria supostamente saber onde ela morava. Não, isso não seria suspeito numa cidade pequena, com seu pai sendo uma figura pública...

“Quantos anos você tem, Bella?”. Ela devia ser mais velha que seus colegas. Talvez ela tivesse começado a escola atrasada, ou havia sido reprovada... mas isso não parecia muito provável.

“Dezessete”, ela respondeu.

“Você não parece ter dezessete”.

Ela riu.

“O quê?”

“Minha mãe sempre fala que eu nasci com trinta e cinco e a cada ano me aproximo mais da meia-idade”. Ela riu de novo, e suspirou. “Bem, alguém tem que ser o adulto”.

Isso clareou as coisas para mim. Eu podia ver agora... como a mãe irresponsável ajudava a explicar a maturidade de Bella. Ela teve que crescer logo, e se tornar a responsável. Era por isso que não gostava de ser cuidada – ela achava que era a sua função.

"Você também não parece muito um segundo-anista", ela disse, me arrancando dos meus pensamentos.

Eu fechei a cara. Para cada coisa que eu percebia sobre ela, ela percebia muito mais em troca. Eu mudei de assunto.

"Então por que sua mãe se casou com Phil?"

Ela hesitou um pouco antes de responder. "Minha mãe... ela é muito jovem para sua idade. Eu acho que Phil a faz se sentir ainda mais jovem. E de qualquer forma, ela é louca por ele". Ela balançou a cabeça indulgentemente.

"E você aprova?", eu imaginei.

"Isso importa?", ela perguntou. "Eu quero que ela seja feliz... e é ele que ela quer".

A total falta de egoísmo na resposta dela deveria ter me chocado, mas ele se encaixava muito bem com tudo o que eu havia aprendido sobre sua personalidade.

"Isso é bem generoso... eu fico pensando".

"O quê?"

"Você acha que ela estenderia a mesma cortesia a você? Não importando quem você escolhesse?"

Era uma pergunta idiota, e eu não consegui manter meu tom de voz casual enquanto a fazia. Que estúpido pensar que alguém aprovaria a mim para sua filha. Que estúpido sequer pensar que Bella algum dia me escolheria.

"Eu-eu acho que sim", ela gaguejou, reagindo ao meu olhar. Medo... ou atração?

"Mas também, ela é a mãe. É um pouco diferente", ela terminou.

Eu sorri ironicamente. "Ninguém muito assustador então".

Ela sorriu para mim. "O que você quer dizer com assustador? Vários piercings no rosto e tatuagens enormes?"

"Esta é uma definição, eu suponho". Uma definição nada ameaçadora, a meu ver.

"Qual a sua definição?"

Ela sempre fazia as perguntas erradas. Ou talvez exatamente as perguntas corretas. Aquelas que eu não queria responder, de forma alguma.

"Você acha que eu poderia ser assustador?", eu perguntei, tentando sorrir um pouco.

Ela pensou a respeito antes de me responder, numa voz séria. "Hmm... eu acho que você poderia, se você quisesse".

Eu estava sério também. "Você está com medo de mim agora?"

Ela respondeu de uma vez, sem pensar. "Não".

Eu sorri com mais facilidade. Não achava que ela estava sendo totalmente sincera, mas também não estava mentindo. Pelo menos ela não estava tão assustada a ponto de querer partir. Eu imaginei como ela se sentiria se eu lhe dissesse que ela estava tendo esta discussão com um vampiro. Eu recuei internamente de imaginar sua reação.

"Então, agora você vai me contar sobre sua família? Deve ser uma história muito mais interessante que a minha".

Mais assustadora, pelo menos.

"O que você quer saber?", eu perguntei cuidadosamente.

"Os Cullen te adotaram?"

"Sim".

Ela hesitou, e então falou baixo: "O que aconteceu com seus pais?"

Isso não era tão difícil; eu nem estava tendo que mentir para ela. "Eles morreram há muito tempo atrás".

"Sinto muito", ela murmurou, claramente preocupada se tinha me magoado.

Ela estava preocupada comigo.

"Eu não me lembro deles tão bem assim", certifiquei-a. "Carlisle e Esme têm sido meus pais por um bom tempo agora".

"E você os ama", ela deduziu.

Eu sorri. "Sim. Não consigo imaginar duas pessoas melhores".

"Você é muito sortudo".

"Eu sei que sou". Nesta circunstância, a respeito de meus pais, minha sorte não podia ser negada.

“E seus irmãos e irmãs?”

Se eu a deixasse pressionar muito por detalhes, eu teria que mentir. Eu olhei para o relógio, decepcionado que meu tempo com ela havia acabado.

“Meu irmão e irmã, e Jasper e Rosalie também, vão ficar bem chateados se tiverem que ficar me esperando na chuva”.

“Oh, desculpe, acho que você tem que ir”.

Mas não se moveu. Ela não queria que o tempo tivesse acabado, também. Eu gostava muito, muito disso.

“E você provavelmente quer sua picape de volta antes que o Chefe Swan chegue em casa, pois assim você não precisaria contar a ele sobre o que aconteceu na aula de Biologia”. Eu sorri com a memória de como ela estava embaraçada em meus braços.

“Eu tenho certeza que ele já escutou. Não há segredos em Forks”. Ela disse o nome da cidade com bastante desgosto.

Eu ri de suas palavras. Realmente, não havia segredos. “Se divirta na praia”. Eu olhei a chuva, sabendo que não duraria, e desejando mais do que o normal que durasse. “Que o tempo esteja bom, para banhos de sol”. Bem, no Sábado estará. Ela iria gostar disso.

“Não te vejo amanhã?”

A preocupação em seu tom me agradou.

“Não. Emmett e eu começaremos o fim de semana mais cedo”. Eu estava maluco comigo mesmo por ter feito planos. Eu poderia cancelá-los... mas neste ponto caçar nunca era demais, e minha família já estava preocupada o suficiente com meu comportamento sem que eu revelasse o quão obsessivo estava me tornando.

“O que vocês vão fazer?”, ela perguntou, não soando feliz com minha revelação.

Bom.

“Nós vamos escalar nas montanhas Wilderness, ao sul de Rainier”. Emmett estava ansioso pela temporada de ursos.

E quando eu olhei para ela, comecei a me sentir quase agonizante com a idéia de ter que dizer um adeus, mesmo temporário. Ela era tão delicada e vulnerável. Parecia tolice deixá-la fora do meu campo de visão, onde qualquer coisa podia acontecer com ela. Ainda assim, a pior coisa que poderia acontecer com ela resultaria de ela estar comigo.

“Você faz algo por mim neste final de semana?”, eu perguntei seriamente.

Ela assentiu, seus olhos arregalados e intrigados pela minha intensidade.

Manter a leveza.

“Não se ofenda, mas você parece ser uma dessas pessoas que simplesmente atraem acidentes como um ímã. Então... tente não cair no oceano ou ser atropelada ou nada do gênero, tudo bem?”

Eu sorri para ela com compaixão, esperando que ela não pudesse ver a tristeza nos meus olhos. Como eu queria que ela não estivesse muito melhor longe de mim, não importando o que pudesse acontecer.

Corra Bella, corra. Eu te amo demais, pelo seu bem ou pelo meu.

Ela havia se ofendido com a minha provocação, e me encarou. “Vou ver o que posso fazer”, ela disse apertando a mandíbula, saindo na chuva e batendo a porta do carro com toda a força que tinha.

Justamente como um gatinho que pensava que é um tigre.

Eu curvei minhas mãos sobre as chaves que havia acabado de pegar do bolso da jaqueta dela, e sorri enquanto saía com o carro.

7- Melodia

Eu tive que esperar quando voltei para o colégio, pois ainda faltava uma hora para acabar a aula. Isso era bom, porque eu tinha que pensar em algumas coisas e precisava de um tempo sozinho. O cheiro dela permaneceu no carro. Eu deixei os vidros fechados, permitindo que ele me agredisse, tentando me acostumar com a sensação de intencionalmente incendiar minha garganta.

Atração.

Isso era uma coisa problemática de se contemplar. Tantos aspectos, tantos níveis e significados diferentes. Não era a mesma coisa que amor, mas estavam completamente entrelaçados.

Eu não tinha a menor idéia se Bella se sentia atraída por mim. (Será que o silêncio mental dela continuaria a ficar mais e mais frustrante até que eu ficasse louco? Ou havia um limite que eu em algum momento alcançaria?)

Eu tentei comparar as respostas físicas dela com as dos outros, como a secretária e Jessica Stanley, mas as comparações foram inconclusivas. Os mesmos marcadores – mudanças na velocidade dos batimentos e da respiração – podiam facilmente significar tanto medo ou choque ou nervosismo quanto interesse. Parecia improvável que Bella pudesse desenvolver os mesmos tipos de pensamentos que Jessica Stanley costumava ter. Afinal, Bella sabia muito bem que havia alguma coisa de errado comigo, mesmo que não soubesse exatamente o que era. Ela havia tocado minha pele gelada, e então puxado sua mão para longe do frio.

Ainda assim... quando eu me lembrava daquelas fantasias que costumavam ser repulsivas para mim, mas me lembrava delas com Bella no lugar de Jessica...

Eu estava respirando mais rápido, o fogo arranhando toda a minha garganta.

E se tivesse sido Bella me imaginando com meus braços entrelaçados em volta do seu corpo frágil? Sentindo-me apertá-la mais forte contra meu peito e então moldando minha mão sob seu queixo? Escovando a pesada cortina de seus cabelos detrás de seu rosto corado? Traçando o formato de seus lábios cheios com as pontas dos meus dedos? Inclinando meu rosto para o dela, para que eu pudesse sentir o calor de seu hálito na minha boca? Chegando ainda mais perto...

Mas então eu fugi da fantasia, sabendo, como eu havia sabido quando Jessica havia imaginado essas coisas, o que aconteceria se eu chegasse ainda mais perto.

A atração era um dilema impossível, porque eu já estava muito atraído por Bella, do pior jeito.

E eu queria que Bella estivesse atraída por mim, uma mulher a um homem?

Esta era a pergunta errada. A pergunta certa era se eu deveria querer que Bella estivesse atraída por mim desta forma, e a resposta era não. Porque eu não era um homem humano, e isso não seria justo com ela.

Com cada fibra do meu ser, eu ardia com o desejo de ser um homem normal, para que eu pudesse tomá-la em meus braços sem arriscar sua vida. Para que eu pudesse ser livre para ter minhas próprias fantasias, fantasias que não terminavam com seu sangue em minhas mãos, seu sangue brilhando nos meus olhos.

Minha insistência por ela era imperdoável. Que tipo de relacionamento eu lhe poderia oferecer, quando eu sequer podia correr o risco de tocá-la?

Eu apoiei minha cabeça nas mãos.

Era tudo ainda mais confuso porque eu nunca havia me sentido tão humano em toda a minha vida – nem mesmo quando eu era humano, até onde eu podia me lembrar. Quando eu era humano, meus pensamentos estavam todos voltados à glória de ser soldado. A Primeira Guerra se arrastou pela maior parte de minha adolescência, e faltavam apenas nove meses para meu aniversário de dezoito anos quando a Influenza eclodiu... eu possuía apenas vagas impressões sobre estes anos de humanidade, memórias obscuras que se esvaíam ainda mais com cada década que passava. Eu me lembrava de minha mãe mais claramente, e sentia uma dor muito antiga quando pensava em seu rosto. Possuía uma lembrança nebulosa de como ela odiava o futuro do qual eu ansiosa e rapidamente me aproximava, rezando todas as noites, quando ela dava graças antes do jantar, que a “guerra horrorosa” acabasse... eu não tinha memórias de outro tipo de ânsia. Além do amor da minha mãe, não existia outro amor que me fizesse querer ficar...

Isto era completamente novo para mim. Eu não podia traçar paralelos, fazer comparações.

O amor que eu sentia por Bella havia surgido puro, mas agora as águas estavam turvas. Eu queria muito ser capaz de tocá-la. Será que ela sentia o mesmo?

Isso não importa, eu tentava me convencer.

Eu encarei minhas mãos brancas, odiando sua dureza, sua frieza, sua força inumana...

Dei um salto quando a porta do passageiro se abriu.

Há. Te peguei de surpresa. Primeira vez, Emmett pensou enquanto escorregava para o assento.

“Eu aposto que a Sra. Goffman acha que você tá usando drogas, você tá tão distante esses dias. Onde você estava hoje?”

“Eu estava... praticando boas ações”.

Huh?

Eu soltei um risinho. “Cuidando dos doentes, este tipo de coisa”.

Isto o confundiu ainda mais, mas então ele inalou e sentiu o aroma no ar.

“Oh. A garota de novo?”

Eu fechei a cara.

Isso tá ficando estranho.

“Nem me diga”, eu resmunguei.

Ele inalou novamente. “Hmm, ela tem um sabor e tanto, não?”

O rosnado escapou por meus lábios antes que suas palavras sequer tivessem registrado na minha cabeça, uma resposta automática.

“Calma, garoto, tô só comentando”.

Então os outros chegaram. Rosalie percebeu o cheiro logo de cara e me fuzilou, ainda irritada.

Eu tentei imaginar qual seria o problema, mas tudo o que eu consegui ouvir dela foram insultos.

Eu também não gostei da reação de Jasper. Como Emmett, ele havia reparado no sabor apelativo de Bella. Não que o aroma tivesse, para eles, um milésimo da atração que tinha para mim. Mas eu ainda estava chateado que o cheiro fosse doce para eles. Jasper não tinha muito controle...

Alice deu a volta até o meu lado do carro e estendeu sua mão para pegar as chaves da picape da Bella.

“Eu vi que ia fazê-lo”, ela disse – obscuramente, como era seu hábito. “Você vai ter que me dizer os porquês”.

“Isto não significa –”

“Eu sei, eu sei. Eu vou esperar. Não vai demorar”.

Eu suspirei e lhe entreguei as chaves.

Eu a segui até a casa de Bella. A chuva despencava como um milhão de pequenos martelos, tão forte que talvez os ouvidos humanos de Bella não pudessem ouvir o barulho de trovão que o motor fazia. Eu vigiei sua janela, mas ela não saiu para olhar. Talvez ela não estivesse em casa. Não havia pensamentos para ouvir.

Me deixava triste que não conseguir ouvir o suficiente para tomar conta dela – para ter certeza que ela estava feliz, ou à salvo, pelo menos.

Alice entrou no banco de trás e nós corremos para casa. As estradas estavam vazias, e assim levou apenas alguns minutos. Entramos em casa juntos, e então seguimos para nossos vários passatempos.

Emmett e Jasper estavam no meio de um elaborado jogo de xadrez, utilizando oito tabuleiros ao mesmo tempo – espalhados ao lado da parede de vidro dos fundos – e seus próprios conjuntos de regras complicados. Eles não me deixariam jogar; apenas Alice ainda jogava qualquer coisa comigo.

Alice foi até seu computador, logo após o canto de onde eles estavam, e eu podia ouvir o barulho de seu monitor ligando. Alice estava trabalhando num projeto de fashion design para o guarda-roupa de Rosalie, mas Rosalie não quis se juntar a ela hoje, para ficar atrás discutindo cortes e cores enquanto as mãos de Alice passeavam pela tela sensível (Carlisle e eu tivemos que reajustar um pouco o sistema, já que a maioria dessas telas responde à temperatura). Ao invés disso, hoje ela se espalhou aborrecida no sofá e começou a passear por vinte canais por segundo na tv de tela plana, nunca parando. Eu podia ouvi-la tentando decidir se ia ou não até a garagem regular sua BMW mais uma vez.

Esme estava no andar de cima, cantarolando e trabalhando num punhado de projetos.

Alice inclinou sua cabeça ao redor do canto depois de um tempo e começou a mexer os lábios, dedurando os próximos movimentos de Emmet – Emmet estava sentado no chão, de costas para ela – para Jasper, que manteve sua expressão muito suave enquanto comia o cavalo favorito de Emmett.

E eu, pela primeira vez em tanto tempo que me senti até envergonhado, fui sentar num sublime piano de cauda estacionado perto da entrada.

Eu corri a mão gentilmente pelas teclas, testando a sonoridade. A afinação ainda estava perfeita. No andar de cima, Esme parou o que estava fazendo e empinou a cabeça para o lado.

Eu comecei o primeiro verso da melodia que havia se sugerido para mim hoje no carro, satisfeito que ela soasse ainda melhor do que eu havia imaginado.

Edward está tocando de novo, Esme pensou, cheia de alegria, um sorriso irrompendo em sua face. Ela se levantou de sua mesa, e silenciosamente, num movimento rápido, foi para o topo das escadas.

Eu acrescentei uma harmonia, deixando a melodia central ondular através dela.

Esme suspirou de contentamento, sentou-se no primeiro degrau e encostou a cabeça no corrimão. Uma nova canção. Fazia tanto tempo. Que melodia amável.

Eu deixei a melodia seguir uma nova direção, seguindo-a com o acompanhamento mais grave.

Edward está compondo de novo?, pensou Rosalie, e seus dentes se apertaram num ressentimento violento.

Naquele momento, ela cometeu um deslize, e eu pude ouvir todo o seu ressentimento implícito. Eu vi por que ela estava tão mal-humorada comigo. Por que matar Isabella Swan não teria incomodado sua consciência nem um pouco.

Com Rosalie, era sempre por vaidade.

A música parou abruptamente, e eu ri antes que pudesse evitar, um abrupto ganido de divertimento que escapou rapidamente enquanto eu atirava a mão sobre minha boca.

Rosalie virou para me encarar, seus olhos faiscando com fúria e embaraço.

Emmett e Jasper se viraram para encarar, também, e eu ouvi a confusão de Esme. Ela desceu as escadas num piscar de olhos, parando entre Rosalie e eu para olhar.

“Não pare, Edward”, Esme encorajou, depois daquele momento tenso.

Eu recomecei a tocar, virando minhas costas para Rosalie enquanto tentava arduamente controlar o sorriso se esboçando no meu rosto. Ela levantou e andou irritada para fora da sala, mais irritada do que embaraçada. Mas certamente um tanto embaraçada.

Se você disser qualquer coisa vou te caçar como um cão.

Eu segurei outra risada.

“O que foi, Rosalie?”, Emmet chamou enquanto ela saía. Rosalie não se virou. Ela continuou, com a postura ereta e rígida, até a garagem e então se espremeu sob seu carro como se pudesse enterrar-se ali.

“O que foi isso?”, Emmett me perguntou.

“Não tenho a menor idéia”, menti.

Emmett resmungou, frustrado.

“Continue tocando”, Esme incentivou. Minhas mãos haviam parado novamente.

Eu fiz como ela pediu, e ela veio parar atrás de mim, colocando suas mãos nos meus ombros.

A música estava interessante, mas incompleta. Eu brinquei com uma ponte, mas de alguma forma ela não parecia ter ficado boa.

“É encantadora. Tem um nome?”, perguntou Esme.

“Ainda não”.

“Há alguma história por trás dela?”, ela perguntou, um sorriso em sua voz. Isso a dava um prazer enorme, e eu me senti culpado por ter negligenciado minha música por tanto tempo. Eu havia sido egoísta.

“É... uma canção de ninar, eu acho”. E acertei a ponte então. Ela levou facilmente ao próximo movimento, ganhando vida própria.

“Uma canção de ninar”, ela repetiu para si mesma.

Havia uma história para esta melodia, e assim que eu percebi isso, as peças se encaixaram sem esforço. A história era sobre uma garota adormecida numa cama estreita, cabelo escuro e grosso e selvagem e esparramado como uma alga marinha pelo travesseiro...

Alice deixou que Jasper passasse a decidir seu jogo sozinho, e veio sentar perto de mim no banco. Com sua voz de vento, vibrante e harmoniosa, ela ensaiou um acompanhamento sem palavras, duas oitavas acima da melodia.

“Gostei”, eu murmurei, “mas que tal assim?”

Eu acrescentei o verso dela à harmonia – minhas mãos estavam voando sobre as teclas agora para tocar juntas todas as partes – modificando-a um pouco, levando-a a uma nova direção...

“Sim. Perfeito”, eu disse.

Esme apertou meu ombro.

Mas eu podia ver o final agora, com a voz de Alice acima da melodia a levando a um lugar diferente. Eu conseguia ver como a música deveria terminar, porque a garota estava perfeita exatamente como estava, e qualquer mudança seria um erro, uma tristeza. A música foi carregada por essa conclusão, ficando mais lenta e grave. A voz de Alice também ficou mais grave, e se tornou solene, um tom que seria ouvido sob os arcos ecoantes de uma catedral iluminada por velas.

Eu toquei a última nota, e então curvei minha cabeça sobre as teclas.

Esme acariciou meu cabelo. Vai ficar tudo bem, Edward. Isso vai se resolver da melhor maneira possível. Você merece ser feliz, meu filho. O destino lhe deve isso.

“Obrigado”, eu suspirei, desejando poder acreditar nisso.

O amor nem sempre vem em embalagens convenientes.

Eu ri sem humor.

Você, mais do que qualquer um nesse planeta, é talvez o melhor equipado para lidar com uma situação tão difícil e complexa. Você é o melhor e o mais brilhante de todos nós.

Eu suspirei. Toda mãe pensava o mesmo de seu filho.

Esme ainda estava cheia de alegria porque meu coração havia finalmente sido tocado, depois de tanto tempo, não importando qual fosse o potencial para tragédia. Ela havia pensado que eu ficaria para sempre só...

Ela vai ter que te amar de volta, ela pensou subitamente, me pegando de surpresa com a direção dos seus pensamentos. Se ela for esperta. Ela sorriu. Mas eu não consigo imaginar alguém sendo tão lento a ponto de não perceber o quão valioso você é.

“Pára, mãe, está me fazendo corar”, eu provoquei. Suas palavras, mesmo sendo improváveis, conseguiram me alegrar.

Alice riu e começou a tocar a mão superior de “Heart and Soul”. Eu sorri e completei a harmonia simples com ela. Então eu a agradei com uma performance de “Chopsticks”.

Ela deu um risinho, e então suspirou. “Eu queria que você me contasse por que estava rindo de Rose”, Alice disse. “Mas posso ver que você não vai”.

“Não”.

Ela me deu um peteleco na orelha.

“Comporte-se, Alice”, reprimiu Esme. “Edward só está sendo um cavalheiro”.

“Mas eu quero saber”.

Eu ri do seu tom de voz mimado. Então eu disse, “Aqui, Esme”, e comecei a tocar sua canção favorita, um tributo sem nome ao amor que eu havia presenciado entre ela e Carlisle por tantos anos.

“Obrigada, querido”. Ela apertou meu ombro mais uma vez.

Eu não tinha que me concentrar para tocar a familiar canção. Ao invés disso eu pensei em Rosalie, ainda figurativamente se contorcendo de vergonha na garagem, e sorri para mim mesmo.

Tendo acabado de descobrir por mim mesmo a potência do ciúme, eu tinha um pouco de pena dela. Era uma maneira miserável de se sentir. É claro, o ciúme dela era mil vezes mais trivial que o meu. Como uma agulha no palheiro.

Eu imaginei como a vida e a personalidade de Rosalie teriam sido diferentes se ela não tivesse sido sempre a mais bonita. Será que ela seria uma pessoa melhor se a beleza não tivesse sido sempre sua característica mais marcante? Menos egocêntrica? Ela teria mais compaixão? Bom, eu supus que era inútil imaginar, porque o que passou passou, e ela sempre havia sido a mais bonita. Mesmo quando humana, ela sempre esteve nos holofotes por sua beleza. Não que ela achasse ruim. O oposto – ela amava a admiração acima de quase tudo. Isso não havia mudado com a perda de sua imortalidade.

Não era surpresa nenhuma então, considerando esta necessidade como um fato, que ela se sentiu ofendida quando eu, desde o começo, não idolatrei sua beleza da maneira que ela esperava que todos os homens deveriam fazer. Não que ela quisesse a mim de alguma forma – longe disso. Mas a irritava que eu não a quisesse, apesar disso. Ela estava acostumada a ser desejada.

Era diferente com Jasper e Carlisle – eles já estavam ambos apaixonados. Eu era completamente descomprometido, e ainda assim permaneci totalmente inalterado.

E eu pensava que este antigo sentimento estivesse enterrado. Que ela já o havia superado há muito tempo.

E ela havia... até o dia em que eu finalmente encontrei alguém cuja beleza me tocou do jeito que a dela não tinha feito.

Rosalie confiava na crença de que, se eu não achava a sua beleza digna de adoração, então certamente não haveria beleza no mundo capaz de me tocar. Ela havia estado furiosa desde o momento em que eu salvei a vida de Bella, adivinhando, com sua aguçada intuição feminina, o interesse do qual eu ainda estava completamente inconsciente.

Rosalie foi mortalmente ofendida por eu ter achado alguma insignificante garota humana mais bonita que ela.

Eu segurei a vontade de rir de novo.

Mas me incomodava um pouco a maneira como ela via Bella. Rosalie realmente achava que a garota era sem graça. Como ela podia pensar assim? Para mim, parecia incompreensível. Um produto do ciúme, sem dúvida.

“Oh!”, Alice disse abruptamente. “Jasper, adivinhe só!”

Eu vi o que ela tinha acabado de visualizar, e minhas mãos congelaram nas teclas.

“O quê, Alice?”

“Peter e Charlotte estão vindo nos visitar na próxima semana! Eles estarão na vizinhança, não é legal?”

“O que foi, Edward?”, perguntou Esme, sentindo a tensão nos meus ombros.

“Peter e Charlotte estão vindo a Forks?”, eu sibilei para Alice.

Ela revirou os olhos. “Calma, Edward. Não é a primeira vez que eles vêm”.

Meus dentes se apertaram. Era a primeira vez que eles vinham desde que Bella havia chegado, e o sangue doce dela não apetecia apenas a mim.

Alice franziu a testa com a minha expressão. “Eles nunca caçam aqui. Você sabe disso.”

Mas o irmão de criação de Jasper e a pequena vampira que ele amava não eram como nós; eles ainda caçavam da maneira usual. Não se podia confiar neles com Bella por perto.

“Quando?”, eu demandei.

Ela franziu os lábios infeliz, mas me disse o que eu precisava saber. Segunda-feira pela manhã. Ninguém vai machucar Bella.

“Não”, eu concordei, e então dei as costas para ela. “Está pronto, Emmett?”

“Pensei que só partíamos amanhã cedo?”

“Nós voltaremos na meia noite de Domingo. Eu acho que você pode decidir quando partimos”.

“Tá, tudo bem. Deixa eu me despedir da Rose antes”.

“Claro”. Com o humor que Rosalie estava, seria uma despedida rápida.

Você realmente perdeu o juízo, Edward, ele pensou enquanto se dirigia à porta dos fundos.

“Eu suponho que sim”.

“Toque a nova canção para mim mais uma vez”, Esme pediu.

“Se você deseja”, eu concordei, apesar de estar um pouco hesitante em seguir a melodia até seu final inevitável – o final que me trazia dor de maneiras não-familiares. Eu pensei por um momento, e então tirei a tampinha de garrafa do meu bolso e a deixei no suporte de partituras vazio. Aquilo me ajudou um pouco – meu pequeno souvenir de seu sim.

Eu consenti com a cabeça, para mim mesmo, e comecei a tocar.

Esme e Alice trocaram um olhar, mas nenhuma delas fez perguntas.

“Ninguém nunca te ensinou a não brincar com a comida?”, eu chamei por Emmett.

“Oh, hei Edward!”, ele gritou de volta, sorrindo e acenando. O urso aproveitou sua distração para atacar com sua pesada para o peito de Emmett. As garras afiadas rasgaram sua camisa, e fizeram um barulho ardido quando raspavam em sua pele.

O urso urrou por causa do barulho.

Aw diabos, Rose me deu essa camisa!

Emmett urrou de volta para o animal enfurecido.

Eu suspirei e me sentei numa rocha. Isso poderia levar um tempo.

Mas Emmett estava quase acabando. Ele deixou o urso tentar arrancar sua cabeça com outra patada, rindo quando o golpe rebateu e mandou o urso cambaleando para trás.

O urso urrou e Emmett urru de novo no meio de sua risada. Então ele se lançou contra o animal, que estava de pé nas patas traseiras, uma cabeça mais alto que ele, e seus corpos caíram no chão entrelaçados, levando um pinheiro adulto com eles. Os rugidos do urso foram quebrados por um engasgo.

Alguns minutos depois, Emmett correu para onde eu o esperava. Sua camisa estava destruída, despedaçada e ensangüentada, grudenta com seiva e coberta de pêlos. Seu cabelo escuro e encaracolado não estava com uma aparência muito melhor. Ele tinha um sorriso enorme no rosto.

“Esse era forte. Eu quase pude sentir quando ele me arranhou”.

“Você é uma criança, Emmett”.

Ele olhou minha camisa lisa e limpa. “Então quer dizer que você não conseguiu alcançar o leão da montanha?”

“Claro que consegui. Eu só não como como um selvagem”.

Emmett riu a sua risada retumbante. “Queria que eles fossem mais fortes. Seria mais divertido”.

“Ninguém disse que você tinha que lutar por sua comida”.

“Tá, mas com quem mais eu vou lutar? Você e Alice trapaceiam, Rose nunca quer bagunçar o cabelo, e Esme fica louca se Jasper e eu realmente lutamos pra valer”.

“A vida é complicada, não?”

Emmett sorriu para mim, de repente arrumando sua posição para uma de ataque.

“Vamos lá, Edward. Desliga isso um minuto e luta justo”.

“Não desliga”, eu o lembrei.

“O que será que aquela garota humana faz pra te manter fora?”, disse Emmett, absorto em pensamentos. “Talvez ela pudesse me dar umas dicas”.

Meu bom humor sumiu. “Fique longe dela”, eu rosnei entre meus dentes.

“Nervosinho, nervosinho”.

Eu suspirei. Emmett veio se sentar ao meu lado na pedra.

“Desculpe. Eu sei que você está passando por uma barra. Eu realmente tô tentando não ser um idiota sem coração, mas, desde que essa é meio que minha condição natural...”

Ele esperou que eu risse de sua piada, e então fez uma careta.

Tão sério o tempo todo. O que tá te perturbando agora?

“Estou pensando nela. Bom, me preocupando na verdade”.

“Mas há motivos para se preocupar? Você está aqui”. Ele riu alto.

Eu ignorei sua piada mais uma vez, mas respondi sua pergunta. “Você já parou para pensar em como eles são frágeis? Quantas coisas ruins podem acontecer a um mortal?”

“Não muito. Mas eu acho que sei o que você quer dizer. Eu não era muito páreo pro urso na primeira vez, era?”

“Ursos”, eu murmurei, adicionando mais um item na pilha. “Isso seria sorte dela, não? Um urso perdido na cidade. Claro que ele iria direto na direção da Bella”.

Emmett soltou um risinho. “Você tá parecendo um louco falando, sabia?”

“Apenas imagine por um minuto Rosalie sendo humana, Emmett. Ela poderia esbarrar num urso... ou ser atingida por um carro... ou um trovão... ou cair das escadas... ou ficar doente – pegar uma doença grave!”, as palavras saíam da minha boca numa torrente. “Incêndios e terremotos e tornados! Ugh! Quando foi a última vez que você viu as notícias? Você já viu os tipos de coisas que acontecem com eles? Assaltos e homicídios...”. Meus dentes se apertaram, e eu estava tão enfurecido com a idéia de outro humano a machucando que eu não conseguia respirar.

“Uou, uou, calma lá, garoto! Ela mora em Forks, lembra? Então o que pode acontecer é ela tomar chuva”. Ele deu de ombros.

“Eu acho que ela tem sérios problemas de azar, Emmett, eu acho mesmo. Olhe as evidências. De todos os lugares para onde ela podia ir, ela acaba numa cidade onde vampiros são uma parcela significativa da população”.

“Tá, mas nós somos vegetarianos. Então isso não seria sorte, ao invés de azar?”

“Do jeito que ela cheira bem? Definitivamente azar. E aí, ainda mais azar, do jeito que ela cheira bem para mim”. Eu encarei minhas mãos, as odiando novamente.

“A não ser pelo fato de que você tem mais autocontrole que praticamente todo mundo menos Carlisle. Sorte de novo”.

“A van?”

“Isso foi só um acidente”.

“Você devia ter visto a van indo pra cima dela, Em, de novo e de novo. Eu juro, parecia que ela era algum tipo de ímã”.

“Mas você tava lá. Isso foi sorte”.

“Foi? Isso não é o pior tipo de azar que uma humana pode ter – que um vampiro se apaixone por ela?”

Emmett pensou sobre isso por um minuto. Ele ficou visualizando a garota em sua cabeça, e achou a imagem interessante. Honestamente, não consigo ver o que tanto te atrai.

“Bom, eu também não consigo ver muita graça em Rosalie”, eu disse rudemente. “Sinceramente, ela parece mais trabalhada do que um rosto bonito mereceria”.

Emmett soltou um risinho. “Eu não acho que você me contaria...”

“Eu não sei qual o problema dela, Emmett”, eu menti com um abrupto e largo sorriso.

Eu vi sua intenção a tempo de me defender. Ele tentou me empurrar pra fora da rocha, e houve um barulho alto quando uma fissura se abriu entre nós dois na pedra.

“Trapaceiro”, ele murmurou.

Eu queria dizer a ele que tentasse outra vez mais tarde, mas seus pensamentos tomaram um rumo diferente. Ele estava imaginando Bella de novo, mas imaginando-a mais branca, imaginando seus olhos vermelhos brilhando...

“Não”, eu disse, minha voz estrangulada.

“Suas preocupações com mortalidade acabariam, não? E aí você não iria mais querer matá-la. Não é o melhor jeito?”

“Para mim? Ou para ela?”

“Eu não liguei muito”, ele me lembrou.

“Rosalie ligou”.

Ele suspirou. Nós dois sabíamos que Rosalie faria qualquer coisa, abriria mão de qualquer coisa, se isso fosse torná-la humana de novo. Até mesmo de Emmett.

“É, Rose ligou”, ele concordou silenciosamente.

“Eu não posso... eu não deveria... eu não vou arruinar a vida de Bella, Emmett. Você não faria o mesmo, se fosse Rosalie?”

Emmett pensou nisso por um momento. Você realmente... a ama?

“Eu não tenho nem palavras, Emmett. Ela é o mundo inteiro para mim. Eu não vejo mais sentido num mundo sem ela”.

E mesmo assim você não vai transformá-la? Ela não vai durar pra sempre, Edward.

“Eu sei disso”, eu resmunguei.

E, como você mesmo reparou, ela é meio que quebrável.

“Acredite – eu sei disso também”.

Emmett não era uma pessoa com muito tato, e discussões delicadas não eram seu forte. Ele hesitava agora, querendo muito não soar ofensivo.

E você alguma vez poderá tocá-la? Quer dizer, se você a ama... você não iria querer, bem, tocá-la?

Emmett e Rosalie dividiam um intenso amor físico. Ele tinha dificuldade de entender como alguém podia amar sem essa parte.

Eu suspirei. “Eu não posso nem pensar nisso, Emmett”.

Uau. Então quais são suas opções?

“Não sei”, eu suspirei. “Estou tentando descobrir uma maneira de... deixá-la. Eu só não consigo compreender como me fazer ficar longe dela...”

Com um sentimento profundo de gratidão, eu subitamente percebi que era correto que eu ficasse perto dela – pelo menos por enquanto, com Peter e Charlotte chegando. Ela estaria mais segura comigo aqui, temporariamente, do que estaria comigo longe. Por um momento, eu poderia ser seu improvável protetor.

O pensamento me deixou ansioso; eu queria voltar logo para poder cumprir esse papel pelo máximo de tempo.

Emmett percebeu a mudança na minha expressão. No que você está pensando?

“Agora”, eu admiti um pouco estupidamente, “estou morrendo para voltar para Forks e dar uma olhada nela. Eu não sei se agüento até domingo à noite”.

“Uh-uh! Você não vai embora mais cedo. Espera a Rosalie se acalmar um pouco. Por favor! Para o meu bem”.

“Vou tentar”, eu disse duvidosamente.

Emmett deu um tapinha no telefone no meu bolso. “Alice ligaria se existisse qualquer motivo pro seu ataque de pânico. Ela é tão estranha com relação a essa garota quanto você”.

Eu fechei a cara. “Está bem. Mas não passo de domingo”.

“Não há motivos para ter pressa para voltar – vai estar ensolarado, de qualquer forma. Alice disse que estamos livres do colégio até a quarta”.

Eu balancei minha cabeça rigidamente.

“Peter e Charlotte sabem se comportar”.

“Eu realmente não me importo, Emmett. Com a sorte da Bella, ela vai passear na floresta exatamente no momento errado, e –” eu hesitei. “Peter não é conhecido por seu auto-controle. Eu estou voltando domingo”.

Emmett assentiu. Exatamente como um louco.

Bella estava dormindo tranquilamente quando eu escalei por sua janela na segunda bem cedo. Eu havia me lembrado do óleo dessa vez, e a janela agora se movia silenciosamente para fora do meu caminho.

Eu podia dizer pela maneira que seu cabelo estava arrumado suavemente pelo travesseiro que ela havia tido uma noite de sono bem melhor que a da última vez em que eu estive aqui. Ela tinha as mãos dobradas sob a bochecha como uma criancinha, e sua boca estava levemente aberta. Eu podia ouvir sua respiração entrando e saindo lentamente por seus lábios.

Era um alívio enorme estar aqui, poder vê-la de novo. Eu percebi que não estaria totalmente à vontade se não fosse desse jeito. Nada estava certo quando eu estava longe dela.

Não que tudo estivesse certo quando eu estava perto dela, tampouco. Eu suspirei, deixando a sede queimar por toda a minha garganta. Eu havia estado longe por muito tempo. O tempo passado sem dor e desejo fez com que eles ficassem mais fortes agora. Era ruim o suficiente para me deixar com medo de me ajoelhar ao lado de sua cama para poder ler os títulos de seus livros. Eu queria conhecer as histórias em sua cabeça, mas estava com medo de mais coisas que a minha sede, com medo de que se eu me permitisse chegar tão perto dela, eu fosse querer chegar ainda mais perto...

Seus lábios pareciam macios e quentes. Eu conseguia me imaginar tocando-os com a ponta do meu dedo. Bem de leve...

Este era exatamente o tipo de erro que eu tinha que evitar.

Meus olhos correram por seu rosto de novo e de novo, procurando mudanças. Humanos mudavam o tempo todo – eu nunca havia ficado triste com a possibilidade de perder alguma coisa...

Eu achei que ela parecia... cansada. Como se não tivesse dormido o suficiente no final de semana. Será que ela havia saído?

Eu ri silenciosamente do quanto isso me aborrecia. E se ela tivesse? Eu não era seu dono. Ela não era minha.

Não, ela não era minha – e eu estava triste de novo.

Uma de suas mãos fez um movimento, e eu percebi que havia pequenos cortes, já quase sarando, na palma de sua mão. Ela havia sido ferida? Apesar de que nitidamente não era nada sério, ainda assim me perturbou. Eu considerei a localização, e decidi que ela devia ter tropeçado. Parecia uma boa explicação, levando tudo em conta.

Era confortante pensar que eu não teria que quebrar a cabeça sobre estes pequenos mistérios para sempre. Nós éramos amigos agora – ou pelo menos, tentávamos ser. Eu poderia perguntar para ela sobre o fim de semana – sobre a praia, e qualquer atividade noturna que a tivesse feito

parecer tão cansada. Eu poderia perguntar o que havia acontecido com suas mãos. E eu poderia rir quando ela confirmasse minha teoria.

Eu sorri gentilmente enquanto imaginava se ela tinha ou não caído no oceano. Eu imaginei se ela havia se divertido no passeio. Eu imaginei se ela havia pensado um pouco que fosse em mim. Se ela havia sentido minha falta mesmo que com um milésimo da intensidade que eu havia sentido a dela.

Eu tentei visualizá-la no sol da praia. Mas a imagem era incompleta, porque eu nunca havia estado pessoalmente em First Beach. Eu só conhecia por fotos...

Eu senti uma pontada de desconforto quando pensei nas razões pelas quais nunca havia estado na bela praia localizada a apenas alguns minutos da minha casa. Bella havia passado o dia em La Push – um lugar que me era banido, por pacto. Um lugar em que alguns homens idosos ainda se lembravam das histórias sobre os Cullen, se lembravam e acreditavam nelas. Um lugar onde nosso segredo era conhecido...

Eu balancei minha cabeça. Não havia com que me preocupar. Os Quileutes tinham o compromisso do pacto, também. Mesmo se Bella tivesse esbarrado com um destes sábios anciões, ele não poderia lhe contar nada. E por que se tocaria no assunto? Por que Bella resolveria dar voz à sua curiosidade ali? Não – os Quileutes talvez fossem a única coisa com o que não tinha que me preocupar.

Eu fiquei bravo com o sol quando ele começou a nascer. Lembrou-me que eu não poderia satisfazer minhas curiosidades por vários dias. Por que ele tinha que brilhar justo agora?

Com um suspiro, eu escapuli de seu quarto antes que houvesse luz suficiente para que alguém me visse ali. Eu pretendia permanecer na densa floresta perto de sua casa e vê-la sair para o colégio, mas quando eu cheguei nas árvores, eu fiquei surpreso de encontrar o rastro dela na trilha.

Eu o segui rapidamente, curioso, ficando mais e mais preocupado conforme o rastro se aprofundava na escuridão. O que a Bella havia vindo fazer aqui?

O rastro parou abruptamente, no meio do nada. Ela havia se desviado apenas alguns passos da trilha, dentro do bosque, onde ela havia tocado o tronco de uma árvore caída. Talvez sentado ali...

Eu sentei no mesmo lugar, e olhei ao redor. Tudo o que ela teria sido capaz de ver eram folhagens e verde. Provavelmente havia estado chovendo – o aroma havia sido lavado, nunca tendo realmente se assentado na árvore.

Por que a Bella teria que vir sentar aqui sozinha – e ela havia estado sozinha, sem dúvida – no meio na floresta molhada e lamacenta?

Não fazia sentido, e, ao contrário das outras coisas que me intrigavam, eu não poderia mencionar isso numa conversa casual.

Então, Bella, eu estava seguindo seu rastro pela floresta depois que eu saí do seu quarto, onde eu estava te assistindo dormir... claro, isso seria ótimo para quebrar o gelo.

Eu nunca saberia o que ela estava pensando e fazendo aqui, e isso fez meus dentes rangerem de frustração. Pior, este cenário era do tipo dos que eu havia descrito a Emmett – Bella vagando na floresta, onde seu cheiro chamaria a atenção de todos que tivessem a capacidade de rastreá-lo...

Eu rosnei. Não apenas ela tinha má sorte, como a cortejava.

Bem, por estes dias ela teria um protetor. Eu a vigiaria, a manteria do perigo, por tanto tempo quanto durassem minhas justificativas.

Eu de repente me encontrei desejando que Peter e Charlotte prolongassem sua visita.

Capítulo 8 - FANTASMA

Eu não vi muito dos convidados de Jasper durante os dois ensolarados dias em que eles estiveram em Forks. Eu só fui para casa alguma vez para que Esme não se preocupasse. Fora isso, minha existência parecia mais com a de um espectro do que a de um vampiro.

Eu flutuei, invisível nas sombras, onde eu podia seguir o objeto de meu amor e obsessão - onde eu podia vê-la e ouvi-la nas mentes dos humanos sortudos que podiam andar sob a luz do sol ao

lado dela, às vezes acidentalmente encostando a parte de trás de suas mãos com a dela. Ela nunca reagia a tais contatos; as outras mãos eram tão quentes quanto as dela.

A ausência forçada do colégio nunca havia sido um desafio como este antes. Mas o sol parecia fazê-la feliz, então eu não podia indignar-me muito com ela. Eu seria favorável a qualquer coisa que a agradasse.

Na segunda de manhã, eu ouvi uma conversa que teria o potencial de destruir minha confiança e transformar o tempo passado longe dela em uma tortura. Mas, quando terminou, ela praticamente fez o meu dia.

Eu tinha que ter um pouco de respeito por Mike Newton; ele não havia simplesmente desistido e saído quieto para cuidar de seus ferimentos. Ele tinha mais coragem do que eu havia lhe dado crédito. Ele ia tentar de novo.

Bella chegou ao colégio bastante cedo e, parecendo querer aproveitar o sol enquanto ele durasse, sentou-se em um dos raramente usados bancos de piquenique enquanto esperava o primeiro sino tocar. Seu cabelo refletia o sol de maneiras inesperadas, ficando com um brilho avermelhado que eu não tinha antecipado.

Mike encontrou-a ali, rabiscando novamente, e sentiu-se radiante com sua boa sorte.

Era agonizante só poder assistir, impotente, preso às sombras da floresta pela forte luz do sol.

Ela o cumprimentou com entusiasmo suficiente para deixá-lo em êxtase, e me deixar da forma oposta.

Tá vendo, ela gosta de mim. Ela não iria sorrir assim se ela não gostasse. Eu aposto que ela queria ir ao baile comigo. Me pergunto o que será que há de tão importante em Seattle...

Ele percebeu a mudança em seu cabelo. "Eu nunca tinha percebido antes - seu cabelo tem um tom vermelho".

Eu acidentalmente arranquei do chão com raiz e tudo o jovem pinheiro em que eu estava descansando minha mão quando ele pegou uma mecha dos cabelos dela em suas mãos.

"Só no sol", ela disse. Para minha profunda satisfação, ela se afastou dele levemente quando ele colocou a mecha atrás de sua orelha.

Mike levou um minuto para reunir coragem, gastando algum tempo com conversinhas.

Ela o recordou do trabalho que nós todos tínhamos que entregar na quarta. Pela expressão de satisfação consigo mesma que ela deixava transparecer um pouco, o trabalho dela já estava pronto. Ele havia se esquecido completamente, e aquilo diminuiu severamente o tempo livre que ele tinha.

Droga - trabalho estúpido.

Finalmente ele havia chegado ao ponto - meus dentes cerrados tão fortemente que seriam capazes de pulverizar granito - e mesmo assim, não conseguiu forçar-se a fazer a pergunta abertamente.

"Eu ia perguntar se você queria sair".

"Oh", ela disse.

Houve um breve silêncio.

Oh? O que isso quer dizer? Será que ela vai dizer sim? Espere - eu acho que não cheguei a perguntar.

Ele engoliu com força.

"Bem, nós podíamos ir jantar ou algo assim... e eu podia fazer o trabalho depois".

Idiota - isso também não foi uma pergunta.

"Mike..."

A agonia e fúria do meu ciúme eram quase que totalmente tão poderosos quanto haviam sido na semana passada. Eu quebrei outra árvore tentando me segurar aqui. Eu queria demais correr através do campus, rápido demais para os olhos humanos, e seqüestrá-la - roubá-la do garoto que eu odiava tanto neste momento que eu poderia tê-lo matado e ter me divertido com isso.

Será que ela iria dizer sim para ele?

"Eu não acho que essa seria uma boa idéia".

Eu respirei de novo. Meu corpo enrijecido relaxou.

Seattle era só uma desculpa, no fim das contas. Não devia ter convidado. No que eu estava pensando? Aposto que é aquele anormal do Cullen...

"Por quê?", ele perguntou solenemente.

"Eu acho...". Ela hesitou. "E se você repetir alguma vez o que vou dizer agora eu vou alegremente te espancar até a morte -"

Eu gargalhei alto com o som da ameaça de morte saindo de seus lábios. Um corvo chiou, assustado, e lançou-se para longe de mim.

"Mas eu acho que isso iria ferir os sentimentos de Jessica".

"Jessica?" O quê? Mas... Oh. Ok. Eu acho... Então... Huh.

Seus pensamentos não eram mais coerentes.

"Realmente, Mike, você é cego?"

Eu ecoava este sentimento. Ela não deveria esperar que todos fossem tão perceptivos quanto ela, mas neste caso realmente estava mais do que óbvio. Com tanto trabalho que Mike havia tido se esforçando para chamar Bella para sair, será que ele imaginou que não seria tão difícil quanto para Jessica? Devia ser o egoísmo que o tornava cego com relação aos outros. Como Bella era tão altruísta, ela via tudo.

Jessica. Huh. Uau. Oh. "Oh", foi o que ele conseguiu dizer.

Bella usou a confusão dele para escapulir.

"É a hora da aula, e não podemos chegar atrasados de novo".

A partir de então, Mike tornou-se um ponto de vista não-confiável. Ele descobriu, enquanto a idéia de sair com Jessica dava voltas e voltas em sua cabeça, que ele até que gostava do pensamento de ela achá-lo atraente. Era um segundo lugar, não tão bom quanto seria se Bella se sentisse assim.

Mas ela é bonita, eu acho. Corpo legal. Um pássaro na mão...

Ele estava desligado então, imerso em novas fantasias que eram tão vulgares quanto as que havia tido com Bella, mas agora elas eram apenas irritantes, ao invés de enfiadas. Como ele merecia pouco qualquer uma das duas garotas; elas eram quase intercambiáveis. Eu fugi de sua mente depois disso.

Quando ela estava fora de vista, eu me sentei no ramo de uma enorme árvore madrona e dancei de mente em mente, mantendo-a em vista, sempre feliz quando Ângela Weber estava disponível para que eu pudesse olhar por ela. Eu queria poder agradecê-la de alguma forma por simplesmente ser uma boa pessoa. Fazia com que eu me sentisse melhor saber que Bella tinha uma amiga cuja amizade valia a pena manter.

Eu assisti o rosto de Bella de qualquer ângulo que estivesse disponível, e eu podia ver que ela estava triste novamente. Isso me surpreendeu - eu pensava que o sol seria o bastante para mantê-la sorrindo. No almoço, eu a peguei olhando de tempos em tempos para a mesa dos Cullen, e aquilo me animou. Me deu esperança. Talvez ela também sentisse minha falta.

Ela tinha planos de sair com as outras garotas - eu automaticamente planejei minha própria vigilância-, mas os planos foram adiados quando Mike convidou Jessica para o encontro que ele havia planejado para Bella.

Então eu fui direto para a casa dela, dando uma checada rápida na floresta para ter certeza de que ninguém perigoso estava por perto. Eu sabia que Jasper havia alertado seu antigo irmão que evitasse a cidade - citando minha insanidade como explicação e também como aviso - mas eu não iria correr riscos. Peter e Charlotte não tinham intenções de causar nenhum mal-estar com minha família, mas as intenções eram algo que muda...

Tudo bem, eu estava exagerando. Eu sabia disso.

Como se ela soubesse que eu estava olhando, como se ela tivesse ficado com pena da agonia que eu sentia quando não podia vê-la, Bella saiu para o quintal depois de uma longa hora dentro de casa. Ela tinha um livro nas mãos e uma manta embaixo do braço.

Silenciosamente, eu subi nos ramos mais altos da árvore mais próxima que tinha uma boa vista da área.

Ela estendeu a manta na grama úmida, e então deitou de bruços e começou a folhear as páginas do livro gasto, como se tentasse encontrar o ponto onde havia parado. Eu li por cima do seu ombro.

Ah - mais clássicos. Ela era fã de Austen.

Ela leu rápido, cruzando e descruzando os calcanhares no ar. Eu estava assistindo os raios de sol e o vento brincando com seu cabelo quando seu corpo subitamente se contraiu, e sua mão congelou na página. Tudo o que eu vi foi que ela havia alcançado o capítulo três, quando ela grosseiramente segurou um punhado grosso de páginas e as passou.

Eu vi de relance uma página-título, Mansfield Park. Ela estava começando uma história nova – o livro era uma compilação de romances. Eu me perguntei por que ela trocava de história tão abruptamente.

Apenas alguns minutos depois, ela bateu o livro fechado, irritada. Com a expressão muito fechada, empurrou o livro de lado e se virou para deitar de costas. Ela respirou fundo, como se quisesse se acalmar, arregaçou as mangas da blusa e fechou os olhos. Eu me lembrava da história, mas não conseguia pensar em nada ofensivo nela que a pudesse ter chateado. Outro mistério. Eu suspirei.

Ela deitou muito parada, movendo apenas uma vez para puxar o cabelo do rosto. Ele se esparramou acima de sua cabeça, um rio de um líquido avermelhado. E então ela ficou parada de novo.

Sua respiração desacelerou. Depois de alguns longos minutos, seus lábios começaram a mexer. Murmurando enquanto dormia.

Impossível resistir. Eu escutei o mais amplamente que pude, captando vozes nas casas próximas.

Duas colheres de sopa de trigo... um copo de leite...

Vamos lá! Joga na cesta! Ah, vai lá!

Vermelho, ou azul... ou talvez eu devesse vestir algo mais casual...

Não havia ninguém por perto. Eu saltei para o chão, aterrissando silenciosamente nas pontas dos dedos.

Isso era muito errado, muito arriscado. Como eu havia sido arrogante antes, julgando Emmett por seu jeito impulsivo e Jasper por sua falta de disciplina – e agora estava conscientemente desprezando todas as regras com um abandono que fazia os lapsos dos dois parecer insignificantes. Eu costumava ser o responsável.

Eu suspirei, mas mesmo assim rastejei para o sol.

Eu evitei olhar para mim mesmo sob a luz do sol. Era ruim o suficiente que minha pele fosse pedra e inumana nas sombras; eu não queria me ver lado a lado com Bella na luz do sol. A diferença entre nós já era insuportável, dolorosa o bastante sem esta imagem na minha cabeça.

Mas eu não conseguia ignorar as faíscas que refletiam como arco-íris na sua pele conforme eu me aproximava. Minha mandíbula travou com a imagem. Dava para eu ser mais anormal? Eu imaginei o terror que ela sentiria se abrisse os olhos agora...

Eu comecei a retornar, mas ela murmurou de novo, me mantendo ali.

“Mmm... mmm.”

Droga. Nada inteligível. Bem, eu podia esperar um pouquinho mais.

Eu cuidadosamente roubei o livro dela, esticando o braço para pegá-lo e prendendo a respiração enquanto estava perto, só para garantir. Comecei a respirar novamente quando estava a alguns metros de distância, sentindo no gosto do ar como o sol e o ar livre afetavam seu cheiro. O calor parecia deixá-lo mais doce. Minha garganta queimou de desejo, o fogo fresco e intensificado de novo porque eu havia estado por muito tempo longe dela.

Eu passei um minuto retomando o controle, e então – me forçando a respirar pelo nariz – deixei o livro cair aberto nas minhas mãos. Ela havia começado o primeiro romance... eu folhee as páginas rapidamente até o terceiro capítulo de Razão e Sensibilidade, procurando por algo potencialmente ofensivo na prosa tão polida de Austen.

Quando meus olhos pararam automaticamente no meu nome – o personagem Edward Ferrars sendo introduzido pela primeira vez – Bella falou de novo.

“Mmm. Edward”. Ela suspirou.

Desta vez eu não tive medo que ela tivesse acordado. Sua voz era apenas um baixo e melancólico sussurro. Não o grito de medo que ela teria soltado se me visse agora.

Alegria guerreava com auto-aversão. Ela ainda estava sonhando comigo, no mínimo.

“Edmund. Ahh. Parecido... demais...”

Edmund?

Há! Ela não estava sonhando comigo coisa nenhuma, eu percebi sarcasticamente. A auto-aversão retornou com força. Ela estava sonhando com os personagens dos livros. Um pouco demais para minha vaidade.

Eu recoloquei o livro no lugar, e voltei sorratamente para as sombras – onde era meu lugar.

A tarde passou e eu vigiei, me sentindo desamparado de novo, quando o sol lentamente desceu no céu e as nuvens se espalhavam pela clareira à frente dela. Eu queria empurrá-las de volta, mas a escuridão era inevitável; as sombras a tomaram. Quando a luz se havia ido, sua pele parecia pálida demais – fantasmagórica. Seu cabelo estava escuro, quase preto em contraste com seu rosto.

Era algo assustador de se ver – como se eu testemunhasse as visões de Alice se tornando realidade. Os batimentos firmes e fortes de Bella eram a única garantia, o som que evitava que esse momento parecesse um pesadelo.

Eu fiquei aliviado quando seu pai chegou em casa.

Eu podia ouvir pouco dele enquanto ele dirigia na rua da frente da casa. Alguma vaga irritação... no passado, algo que havia acontecido no trabalho. Expectativa misturada com fome – eu supus que ele estivesse ansioso pelo jantar. Mas seus pensamentos eram tão quietos e contidos que eu não podia ter certeza se estava correto; eu só captava o tom deles.

Eu imaginei como seria ouvir sua mãe – qual teria sido a combinação genética que havia feito Bella tão única.

Bella começou a acordar, sentando-se num pulo quando os pneus do carro de seu pai chegaram em sua vaga. Ela olhou ao seu redor, aparentemente confusa pela escuridão inesperada. Por um breve momento, seus olhos tocaram as sombras onde eu me escondia, mas eles logo se desviaram.

“Charlie?”, ela perguntou numa voz baixa, ainda checando as árvores que circundavam o pequeno quintal.

A porta do carro bateu, e ela olhou na direção do barulho. Ela se levantou rapidamente e recolheu suas coisas, lançando mais um olhar na direção das árvores.

Eu mudei para uma árvore mais perto da janela perto da pequena cozinha, e fiquei ouvindo a noite deles. Era interessante comparar as palavras de Charlie com seus pensamentos abafados. Seu amor e preocupação por sua única filha eram devastadores, e ainda assim suas palavras eram sempre breves e casuais. Na maioria do tempo, eles ficavam sentados num silêncio mútuo.

Eu a ouvi discutir seus planos de ir a Port Angeles na noite seguinte, e eu reorganizei meus próprios planos enquanto escutava. Jasper não havia alertado Peter e Charlotte para que ficassem longe de Port Angeles. Mesmo sabendo que eles haviam se alimentado recentemente e que não tinham a intenção de caçar enquanto estivessem nos arredores de nossa casa, eu a vigiaria, só para garantir. Afinal, sempre havia outros da minha espécie por aí. E também todos aqueles perigos humanos que eu nunca tinha levado muito em conta antes.

Eu a ouvi preocupar-se em voz alta sobre deixar seu pai preparar o jantar sozinho, e sorri para esta demonstração da minha teoria – sim, ela costumava ser a que tomava conta.

E então eu fui embora, sabendo que voltaria quando ela estivesse dormindo.

Eu não invadiria sua privacidade como se fosse um macho a espionando. Eu estava aqui para sua proteção, e não para desrespeitá-la como Mike Newton sem dúvida teria feito, se ele fosse ágil o suficiente para se mover pelos topos das árvores como eu era. Eu não a trataria tão rudemente.

Minha casa estava vazia quando eu retornei, o que para mim era bom. Eu não sentia falta dos pensamentos confusos e de censura questionando minha sanidade. Emmett havia deixado um bilhete preso no mural.

Futebol no campo Rainier – vamos! Por favor?

Eu encontrei uma caneta e rabisquei a palavra desculpe abaixo de seu convite. Os times já estavam completos sem mim, de qualquer forma.

Eu fui para uma caçada muito curta, me contentando com as criaturas menores e gentis, que não tinham um gosto tão bom quanto os predadores, e então troquei de roupa antes de correr de volta para Forks.

Bella não dormiu tão bem essa noite. Ela se revirava sob as cobertas, seu rosto às vezes preocupado, às vezes triste. Eu tentei imaginar qual seria o pesadelo a assombrando... e então percebi que talvez eu não quisesse ouvir a resposta.

Quando ela falou, foi principalmente sobre as coisas desagradáveis de Forks, numa voz melancólica. Apenas uma vez, quando ela suspirou as palavras “volte” e sua mão se abriu – um pedido sem palavras – eu tive a chance de torcer para que ela estivesse sonhando comigo.

O dia seguinte de colégio, o último em que o sol me manteria prisioneiro, foi bem parecido com o anterior. Bella parecia ainda mais pessimista do que no dia anterior, e eu me perguntei se ela cancelaria seus planos – ela não parecia estar no astral.

Mas sendo Bella, ela provavelmente iria colocar a diversão de suas amigas acima da sua própria. Ela usava uma blusa azul escura hoje, e a cor combinava com sua pele perfeitamente, fazendo-a parecer um creme fresco.

As aulas acabaram, e Jessica concordou de pegar as outras em casa – Angela estava indo também, pelo que eu estava grato.

Eu fui para casa para pegar meu carro. Quando soube que Peter e Charlotte estavam ali, decidi que poderia fazer o esforço de dar às garotas uma hora ou mais de antecedência. Eu nunca seria capaz de segui-las de perto, dirigindo na velocidade limite – que pensamento horrível.

Entrei pela cozinha, acenando vagamente em retorno aos cumprimentos de Emmett e Esme quando passei direto por todos na sala e fui me sentar junto ao piano.

Ugh, ele voltou. Rosalie, claro.

Ah, Edward. Odeio vê-lo sofrendo tanto. A alegria de Esme estava começando a ser danificada pela preocupação. Ela deveria se preocupar. Esta história de amor que ela havia visualizado para mim estava a cada hora mais evidentemente rumando para a tragédia.

Se divirta em Port Angeles esta noite, pensou Alice alegremente. Deixe-me saber quando eu tiver a permissão de falar com Bella.

Você é patético. Eu não acredito que perdeu o jogo de ontem a noite só para ver alguém dormindo, resmungava Emmett.

Jasper não se incomodou, nem mesmo quando a música que eu toquei saiu um pouco mais tempestuosa do que eu pretendia. Era uma canção antiga, com um tema familiar: impaciência. Jasper estava se despedindo de seus amigos, que me olharam com curiosidade.

Que criatura estranha, pensava Charlotte, com seus cabelos loiro-brancos e a altura de Alice. E ele foi tão normal e agradável na última vez em que viemos.

Os pensamentos de Peter estavam em sincronia com os dela, como usualmente.

Deve ser por causa dos animais. A falta de sangue humano uma hora os deixa loucos, ele concluiu. Seu cabelo era quase tão claro quanto o dela, e quase tão longo. Eles eram muito parecidos – a não ser pela altura, já que ele era quase tão alto quanto Emmett – tanto na aparência quanto nos pensamentos. Um par bem casado, eu sempre havia achado.

Todos menos Esme pararam de pensar a meu respeito depois de um tempo, e eu toquei de maneira mais contida, para não atrair mais a atenção de ninguém.

Não prestei atenção neles por um longo tempo, apenas deixando a música me distrair de meu desconforto. Era difícil ter a garota fora de vista e da cabeça. Eu só retornei minha atenção à conversa deles quando as despedidas estavam sendo finalizadas.

“Se você vir Maria de novo”, Jasper dizia, um tanto cuidadoso, “diga a ela que lhe desejo coisas boas”.

Maria era a vampira que havia criado tanto Jasper quanto Peter – Jasper na segunda metade do século dezenove, Peter mais recentemente, na década de 40. Ela havia procurado por Jasper uma vez quando estávamos em Calgary. Havia sido uma visita desastrosa – tivemos que nos mudar imediatamente. Jasper havia educadamente pedido a ela que mantivesse distância no futuro.

“Eu não acredito que vá acontecer tão cedo”, Peter disse rindo – Maria era inegavelmente perigosa e não havia muito amor que fosse gasto entre ela e Peter. Peter havia, afinal de contas, sido decisivo na debandada de Jasper. Jasper sempre havia sido o favorito de Maria; ela considerava um detalhe menor que havia uma vez planejado matá-lo. “Mas, se tiver que acontecer, eu certamente direi”.

Eles estavam apertando as mãos então, preparando-se para partir. Eu deixei a música que estava tocando rumar para um final insatisfatório, e rapidamente me levantei.

“Charlotte, Peter”, eu disse, acenando.

“Foi bom vê-lo novamente, Edward”, Charlotte disse num tom duvidoso. Peter apenas balançou a cabeça em retribuição.

Maluco, Emmett disparou atrás de mim.

Idiota, Rosalie pensou ao mesmo tempo.

Pobre garoto, Esme.

E Alice, num tom reprovativo. Eles estão partindo direto para Seattle. Nem vão passar perto de Port Angeles. Ela me mostrou suas visões como prova.

Eu fingi que não tinha ouvido essa. Minhas desculpas já eram fracas o suficiente.

Uma vez em meu carro, eu me senti mais relaxado; o ruído robusto do motor que Rosalie havia tornado mais potente para mim – no ano passado, quando seu humor estava melhor – era suave. Era um alívio estar em movimento, saber que eu estava me aproximando de Bella a cada quilômetro deixado para trás por meus pneus.

9- PORT ANGELES

Estava claro demais para entrar na cidade quando eu cheguei a Port Angeles; o sol ainda estava muito alto, e, apesar de que minhas janelas fossem escurecidas, não havia motivos para correr riscos desnecessários. Mais riscos desnecessários, eu diria.

Eu estava certo de que seria capaz de encontrar os pensamentos de Jéssica de longe – os pensamentos de Jéssica eram mais altos que os de Ângela; mas, uma vez que eu encontrasse a primeira, eu poderia ouvir a segunda. Então, quando as sombras aumentassem, eu poderia me aproximar. Por enquanto, eu arrancava por uma estrada coberta por plantas logo na saída da cidade, que não parecia ser muito freqüentada.

Eu sabia a direção geral em que procurar – havia apenas um lugar para se fazer compras em Port Angeles. Não demorou muito até que eu encontrasse Jéssica, rodopiando em frente a um espelho de três faces, e pude ver Bella em sua visão periférica, avaliando o vestido preto longo que ela vestia.

Bella ainda parece chateada. Ha ha. Ângela estava certa – Tyler estava se gabando. Mas eu não acredito que ela ficaria tão chateada com isso. Pelo menos ela sabe que tem um par reserva para o baile dos alunos. E se Mike não se divertir no baile de sábado, e ele não me chamar pra sair de novo? Será que ela teria convidado ele pro baile se eu não tivesse dito nada? Será que acha que ela é mais bonita que eu? Será que ela acha que é mais bonita que eu?

“Eu acho que prefiro o azul. Ele ilumina bem os seus olhos”.

Jéssica sorriu para Bella com uma falsa simpatia, enquanto a olhava cheia de suspeita.

Será que ela realmente acha isso? Ou ela quer que eu pareça uma vaca no sábado?

Eu já estava cansado de escutar Jéssica. Eu procurei nos arredores por Ângela – ah, mas ela estava trocando de roupa, e eu pulei rapidamente para fora de sua mente para dar-lhe alguma privacidade.

Bem, não havia muito como Bella se envolver em encrencas numa loja de departamentos. Eu as deixaria fazer compras e então me encontraria com elas quando tivessem terminado. Não demoraria muito para escurecer – as nuvens estavam começando a retornar, carregadas pelo vento desde o oeste. Eu só podia vê-las em relances através das grossas árvores, mas podia ver como elas apressariam o pôr-do-sol. Eu lhes dei boas-vindas, ansiando por elas mais do que jamais havia ansiado pela sombra antes. Amanhã eu poderia me sentar ao lado de Bella no colégio novamente, monopolizar sua atenção no almoço novamente. Eu poderia perguntar a ela todas as questões que estava guardando...

Então ela estava furiosa com a presunção de Tyler. Eu havia visto aquilo em sua mente – que ele estava falando sério quando conversou com ela sobre o baile dos alunos, que havia um convite implícito. Eu visualizei sua expressão naquela outra tarde – sua descrença cheia de ultraje – e eu ri. Eu me perguntei o que ela diria a ele a respeito disso. Eu não iria querer perder sua reação.

O tempo estava passando lentamente enquanto eu esperava que as sombras se estendessem. Eu checava periodicamente com Jessica; sua voz mental era a mais fácil de encontrar, mas eu não gostava de passar muito tempo ali. Eu vi o lugar onde elas estavam planejando jantar. Estaria escuro na hora do jantar... talvez eu pudesse coincidentemente escolher o mesmo

restaurante. Eu toquei o telefone no meu bolso, pensando em convidar Alice para jantar... ela iria adorar, mas ela também iria querer falar com Bella. Eu não tinha certeza se estava preparado para ter Bella mais envolvida com meu mundo. Um vampiro já não era problemático o suficiente? Eu voltei a checar rotineiramente com Jéssica. Ela estava pensando sobre suas jóias, pedindo a opinião de Ângela.

"Talvez eu devesse devolver o colar. Eu já tenho um em casa que provavelmente ficaria bom, e eu gastei mais dinheiro do que deveria..." "Minha mãe vai ficar louca. No que eu estava pensando?"

"Eu não me importo em voltar até a loja. Mas, você acha que Bella vai estar procurando por nós?"

O que era isso? Bella não estava com elas? Eu procurei primeiro pelos olhos de Jéssica, depois troquei para os de Ângela. Elas estavam na calçada em frente a uma sequência de lojas, neste momento mudando de direção para retornar. Bella não estava em nenhum lugar em vista.

Oh, quem se importa com Bella? pensou Jess impacientemente, antes de responder a pergunta de Ângela. "Ela está bem. Nós chegaremos ao restaurante com tempo de sobra, mesmo se voltarmos. De qualquer forma, acho que ela queria ficar sozinha". Eu vi de relance na livraria em que Jéssica pensou que Bella estava querendo ir.

"Vamos nos apressar então", Ângela disse. Eu espero que Bella não pense que demos um cano nela. Ela foi tão legal comigo no carro mais cedo... ela é uma pessoa muito doce. Mas ela parecia meio deprimida, o dia inteiro. Será que é por causa do Edward Cullen? Eu aposto que foi por isso que ela ficou me fazendo perguntas sobre a família dele...

Eu devia ter prestado mais atenção. O que mais eu havia perdido aqui? Bella estava vagando por aí sozinha, e ela havia feito perguntas sobre mim? Ângela estava prestando atenção a Jéssica agora – Jéssica estava tagarelando sobre aquele idiota do Mike – e dela eu não conseguiria mais obter nada.

Eu avalei as nuvens. O sol estaria atrás das nuvens cedo o bastante. Se eu ficasse na parte oeste da estrada, onde os prédios sombreariam a calçada da luz cada vez mais fraca...

Comecei a sentir-me ansioso enquanto dirigia pelo tráfico que aumentava no centro da cidade. Isto não era algo que eu havia considerado – Bella saindo sozinha – e eu não fazia idéia de onde encontrá-la. Eu devia ter pensado nisso. Bella sempre fazia a coisa errada.

Eu conhecia Port Angeles bem; dirigi diretamente até a livraria na cabeça de Jessica, esperando que minha busca fosse ser curta, mas duvidando de que seria fácil. Quando Bella havia facilitado as coisas antes?

Claro, a pequena livraria estava vazia exceto por uma mulher vestida anacronicamente atrás do balcão. Este não parecia o tipo de lugar em que Bella se interessaria – new age demais para uma pessoa prática. Será que ela havia sequer se importado em entrar?

Havia um espaço sombreado onde eu poderia estacionar... ele fazia um caminho de sombras até o toldo da livraria. Eu realmente não devia. Vagar por aí em momentos de luz do sol não era seguro. E se um carro passasse e refletisse a luz para dentro das sombras bem no momento errado?

Mas eu não sabia mais como fazer para procurar por Bella!

Eu estacionei e saí, mantendo-me na parte mais escura da sombra. Andei rapidamente para dentro da loja, notando o fraco rastro do cheiro de Bella no ar. Ela havia estado aqui, na calçada, mas não havia nem sinal de sua fragrância dentro da livraria.

"Bem vindo! Posso aj-" a vendedora começou a dizer, mas eu já estava saindo pela porta novamente.

Eu segui o rastro de Bella até onde as sombras permitiam, parando quando cheguei no limite em que começava a luz.

Quão impotente isso me fez sentir – cercado pela linha entre a sombra e a luz que se desenhava através da calçada em minha frente. Tão limitado.

Eu podia apenas imaginar, que ela havia continuado através da rua, rumando para o sul. Não havia muita coisa naquela direção. Ela estaria perdida? Bom, a possibilidade não soava completamente fora de questão.

Eu voltei para o carro e dirigi devagar pelas ruas, procurando por ela. Eu saí em alguns trechos em que havia sombra, mas só captei seu cheiro uma vez mais, e a direção a que ele ia me confundiu. Para onde ela estava tentando ir?

Eu dirigi indo e voltando entre a livraria e o restaurante algumas vezes, esperando encontrá-la no caminho. Jéssica e Ângela já estavam ali, tentando decidir se pediam ou se esperavam por Bella. Jéssica estava pressionando para que pedissem imediatamente.

Eu comecei a passar rapidamente pelas mentes de estranhos, procurando através de seus olhos. Certamente, alguém deveria tê-la visto em algum lugar.

Eu comecei a ficar mais e mais nervoso quanto mais aumentava o tempo a que ela estava desaparecida. Eu não havia levado em conta antes como ela seria difícil de encontrar quando, como agora, estivesse fora de minha vista e de seus caminhos comuns. Eu não gostava disso.

As nuvens estavam encorpando-se no horizonte, e, em mais alguns minutos, eu estaria livre para procurá-la a pé. Então eu não levaria muito tempo. Era apenas o sol que me deixava tão vulnerável agora. Apenas mais alguns minutos, e então a vantagem seria minha de novo e seria o mundo dos humanos que seria impotente.

Outra mente, e outra. Tantos pensamentos triviais.

... acho que o bebê está com outra infecção de ouvido...

Era seis-quatro-zero ou seis-zero-quatro...?

Atrasado de novo. Eu deveria dizer a ele...

Aí vem ela! Aha!

Ali, finalmente, estava o rosto dela. Finalmente, alguém a havia notado!

O alívio durou apenas uma fração de segundo, e então eu li mais completamente os pensamentos do homem que estava sob as sombras, observando ansiosamente sua face.

Sua mente era uma estranha para mim, mas mesmo assim, não totalmente estranha. Eu já havia caçado mentes exatamente como esta.

“NÃO!”, eu urrei, e uma série de rosnados eclodiram de minha garganta. Meus pés afundaram no acelerador, mas para onde eu estava indo?

Eu conhecia a localização geral de seus pensamentos, mas este conhecimento não era específico o suficiente. Alguma coisa, tinha que haver alguma coisa – uma placa de trânsito, a frente de uma loja, alguma coisa no seu campo de visão que entregaria sua localização. Mas Bella havia penetrado fundo nas sombras, e os olhos dele estavam focados apenas em sua expressão assustada – apreciando o medo que havia ali.

O rosto dela foi borrado em sua mente pela memória de outros rostos. Bella não era sua primeira vítima.

O som de meus rosnados fazia a estrutura do carro balançar, mas não me distraíram.

Não havia janelas nas paredes atrás dela. Alguma região industrial, longe da área mais populosa das lojas. Meu carro derrapou ao dobrar uma esquina, desviando de outro veículo, rumando para o que eu esperava que fosse a direção certa. No momento em que o outro carro buzinou, o som já estava muito atrás de mim.

Olha como ela treme! O homem soltou um risinho de ansiedade. O medo era o que o atraía – a parte que ele apreciava.

“Fique longe de mim”. Sua voz estava baixa e composta, não um grito.

“Não seja assim, docinho”.

Ele assistiu-a recuar de uma ruidosa risada que vinha de outra direção. Ele ficou irritado com o barulho – Cala a boca, Jeff!, ele pensou – mas gostou da maneira como ela havia se encolhido. Isso o excitou. Ele começou a imaginar suas súplicas, a maneira como ela iria implorar...

Eu não havia percebido que havia outros com ele até que eu ouvi a risada alta. Eu procurei fora dele, desesperado por algo que pudesse usar. Ele estava dando o primeiro passo na direção dela, flexionando suas mãos.

As mentes dos outros ao redor dele não eram tão imundas quanto a dele. Elas estavam levemente intoxicadas, nenhum deles percebendo o quão longe o homem chamado Lonnie planejava chegar com isso. Eles estavam seguindo a liderança de Lonnie cegamente. Ele lhes havia prometido alguma diversão...

Um deles deu uma olhada na direção da rua, nervoso – ele não queria ser pego atormentando a garota – e me deu o que eu precisava. Eu reconheci o cruzamento para que ele olhou. Eu passei voando por um sinal vermelho, deslizando por um espaço entre dois carros no trânsito apenas grande o suficiente para eu passar. Buzinas berravam atrás de mim. Meu telefone vibrou no meu bolso. Eu o ignorei. Loonie se movia lentamente na direção da garota, prolongando o suspense – o momento de terror que o deixava excitado. Ele esperava que ela gritasse, preparando-se para saboreá-lo. Mas Bella travou a mandíbula e se preparou. Ele estava surpreso – havia esperado que ela fosse tentar fugir. Surpreso e levemente desapontado. Ele gostava de perseguir sua presa, a adrenalina da caçada. Valente, essa aí. Talvez é melhor assim, eu acho... mais lutadora. Eu estava a uma quadra de distância. O monstro já podia ouvir o barulho do meu motor, mas ele não prestou atenção, atento demais a sua vítima. Vamos ver se ele iria gostar da caçada quando ele fosse a presa. Vamos ver o que ele acharia do meu estilo de caçar.

Em outro compartimento da minha cabeça, eu já estava escolhendo dentre as várias torturas que já havia testemunhado em meus dias de vigilante, procurando qual seria a mais dolorosa delas. Ele iria sofrer por isso. Ele iria se contorcer de agonia. Os outros iriam meramente morrer por sua participação, mas o monstro chamado Loonie iria implorar pela morte muito antes que eu fosse lhe dar este presente.

Ele estava na rua, atravessando em sua direção.

Eu fiz uma curva fechada ao redor da esquina, as luzes de meus faróis inundando a cena e congelando o resto deles no lugar. Eu poderia ter atropelado o líder, que permaneceu no caminho, mas esta seria uma morte muito fácil para ele.

Eu deixei o carro girar, dando a volta até que estava de frente para o caminho de onde havia vindo e a porta do passageiro estava próxima de Bella. Eu a arremessei aberta, e ela já estava correndo na direção do carro.

“Entre”, eu rosnei.

Que diabos?

Eu sabia que era uma má idéia! Ela não está sozinha.

Eu devo fugir?

Acho que vou vomitar...

Bella pulou para dentro sem hesitar, puxando a porta atrás dela para fechá-la.

E então ela me olhou com a expressão mais cheia de confiança que eu já havia visto em um rosto humano, e todos os meus planos violentos desmoronaram.

Levou muito, muito menos que um segundo para que eu percebesse que não seria capaz de deixá-la sozinha no carro para lidar com os quatro homens na rua. O que eu lhe diria, para não assistir? Ha! E desde quando ela fazia o que eu pedia? Desde quando ela fazia o que era seguro?

Será que eu deveria atraí-los para longe, para fora de sua vista, e a deixaria sozinha aqui? Era um palpite ousado que outro humano perigoso estaria rondando pelas ruas de Port Angeles esta noite, mas já era um palpite ousado sequer pensar que haveria o primeiro! Como um ímã, ela atraía todas as coisas perigosas em sua direção. Eu não podia deixá-la fora da minha vista.

Para ela, pareceria como se o mesmo movimento ainda estava acontecendo, enquanto eu acelerava, a levando para longe de seus perseguidores tão rápido que eles encaravam meu carro boquiabertos com expressões confusas. Ela não perceberia meu instante de hesitação. Ela assumiria que o plano era escapar desde o início.

Eu não podia nem atropelá-lo. Isso a assustaria.

Eu desejava sua morte tão ferozmente que a necessidade por ela zunia nos meus ouvidos e enevoava minha visão e era um sabor na minha língua. Meus músculos se reviravam com a urgência, a ânsia, a necessidade de fazê-lo. Eu tinha que matá-lo. Eu o descascaria lentamente, parte por parte, a pele dos músculos, os músculos dos ossos...

Exceto que aquela garota – a única garota do mundo – estava agarrada a seu assento com as duas mãos, olhando para mim, seus olhos arregalados e totalmente confiantes. A vingança teria que esperar.

“Coloque o sinto”, eu ordenei. Minha voz estava rouca de ódio e sede de sangue. Não a sede usual. Eu não me macularia colocando qualquer parte daquele homem dentro de mim.

Ela travou o cinto, pulando levemente com o barulho. Aquele pequeno som a havia feito pular, e mesmo assim ela não se importou enquanto eu rasgava pela cidade, ignorando todos os sinais de trânsito. Eu podia sentir seus olhos em mim. Ela parecia estranhamente relaxada. Não fazia sentido para mim – não com o que ela havia acabado de passar.

“Você está bem?”, ela perguntou, sua voz rouca com estresse e medo.

Ela queria saber se eu estava bem?

Eu pensei sobre sua pergunta por uma fração de segundo. Não o bastante para que ela pudesse notar a hesitação. Eu estava bem?

“Não”, eu percebi, e minha voz fervia de raiva.

Eu a levei até a mesma estrada abandonada onde eu havia passado a tarde engajado na pior vigilância já empreendida. Estava negro agora sob as árvores.

Eu estava tão furioso que meu corpo congelou no lugar, totalmente sem reação. Minhas mãos imóveis como o gelo ardiam por destruir o homem que a havia atacado, e massacrá-lo em pedaços tão pequenos que seu corpo jamais poderia ser identificado...

Mas isso implicaria em deixá-la aqui sozinha, desprotegida na noite escura.

“Bella?”, eu perguntei entredentes.

“Sim?”, ela respondeu roucamente, e limpou a garganta.

“Você está bem?”. Esta era na realidade a coisa mais importante, a principal prioridade. Retribuir era secundário. Eu sabia disso, mas meu corpo estava tão cheio de ódio que era difícil pensar.

“Sim”. Sua voz ainda estava áspera – com medo, sem dúvida.

E por isso eu não podia deixá-la.

Mesmo que ela não estivesse sob perigo constante por algum motivo irritante – alguma peça que o universo estivesse pregando em mim – mesmo que eu pudesse ter certeza de que ela estaria perfeitamente a salvo na minha ausência, eu não podia deixá-la sozinha no escuro.

Ela devia estar tão apavorada.

Mas eu não estava em condições de confortá-la – mesmo que eu soubesse como isso poderia ser feito, o que eu não sabia. Com certeza ela podia sentir a brutalidade que irradiava de mim, com certeza isso estava óbvio. Eu a assustaria ainda mais se não pusesse acalmar o desejo de realizar um massacre que fervia dentro de mim.

Eu precisava pensar em outra coisa.

“Me distraia, por favor”, eu pedi.

“Desculpe, o quê?”

Eu mal tinha controle o suficiente para tentar explicar do que eu precisava.

“Apenas balbucie a respeito de alguma coisa sem importância até que eu me acalme”, eu instruí, meu maxilar ainda travado. Apenas o fato de que ela precisava de mim me segurava dentro do carro. Eu podia ouvir os pensamentos do homem, seu desapontamento e sua raiva... eu sabia onde encontrá-lo... fechei os olhos, desejando não poder ver mesmo assim...

“Um...”, ela hesitou – tentando compreender meu pedido, imaginei. “Eu vou atropelar Tyler Crowley amanhã antes da aula?”. Ela disse isso como se fosse uma pergunta.

Sim – era disso que eu precisava. Claro que Bella viria com alguma coisa inesperada. Como havia sido antes, a ameaça de violência vinda da sua boca soava hilária – tão cômica que parecia uma cacofonia. Se eu não estivesse queimando com a urgência de matar, teria rido.

“Por quê?”, eu ladrei, para forçá-la a falar de novo.

“Ele está falando para todo mundo que vai me levar ao baile”, ela disse, sua voz cheia de seu ultraje tigre-gatinho. “Ou ele é maluco ou ainda está tentando recompensar por quase ter me matado no último... bem, você se lembra”, ela disse secamente, “e ele pensa que o baile talvez fosse de algum modo a maneira correta de fazer isso. Então eu imagino que se ameaçar sua vida, então estaremos quites, e ele não precisará mais ficar tentando se reparar. Eu não preciso de inimigos e talvez Lauren recuaria se ele me deixasse em paz. Mas talvez eu teria que arruinar seu Sentra...” ela continuou, agora pensativa. “Se ele não tiver uma locomoção não poderá levar ninguém ao baile...”

Era encorajador ver como ela às vezes entendia errado as coisas. A persistência de Tyler não tinha nada a ver com o acidente. Ela não parecia entender como era atraente para os garotos humanos do colégio. Ela não via como era atraente para mim, também?

Ah, estava funcionando. Os processos incompreensíveis de sua mente sempre me enchiam de pensamentos. Eu estava começando a recobrar o controle, a ver algo além de vingança e tortura...

“Ouvi algo sobre isso”, eu lhe disse. Ela havia parado de falar, e eu precisava que ela continuasse.

“Você ouviu?”, ela perguntou incrédula. E então sua voz estava mais irritada que antes. “Se ele estiver paralizado do pescoço para baixo, também não conseguirá ir ao baile”.

Eu queria que houvesse alguma maneira de pedir que ela continuasse com as ameaças de morte e dano físico sem soar como um maluco. Ela não poderia ter escolhido um jeito melhor de me acalmar. E suas palavras – no caso dela apenas sarcasmo, hipérbole – eram um lembrete do qual eu precisava de bom grado neste momento.

Eu suspirei, e abri meus olhos.

“Melhor?”, ela perguntou timidamente.

“Não muito”.

Não, eu estava mais calmo, mas não estava melhor. Porque eu havia acabado de perceber que não poderia matar o monstro chamado Loonie, e eu ainda queria isso mais do que quase qualquer coisa no mundo. Quase.

A única coisa que eu queria mais neste momento do que cometer um homicídio altamente justificável, era esta garota. E, mesmo que eu não pudesse tê-la, apenas o sonho de tê-la tornava impossível para mim sair numa farra de assassinatos esta noite – não importando o quão inquestionável tal ação pudesse ser.

Bella merecia mais do que um assassino.

Eu havia passado sete décadas tentando ser outra coisa que não isso – qualquer coisa que não um assassino. E ainda assim, eu sentia que se retornasse para aquela vida – a vida de um assassino – mesmo que por apenas uma noite, certamente a colocaria fora de meu alcance para sempre. Mesmo se não bebesse o sangue deles – mesmo se eu não tivesse esta evidência queimando vermelho nos meus olhos – não iria ela notar a diferença?

Eu estava tentando ser bom o suficiente para ela. Era uma meta impossível. Eu continuaria tentando.

“O que há de errado?”, ela suspirou.

Sua respiração preencheu meu nariz, e era uma lembrança de por quê eu não podia merecê-la.

Depois de tudo isso, mesmo a amando tanto... ela ainda fazia minha boca se encher de água.

Eu lhe daria tanta honestidade quanto pudesse. Eu lhe devia isso.

“Às vezes tenho um problema com meu temperamento, Bella”. Eu olhei para fora, para a noite escura, desejando tanto que ela ouvisse o horror inerente às minhas palavras quanto que ela não ouvisse. Corra, Bella, corra. Fique, Bella, fique. “Mas não seria útil eu dar a volta e caçar estes...”. Apenas pensar no assunto quase me arrancava do carro. Eu respirei profundamente, deixando seu cheiro queimar minha garganta. “Pelo menos, é disso que estou tentando me convencer”.

“Oh”.

Ela não disse mais nada. O quanto ela havia ouvido em minhas palavras? Eu a olhei furtivamente, mas sua expressão estava ilegível. Vazia com o choque, talvez. Bem, ela não estava gritando. Ainda não.

Estava tudo quieto por um instante. Eu lutei comigo mesmo, tentando ser o que eu deveria ser. O que eu não conseguiria ser.

“Jéssica e Ângela vão ficar preocupadas”, ela disse silenciosamente. Sua voz estava calma, e eu não tinha certeza de como isso seria possível. Ela estava em choque? Talvez ela ainda não tivesse assimilado os eventos desta noite. “Estava combinado que eu iria encontrá-las”.

Será que ela queria estar longe de mim? Ou ela estava apenas preocupada com a preocupação de suas amigas?

Eu não respondi, mas liguei o carro e a levei de volta. A cada centímetro que eu me aproximava da cidade, mais difícil se tornava me manter fiel a meu propósito. Eu estava simplesmente tão perto dele...

Se fosse impossível – se eu nunca pudesse ter ou merecer esta garota – então havia sentido em deixar este homem sair impune? Certamente eu poderia me permitir este tanto...

Não. Eu não iria desistir. Não ainda. Eu a queria demais para me render.

Nós estávamos no restaurante onde ela deveria encontrar suas amigas antes que eu tivesse nem mesmo começado a tentar entender meus pensamentos. Jéssica e Ângela haviam terminado de comer, e ambas estavam agora realmente preocupadas com Bella. Elas estavam saindo para procurá-la, caminhando pela rua escura.

Não era uma boa noite para elas estarem vagando –

“Como você sabia onde...?”. A pergunta interminada de Bella me interrompeu, e eu percebi que havia cometido mais uma gafe. Eu havia estado distraído demais para me lembrar de perguntar a ela onde ela deveria encontrar suas amigas.

Mas, ao invés de terminar a pergunta e pressionar este ponto, Bella apenas balançou a cabeça e deu um meio-sorriso.

O que significava aquilo?

Bom, eu não tinha tempo de confabular sobre sua estranha aceitação do meu ainda mais estranho conhecimento. Eu abri minha porta.

“O que você está fazendo?”, ela perguntou, soando alarmada.

Não deixando você sair da minha vista. Não permitindo a mim mesmo ficar sozinho esta noite.

Nesta ordem. “Estou te levando para jantar”.

Bem, isto seria interessante. Parecia como se houvesse sido numa noite completamente diferente que eu havia imaginado trazer Alice comigo e fingir ter escolhido acidentalmente o mesmo restaurante que Bella e suas amigas. E agora aqui estava eu, praticamente num encontro com a garota. Se bem que não contava, porque eu não estava lhe dando a chance de dizer não.

Ela já estava com a porta meio aberta antes que eu tivesse dado a volta no carro – em geral não era tão frustrante ter que andar numa velocidade que não causasse suspeitas – ao invés de esperar que eu a abrisse para ela. Será que isso era porque ela não estava acostumada a ser tratada como uma dama, ou porque ela não me via como um cavalheiro?

Esperei por ela para se juntar a mim, cada vez mais as suas amigas continuavam indo em direção à esquina escura.

‘Vá parar Angela e Jessica antes de que eu tenha de ir atrás delas também.’ Eu ordenei rapidamente. ‘Não acho que conseguirei me parar se encontrar com seus outros amigos novamente.’ Não, eu não seria forte o bastante para isso.

Ela teve um calafrio, e então rapidamente se recompôs. Deu um meio-passo na direção delas, chamando “Jess! Ângela!” em voz alta. Elas se viraram, e Bella acenou a mão sobre a cabeça para chamar sua atenção.

Bella! Oh, ela está bem!, pensou Ângela aliviada.

Atrasada, não?, Jessica resmungou para si mesma, mas ela, também, estava grata que Bella não estivesse perdida ou machucada. Isto me fez gostar um pouquinho mais dela do que antes.

Elas voltaram apressadas, e então pararam, chocadas, quando me viram a seu lado.

Uh-uh! Jessica pensou, estupefata. De jeito nenhum!

Edward Cullen? Será que ela saiu sozinha para se encontrar com ele? Mas por que ela faria perguntas sobre ele estar fora da cidade se ela sabia onde ele estava.... Eu captei um breve relance da expressão mortificada de Bella quando ela havia perguntado sobre o porquê de minha família se ausentar freqüentemente do colégio. Não, ela não poderia ter sabido, Ângela decidiu.

Os pensamentos de Jessica estavam agora passando de surpresa para suspeita. Bella está escondendo coisas de mim.

“Onde você estava?”, ela demandou, encarando Bella mas me espiando do canto do olho.

“Eu me perdi. E então me encontrei com Edward”, disse Bella, apontando uma mão na minha direção. Seu tom estava extraordinariamente normal. Como se isso fosse de verdade tudo o que tivesse acontecido.

Ela devia estar em choque. Era a única explicação para tanta calma.

“Tudo bem se eu me juntar a vocês?”, eu perguntei – para ser educado; eu sabia que elas já haviam comido.

Meu Deus ele é tão gostoso!, Jessica pensou, sua mente subitamente um pouco incoerente.

Ângela não estava muito mais composta. Queria que a gente não tivesse comido. Uau. Apenas. Uau.

Por que eu não conseguia fazer isso com Bella?

“Er... claro”, Jessica concordou.

Ângela franziu a testa. “Um, na verdade, Bella, nós já comemos enquanto estávamos esperando”, ela admitiu. “Desculpe”.

O quê? Cala a boca!, Jessica reclamou internamente.

Bella deu de ombros casualmente. Tão tranqüila. Definitivamente em choque. “Tudo bem – não estou com fome.”

“Eu acho que você deveria comer algum coisa”, eu discordei. Ela precisava de açúcar em seu sistema – apesar de que seu cheiro fosse doce o suficiente do jeito que estava agora, pensei, cheio de ironia. O horror chegaria em algum momento, e um estômago vazio não iria ajudar. Ela desmaiava fácil, como eu sabia por experiência própria.

Estas garotas não estariam em perigo se fossem direto para casa. O perigo não rondava cada passo delas.

E eu preferia estar sozinho com Bella – contanto que ela quisesse por vontade própria ficar sozinha comigo.

“Vocês se importam se eu levar Bella para casa esta noite?”, eu disse para Jessica antes que Bella pudesse responder. “Assim vocês não terão que esperar enquanto ela come”.

“Uh, sem problema, eu acho...”, Jessica encarou Bella intensamente, procurando por algum sinal de que era isso que ela queria.

Eu quero ficar... mas ela provavelmente quer ele só para ela. Quem não iria querer?, Jess pensou. Ao mesmo tempo, ela viu Bella piscar.

Bella piscou?

“Ok”, Ângela disse apressadamente, com pressa de sair do caminho se era isso que Bella queria. E parecia que era isso que ela queria. “Até amanhã, Bella... Edward”. Ela se esforçou para dizer meu nome com um tom casual. Então ela agarrou a mão de Jessica e começou a arrastá-la para longe.

Eu teria que encontrar uma maneira de agradecer a Ângela por isso.

O carro de Jessica estava próximo, e num círculo iluminado por um poste. Bella vigiou-as cuidadosamente, uma pequena ruga de preocupação entre seus olhos, até que elas estavam no carro; então ela devia estar completamente consciente do perigo em que havia estado. Jessica acenou enquanto saía com o carro, e Bella acenou de volta. Não foi até que o carro desaparecesse que Bella respirou fundo e olhou para mim.

“Honestamente, eu não estou com fome”, ela disse.

Por que ela havia esperado elas irem embora antes de falar isso? Será que ela realmente queria estar sozinha comigo – mesmo agora, após testemunhar minha raiva homicida?

Fosse esse o caso ou não, ela ia comer alguma coisa.

“Me divirta”, eu disse.

Eu segurei a porta do restaurante aberta e esperei.

Ela suspirou, e entrou no restaurante.

Eu a segui até a plataforma onde a recepcionista esperava. Bella ainda parecia completamente sob controle. Eu queria tocar sua mão, sua testa, para checar sua temperatura. Mas ela acharia minha mão fria repulsiva, como havia achado antes.

Oh, meu..., a voz mental razoavelmente alta da recepcionista invadiu minha consciência. , Oh, oh meu....

Parecia ser minha noite de fazer os pescoços virarem. Ou será que eu só estava percebendo isso mais forte, porque desejava tanto que Bella me visse desse jeito? Nós em geral éramos atraentes para nossa presa. Eu nunca havia refletido muito sobre isso antes. Em geral – a menos que, como ocorria com Shelly Cope e Jessica Stanley, houvesse constante repetição para dessensibilizar o horror – o medo chegava logo após a atração inicial...

“Mesa para dois?”, tomei a iniciativa quando a recepcionista não falou nada.

“Oh, er, sim. Bem-vindos ao La Bella Itália”. Mmm! Que voz! “Por favor, sigam-me”. Seus pensamentos estavam preocupados – calculando.

Talvez ela seja uma prima. Não poderia ser uma irmã, eles não se parecem nem um pouco. Mas da família, sem dúvida. Ele não pode estar com ela.

A visão dos humanos era embaçada; eles não conseguiam ver nada claramente. Como podia esta mulher de mente tão pequena achar minhas iscas corporais – engodos para minha presa – tão atrativas, e ainda assim ser incapaz de ver a suave perfeição da garota ao meu lado?

Bom, também não preciso dar uma força pra ela, só por via das dúvidas, a recepcionista pensou enquanto nos levava a uma mesa tamanho-família na parte mais lotada do restaurante. Será que está tudo bem se eu passar meu número para ele enquanto ela está ali...?, ela ponderava.

Eu puxei uma nota do meu bolso traseiro. As pessoas eram invariavelmente cooperativas quando havia dinheiro envolvido.

Bella já estava sentando na cadeira que a recepcionista havia indicado, sem reclamar. Eu balancei minha cabeça para ela, que hesitou, deixando a cabeça cair para um lado com curiosidade. Sim, ela estaria muito curiosa esta noite. Uma multidão não seria o lugar ideal para esta conversa.

“Talvez algo com mais privacidade?”, eu pedi à recepcionista, entregando-lhe o dinheiro. Seus olhos arregalaram-se de surpresa, e então estreitaram-se, enquanto sua mão se curvava ao redor da nota.

“Claro”.

Ela deu uma espiada na nota enquanto nos levava ao redor de uma mesa divisória.

Cinquenta dólares por uma mesa melhor? Rico, também. Faz sentido – aposto que sua jaqueta vale mais que meu salário inteiro. Droga. Por que ele quer mais privacidade com ela?

Ela nos ofereceu uma mesa numa alcova que ficava em um canto silencioso do restaurante, onde ninguém seria capaz de nos ver – de ver as reações de Bella a qualquer coisa que eu fosse dizer. Eu não fazia idéia do que ela iria querer de mim esta noite. Ou do que eu iria lhe dar.

O quanto já haveria ela adivinhado? Que explicações para os eventos desta noite haveria ela contado para si mesma?

“Que tal esta?”, a recepcionista perguntou.

“Perfeita”, eu lhe disse e, sentindo-me um pouco incomodado por sua atitude ressentida com relação a Bella, dei-lhe um largo sorriso, exibindo meus dentes. Vamos permitir que ela me veja claramente.

Uou. “Um... sua atendente já está a caminho”. Ele não pode ser real. Eu devo estar dormindo. Talvez ela vá desaparecer... talvez eu deva escrever meu número no seu prato com ketchup..., ela vagava, inclinando-se levemente para o lado.

Estranho. Ela ainda não estava assustada. Eu subitamente me lembrei de Emmett provocando-me no refeitório, há tantas semanas. Aposto que poderia te-la assustado bem melhor que isso.

Será que eu estava perdendo o jeito?

“Você realmente não devia fazer isso com as pessoas”, Bella interrompeu meus pensamentos num tom de desaprovação. “Não é muito justo”.

Eu encarei sua expressão reprovativa. O que ela queria dizer? Eu não havia assustado a recepcionista nem um pouco, apesar de minhas intenções. “Fazer o quê?”

“Deslumbrá-las desse jeito – ela provavelmente está hiperventilando na cozinha agora”.

Hmm. Bella estava quase certa. A recepcionista estava apenas semi-coerente no momento, descrevendo o que havia assumido erroneamente a meu respeito para sua amiga na recepção.

“Oh, por favor”, Bella reprovou quando eu não respondi imediatamente. “Você tem que saber o efeito que tem nas pessoas”.

“Eu deslumbro as pessoas?”. Esta era uma maneira interessante de colocar. Acurada o suficiente para esta noite. Eu me perguntava o porquê da diferença...

“Você não percebeu?”, ela perguntou, ainda crítica. “Você acha que todos conseguem as coisas do jeito que querem tão facilmente?”

“Eu deslumbro a você?”, eu dei voz à minha curiosidade impulsivamente, e então as palavras já haviam saído, e era tarde demais para recolher-las de volta.

Mas antes que eu tivesse tempo de me arrependar muito profundamente de ter dito as palavras em voz alta, ela respondeu: “Freqüentemente”. E suas bochechas coraram de um leve tom de rosa.

Eu a deslumbrava.

Meu coração silencioso se encheu de uma esperança mais intensa do que eu jamais podia me lembrar de ter sentido antes.

“Olá”, disse alguém, a garçonete, se apresentando. Seus pensamentos eram altos, e mais explícitos que os da recepcionista, mas eu me desliguei dela. Eu encarei o rosto de Bella ao invés de ouvir, assistindo o sangue se espalhar sob sua pele, percebendo não como isso fazia minha garganta queimar, mas como isso iluminava sua expressão, como fazia sua pele parecer creme...

A garçonete estava esperando alguma coisa de mim. Ah, ela havia acabado de perguntar se queríamos beber algo. Eu continuei olhando para Bella, e a garçonete se virou de má vontade para encará-la também.

“Eu vou querer uma Coca?”, Bella disse, como se estivesse pedindo por aprovação.

“Duas Cocas”, eu completei. Sede – a sede normal, humana – era um sinal de choque. Eu me certificaria de que ela teria o açúcar extra proveniente do refrigerante em seu sistema.

Mas ela parecia saudável. Mais do que isso. Parecia radiante.

“O quê?”, ela demandou – se perguntando por que eu a estava encarando, eu imaginei. Eu mal estava ciente de que a garçonete havia ido embora.

“Como você está se sentindo?”, eu perguntei.

Ela piscou, surpresa com a pergunta. “Estou bem.”

“Você não se sente tonta, enjoada, com frio?”

Ela estava ainda mais confusa agora. “Eu devia?”

“Bem, na verdade eu estou esperando você entrar em choque”. Eu dei um meio-sorriso, esperando sua negativa. Ela não iria querer ser cuidada.

Levaram alguns minutos até que ela me respondesse. Seus olhos estavam levemente fora de foco. Ela ficava assim às vezes, quando eu sorria para ela. Estaria ela estava... deslumbrada?

Eu amaria acreditar nisso.

“Eu não acho que isso vá acontecer. Eu sempre fui boa em reprimir as coisas desagradáveis”, ela respondeu, um pouco sem fôlego.

Então ela tinha muita prática com coisas desagradáveis? Sua vida havia sido sempre assim perigosa?

“Mesmo assim”, eu lhe disse. “Vou me sentir melhor quando você tiver algum açúcar e comida em você”.

A garçonete retornou com as Cocas e uma cesta de pães. Ela colocou-os na minha frente, e questionou qual seria meu pedido, tentando encontrar meus olhos no processo. Eu indiquei que ela deveria dirigir-se a Bella, e depois voltei a tirar sua mente de sintonia. Ela tinha uma mente vulgar.

“Um...”, Bella deu uma olhada rápida no menu. “Vou querer o ravióli de cogumelos”.

A garçonete se virou para mim ansiosamente. “E você?”

“Nada para mim”.

Bella fez uma leve careta. Hmm. Ela devia ter percebido que eu nunca comia comida. Ela percebia tudo. E eu sempre me esquecia de ser cuidadoso perto dela.

Eu esperei até que estivessemos sozinhos de novo.

“Beba”, eu insisti.

Eu fiquei surpreso quando ela obedeceu imediatamente sem nenhuma objeção. Ela bebeu até que o copo estivesse totalmente vazio, então eu empurrei a segunda Coca em sua direção, franzindo um pouco a testa. Sede, ou choque?

Ela bebeu um pouco mais, e então teve um calafrio.

“Você está com frio?”

“Foi só a Coca”, ela disse, mas então teve outro calafrio, seus lábios tremendo suavemente como se seus dentes estivessem a ponto de ranger.

A linda blusa que ela vestia parecia fina demais para protegê-la adequadamente; se agarrava a ela como uma segunda pele, tão frágil quanto a primeira. Ela era tão fraca, tão mortal. “Você não tem uma jaqueta?”

“Sim”. Ela procurou ao seu redor, um pouco perplexa. “Oh – eu a deixei no carro de Jessica”.

Eu tirei minha jaqueta, desejando que o gesto não fosse arruinado pela temperatura de meu corpo. Seria bom ter sido capaz de oferecer-lhe um casaco mais aquecido. Ela me encarou, suas bochechas esquentando novamente. No que ela estava pensando agora?

Eu entreguei-lhe a jaqueta por cima da mesa, e ela a colocou de uma vez, e então teve outro calafrio.

Sim, seria muito bom ser quente.

“Obrigada”, ela disse. Ela respirou fundo, e então puxou as mangas da jaqueta, excessivamente longas, para livrar suas mãos. E então respirou fundo mais uma vez.

Será que ela estava finalmente absorvendo tudo o que havia acontecido esta noite? Sua cor ainda estava boa; sua pele ainda era creme e rosas contra o azul escuro de sua blusa.

“Este tom de azul fica adorável na sua pele”, eu a elogiei. Apenas sendo honesto.

Ela corou, intensificando o efeito.

Ela parecia bem, mas não havia razão para correr riscos. Eu empurrei a cesta de pães em sua direção.

“Sério”, ela protestou, adivinhando meus motivos. “Não vou entrar em choque”.

“Você deveria – uma pessoa normal entraria. Você nem parece balançada”. Eu a encarei, desaprovando, imaginando porque ela não podia ser normal, e então imaginando se eu realmente iria querer que ela fosse.

“Eu me sinto muito segura com você”, ela disse, com os olhos, novamente, cheios de confiança. Confiança que eu não merecia.

Seus instintos eram completamente errados – ao avesso. Esse deveria ser o problema. Ela não reconhecia o perigo da maneira como os humanos deveriam ser capazes de fazer. Ela tinha a reação oposta. Ao invés de correr, ela permanecia, atraída pelo que deveria assustá-la...

Como eu poderia protegê-la de mim mesmo se nenhum de nós queria isso?

“Isso é mais complicado do que eu havia planejado”, eu murmurei.

Eu podia vê-la processando minhas palavras em sua mente, e eu me perguntei o que ela estaria fazendo com elas. Ela pegou um pedaço de pão e começou a comer sem perceber consciente da ação. Mastigou por um momento, e então inclinou a cabeça para o lado pensativamente.

“Em geral você está num humor melhor quando seus olhos são tão claros”, ela disse num tom casual.

Sua observação, colocada de uma forma tão segura de si, me deixou fisgado. “O quê?”

“Você sempre está mais mal-humorado quando seus olhos estão pretos – eu já espero que aconteça nestas ocasiões. Eu tenho uma teoria sobre isso”, ela adicionou suavemente.

Então ela havia criado sua própria explicação. Claro que ela havia. Eu me senti completamente atemorizado enquanto imaginava o quão perto ela havia chegado da verdade.

“Mais teorias?”

“Mm-hm”. Ela deu mais uma mordida e mastigou, totalmente indiferente. Como se não estivesse tendo uma discussão sobre os aspectos de um monstro com o próprio monstro.

“Eu espero que você tenha sido mais criativa desta vez...”, eu menti quando ela não continuou. O que eu realmente esperava era que ela estivesse errada – a quilômetros de distância do alvo.

“Ou você ainda está roubando teorias de gibis?”

“Bem, não, eu não peguei de um gibi”, ela disse, um pouco envergonhada. “Mas também não a inventei sozinha”.

“E?”, eu perguntei entredentes.

Com certeza ela não estaria falando tão calmamente se estivesse prestes a gritar.

Quando ela hesitou, mordendo o lábio, a garçonete reapareceu com a comida de Bella. Eu prestei um pouco de atenção à atendente enquanto ela colocava o prato na frente de Bella e perguntava se eu não queria nada.

Eu recusei, mas pedi mais Coca. A garçonete não havia reparado nos copos vazios. Ela retirou-os e foi embora.

“Você estava dizendo?”, eu a incitei ansiosamente assim que estávamos sozinhos de novo.

“Te conto no carro”, ela disse numa voz baixa. Ah, isso devia ser ruim. Ela não queria falar com outros por perto. “Se...”, ela cutucou subitamente.

“Há condições?”, eu estava tão tenso que quase rosnei as palavras.

“Eu tenho algumas perguntas, claro”.

“Claro”, eu concordei, minha voz dura.

Suas questões provavelmente seriam suficientes para me dizer qual era o rumo de seus pensamentos. Mas como eu iria respondê-las? Com mentiras responsáveis? Ou assustando-a com a verdade? Ou eu não diria nada, incapaz de decidir?

Ficamos sentados em silêncio enquanto a garçonete reabastecia seu copo de refrigerante.

“Bem, vá em frente”, eu disse, maxilar travado, quando ela saiu.

“Por que você está em Port Angeles?”

Esta questão era fácil demais – para ela. Não entregava nada, enquanto que minha resposta, certamente, entregaria demais. Deixaria que ela revelasse algo antes.

“Próxima”, eu disse.

“Mas esta era a mais fácil!”

“Próxima”, repeti.

Ela ficou frustrada com a minha recusa. Desviou o olhar de mim, baixando os olhos para sua comida. Lentamente, pensando profundamente, ela deu uma mordida e mastigou com vontade. Depois lavou a comida com mais Coca, e finalmente me olhou. Seus olhos estreitaram-se com suspeitas.

“Está bem então”, ela disse. “Digamos, hipoteticamente, claro, que... alguém... pudesse saber o que as pessoas estão pensando, ler mentes, sabe – com apenas algumas exceções”.

Poderia ser pior.

Isso explicava o meio-sorriso no carro. Ela era rápida – ninguém havia percebido isso sobre mim antes. Exceto Carlisle, e no caso dele havia ficado óbvio, no começo, quando eu respondia a todos os seus pensamentos como se ele tivesse falado comigo. Ele me entendeu antes de eu mesmo...

Esta pergunta não era tão ruim. Dado que estava claro que ela sabia que havia algo de errado comigo, não foi tão sério quanto poderia ter sido. Ler mentes não era, afinal de contas, uma das facetas do arsenal dos vampiros. Eu dei suporte a sua hipótese.

“Apenas uma exceção”, eu corriji. “Hipoteticamente”.

Ela lutou contra um sorriso – minha honestidade vaga a havia agradado. “Está bem, com uma exceção então. Como funciona? Quais são as limitações? Como essa pessoa... poderia... encontrar alguém bem na hora certa? Como ela saberia que a pessoa estava em perigo?”

“Hipoteticamente?”

“Claro”. Seus lábios vibraram, e seus olhos marrom-líquidos estavam famintos.

“Bom”, eu hesitei. “Se... aquela pessoa...”

“Vamos chamá-lo de ‘Joe’”, ela sugeriu.

Eu tive que sorrir com seu entusiasmo. Ela realmente achava que a verdade seria uma coisa boa? Se meus segredos fossem tão agradáveis, porque eu os esconderia dela?

“Joe, então”, concordei. “Se Joe estivesse prestando atenção, o timing não precisaria ser tão preciso”. Eu balancei a cabeça e reprimi um espasmo com o pensamento do quão perto eu havia estado, hoje, de chegar tarde demais. “Só mesmo você poderia arranjar problemas numa cidade tão pequena. Você teria devastado a taxa de criminalidade da cidade por uma década, sabia?”.

Seus lábios se curvaram para baixo nos cantos, demonstrando descontentamento. “Nós estamos falando de um caso hipotético”.

Eu ri de sua irritação.

Sua pele, seus lábios... eles pareciam tão macios. Eu queria tocá-los. Eu queria pressionar a ponta do meu dedo na ruga que havia se formado quando ela franziu a testa e desfazê-la. Impossível. Minha pele seria repelente ao calor dela.

“Sim, estávamos”, eu disse, retomando a conversa antes que eu pudesse ficar deprimido.

“Podemos te chamar de ‘Jane’?”

Ela inclinou-se na minha direção através da mesa, todo o humor e a irritação não mais em seus olhos arregalados.

“Como você sabia?”, ela perguntou, sua voz baixa e intensa.

Eu deveria contar-lhe a verdade? E, caso sim, o quanto?

Eu queria dizer-lhe. Eu queria merecer a confiança que ainda podia ver em seu rosto.

“Você pode confiar em mim, sabe”, ela suspirou, e esticou o braço para frente como se quisesse tocar minhas mãos que repousavam sobre a mesa vazia na minha frente.

Eu as puxei de volta – odiando imaginar sua reação à minha pele frígida e dura como a pedra – e ela deixou sua mão cair.

Eu sabia que podia confiar nela para proteger meus segredos; ela era inteiramente digna de confiança, boa até a alma. Mas eu não podia confiar que ela não fosse ficar horrorizada com eles. Ela devia ficar horrorizada. A verdade era horrível.

“Eu não sei se tenho mais escolha”, murmurei. Lembrei-me de que uma vez a havia provocado chamando-a de “extremamente não-observadora”. Ofendido-a, se eu havia julgado suas expressões corretamente. Bem, esta injustiça, pelo menos, eu poderia compensar. “Eu estava errado – você é muito mais observadora do que eu achava que fosse”. E, apesar de que ela pudesse não perceber, eu já havia lhe dado um enorme crédito. Ela não perdia nada.

“Pensei de que você estivesse sempre certo”, ela disse, sorrindo por me provocar.

“Eu costumava estar”. Eu costumava saber o que eu estava fazendo. Eu costumava estar sempre certo de meu rumo. E agora era tudo caos e tumulto.

Ainda assim eu não trocava nada. Eu não queria a vida que fazia sentido. Não se o caos significasse que eu poderia estar com Bella.

“Eu estava errado sobre você em outro aspecto também”, continuei, chamando a atenção para outro ponto. “Você não é um ímã para acidentes – esta não é uma classificação ampla o suficiente. Você é um ímã para problemas. Se existir algo perigoso num raio de dez metros, esta coisa vai invariavelmente te encontrar”. Por que ela? O que ela tinha feito para merecer tudo isso?

O rosto de Bella ficou sério novamente. “E você se classifica nesta categoria?”

A honestidade era mais importante para responder esta pergunta do que qualquer outra. “Sem dúvida”.

Seus olhos se estreitaram levemente – não suspeitosos agora, mas estranhamente preocupados. Ela estendeu o braço por cima da mesa de novo, lenta e deliberadamente. Eu puxei minhas mãos um centímetro para longe da dela, mas ela ignorou, determinada a me tocar. Eu segurei a respiração – não por causa de seu cheiro agora, mas devido à súbita, dominadora tensão. Medo. Minha pele lhe daria nojo. Ela iria fugir.

Ela acariciou levemente com as pontas de seus dedos a parte de trás da minha mão. O calor de seu toque gentil e voluntário não era como nada que eu já houvesse sentido. Era quase que puro prazer. Teria sido, se não fosse pelo meu medo. Eu observei sua face enquanto ela sentia a pedra fria que era minha pele, ainda incapaz de respirar.

Um meio-sorriso se esboçou no canto de seus lábios.

“Obrigada”, ela disse, encontrando meu olhar com uma expressão intensa em seus olhos. “Foram duas vezes agora”.

Seus dedos macios permaneceram na minha mão como se achassem prazeroso estar ali.

Eu respondi tão casualmente quanto era capaz. “Vamos nos esforçar para que não sejam três, combinado?”

Ela fez uma careta, mas acenou com a cabeça.

Eu puxei minha mão de debaixo da dela. Por mais sublime que fosse seu toque, eu não ia esperar que a magia de sua tolerância passasse, e que ela se transformasse em repulsa. Escondi minhas mãos sob a mesa.

Eu li seus olhos; apesar de que sua mente fosse silenciosa, eu podia perceber que neles havia tanto confiança quanto questionamento. Eu percebi neste momento que eu queria responder as suas perguntas. Não porque eu devesse isso a ela. Não porque eu quisesse que ela confiasse em mim.

Eu queria que ela me conhecesse.

“Eu te segui até Port Angeles”, eu disse, as palavras saindo rápido demais para que eu pudesse editá-las. Eu sabia do perigo que era dizer a verdade, o risco que estava correndo. A qualquer momento, sua calma fora do comum se despedaçaria transformando-se em histeria. Mas, pelo contrário, saber disso só me fez falar mais rápido. “Eu nunca havia tentado manter uma pessoa específica viva antes e é muito mais complicado do que eu poderia ter imaginado. Mas isso é provavelmente apenas porque é você. Pessoas comuns parecem ser capazes de atravessar o dia sem tantas catástrofes”.

Eu a vigiei, esperando.

Ela sorriu. Seus lábios se curvaram nos cantos, e seus olhos de chocolate ficaram mais quentes.

Eu havia acabado de admitir que eu a perseguia escondido, e ela estava sorrindo.

“Você já pensou que pode ser que minha hora tivesse chegado naquela primeira vez, com a van, e que você está interferindo com meu destino?”, ela perguntou.

“Aquela não foi a primeira vez”, eu disse, olhando para baixo e encarando a toalha de mesa marrom-escura, meus ombros curvados de vergonha. Meus muros haviam ruído, a verdade continuava sendo derramada descuidadamente. “Sua hora havia chegado na primeira vez em que te vi”.

Era verdade, e me irritava. Eu havia sido posicionado sobre sua vida como a lâmina de uma guilhotina. Era como se ela tivesse sido marcada para morrer por algum destino cruel, injusto, e – já que eu havia me mostrado uma arma relutante – aquele mesmo destino continuava tentando executá-la. Eu imaginei este destino personificado – uma bruxa repugnante, invejosa, uma harpia vingativa.

Eu desejava que algo, alguém, fosse o responsável por isso – pois assim eu teria algo concreto contra o que lutar. Alguma coisa, qualquer coisa que eu pudesse destruir, para que ela pudesse ficar a salvo.

Bella estava muito quieta; sua respiração havia acelerado.

Eu levantei a cabeça para olhá-la, sabendo que finalmente veria o medo pelo qual estava esperando. Eu não havia acabado de admitir o quanto havia estado próximo de matá-la? Mais próximo que a van que havia chegado a centímetros de esmagá-la. E, apesar disso, sua expressão ainda estava muito calma, seus olhos ainda estreitos apenas com preocupação.

“Você se lembra?”. Ela tinha que lembrar daquilo.

“Sim”, ela disse, sua voz nivelada e grave. Seus olhos profundos estavam totalmente conscientes.

Ela sabia. Ela sabia que eu quisera matá-la.

Onde estavam os gritos?

“E ainda assim aqui está você”, eu disse, apontando a contradição inerente aos fatos.

“Sim, aqui estou eu... por causa de você”. Sua expressão se alterou, tornando-se curiosa, enquanto ela mudava de assunto sem tentar disfarçar. “Porque de alguma forma você sabia onde me encontrar hoje...?”

Sem muitas esperanças, eu tentei uma vez mais empurrar a barreira que protegia seus pensamentos, desesperado para entender. Não fazia sentido para mim. Como ela podia sequer importar-se com o resto com aquela verdade reluzindo sobre a mesa?

Ela aguardou, apenas curiosa. Sua pele estava pálida, o que era o natural dela, mas ainda assim me preocupou. Seu jantar estava quase totalmente intocado em sua frente. Se eu continuasse a falar demais, ela iria precisar de um amortecimento para quando o choque chegasse.

Eu nomeei minhas condições. “Você come, eu falo”.

Ela processou aquilo por meio segundo, e então encheu a boca com uma velocidade que passasse a impressão de que estava calma. Ela estava mais ansiosa por minha resposta do que seus olhos deixavam transparecer.

“É mais difícil do que deveria ser – te manter sob vigília”, eu lhe disse. “Em geral eu consigo encontrar alguém muito facilmente, uma vez que tenha ouvido sua mente antes”.

Eu prestei atenção à sua expressão cuidadosamente enquanto dizia isso. Adivinhar corretamente era uma coisa, mas ouvir a confirmação era outra completamente diferente.

Ela estava estática, seus olhos arregalados. Eu senti meus dentes se contraírem uns aos outros enquanto esperava por seu pânico.

Mas ela apenas piscou uma vez, engoliu alto, e então encheu a boca novamente. Ela queria que eu continuasse.

“Eu estava mantendo um olho em Jessica”, continuei, observando conforme cada palavra era absorvida. “Não com muito cuidado – como eu disse, só mesmo você poderia encontrar problemas em Port Angeles –”. Eu não consegui resistir a adicionar essa parte. Será que ela percebia que as vidas dos outros humanos não eram tão atormentadas com experiências de quase morte, ou ela pensava que era normal? Ela era a coisa mais distante de normal que eu já havia encontrado. “E a princípio eu não havia percebido que você havia saído sozinha. Então,

quando eu concluí que você não estava mais com elas, saí procurando-a na livraria que vi na mente dela. Eu sabia que você não havia entrado, e que havia ido para o sul... e eu sabia que logo você teria que virar. Então eu estava apenas te esperando, procurando aleatoriamente nos pensamentos das pessoas na rua – para checar se alguém havia te percebido, e então eu saberia onde você estava. Eu não tinha razões para me preocupar... mas estava estranhamente nervoso...”. Minha respiração veio rápida enquanto eu relembrava a sensação de pânico. Seu cheiro incendiou minha garganta e eu estava feliz por isso. Era uma dor que significava que ela estava viva. Enquanto eu queimasse, ela estava segura.

“Eu comecei a dirigir em círculos, ainda... ouvindo”. Eu esperava que a palavra fizesse sentido para ela. Isso tinha que ser confuso. “O sol estava finalmente se pondo, e eu estava prestes a sair, e segui-la a pé. E então –”

Conforme a memória me dominou – perfeitamente clara e tão vívida quanto se eu estivesse vivendo aquele momento novamente – eu senti a mesma fúria assassina encharcar meu corpo, transformando-o em gelo.

Eu queria que ele morresse. Eu precisava que ele morresse. Minha mandíbula se contraiu enquanto eu me concentrava em me manter aqui nesta mesa. Bella ainda precisava de mim. E era isso que importava.

“E depois?”, ela suspirou, seus olhos escuros arregalados.

“Eu ouvi o que eles estavam pensando”, eu disse entredentes, incapaz de evitar que as palavras saíssem num rosnado. “Eu vi seu rosto na mente dele”.

Eu mal podia resistir à urgência de matá-lo. Eu ainda sabia precisamente onde encontrá-lo. Seus pensamentos negros sugavam no céu da noite, me atraindo em sua direção...

Eu cobri meu rosto, sabendo que minha expressão era a de um monstro, um caçador, um matador. Eu fixei a imagem dela por trás de meus olhos fechados para me controlar, focalizando apenas naquela face. O delicado desenho de seus ossos, a fina cobertura de sua pele frágil – como seda sobre o vidro, incrivelmente macia e fácil de quebrar. Ela era vulnerável demais para este mundo. Ela precisava de um protetor. E, por alguma reviravolta do destino, eu era a coisa mais próxima a isso que estava disponível.

Tentei explicar minha reação violenta para que ela entendesse.

“Foi muito.... difícil – você não consegue imaginar o quão difícil – para mim, simplesmente te levar embora, e deixá-los... vivos”, eu sussurrei. “Eu poderia tê-la deixado partir com Jessica e Ângela, mas eu estava com medo de que, se você me deixasse sozinho, eu sairia para procurá-los”.

Pela segunda vez nesta noite, eu estava confessando haver tido a intenção de assassinar alguém. Pelo menos este era justificável.

Ela estava quieta enquanto eu lutava para me controlar. Eu ouvi seus batimentos. O ritmo era irregular, mas desacelerou conforme o tempo passava até que estava estável de novo. Sua respiração, também, estava baixa e regularizada.

Eu estava perto demais do limite. Eu precisava levá-la para casa antes que...

Eu o mataria, então? Eu me tornaria um assassino novamente, agora que ela havia confiado em mim? Havia qualquer maneira de impedir a mim mesmo?

Ela havia prometido que me contaria sua mais recente teoria quando estivéssemos sozinhos. Será que eu queria ouvi-la? Eu estava ansioso por isso, mas seria a retribuição pela minha curiosidade pior do que não saber?

De qualquer forma, ela devia ter tido verdade o bastante para uma noite.

Eu a olhei novamente, e seu rosto estava mais pálido do que antes, mas composto.

“Você está pronta para ir para casa?”, eu perguntei.

“Estou pronta para partir”, ela disse, escolhendo suas palavras cuidadosamente, como se um simples ‘sim’ não expressasse exatamente o que ela queria dizer.

Frustrante.

A garçonete retornou. Ela havia ouvido a última frase de Bella enquanto vacilava no outro lado da divisória, imaginando o que mais poderia me oferecer. Eu queria rolar os olhos para alguns dos oferecimentos que ela tinha em mente.

“Como estamos indo?”, ela me perguntou.

“Estamos prontos para pedir a conta, obrigado”, eu lhe disse, meus olhos em Bella.

A respiração da garçonne era perfurante, e ela estava momentaneamente – para usar a expressão que Bella havia usado – deslumbrada pela minha voz.

Num súbito momento de percepção, ouvindo a maneira como minha voz soava nesta cabeça humana tão sem importância, eu percebi por que parecia estar atraindo muita admiração nesta noite – desacompanhada do medo usual.

Era por causa de Bella. Conforme eu me esforçava tanto para não lhe oferecer perigo, para ser menos assustador, para ser humano, eu havia verdadeiramente perdido o jeito. Os outros humanos só viam beleza agora, com meu horror inato tão cuidadosamente sob controle.

Eu olhei para a garçonne, esperando-a se recompor. Era meio que engraçado, agora que eu compreendia o motivo.

“Claro”, ela gaguejou. “Aqui está”.

Ela esticou a mão onde estava a pasta com a conta, pensando no cartão que havia enfiado ali dentro. Um cartão com seu nome e telefone.

Sim, era bem engraçado.

Eu já estava com o dinheiro preparado novamente. Devolvi a pasta de uma vez, para que ela não perdesse seu tempo esperando por um telefonema que nunca viria.

“Sem troco”, eu lhe disse, esperando que o tamanho da gorjeta acalmasse seu desapontamento.

Eu me levantei, e Bella rapidamente fez o mesmo. Eu queria oferecer-lhe minha mão, mas eu pensei que talvez fosse pressionar a sorte um pouco demais por apenas uma noite. Eu agradeci à garçonne, meus olhos nunca saindo do rosto de Bella. Bella também parecia achar alguma coisa divertida.

Nós saímos; eu caminhava o mais próximo ao lado dela que eu ousava. Próximo o suficiente para que o calor emanando de seu corpo fosse como um toque físico contra o lado esquerdo de meu corpo. Enquanto eu segurava a porta aberta para ela, ela suspirou quietamente, e eu me perguntei que arrependimento a estava deixando triste. Eu olhei no fundo de seus olhos, prestes a perguntar, quando ela subitamente olhou para o chão, parecendo envergonhada. Aquilo me deixou curioso, mas também relutante de fazer perguntas. O silêncio entre nós continuou enquanto eu abria a porta e entrava no carro.

Eu liguei o aquecedor – o calor havia abruptamente acabado; o carro frio devia ser desconfortável para ela. Ela se aninhou na minha jaqueta, com um pequeno sorriso nos lábios.

Eu esperei, adiando a conversa até que as luzes das calçadas desaparecessem; deste jeito eu me sentiria mais a sós com ela.

Será que esta era a coisa certa? Agora que eu havia me focado apenas nela, o carro parecia muito pequeno. Seu cheiro circulava por ele com a corrente do aquecedor, se intensificando e fortalecendo. Ele cresceu em sua própria força, como se fosse outra entidade no carro. Uma presença que demandava reconhecimento.

E ela o tinha; eu queimava. Mas a sensação de queimar era aceitável. Parecia estranhamente apropriada a mim. Eu havia entregue muito nesta noite – mais do que havia esperado. E aqui estava ela, ainda voluntariamente ao meu lado. Eu devia algo em retorno a isso. Um sacrifício. Uma oferenda numa fogueira.

Se eu pudesse ao menos mantê-la assim; apenas queimando, e nada mais. Mas o veneno enchia minha boca, e meus músculos tencionavam em antecipação, como se eu estivesse numa caçada...

Eu tinha que manter tais pensamentos fora da minha cabeça. E eu sabia o que me distrairia.

“Agora”, eu lhe disse, o medo de sua resposta ultrapassando a dor de queimar. “É sua vez”.

9- TEORIA

“Posso perguntar só mais uma?”, ela suplicou ao invés de responder ao que eu pedia.

Eu estava no limite, ansioso pelo pior. Mesmo assim, era muito tentadora a idéia de prolongar este momento. De ter Bella comigo, por vontade própria, por apenas mais alguns segundos. Eu suspirei com o dilema, e então disse, “uma”.

“Bem...”, ela hesitou por um momento, como se estivesse decidindo qual pergunta fazer. “Você disse que sabia que eu não tinha entrado na livraria, e que eu tinha ido para o sul. Estava pensando como você sabia disso”.

Eu olhei para o retrovisor. Outra pergunta que não revelava nada da parte dela, e coisas demais da minha.

“Pensei que tivéssemos superado as evasivas”, ela disse, seu tom crítico e desapontado.

Que irônico. Ela era implacavelmente evasiva, sem nem ao menos fazer força.

Bem, ela queria que eu fosse direto. E esta conversa não estava tomando um bom rumo, de qualquer forma.

“Está bem então”, eu disse. “Eu segui o seu rastro”.

Eu queria analisar seu rosto, mas tinha medo do que veria. Ao invés disso, escutei sua respiração acelerando e depois se acalmando. Ela falou novamente depois de um momento, e sua voz estava mais composta do que eu teria esperado.

“E aí você não respondeu uma das minhas primeiras perguntas...”, ela disse.

Eu baixei os olhos para ela, franzindo a testa. Ela estava prolongando o momento, também.

“Qual?”

“Como funciona – essa coisa de ler mentes?”, ela perguntou, reiterando a questão que havia feito no restaurante. “Você consegue ler a mente de qualquer um, em qualquer lugar? Como você faz? O resto da sua família também...?”. Sua voz foi sumindo, e ela corou.

“Foram mais que uma”, eu disse.

Ela apenas me olhou, esperando por suas respostas.

E por que não contar a ela? Ela já havia adivinhado a maior parte, e este assunto era mais fácil do que o que viria a seguir.

“Não, sou só eu. E não consigo ouvir qualquer pessoa em qualquer lugar. Tenho que estar a uma certa proximidade. Quanto mais familiar a... ‘voz’ da pessoa, mais de longe eu consigo ouvi-la. Mas ainda assim, não mais que alguns quilômetros”. Eu tentei pensar numa maneira de descrever para que ela pudesse entender. Uma analogia com que ela pudesse relacionar. “É meio como se fosse estar numa sala gigantesca cheia de gente, todos falando ao mesmo tempo. É tudo um zumbido – um farfalhar de vozes no plano de fundo. Até que eu focalize em uma voz, e então o que esta pessoa está pensando fica claro. Na maior parte do tempo eu tiro todas elas de sintonia – é muito fácil ser distraído por elas. E também que fica mais fácil parecer normal –”, eu fechei a cara – “quando não estou acidentalmente respondendo aos pensamentos de alguém ao invés de às suas palavras”.

“Por que você acha que não consegue me ouvir?”, ela imaginou.

Dei-lhe outra verdade e outra analogia.

“Não sei”, admiti. “O único palpite que tenho é que talvez sua mente não funcione do mesmo jeito que as outras. Como se seus pensamentos estivessem na frequência AM e eu só captasse FM”. Eu percebi que ela não iria gostar dessa analogia. A antecipação de sua reação me fez sorrir. Ela não me desapontou.

“Minha mente não funciona do jeito certo?”, ela perguntou, sua voz mortificada. “Eu sou uma anormal?”

Ah, a ironia de novo.

“Eu ouço vozes na minha mente e você está preocupada se você é a anormal”, eu ri.

Ela captava todos os pequenos detalhes, mas os maiores ela entendia completamente ao contrário. Sempre os instintos errados...

Bella mastigava o lábio, e a ruga entre seus olhos estava mais marcada.

“Não se preocupe”, eu lhe disse novamente. “É apenas uma teoria...”. E havia uma teoria mais importante a ser discutida. Eu estava ansioso para acabar com isso logo. Cada segundo que passava começava a parecer mais e mais como um tempo emprestado.

“O que nos leva de volta a você”, eu disse, dividido em dois, ao mesmo tempo ansioso e relutante.

Ela suspirou, ainda mastigando o lábio – eu fiquei preocupado com a possibilidade de que ela se machucasse. Ela me olhou nos olhos, sua face perturbada.

“Nós não havíamos superado as evasivas?”, perguntei silenciosamente.

Ela olhou para baixo, envolvida em algum dilema interno. De repente, ela enrijeceu e seus olhos se arregalaram. Seu rosto demonstrava medo pela primeira vez.

“Pai do céu!”, ela engasgou.

Eu entrei em pânico. O que ela teria visto? Como eu a teria assustado?

Então ela gritou, “diminua!”

“O que foi?”, eu não entendia de onde o terror estava vindo.

“Você está a cento e sessenta por hora!”, ela gritou comigo. Deu uma espiada para fora da janela, e se encolheu das árvores escuras passando rapidamente por nós.

Uma coisa tão pequena, só um pouquinho de velocidade, e ela estava gritando de medo?

Eu rolei os olhos. “Relaxa, Bella”.

“Você está tentando nos matar?”, ela demandou, sua voz alta e forte.

“Nós não vamos bater”, eu lhe prometi.

Ela aspirou o ar numa inalada forte, e então falou com um tom levemente mais composto. “Por que você está com tanta pressa?”

“Eu sempre dirijo assim”.

Eu encontrei seu olhar, divertido por sua expressão chocada.

“Mantenha os olhos na pista!”, ela gritou.

“Eu nunca estive num acidente, Bella. Eu nunca sequer tomei uma multa”. Eu sorri para ela e dei um tapinha em minha testa. Isso fez tudo parecer ainda mais cômico – o absurdo de ser capaz de brincar com ela sobre algo tão secreto e estranho. “Detector de radar embutido”.

“Muito engraçado”, ela disse sarcasticamente, sua voz mais assustada que irritada. “Charlie é um policial, lembra? Eu fui ensinada a seguir as leis de trânsito. Além do mais, se você nos transformar numa sanfona de Volvo batendo em alguma árvore, você provavelmente conseguiria levantar e sair andando”.

“Provavelmente”, eu repeti, e então ri sem humor. Sim, nós lidaríamos muito diferente com um acidente de carro. Ela estava certa de ter medo, apesar das minhas habilidades de direção...

“Mas você não conseguiria”.

Com um suspiro, eu deixei o carro passar a engatinhar. “Contente?”

Ela olhou para o velocímetro. “Quase”.

Isso ainda era rápido demais para ela? “Eu odeio dirigir devagar”, resmunguei, mas deixei o marcador descer um pouco mais.

“Isso é devagar?”, ela perguntou.

“Basta de comentários sobre como eu dirijo”, eu disse impacientemente. Quantas vezes ela havia desviado de minha pergunta agora? Três? Quatro? Será que suas especulações eram tão terríveis? Eu tinha que saber – imediatamente. “Ainda estou esperando por sua última teoria”.

Ela mordeu o lábio de novo, e sua expressão tornou-se chateada, quase aflita.

Eu dominei minha paciência e suavizei minha voz. Não queria atormentá-la.

“Não vou rir”, prometi, desejando que fosse apenas por embaraço que ela não estivesse querendo falar.

“Estou com mais medo que você fique bravo comigo”, ela suspirou.

Eu forcei minha voz para que parecesse composta. “É tão ruim assim?”.

“Um tanto, é”.

Ela olhou para baixo, se recusando a encontrar meus olhos. Os segundos se passaram.

“Vá em frente”, eu encorajei.

Sua voz estava fraca. “Eu não sei por onde começar”.

“Por que você não começa do início?”. Eu a lembrei de suas palavras antes do jantar. “Você disse que não havia criado essa sozinha”.

“Não”, ela concordou, e então ficou quieta de novo.

Eu pensei que coisas poderiam tê-la inspirado. “O que te inspirou – um livro? Um filme?”

Eu deveria ter checado sua coleção de livros quando ela estava fora de casa. Eu não fazia idéia se Bram Stoker ou Anne Rice estavam em sua pilha de livros desgastados...

“Não”, ela disse novamente. “Foi sábado, na praia”.

Eu não havia esperado aquilo. As fofocas locais sobre nós nunca haviam chegado a um ponto muito bizarro – ou muito preciso. Havia algum rumor novo que eu tinha perdido? Bella levantou os olhos de suas mãos e viu a surpresa no meu rosto.

“Eu encontrei um velho amigo da família – Jacob Black”, ela continuou. “Seu pai e Charlie são amigos desde que eu era bebê”.

Jacob Black – o nome não era familiar, mas ainda assim me recordava de algo... alguma vez, há muito tempo... eu olhei para fora do pára-brisas, repassando minhas memórias para encontrar alguma conexão.

“Seu pai é um dos anciões Quileute”, ela disse.

Jacob Black. Ephraim Black. Um descendente. Sem dúvida.

Era tão ruim quanto poderia ser.

Ela sabia a verdade.

Minha mente voava pelos possíveis desdobramentos conforme o carro voava pelas curvas escuras da estrada, meu corpo rígido com a angústia – estático exceto pelos pequenos e automáticos movimentos necessários para dirigir o carro.

Ela sabia a verdade.

Mas... se ela havia descoberto a verdade no sábado... então ela já havia estado ciente durante toda a noite... e ainda assim...

“Nós saímos para um passeio”, ela continuou. “E ele estava me contando algumas lendas antigas – tentando me assustar, eu acho. E ele me contou uma...”

Ela parou brevemente, mas não havia motivos para seus escrúpulos agora; eu sabia o que ela iria dizer. O único mistério que permanecia era porque ela estava aqui comigo agora.

“Vá em frente”, eu disse.

“Sobre vampiros”, ela respirou, as palavras mais fracas que um suspiro.

De alguma forma, era ainda pior que saber que ela sabia, ouvi-la dizer a palavra em voz alta. Eu me contrai com o som, e então me controlei novamente.

“E você imediatamente pensou em mim?”, perguntei.

“Não. Ele... mencionou sua família”.

Quão irônico que seria justamente o próprio descendente de Ephraim quem violaria o pacto que ele havia jurado manter. Um neto, ou bisneto talvez. Quantos anos haviam se passado? Setenta? Eu devia ter percebido que não eram os homens velhos que acreditavam nas lendas que representavam perigo. Claro, a geração mais jovem – aqueles que haviam sido avisados, mas que pensavam nas lendas antigas como motivo de riso – claro que era ali que morava o perigo de sermos expostos.

Eu supus que isto significava que agora eu estaria livre para massacrar a pequena, vulnerável tribo que vivia na costa, se eu me sentisse inclinado a isso.

“Ele pensava que era só uma superstição boba”, disse Bella subitamente, sua voz repleta de um novo nervosismo. “Ele não achava que eu fosse tirar qualquer conclusão dela”.

“Foi minha culpa”, ela disse depois uma breve pausa, e então agarrou sua cabeça como se estivesse envergonhada. “Eu forcei-o a me dizer”.

“Por que?”. Não era tão difícil manter minha voz estável agora. O pior já havia passado. Enquanto conversássemos sobre os detalhes da revelação, nós não teríamos que passar a discutir suas conseqüências.

“Lauren disse algo sobre você – ela estava tentando me provocar”. Ela fez uma pequena careta ao se lembrar. Eu fui levemente distraído por isso, imaginando como Bella poderia ser provocada por alguém falando de mim... “E um garoto mais velho da tribo disse que sua família não ia à reserva, mas soou como se quisesse dizer outra coisa. Então eu consegui ficar sozinha com Jacob e enganei-o para tirar a informação dele”.

Sua cabeça caiu ainda mais quando ela admitiu isso, e sua expressão parecia... culpada.

Eu desviei o olhar dela e dei uma risada alta. Ela se sentia culpada? O que seria possível que ela tivesse feito para merecer qualquer tipo de censura?

“Enganou-o como?”, perguntei.

“Eu tentei flertar – funcionou melhor do que eu pensava”, ela explicou, e sua voz ficou incrédula com a lembrança de seu sucesso.

Eu podia apenas imaginar – considerando a atração que ela parecia exercer sobre todas as coisas masculinas, totalmente inconsciente do que estava fazendo – o quão irresistível ela seria quando tentasse ser atraente. De repente eu estava cheio de pena do garoto ingênuo sobre quem ela havia lançado uma força tão potente.

“Eu gostaria de ter visto esta cena”, eu disse, e então ri novamente com meu humor negro. Eu desejava poder ter ouvido a reação do garoto, testemunhado a devastação com meus próprios olhos. “E você me acusa de deslumbrar as pessoas – pobre Jacob Black”.

Eu não estava tão irritado com a fonte de minha exposição quanto teria esperado ficar. Ele não tinha noção. E como eu poderia esperar que qualquer um negasse a esta garota o que ela quisesse? Não, eu senti apenas simpatia pelo dano que ela devia ter causado em sua paz de espírito.

Eu senti sua corada no ar entre nós. Quando a olhei, ela estava olhando para fora da janela. Ela não falou mais.

“O que você fez então?”, eu a incentivei. Era hora de voltar para a história de terror.

“Eu pesquisei algumas coisas na internet”.

Sempre prática. “E alguma coisa ali te convenceu?”

“Não”, ela disse. “Nada servia. A maioria eram coisas bobas. E então –”

Ela se interrompeu de novo, e eu ouvi sua mandíbula travando.

“O quê?”, demandei. O que ela teria descoberto? O que a havia feito perceber o pesadelo que isso era para ela?

Houve uma curta pausa, e então ela suspirou: “Eu decidi que não importava”.

O choque congelou meus pensamentos por um milésimo de segundo, e então tudo se encaixou.

Por que ela havia dito para suas amigas irem embora esta noite ao invés de escapar com elas.

Por que ela havia entrado no meu carro ao invés de fugir, gritando pela polícia...

Suas reações eram sempre erradas – sempre completamente erradas. Ela puxava o perigo em sua direção. Ela o convidava.

“Não importava?”, eu disse entredentes, a raiva me preenchendo. Como seria possível para mim, defender alguém tão... tão... tão determinada a estar desprotegida?

“Não”, ela disse numa voz baixa e inexplicavelmente suave. “Eu não me importo com o que você é”.

Ela era impossível.

“Você não se importa se eu sou um monstro? Se eu não sou humano?”

“Não”.

Eu comecei a me perguntar se ela era inteiramente estável.

Eu supus que poderia arranjar para ela o melhor tratamento disponível... Carlisle teria os contatos para encontrar para ela os médicos mais habilidosos, os terapeutas mais talentosos. Talvez algo pudesse ser feito para consertar o que quer que houvesse de errado com ela, o que quer que fizesse ela ficar contente de se sentar ao lado de um vampiro com seu coração batendo calmo e de modo estável. Eu a vigiaria neste lugar, claro, e a visitaria com a máxima frequência que me fosse permitida...

“Você está bravo”, ela suspirou. “Eu não devia ter dito nada”.

Como se ela esconder essas tendências perturbadoras fosse ajudar a qualquer um de nós.

“Não. Eu gostaria de saber o que você está pensando – mesmo que o que você esteja pensando seja insano”.

“Então estou errada de novo?”, ela perguntou, um pouco agressiva agora.

“Não é a isto que estou me referindo!”. Meus dentes se apertaram novamente. “‘Não importa!’”, eu repeti num tom amargo.

Ela engasgou. “Estou certa?”

“Isso importa?”, eu rebati.

Ela respirou fundo. Eu esperei irritado por sua resposta.

“Na verdade não”, ela disse, com a voz composta novamente. “Mas estou curiosa”.

Na verdade não. Na verdade não importava. Ela não se importava. Ela sabia que eu não era humano, um monstro, e isso não importava para ela.

Ademais de minhas preocupações com sua sanidade, comecei a sentir uma onda de esperança. Tentei anulá-la.

“Sobre o que você está curiosa?”, perguntei-lhe. Não havia mais segredos restantes, apenas detalhes menores.

“Quantos anos você tem?”, ela perguntou.

Minha resposta foi automática, a resposta habitual. “Dezessete”.

“E há quanto tempo você tem dezessete?”

Eu tentei não sorrir com seu tom condescendente. “Há um tempo”, eu admiti.

“Ok”, ela disse, abruptamente entusiasmada. Ela sorriu para mim. Quando eu a encarei de volta, nervoso de novo com sua condição mental, o sorriso aumentou. Eu fechei a cara.

“Não ria”, ela avisou. “Mas como você consegue sair durante o dia?”

Eu ri, apesar de seu pedido. Sua pesquisa não havia lhe fornecido nada muito fora do comum, aparentemente. “Mito”.

“Queimado pelo sol?”

“Mito”.

“Dormir em caixões?”

“Mito”.

Dormir não havia sido parte da minha vida durante tanto tempo – não até estas últimas noites, em que eu havia assistido Bella sonhar...

“Eu não posso dormir”, murmurei, respondendo sua pergunta mais completamente.

Ela ficou quieta por um momento.

“Nunca?”, ela perguntou.

“Nunca”, eu respirei.

Eu encarei dentro de seus olhos, arregalados sob a grossa camada de cílios, e ansiei por dormir. Não pelo alívio, não para escapar do aborrecimento, mas porque eu queria sonhar. Talvez, se eu fosse capaz de ficar inconsciente, se eu pudesse sonhar, eu poderia viver por algumas horas num mundo onde ela e eu pudéssemos ficar juntos. Ela sonhava comigo. Eu queria sonhar com ela.

Ela me encarou de volta, a expressão cheia de dúvida. Eu tive que desviar o olhar.

Eu não poderia sonhar com ela. Ela não deveria sonhar comigo.

“Você ainda não fez a pergunta mais importante”, eu disse, meu peito silencioso mais frio e duro que antes. Ela tinha que ser forçada a entender. Em algum momento, ela teria que perceber o que estava fazendo agora. Ela teria que ser forçada a ver o que tudo isso na verdade significava – mais do que qualquer outra consideração. Considerações como o fato de que eu a amava.

“Qual é?”, ela perguntou, surpresa e inconsciente.

Isso apenas deixou minha voz mais dura. “Você não está preocupada com a minha dieta?”

“Oh, isso”. Ela falou num tom quieto que eu não pude interpretar.

“Sim, isso. Você não quer saber se eu bebo sangue?”

Ela se contraiu com minha pergunta. Finalmente. Ela estava compreendendo.

“Bem, Jacob disse algo a respeito disso”, ela disse.

“O que Jacob disse?”

“Ele disse que você não... caça pessoas. Ele disse que não era para sua família ser perigosa, porque vocês só caçavam animais”.

“Ele disse que não éramos perigosos?”, eu repeti cinicamente.

“Não exatamente”, ela explicou. “Ele disse que não era para serem. Mas ainda assim os Quileutes não os querem nas terras deles, por via das dúvidas”.

Eu fixei o olhar na estrada, meus pensamentos num emaranhado insolúvel; minha garganta doendo com a familiar sede que a queimava.

“E então, ele estava certo?”, ela perguntou, tão calmamente quanto se estivesse confirmando a previsão do tempo. “Sobre não caçar pessoas?”

“Os Quileutes têm boa memória”.

Ela acenou com a cabeça para si mesma, pensando muito.

“Mas não permita que isso te deixe complacente. Nós ainda somos perigosos”.

“Não compreendo”.

Não, ela não compreendia. Como fazer com que ela visse?

“Nós tentamos”, eu lhe disse. “Em geral somos muito bons no que fazemos. Mas às vezes cometemos erros. Eu, por exemplo, me permitindo estar sozinho com você”.

Seu cheiro ainda era uma força no carro. Eu estava me acostumando com ela, podia quase ignorá-la, mas não se podia negar que meu corpo ainda ansiava por ela pelo motivo errado. Minha boca estava nadando no veneno.

“Isso é um erro?”, ela perguntou, sua voz angustiada. Este som me desarmou. Ela queria estar comigo – apesar de tudo, ela queria estar comigo.

A esperança me inundou de novo, e eu a rebati.

“Um erro muito perigoso”, eu lhe disse cheio de certeza, desejando que a verdade pudesse de alguma forma passar a importar.

Ela não respondeu por um instante. Eu ouvir sua respiração mudar – ela hesitou de maneiras estranhas, que não soavam como medo.

“Conte-me mais”, ela disse subitamente, suas voz distorcida com angústia.

Eu examinei-a cuidadosamente.

Ela estava sofrendo. Como eu havia permitido isso?

“O que mais você quer saber?”, eu perguntei, tentando pensar numa maneira de livrá-la do sofrimento. Ela não deveria sofrer. Eu não podia deixá-la sofrer.

“Conte por que você caça animais ao invés de pessoas”. ela disse, ainda angustiada.

Não era óbvio? Ou talvez isso também não importasse para ela.

“Eu não quero ser um monstro”, murmurei.

“Mas animais são o bastante?”

Eu procurei por outra comparação, uma maneira de fazê-la entender. “Não posso ter certeza, claro, mas eu compararia com viver de tofu e leite de soja; nós nos chamamos de vegetarianos, nossa piadinha interna. Não sacia completamente a fome – ou melhor, a sede. Mas nos mantém fortes o suficiente para resistir. Na maior parte do tempo”. Minha voz ficou mais baixa; eu estava envergonhado do perigo que a havia permitido passar. Perigo que eu continuava permitindo...

“Em algumas vezes é mais difícil do que em outras”.

“Está sendo muito difícil para você agora?”

Eu suspirei. Era claro que ela faria as perguntas que eu não queria responder. “Sim”, admiti.

Desta vez, sua resposta física correspondeu às minhas expectativas: sua respiração permaneceu estável, seu coração batendo no ritmo normal. Eu esperava isso, mas não compreendia. Como ela podia não estar com medo?

“Mas agora você não está com fome”, ela declarou, perfeitamente de si mesma.

“Por que você acha isso?”

“Seus olhos”, ela disse, seu tom espontâneo. “Eu disse que tinha uma teoria. Eu percebi que as pessoas – os homens em particular – ficam mais mal-humorados quando estão com fome”.

Eu soltei um risinho ao ouvir sua descrição: mal-humorado. Aí estava uma expressão um tanto modesta. Mas estava correta, como sempre. “Você é observadora, não?”. Eu ri novamente.

Ela sorriu um pouco, a ruga entre seus olhos retornando, como se ela estivesse se concentrando em algo.

“Você estava caçando neste fim de semana, com Emmett?”, ela perguntou depois que eu parei de rir. Sei jeito casual de falar era tão fascinante o quanto era frustrante. Será que ela realmente podia aceitar tudo isso sem se abalar? Eu estava mais próximo de entrar em choque do que ela parecia estar.

“Sim”, eu lhe disse; e então, quando estava prestes a deixar o assunto morrer, eu senti a mesma urgência que havia sentido no restaurante: queria que ela me conhecesse. “Eu não queria partir”, continuei lentamente, “mas foi necessário. É um pouco mais fácil estar perto de você quando não estou com sede”.

“Por que você não queria partir?”

Eu respirei fundo, e então me virei para encontrar seu olhar. Este tipo de honestidade era difícil por motivos totalmente diferentes.

“Me deixa... nervoso”. Eu supus que esta palavra bastaria, apesar de não ser forte o suficiente. “Estar longe de você. Eu não estava brincando quando te pedi para não cair no oceano ou ser atropelada na última quinta. Fiquei distraído o final de semana inteiro, preocupado com você. E depois do que aconteceu hoje, estou surpreso por você ter sobrevivido a um final de semana inteiro sem nenhum arranhão”. E então me lembrei dos arranhões nas palmas de suas mãos.

“Bem, quase nenhum arranhão”, corrigi.

“O quê?”

“Suas mãos”, recordei-lhe.

Ela suspirou e fez uma careta. “Eu cáí”.

Eu havia adivinhado corretamente. “Foi o que eu pensei”, eu disse, incapaz de conter meu sorriso. “Eu suponho que, sendo você, poderia ter sido muito pior – e essa possibilidade me atormentou durante todo o tempo em que eu estive longe. Foram três dias bem longos. Eu realmente dei nos nervos de Emmett”. Honestamente, isso não correspondia apenas ao tempo passado. Eu provavelmente ainda estava irritando a Emmett, e todo o resto da família também. Exceto a Alice...

“Três dias?”. Ela perguntou, sua voz subitamente cortante. “Você não voltou só hoje?”

Não entendi o nervosismo em sua voz. “Não, nós voltamos no domingo”.

“Então por que nenhum de vocês foi ao colégio?”, ela demandou. Sua irritação me deixou confuso. Ela não parecia perceber que sua pergunta era de novo uma daquelas relacionadas com os mitos.

“Bem, você perguntou se o sol me queima, e a resposta é não”. Eu disse. “Mas eu não posso sair por aí na luz do sol; pelo menos, não quando alguém possa me ver”.

Isso a distraiu de sua misteriosa irritação. “Por quê?”, ela perguntou, inclinando a cabeça para o lado.

Eu duvidei que pudesse encontrar uma analogia apropriada para responder esta. Então eu simplesmente lhe disse “Eu te mostro alguma hora”. E então me perguntei se esta era uma promessa que eu acabaria quebrando. Será que eu a veria de novo, depois desta noite? Será que eu a amava o suficiente para ser capaz de deixá-la?

“Você poderia ter me ligado”, ela disse.

Que conclusão estranha. “Mas eu sabia que você estava segura”.

“Mas eu não sabia onde você estava. Eu –”. Ela parou abruptamente, e olhou para suas mãos.

“O quê?”

“Eu não gostei”, ela disse timidamente, a pele sobre suas bochechas ficando mais quente. “De não te ver. Me deixou nervosa também”.

Está feliz agora?, demandei de mim mesmo. Bem, aqui estava meu prêmio por ter esperanças.

Eu estava desorientado, exultante, horrorizado – principalmente horrorizado – de perceber que todas as minhas alucinações mais ousadas não haviam sido tão distantes da realidade. Este era o motivo porque não importava para ela que eu fosse um monstro. Porque certo e errado não eram mais influências que me compeliavam. Porque todas as minhas prioridades haviam descido um degrau, para ceder lugar no topo para esta garota.

Bella gostava de mim, também.

Eu sabia que não podia ser nada em comparação ao quanto eu a amava. Mas era o bastante para que ela arriscasse sua vida e se sentasse aqui comigo. Para que ela o fizesse de bom grado.

Era o bastante para fazê-la sofrer se eu fizesse a coisa certa e a deixasse.

Havia alguma coisa que eu pudesse fazer agora que não iria machuca-la? Qualquer uma que fosse?

Eu devia ter ficado longe. Eu devia nunca ter voltado a Forks. Eu não lhe causaria nada que não fosse dor.

E agora, será que isso me impediria de ficar? De piorar as coisas?

A maneira como eu me sentia agora, sentindo seu calor contra a minha pele...

Não. Nada me impediria.

“Ah”, rosnei para mim mesmo. “Isso é errado”.

“Foi algo que eu disse?”, ela perguntou, rapidamente querendo assumir a culpa.

“Você não vê, Bella? Uma coisa é eu me fazer miserável, mas outra completamente diferente é você se envolver tanto. Eu não quero ouvir que você se sente assim”. Era a verdade, era uma mentira. A parte mais egoísta de mim estava voando por saber que ela me queria tanto quanto eu a queria. “É errado. Não é seguro. É perigoso, Bella – por favor, aceite isso”.

“Não”. Seus lábios fizeram um beicinho, petulantes.

“Estou falando sério”. Eu estava batalhando comigo mesmo tão intensamente – metade desesperado para que ela aceitasse, metade desesperado para guardar os avisos de que ela devia escapar – que as palavras escaparam pelos meus dentes como um rosnado.

“Eu também”, ela insistiu. “Eu te disse, não importa o que você é. É tarde demais”.

Tarde demais? O mundo estava sombriamente preto e branco por um interminável segundo, conforme eu assistia na minha lembrança as sombras se arrastarem pelo campo na direção de Bella enquanto ela dormia. Inevitáveis, irreversíveis. Elas roubavam a cor de sua pele, e a submergiam na escuridão.

Tarde demais? A visão de Alice girava na minha cabeça, os olhos de Bella vermelhos de sangue me encarando indiferentes. Inexpressivos – mas não havia como ela poderia não me odiar por aquele futuro. Me odiar por ter roubado tudo o que ela tinha. Roubado sua vida e sua alma.

Não podia ser tarde demais.

“Nunca diga isso”, eu sibilei.

Ela olhou para fora da janela, e começou a morder o lábio de novo. Suas mãos estavam fechadas em punhos no seu colo. Sua respiração acelerada e entrecortada.

“O que você está pensando?”. Eu tinha que saber.

Ela balançou a cabeça sem me olhar. Eu vi alguma coisa cintilar, como um cristal, em sua bochecha.

Agonia. “Você está chorando?”. Eu a havia feito chorar. Eu a havia machucado tanto assim.

Ela esfregou as lágrimas com a parte de trás de sua mão.

“Não”, ela mentiu, com a voz partida.

Alguns instintos há muito tempo enterrados me fez estender a mão em sua direção – naquele segundo eu me senti mais humano do que jamais havia me sentido. E então eu lembrei que eu... não era. E abaixei minha mão.

“Sinto muito”, eu disse, minha mandíbula travada. Como eu poderia jamais dizer a ela o quanto eu sentia muito? Sentia muito por todos os erros estúpidos que eu havia cometido. Sentia muito por meu egoísmo interminável. Sentia muito que ela fosse tão infortunada que havia inspirado em mim este primeiro, trágico amor. Sentia muito também pelas coisas fora do meu controle – que eu havia sido o monstro escolhido pelo destino para encerrar sua vida, para começar.

Eu respirei profundamente – ignorando minha reação infeliz ao sabor no carro – e tentei me recompor.

Eu queria mudar de assunto, pensar em alguma outra coisa. Para minha sorte, minha curiosidade a respeito da garota era insaciável. Eu sempre tinha uma pergunta.

“Me conte uma coisa”, eu disse.

“O quê?”, ela disse rouca, ainda com lágrimas em sua voz.

“No que você estava pensando hoje, logo antes de eu virar a esquina? Eu não pude entender sua expressão – você não parecia tão assustada, você parecia estar se concentrando muito forte em algo”. Eu lembrei de seu rosto – forçando-me a esquecer de quem eram os olhos pelos quais eu olhava –, a expressão de determinação que havia nele.

“Eu estava tentando lembrar como incapacitar um agressor”, ela disse, sua voz mais composta. Você sabe, autodefesa. Eu ia esmagar seu cérebro com o seu nariz”. Mas a compostura não durou até o fim da explicação. Seu tom se enfureceu até que estava repleto de raiva. Isso não era uma hipérbole, e sua fúria de gatinho não era engraçada agora. Eu podia ver sua figura frágil – como seda sobre o vidro – encoberta pelos humanos corpulentos, fortes, que a teriam machucado. A fúria fervia no fundo da minha cabeça.

“Você ia enfrentá-los?”. Eu queria gemer. Seus instintos eram mortais – para ela mesma. “Você não pensou em fugir?”

“Eu caio muito quando corro”, ela disse embaraçada.

“E quanto a gritar por ajuda?”

“Estava chegando nesta parte”.

Eu balancei a cabeça, desacreditando. Como ela havia conseguido permanecer viva antes de vir para Forks?

“Você estava certa”, eu disse, minha voz azeda. “Eu estou definitivamente lutando contra o destino tentando mantê-la viva”.

Ela suspirou, e olhou pela janela. Então me olhou novamente.

“Eu irei te ver amanhã?”, ela demandou abruptamente.

Já que eu estava no meu caminho para o inferno – eu poderia pelo menos apreciar a viagem.

“Sim – eu também tenho um trabalho para entregar”. Eu sorri para ela, e me senti bem ao fazê-lo.

“Vou guardar um lugar para você no almoço”.

Seu coração disparou; meu coração morto de repente parecia ter se aquecido. Eu parei o carro na frente da casa de seu pai. Ela não fez menção de me deixar. “Você promete que estará lá amanhã?”, ela insistiu.

“Eu prometo”.

Como podia ser que fazer a coisa errada me desse tanta felicidade? Com certeza devia haver alguma coisa ali que eu não estava entendendo direito.

Ela acenou com a cabeça para si mesma, e começou a tirar minha jaqueta.

“Pode ficar”, eu lhe disse rapidamente. Eu realmente queria deixar-lhe com algo que fosse meu. Uma lembrança, como a tampinha de garrafa que estava no meu bolso agora... “Você não tem uma jaqueta para amanhã”.

Ela a devolveu para mim, sorrindo com remorso. “Eu não quero ter que explicar nada para Charlie”, ela disse.

Eu imaginaria que não. Eu sorri para ela: “Oh, claro”.

Ela colocou a mão na maçaneta da porta, e então parou. Não querendo sair, tanto quanto eu não queria deixá-la ir.

Deixá-la desprotegida, mesmo que por alguns minutos...

Peter e Charlotte já estavam longe a esta altura, já distantes de Seattle, sem dúvida. Mas sempre havia outros. Este mundo não era um lugar seguro para nenhum humano, e parecia ser mais perigoso para ela do que para o resto.

“Bella?”, perguntei, surpreso pelo prazer que sentia em simplesmente dizer seu nome.

“Sim?”

“Você me promete uma coisa?”

“Sim”, ela concordou com facilidade, e então seus olhos se estreitaram como se tivessem pensado em um motivo para protestar.

“Não vá à floresta sozinha”, eu a alertei, imaginando se este pedido dispararia a objeção em seus olhos.

Ela piscou, alarmada. “Por quê?”

Eu tive raiva da escuridão indigna de confiança. A falta de luz não era problema para os meus olhos, mas também não era para os de outro caçador. Ela só cegava os humanos.

“Nem sempre eu sou a coisa mais perigosa que há por aí”, eu disse. “Vamos deixar assim”.

Ela teve um calafrio, mas se recuperou rapidamente e estava até mesmo sorrindo quando falou: “O que você disser”.

Seu hálito tocou minha face, tão doce e perfumado.

Eu poderia ficar aqui assim a noite inteira, mas ela precisava de seu sono. Os dois desejos pareciam igualmente fortes conforme continuaram guerreando dentro de mim: querendo a ela contra querendo que ela estivesse a salvo.

Eu suspirei frente às impossibilidades. “Te vejo amanhã”, eu disse, sabendo que a veria muito antes disso. Entretanto, ela não veria a mim.

“Amanhã, então”, ela concordou enquanto abria a porta.

Agonia novamente, vendo-a partir.

Eu me inclinei em sua direção, querendo segurá-la aqui. “Bella?”

Ela se virou, e então congelou, surpresa por encontrar nossos rostos tão próximos um do outro.

Eu, também, estava dominado pela proximidade. O calor emanava dela em ondas, acariciando meu rosto. Eu só podia sentir a maciez de sua pele...

Seus batimentos aceleraram, e seus lábios se abriram.

“Durma bem”, eu suspirei, e me inclinei de volta antes que a urgência no meu corpo – tanto a sede familiar quanto a inteiramente nova e estranha fome que eu subitamente sentia – pudesse fazer-me fazer algo que a machucasse.

Ela permaneceu sentada por um momento, sem reação, seus olhos arregalados e atordoados. Deslumbrava, eu achei.

Como eu estava.

Ela se recuperou – embora ainda estivesse com uma expressão confusa – e cambaleou para fora do carro, tropeçando em seus pés e tendo que se apoiar na estrutura do carro para endireitar-se.

Eu dei um risinho – torcendo que tivesse sido baixo demais para ela ouvir.

Eu assisti-a cambalear no caminho até a fonte de luz que circundava a porta da frente de sua casa. Segura por enquanto. E eu logo estaria de volta para checar.

Eu podia sentir seus olhos me seguindo conforme eu dirigia pela rua escura. Uma sensação tão diferente do que eu estava acostumado. Usualmente, eu poderia simplesmente assistir a mim mesmo pela mente de alguém que me seguisse com os olhos, se assim eu quisesse. Isto era estranhamente excitante – esta sensação intangível de ser vigiado. Eu sabia que era apenas porque eram os olhos dela.

Um milhão de pensamentos perseguiam uns aos outros na minha mente, conforme eu dirigia sem rumo pela noite.

Por um longo tempo eu circulei pelas ruas, indo a lugar nenhum, pensando em Bella e na inacreditável liberdade de tê-la sabendo a verdade. Não mais eu teria que temer que ela descobrisse o que eu era. Ela sabia. E não se importava. Apesar de isso ser uma coisa obviamente ruim para ela, era maravilhosamente libertador para mim.

Mais do que isso, eu pensei em Bella e em amor correspondido. Ela não poderia me amar da maneira como eu a amava – um amor tão dominador, devastador, esmagador provavelmente romperia seu corpo frágil. Mas o que ela sentia era forte o suficiente. Suficiente para subjugar o medo instintivo. Suficiente para que ela quisesse estar comigo. E estar com ela era a maior felicidade que eu jamais havia conhecido.

Por um momento – enquanto eu estava sozinho e sem ninguém por perto que pudesse se machucar – eu permiti a mim mesmo sentir a felicidade sem residir na tragédia. Apenas ficar feliz por ela gostar de mim. Apenas exultar-me com o triunfo de ganhar sua atenção. Apenas imaginar-me dia após dia sentando-me próximo a ela, ouvindo sua voz e conquistando seus sorrisos.

Eu repassei aquele sorriso na minha mente, vendo seus lábios cheios levantando nos cantos, o esboço de covinha que aparecida em seu queixo fino, a maneira como seus olhos se aqueciam e derretiam... seus dedos estavam tão quentes e macios em minha mão esta noite. Eu imaginei qual seria a sensação de tocar a pele delicada que se estendia sobre os ossos de sua bochecha – macia, quente... tão frágil. Seda sobre o vidro... assustadoramente quebrável.

Eu não consegui perceber para onde meus pensamentos rumavam até que fosse tarde demais. Conforme eu refletia sobre aquela vulnerabilidade devastadora, novas imagens de seu rosto invadiram minhas fantasias.

Perdida nas sombras, pálida de medo – ainda assim com seu queixo travado e determinada, seus olhos firmes, cheios de concentração, seu corpo delgado posicionando-se para atacar as formas enormes que se reuniam ao seu redor, pesadelos na escuridão...

“Ah”, gemi enquanto o ódio latente de que eu havia me esquecido na alegria de amá-la explodiu novamente num inferno de raiva.

Eu estava sozinho. Bella estava, eu confiava, segura dentro de sua casa; por um momento eu estava incrivelmente feliz por Charlie Swan – chefe da polícia local, treinado e armado – ser seu pai. Isso devia significar alguma coisa, provê-la de algum abrigo.

Ela estava segura. Eu não levaria tanto tempo para vingar a agressão...

Não. Ela merecia mais. Eu não podia permitir que ela tivesse sentimentos por um assassino.

Mas... e quanto às outras?

Bella estava segura, sim. Ângela e Jessica também estavam, seguramente, a salvo em suas camas.

Ainda assim, um monstro estava à solta nas ruas de Port Angeles. Um monstro humano – será que isso fazia dele problema dos humanos? Cometer o assassinato que eu ardia por cometer era errado. Eu sabia disso. Mas deixá-lo livre para atacar novamente tampouco poderia ser a coisa certa.

A recepcionista loira do restaurante. A garçonete para quem eu nem havia realmente olhado. Ambas haviam me irritado de um jeito trivial, mas isso não significava que merecessem estar em perigo.

Cada uma delas podia ser a Bella de alguém.

Tal percepção fez com que eu me decidisse.

Eu virei o carro para o norte, acelerando agora que eu tinha um destino. Sempre que eu tinha um problema que estava fora do meu controle – algo tangível como isso – eu sabia onde poderia ir para buscar ajuda.

Alice estava sentada na varanda, esperando por mim. Eu parei na frente da casa, ao invés de dar a volta até a garagem.

“Carlisle está em seu escritório”, ela disse antes que eu pudesse perguntar.

“Obrigado”, eu disse, desarrumando seu cabelo conforme passava por ela.

Obrigada por retornar minha ligação, ela pensou sarcasticamente.

“Oh”. Eu parei na porta, pegando meu celular e abrindo-o. “Sinto muito. Eu nem mesmo chequei para ver quem era. Eu estava... ocupado”.

“Sim, eu sei. Eu sinto muito, também. Quando eu vi o que ia acontecer, você já estava a caminho”.

“Foi por pouco”, murmurei.

Sinto muito, ela repetiu, com vergonha de si mesma.

Era fácil ser gentil, sabendo que Bella estava bem. “Não sinta. Eu sei que você não consegue captar tudo. Ninguém espera que você seja onisciente, Alice”.

“Obrigada”.

“Eu quase te convidei para jantar esta noite – você captou isso antes que eu mudasse de idéia?”

Ela sorriu. “Não, perdi essa também. Queria ter sabido. Eu teria ido”.

“Em que você estava se concentrando tanto, que te fez perder tantas coisas?”

Jasper está pensando sobre nosso aniversário. Ela riu. Ele está tentando não tomar decisões sobre meu presente, mas acho que tenho uma bela idéia...

“Você devia se envergonhar”.

“Sim”.

Ela crispou os lábios, e me encarou, uma pontada de acusação em sua expressão. Eu prestei mais atenção depois. Você pretende contar a eles que ela sabe?

Eu suspirei. “Sim. Depois”.

Eu não direi nada. Mas me faça um favor e conte a Rosalie quando eu não estiver por perto, ok?

Eu me contraí. “Claro”.

Bella encarou muito bem.

“Bem demais”.

Alice abriu um sorriso. Não subestime a Bella.

Tentei bloquear a imagem que eu não queria ver – Bella e Alice, melhores amigas.

Impaciente agora, eu suspirei pesadamente. Queria prosseguir com a próxima parte da noite; queria acabar logo com isso. Mas estava um pouco preocupado por deixar Forks...

“Alice...”, eu comecei. Ela viu o que eu estava planejando.

Ela estará bem esta noite. Estou vigiando melhor agora. Ela meio que precisa de supervisão vinte e quatro horas, não?

“No mínimo”.

“De qualquer forma, você vai estar com ela em pouco tempo”.

Eu respirei fundo. Aquelas palavras eram lindas para mim.

“Vá em frente – resolva isso logo para que você possa estar onde deseja estar”, ela disse.

Eu acenei com a cabeça, e me apressei em direção ao escritório de Carlisle.

Ele estava esperando por mim, seus olhos na porta e não no grosso livro em sua mesa.

“Eu ouvi Alice dizendo-lhe onde me encontrar”, ele disse, e sorriu.

Era um alívio estar com ele, e ver a empatia e a profunda inteligência em seus olhos. Carlisle saberia o que fazer.

“Preciso de ajuda”.

“Qualquer coisa, Edward”, ele prometeu.

“Alice te contou o que aconteceu com Bella esta noite?”

Quase aconteceu, ele corrigiu.

“Sim, quase. Estou num dilema, Carlisle. Veja bem, eu quero... muito... matá-lo”. As palavras começaram a fluir mais rápido e emotivas. “Demais. Mas eu sei que isso seria errado, porque seria vingança, e não justiça. Tudo por raiva, e não imparcialidade. Ainda assim, não pode ser a coisa certa deixar um estuprador assassino vagando por Port Angeles! Eu não conheço os humanos ali, mas não posso deixar que outra pessoa tome o lugar de Bella como sua vítima.

Aquelas outras mulheres – alguém pode sentir por elas o que eu sinto por Bella. Pode sofrer o que eu teria sofrido se ela tivesse sido ferida. Não está certo –”

Seu largo e inesperado sorriso interrompeu o fluxo das minhas palavras.

Ela é muito boa para você, não? Tanta compaixão, tanto controle. Estou impressionado.

“Não estou buscando por elogios”.

“Claro que não. Mas não posso impedir meus pensamentos, posso?”. Ele sorriu novamente.

“Tomarei conta disso. Pode descansar sossegado. Ninguém mais irá se ferir no lugar de Bella”.

Eu vi o plano em sua mente. Não era exatamente o que eu queria, não satisfazia minha ânsia por brutalidade, mas eu podia ver que era a coisa certa a ser feita.

“Vou te mostrar onde encontrá-los”, eu disse.

“Vamos”.

No caminho, ele agarrou sua bolsa preta. Eu teria preferido um tipo mais agressivo de sedativo – como um crânio rachado – mas deixaria Carlisle fazer do jeito dele.

Nós pegamos meu carro; Alice ainda estava nas escadas. Ela sorriu e acenou enquanto saíamos com o carro. Eu vi em sua mente o que ela havia visto para mim. Nós não teríamos dificuldades.

A viagem foi muito curta na estrada escura e vazia. Eu baixei meus faróis para não chamar atenção. Me fez sorrir pensar em como Bella teria reagido a esta velocidade. Eu já estava dirigindo mais devagar que o usual – para prolongar meu tempo com ela – quando ela reclamou.

Carlisle também estava pensando em Bella.

Eu não antecipei que ela seria tão boa para ele. Isto é inesperado. Talvez estivesse de alguma forma destinado a acontecer. Talvez seja por um bem maior. Só que...

Ele visualizou Bella com a pele fria como a neve e olhos vermelhos de sangue, e então se retraiu da imagem.

Sim. Só que. De fato. Porque como poderia existir qualquer bem em destruir alguém tão puro e amável?

Eu olhei para a noite irritado, toda a alegria deste dia destruída por seus pensamentos.

Edward merece felicidade. Ele tem esse direito. A firmeza dos pensamentos de Carlisle me surpreendeu. Tem que haver um jeito.

Eu quis poder acreditar neles – em qualquer um deles. Mas não havia bem maior no que estava acontecendo com Bella. Apenas um destino amargo, feio, malicioso como uma harpia, que não podia suportar que Bella tivesse a vida que merecia.

Eu não permaneci em Port Angeles. Levei Carlisle ao bar imundo onde a criatura chama Loonie estava afogando seu desapontamento com seus amigos – dois deles já desmaiados. Carlisle percebeu como era difícil para mim estar tão próximo – como era difícil para mim ouvir os pensamentos do monstro e ver suas memórias, memórias de Bella misturadas com outras sobre outras garotas que haviam tido menos sorte, e que agora ninguém poderia salvar.

Minha respiração acelerou. Eu agarrei o volante.

Vá, Edward, ele me disse gentilmente. Eu farei com que as outras fiquem seguras. Você volte para Bella.

Era exatamente a coisa certa para se dizer. Seu nome era a única distração que poderia significar qualquer coisa para mim agora.

Eu o deixei no carro, e corri de volta para Forks numa linha reta através da floresta que dormia. Levou menos tempo do que na primeira jornada com o carro. Haviam se passado apenas alguns minutos quando eu escalei pelo lado de sua casa e deslizei sua janela para fora do meu caminho.

Eu suspirei silenciosamente, aliviado. Tudo estava como deveria estar. Bella estava segura em sua cama, sonhando, seus cabelos molhados espalhados como uma alga marinha pelo travesseiro.

Mas, ao contrário das outras noites, ela estava encolhida numa pequena bola com as cobertas esticadas sobre seus ombros. Com frio, pensei. Antes que pudesse me acomodar em meu assento usual, ela teve um calafrio, e seus lábios tremeram.

Eu pensei por um breve momento, e então saí para o corredor, explorando outra parte da casa pela primeira vez.

Os roncos de Charlie eram altos e constantes. Eu quase pude captar o tema de seu sonho. Algo sobre água passando e paciência para esperar... pescaria, talvez?

Ali, no topo das escadas, havia um armário promissor. Eu o abri esperançosamente, e encontrei o que procurava. Eu escolhi o cobertor mais grosso dentre os mais finos de linho, e o levei de volta para o seu quarto. Eu o devolveria antes que ela acordasse, e ninguém ficaria sabendo. Segurando o fôlego, eu cuidadosamente ajeitei o cobertor sobre ela; ela não reagiu ao peso adicional. Eu retornei à cadeira de balanço.

Enquanto esperava ansiosamente que ela se aquecesse, eu pensei em Carlisle, imaginando onde ele estaria agora. Eu sabia que seu plano se realizaria sem complicações – Alice havia visto.

Pensar em meu pai me fez suspirar – Carlisle me dava crédito demais. Eu desejei ser a pessoa que ele pensava de mim. Aquela pessoa, a que merecia felicidade, poderia ter esperanças de merecer esta garota adormecida. Como as coisas seriam diferentes se eu fosse aquele Edward. Enquanto eu ponderava sobre isso, uma estranha e inesperada imagem preencheu minha mente.

Por um momento, a imagem que eu havia visualizado para o destino, de uma bruxa que buscava a destruição de Bella, foi substituída pela imagem do mais tolo e descuidado dos anjos. Um anjo da guarda – algo que a versão de Carlisle sobre mim teria tido. Com um sorriso desatento, seus olhos da cor do céu cheios de travessura, o anjo formou Bella de tal maneira que não houvesse como eu não reparar nela. Um aroma impossivelmente forte para demandar minha atenção, uma mente silenciosa para inflamar minha curiosidade, uma beleza tranqüila para captar meus olhos, uma alma generosa para merecer minha admiração. Deixou fora o senso de auto-preservação – de forma que Bella pudesse estar perto de mim – e, finalmente, adicionou uma grande quantidade de má sorte para que eu me preocupasse.

Com uma risada descuidada, o anjo irresponsável atirou a criatura frágil diretamente no meu caminho, confiando despreocupadamente em minha moralidade imperfeita para manter Bella viva.

Nesta visão, eu não era a sentença de Bella; ela era meu prêmio.

Eu balancei a cabeça para a imagem do anjo inconseqüente. Ele não era muito melhor que a harpia. Eu não era capaz de pensar bem de um poder superior que agisse de maneira tão perigosa e estúpida. Pelo menos contra o destino horroroso eu podia lutar.

E eu não tinha nenhum anjo. Eles eram reservado para pessoas boas – para pessoas como Bella. E onde estava o anjo de Bella nesta história? Quem estava tomando conta dela?

Eu ri silenciosamente, alarmado, quando percebi que, no momento, eu estava justamente cumprindo esse papel.

Um anjo vampiro – uma extensão.

Depois de aproximadamente uma hora, Bella relaxou da posição em que havia estado encolhida. Sua respiração ficou mais profunda e ela começou a murmurar. Eu sorri, satisfeito. Era uma coisa pequena, mas pelo menos ela estava dormindo mais confortável esta noite porque eu estava aqui.

“Edward”, ela suspirou, e então sorriu, também.

Eu empurrei a tragédia de lado por um instante, e permiti a mim mesmo ser feliz de novo.

10. Interrogatórios

CNN foi a primeira a comentar a história.

Eu estava satisfeito que as notícias vazaram antes de eu partir pra escola, ansioso para saber como os humanos se expressariam em relação a isso, e quanta atenção tomaria. Felizmente,

havia notícias mais pesadas. Como um terremoto na América do Sul e um seqüestro político no Oriente Médio. Então a notícia rendeu apenas alguns segundos, algumas frases e uma foto.

"Alonzo Calderas Wallace, seqüestrador e assassino em série procurado no Texas e Oklahoma, foi apreendido noite passada em Portland. Oregon agradece a denúncia anônima. Wallace foi encontrado essa manhã, inconsciente em uma viela próxima a estação policial. Oficiais estão incapacitados de nos informar quando ele será exportado para Houston ou a cidade de Oklahoma para responder o processo".

A foto não estava clara - uma foto de prisão - e ele ainda tinha uma barba espessa na época em que foi tirada. Mesmo que Bella visse, ela provavelmente não o reconheceria. Eu esperava que ela não visse; Apenas a deixaria com medo desnecessariamente.

"A cobertura aqui na cidade vai ser leve. É muito distante para ser considerada um local de interesse". Alice me contou.

Eu concordei. Apesar de tudo, Bella não assistia muita TV, e eu nunca havia visto o seu pai assistindo outra coisa a não ser os canais de esporte.

Eu fiz o que eu pude. Esse monstro não caçaria por um bom tempo, e eu não era um assassino. Não recentemente, de qualquer modo. Eu estava certo em confiar em Carlise, tanto quanto eu também desejava que o monstro se aquietasse facilmente. Peguei-me torcendo para que ele fosse exportado para o Texas onde a pena de morte era tão popular..

Não. Isso não importava. Eu ia deixar isso para trás, e me concentraria no que era o mais importante.

Eu havia deixado o quarto de Bella não fazia nem uma hora, e já estava ansioso para vê-la novamente.

"Alice, você se importaria.."

Ela me cortou. "Rosalie irá dirigir. Ela vai fingir-se de brava, mas você sabe que irá gostar da desculpa para mostrar o seu carro". Alice soltou uma risada.

Eu dei um sorriso largo para ela. "Te vejo na escola".

Alice suspirou e o meu sorriso transformou-se em uma careta.

Eu sei, eu sei. Ela pensou. Ainda não. Eu esperarei até que você esteja pronto para eu conhecer Bella. Eu acho que você devia saber que isso não é apenas eu sendo egoísta. Bella irá gostar de mim também.

Eu não respondi para ela enquanto saía pela porta. Havia uma outra forma de visualizar a situação. Bella gostaria de conhecer Alice? Ter uma vampira como amiga?

Conhecendo Bella.. a idéia provavelmente não a incomodaria de maneira nenhuma.

Eu congelei. O que Bella queria e o melhor para ela eram coisas completamente distintas.

Eu comecei a me sentir preocupado quando estacionei o carro na garagem de Bella. Dizem que os humanos vêem as coisas diferentes pela manhã - que as coisas mudam quando você dorme as analisando. Eu deveria olhar Bella de uma forma diferente nessa luz fraca de um dia nublado? Eu seria mais ou menos sinistro do que na escuridão da noite? Será que a verdade fora absorvida enquanto ela dormia? Ela finalmente estaria com medo?

Seus sonhos haviam sido calmos na noite passada. Quando ela disse meu nome de tempos em tempos, ela sorria. Mais do que quando ela suplicou para eu ficar. Isso significaria alguma coisa hoje?

Eu esperei com os nervos a flor da pele, escutando os sons que ela fazia dentro da casa - seus pés batendo rapidamente na escada enquanto ela a descia, o som agudo do papel alumínio sendo rasgado, o conteúdo da geladeira se debatendo uns nos outros quando a porta foi fechada. Parecia que ela estava com pressa. Ansiosa para chegar na escola? Esse pensamento me fez sorrir, estava esperançoso novamente.

Olhei para o relógio. Eu supunha que - considerando o limite de velocidade de sua caminhonete caindo aos pedaços - ela estava atrasada.

Bella saiu de sua casa, sua mochila pendurada em um dos ombros, seu cabelo amarrado em um bolo desarrumado em sua nuca. O casaco denso que ela vestia não era aconchegante o suficiente para protegê-la do frio cortante.

O suéter era muito grande pra ela, desfavorecedor. Isso cobriu a sua figura esbelta, transformando todas as suas curvas delicadas e linhas suaves em um formato estranho. Eu apreciei isso quase como o quanto eu desejava que ela usasse algo mais parecido com a blusa

azul de ontem.... o tecido aderiu-se a pele de uma forma tão apelativa, com um corte baixo o suficiente para mostrar o jeito hipnotizante que suas clavículas se curvavam no vazio abaixo de sua garganta.O azul havia floreado como água ao longo de seu formato macio....

Era melhor - essencial - que eu mantivesse os meus pensamentos longe, muito longe de seu formato, então eu estava grato pelo suéter desfavorecedor de hoje.

Eu não podia me dar ao luxo de cometer nenhum erro, e seria um erro monumental estender esse estranho desejo que ardia dentro de mim ao pensar em seus lábios.. sua pele.. seu corpo. Desejos que eu havia evitado por centenas de anos. Mas eu não podia me permitir de sequer pensar em tocá-la, porque era impossível.

Eu a quebraria.

Bella se afastou da porta com tanta pressa que ela poderia passar correndo pelo meu carro sem notá-lo.

E então ela parou bruscamente, seus joelhos travaram como se tivessem sido congelados. Sua mochila escorregou um pouco para o seu braço, e seus olhos se arregalaram quando o carro entrou em foco.

Eu saí, não tomando cuidado de me mover na velocidade humana, e abri a porta do passageiro para ela. Eu não tentaria mais enganá-la - quando estivessemos sozinhos,por enquanto, eu seria eu mesmo.

Ela olhou para mim, assustada, como se ela tivesse me visto se materializar na névoa.E então a surpresa nos seus olhos mudou-se para algo a mais, e eu não estava mais com medo - ou esperançoso - que os sentimentos dela por mim houvessem mudado durante a noite. Calor, surpresa, fascinação.. tudo misturado no chocolate derretido que eram seus olhos.

" Quer uma carona comigo hoje?". Eu perguntei. Não era como o jantar de ontem a noite, eu a deixaria escolher. De agora em diante seria sempre a escolha dela.

"Sim, obrigada". Ela murmurou, subindo no meu carro sem nenhuma hesitação.

Essa animação sempre me cercaria por saber que eu era o único para quem ela falava sim? Eu duvidava.

Eu dei a volta no carro, ansioso para me juntar a ela. Ela não demonstrou nenhum sinal de estar chocada com a minha reaparição repentina.

A felicidade que eu sentia por tê-la sentada perto de mim é algo que não tem precedentes.Apesar do quanto eu gostava do amor e a companhia de minha família, e levando em conta todos os entretenimentos e as distrações que o mundo tem a oferecer, eu nunca havia ficado tão feliz assim. Mesmo sabendo que isso era errado e que não podia terminar bem, eu não conseguia tirar o sorriso do rosto.

Minha jaqueta estava pendurada no encosto do banco dela. E eu percebi que ela a olhava.

" Eu trouxe a jaqueta para você". Eu disse a ela. Essa era a minha desculpa, já que eu tinha de providenciar uma, para o meu convite inesperado nessa manhã. Estava frio e ela não tinha jaqueta. Certamente essa era uma desculpa aceitável para o meu cavalherismo.

" Eu não sou tão delicada assim". Ela disse, preferindo encarar o meu peito do que o meu rosto, parecia que estava evitando me encarar nos olhos. Mas ela vestiu a jaqueta antes que eu tivesse de pedir novamente ou persuadi-la.

"Não é?". Eu resmunguei pra mim mesmo.

Ela encarava a rua enquanto eu acelerava em direção a escola... Eu só consegui aguentar o silêncio por poucos segundos. Eu precisava saber o que ela estava pensando nessa manhã. Tanta coisa havia mudado entre nós desde a última vez que o sol estava alto no céu.

" O que é? Não tem umas vinte perguntas hoje?". Eu perguntei, deixando claro novamente.

Ela sorriu, como se estivesse satisfeita que eu havia tocado no assunto. " As minhas perguntas te aborrecem?"

"Não tanto quanto suas reações". Eu falei a ela honestamente, sorrindo em resposta.

Sua boca abriu-se um pouco. " Eu reajo tão mal assim?"

"Não, esse é o problema. Você leva as coisas com tanta frieza - é anormal". Nenhum havia ido tão longe. Como ela conseguia? "Isso me faz ficar imaginando o que você está pensando".

Claro, tudo o que ela fazia ou não gerava essa pergunta em mim.

" Eu sempre falo o que estou pensando".

" Você edita ".

Ela mordeu o seu lábio, novamente. Ela parecia não notar quando fazia isso - era uma resposta inconsciente à tensão. "Não muito".

"O bastante para me deixar louco". Eu disse.

Ela hesitou e então sussurrou. "Você não quer ouvir".

Eu precisei pensar por um tempo, vasculhei a nossa conversa inteira de ontem a noite, palavra por palavra, antes de fazer a conexão. Talvez isso tomasse tanta concentração porque eu não conseguia imaginar ela dizendo algo que eu não queria ouvir. E então - pelo fato de seu tom de voz ser o mesmo de ontem a noite; até mesmo a dor estava ali - eu lembrei. Uma vez, eu havia pedido a ela para não falar seus pensamentos. Nunca diga isso, eu provavelmente havia sido rude com ela. Eu havia a fiz chorar....

O que ela ocultava de mim? A intensidade de seus sentimentos? Que eu ser um monstro não a incomodava e que agora era muito tarde para mudar de idéia?

Eu não conseguia falar, porque a alegria e a dor eram muito fortes para serem expressadas em palavras, e o conflito selvagem entre elas não me deixava formar uma resposta coerente. O carro estava silencioso, tirando o ritmo de seu coração e pulmões.

"Onde está o resto da sua família"? Ela perguntou de repente.

Eu respirei profundamente - e pela primeira vez o seu cheiro doeu realmente dentro de mim; Eu estava me acostumando a isso, percebi com satisfação - e forçando a mim mesmo ser casual novamente.

"Eles pegaram o carro da Rosalie". Eu estacionei em um lugar próximo ao carro em questão. Eu escondi o meu sorriso quando vi os olhos de Bella se arregalando. "Chamativo, não?"

"Hum.. Uau! Se ela tem isso por que pega carona com você?"

"Como eu disse, é chamativo. Nós tentamos passar despercebidos".

"Vocês não estão se saindo muito bem". Ela me disse; e então soltou uma risada à vontade.

A tranquilidade de sua risada aqueceu o buraco no meu peito mesmo que enchessem a minha cabeça de dúvidas.

"Então porque Rosalie veio dirigindo se isso é mais notável?" Ela perguntou.

"Você não percebeu? Eu estou quebrando todas as regras agora".

Minha resposta deveria ter a assustado - então, obviamente, Bella sorriu.

Bella não me esperou para abrir a sua porta, exatamente como na noite passada. E eu tinha de fingir que era normal aqui na escola - então, não podia me mexer rapidamente para conseguir evitar isso. Mas ela teria que se acostumar em ser tratada com mais cortesia, e se acostumaria logo.

Eu andei o mais próximo do que eu consegui, procurando cautelosamente um sinal de que a minha proximidade a chateava.

Duas vezes sua mão ficou tensa em minha direção e depois relaxou. Parecia que ela queria me tocar.. minha respiração acelerou.

"Por que vocês têm carros assim, se estão procurando por privacidade?" Ela perguntou enquanto andávamos.

"Uma indulgência". Eu admiti "Todos gostamos de dirigir rápido".

"Dá pra notar". Ela murmurou com tom azedo.

Ela não pareceu notar o meu sorriso largo como resposta.

Não! Eu não acredito nisso! Como diabos Bella conseguiu acertar isso? Eu não entendo. Por quê?

Os pensamentos de Jéssica interromperam os meus. Ela estava esperando Bella na ponta da cafeteria embaixo do telhado, fugindo da chuva, com o casaco de Bella pendurado no braço. Seus olhos demonstrando a total incredulidade.

Bella a avistou também, um pouco depois. Suas bochechas coraram fracamente quando ela notou a expressão de Jéssica. Os pensamentos dela estavam estampados em sua face.

"Hey, Jéssica. Obrigada por lembrar". Bella a cumprimentou. Ela alcançou a jaqueta e Jéssica a deu prontamente.

Eu devia ser educado com os amigos de Bella, independente de serem bons ou não.

"Bom dia, Jéssica".

Uau

Os olhos de Jéssica estalaram em minha direção. Era estranho e divertido.. e honestamente um pouco embaraçoso perceber o quanto ficar perto de Bella havia me mudado. Parecia que ninguém mais tinha medo de mim. Se Emmett soubesse disso provavelmente ficaria rindo até o próximo século.

"Er.. oi". Jéssica murmurou e seus olhos voltaram-se para o rosto de Bella, cheios de significado.

"Eu acho que te vejo em Trigonometria".

Você vai ter que falar. E eu não aceito não como resposta.Detalhes. Eu preciso saber os detalhes! Edward Louco CULLEN! A vida é injusta

A boca de Bella se contraiu. " É, eu te vejo lá".

Os pensamentos de Jéssica corriam rapidamente, como a sua pressa para a primeira aula. Enquanto andava as vezes nos olhava por cima dos ombros.

A história completa! Eu não vou aceitar menos. Eles combinaram de se encontrar ontem a noite? Eles estão namorando? Há quanto tempo? Como ela consegue guardar esse segredo? Por que ela deveria? Não pode ser algo casual - tem de ser sério para eles. Eu vou descobrir. Não vou suportar não saber. Será que ela está saindo com ele? Oh.. vou desmaiar...

De repente, os pensamentos estavam desconexos... ela deixou as fantasias dominarem a sua mente. Eu estremei com as especulações, e não era porque ela se colocava no lugar de Bella em suas imagens mentais.

Não podia ser assim. E ainda eu... eu queria.

Eu não me permiti admitir, mesmo que fosse para mim mesmo. De quantas maneiras erradas eu podia querer Bella? Em qual delas eu terminaria a matando?

Eu balancei a minha cabeça e tentei clarear a minha mente.

"O você vai dizer a ela?" Eu perguntei a Bella.

"Hey!" Ela sussurrou ferozmente. "Eu pensei que você não pudesse ler a minha mente!"

"Eu não posso". Eu a encarei surpreso, tentando encontrar o sentido em suas palavras. Ah - nós devemos ter pensado a mesma coisa ao mesmo tempo. Hmm.. eu realmente gostei disso."Tanto faz" Eu falei para ela. "Eu posso ler a dela - vai estar esperando para te emboscar na aula".

Bella grunhiu, e então deixou a jaqueta escorregar pelos seus ombros. No começo eu não havia percebido que ela estava me devolvendo - eu não havia pedido por isso. Esperava que ela a guardasse... - então eu estava lento demais para oferecer ajuda. Ela me entregou a jaqueta e colocou a sua própria, sem ver que as minhas mãos estavam estendidas e que eu a assistia. Congelei daquela forma, e então controlei minha expressão antes que ela percebesse.

"Então.. o que você vai contar a ela?" Eu pressionei.

"Uma pequena ajuda? O que ela quer saber?"

Eu sorri e balancei a cabeça. Eu queria ouvir o que ela estava ouvindo prontamente. "Isso não é justo".

Seus olhos se apertaram. "Não, você não está dividindo o que sabe - isso que é injusto".

Certo - Ela gostava de direitos iguais.

Chegamos na porta da sala dela - onde eu tinha de deixá-la. Pensei comigo mesmo se Senhora Cope ficaria incomodada com uma mudança no meu horário das aulas de Inglês.. Eu tentei me focar. Eu podia ser justo.

"Ela quer saber se estamos namorando escondido". Eu falei lentamente. "E ela quer saber o que você sente sobre mim".

Seus olhos estavam um pouco arregalados - não parecia assustada, mas ingênua. Eles estavam abertos para mim, rendidos. Ela estava bancando a inocente.

"O que eu devo dizer?" Ela murmurou.

"Hm.." Ela sempre tentava me fazer revelar mais do que ela fazia. Eu pensei em como responder.

Uma caprichosa tira de seu cabelo umedeceu-se ligeiramente por culpa da névoa, caiu sobre o seu ombro onde a sua clavícula estava escondida pelo suéter ridículo. Eu fechei os meus olhos.. tentando esquecer as outras linhas que estavam escondidas.

Eu tirei a tira dali sem encostar na sua pele - a manhã já estava fria demais sem o meu toque - e a coloquei de volta em seu lugar no seu coque desarrumado onde ele não me distrairia. Eu lembrei quando Mike Newton havia tocado em seu cabelo e minha mandíbula se contraiu com a memória. Ela havia se afastado dele. Sua reação agora não era nada parecida; Em vez disso,

havia um brilho diferente em seus olhos, o sangue corria rapidamente por baixo da pele, e o seu coração batia descompassado.

Eu tentei esconder o meu sorriso enquanto respondia a pergunta.

"Eu suponho que você possa responder sim a primeira pergunta.. se não se importar". Escolha dela. Sempre escolha dela. "- É mais fácil do que qualquer outra explicação".

"Eu não me importo" Ela sussurrou. Seu coração ainda não estava em seu ritmo normal.

"E para a outra pergunta..." Eu não consegui esconder o sorriso agora. "Bom, vðu estar escutando para ouvir a sua resposta eu mesmo".

Deixe Bella considerar esta. Eu segurei a risada quando o choque atravessou o seu rosto.

Eu me virei rapidamente, antes que ela pudesse me perguntar por mais respostas. Eu tinha de me esforçar para não dar tudo o que ela pedia. E eu gostaria de ouvir os pensamentos dela e não os meus próprios.

"Te vejo no almoço". Eu a chamei sob os meus ombros, uma desculpa para checar se ela ainda me encarava com os olhos arregalados em choque. Sua boca estava ligeiramente aberta. Eu me virei e ri.

Enquanto eu me distanciava, eu estava vagamente consciente do choque e das especulações que me rodeavam - olhos que revezavam observando o rosto de Bella e eu. Eu prestei um pouco de atenção. Não conseguia me concentrar. Estava difícil o bastante manter os meus pés se mexendo numa velocidade aceitável enquanto eu atravessava o gramado em direção a minha aula. Eu queria correr - correr de verdade tão rápido que ia parecer que eu estava voando. Parte de mim já estava voando.

Eu vesti a jaqueta quando entrei na sala deixando a fragrância nadar ferozmente ao meu redor. Eu deveria queimar agora - deixar o cheiro me penetrar - e então seria mais fácil ignorá-lo mais tarde, quando eu estaria com ela novamente no almoço..

Era bom que os professores decidiram não me chamar. Hoje seria o dia em que eles me pegariam pela primeira vez despreparado e sem resposta. Minha mente estava em vários lugares essa manhã; apenas o meu corpo estava na sala de aula.

Claro que eu estava olhando Bella. Isso estava se tornando natural - tão automático quando respirar. Eu escutei a sua conversa com o desmoralizador Mike Newton. Ela rapidamente direcionou a conversa para Jéssica, e eu sorri tão largamente que Rob Sawyer, o menino que sentava na mesa do meu lado direito, mexeu-se visivelmente e foi mais pra ponta da cadeira, para longe de mim.

Uh! Assustador.

Bom, eu não havia perdido isso totalmente.

Eu também estava monitorando os pensamentos de Jéssica, vendo-a montando as perguntas para Bella. Eu mal podia esperar pelo quarto período, dez tempos para a ansiedade e loucura da menina humana curiosa que queria a sua fofoca fresca.

E eu também estava escutando a Ângela Weber.

Eu não havia me esquecido da gratidão que sentia por ela – por não pensar nada além de coisas boas de Bella em primeiro lugar, e depois por sua ajuda na noite passada. Então eu esperei durante a manhã, procurando por algo que ela quisesse. Eu assumi que fosse ser fácil; como qualquer outro humano, devia haver algum bibelô ou brinquedo que ela desejasse em particular. Vários, provavelmente. Eu lhe daria algo anonimamente e nos consideraria quites.

Mas Ângela provou-se quase tão desacomodada com seus pensamentos quanto Bella. Ela era estranhamente contente para uma adolescente. Feliz. Talvez fosse este o motivo para sua bondade nada usual – ela era uma daquelas raras pessoas que tinham tudo o que queriam e queriam o que tinham. Quando não estava prestando a atenção aos seus professores e suas anotações, estava pensando nos pequenos irmãos caçulas, gêmeos, que ela levaria à praia neste final de semana – antecipando a excitação que eles sentiriam com um prazer quase maternal. Ela cuidava deles freqüentemente, mas não era ressentida deste fato... Era muito doce. Mas nada que me ajudasse muito.

Devia haver algo que ela quisesse. Eu apenas teria que continuar procurando. Mas depois. Era a hora da aula de trigonometria de Bella com Jéssica.

Eu não estava vendo por onde andava no caminho para minha aula de Inglês. Jéssica já estava em sua carteira, os dois pés batendo impacientemente no chão enquanto ela esperava Bella chegar.

Eu, de modo oposto, assim que sentei na carteira demarcada a mim na classe fiquei completamente estático. Eu tinha que lembrar a mim mesmo de me mexer de vez em quando, como se estivesse impaciente. Para manter a farsa. Era difícil, com meus pensamentos tão focados nos de Jéssica. Eu esperei que ela fosse prestar atenção, e realmente tentar ler as expressões de Bella para mim.

Jéssica começou a bater os pés mais intensamente quando Bella entrou na sala.

Ela parece... abatida. Por quê? Talvez não esteja acontecendo nada entre ela e Edward Cullen. Isso seria um desapontamento. Exceto que... então ele ainda está disponível... se de repente ele passou a ter interesse em sair com garotas, eu não me importaria em ajudá-lo com isso...

O rosto de Bella não parecia abatido, parecia relutante. Ela estava preocupada – ela sabia que eu ouviria toda a conversa, eu sorri para mim mesmo.

“Me conte tudo!”, Jess exigiu enquanto Bella ainda estava tirando a jaqueta para pendurá-la no encosto da cadeira. Ela se movia deliberadamente, sem vontade.

Ugh, ela é tão lerda. Quero chegar logo na parte boa!

“O que você quer saber?”, Bella a freou enquanto sentava.

“O que aconteceu na noite passada?”

“Ele me pagou um jantar, e depois me levou para casa”

E depois? Vamos lá, tem que haver mais do que isso! Ela está mentindo, eu sei disso. Vou arrancar isso dela.

“Como você chegou em casa tão rápido?”

Eu vi Bella rolar os olhos para a suspeita de Jéssica.

“Ele dirige como um maníaco. Foi assustador”.

Ela deu um sorrisinho, e eu gargalhei alto, interrompendo os avisos que o Sr. Mason estava dando. Tentei transformar a risada numa tossida, mas não consegui enganar a ninguém. O Sr. Mason me disparou um olhar irritado, mas nem me incomodei em escutar os pensamentos por trás dele. Estava ouvindo Jéssica.

Huh. Ela parece estar realmente dizendo a verdade. Por que ela está me fazendo arrancar isso dela, palavra por palavra? Eu estaria me gabando a plenos pulmões, se fosse comigo.

“Mas foi tipo um encontro – você pediu pra ele te encontrar ali?”

Jéssica assistiu o rosto de Bella ficar surpreso, e ficou desapontada por essa expressão parecer genuína.

“Não – eu fiquei muito surpresa de vê-lo ali”, Bella lhe disse.

O que está acontecendo aqui?? “Mas ele te pegou em casa para vir para a aula hoje?”. Tem que haver mais história.

“Sim – isso foi uma surpresa, também. Ele percebeu que eu não tinha um casaco ontem a noite”.

Isso não é tão divertido, Jéssica pensou, novamente desapontada.

Eu estava cansado da sua linha de questionamento – queria ouvir algo que já não soubesse. Torci para que ela não estivesse tão frustrada a ponto de pular as questões pelas quais eu aguardava.

“Então vocês vão sair de novo?”, demandou Jéssica.

“Ele se ofereceu para me levar a Seattle sábado porque ele acha que minha picape não agüentaria – isso conta?”

Hmm. Com certeza ele vai sair de sua rota para... bom, cuidar dela, mais ou menos. Deve existir alguma coisa por parte dele, se não há por parte dela. Como pode ISSO ser possível? Bella é maluca.

“Sim”, Jéssica respondeu a pergunta de Bella.

“Bom, então...”, concluiu Bella, “sim”.

“Uau... Edward Cullen”. Ela gostando dele ou não, isso é grande.

“Eu sei”, Bella suspirou.

Seu tom fez Jéssica encorajar-se. Finalmente – ela soa como se entendesse! Ela deve perceber...

"Espere!", disse Jéssica, subitamente lembrando de sua dúvida mais vital. "Ele te beijou?". Por favor diga que sim. E depois descreva cada segundo!

"Não", Bella resmungou, e olhou para baixo para suas mãos, o rosto caindo. "Não é bem assim".

Droga. Bem que eu quis... Ha. Parece que ela quer também.

Eu franzi a testa. Bella parecia realmente chateada com algo, mas não podia ser desapontamento como assumia Jéssica. Ela não podia querer estar tão perto assim dos meus dentes. Pelo que ela sabia, eu tinha presas.

Eu tive um calafrio.

"Você acha que sábado...?", provocou Jéssica.

Bella parecia ainda mais frustrada quando disse, "Eu realmente duvido".

É, ela realmente quer. E isso é uma droga pra ela.

Será que era por eu estar assistindo tudo isso pelo filtro das percepções de Jéssica que parecia que ela tinha razão?

Por um instante eu fui distraído pela idéia, a impossibilidade, do que seria eu tentar beijá-la. Meus lábios nos lábios dela, pedra fria na pele quente e macia...

E então ela morre.

Eu balancei a cabeça, negando, e me fiz prestar atenção.

"Sobre o que vocês conversaram?" Você falou com ele, ou ficou esperando ele arrancar cada pingo de informação da sua boca desse jeito?

Eu sorri com remorso. Jéssica não estava tão errada assim.

"Eu não sei, Jess, um monte de coisas. Nós falamos sobre o trabalho de Inglês um pouco".

Bem pouco. Meu sorriso se alargou.

Oh, TÁ BOM. "Por favor, Bella! Me dê mais detalhes."

Bella pensou por um momento.

"Bem... ok, eu tenho um. Você devia ver a garçonzete flertando com ele – foi descarado. Mas ele simplesmente não prestou atenção nela."

Que detalhe estranho de se compartilhar. Eu estava surpreso por Bella haver sequer reparado. Pareceu uma coisa tão banal.

Interessante... "Isso é um bom sinal. Ela era bonita?"

Hmm. Jéssica achou mais importante do que eu. Deve ser uma coisa feminina.

"Bastante", Bella disse. "E provavelmente tinha dezenove ou vinte anos".

Jéssica foi momentaneamente distraída por uma lembrança de Mike no encontro que eles haviam tido na segunda à noite – Mike sendo um pouco amigável demais com uma garçonzete que Jéssica nem havia achado bonita. Ela espantou a memória e voltou, sufocando sua irritação, a perguntar por detalhes.

"Melhor ainda. Ele deve gostar de você".

"Eu acho que sim", disse Bella lentamente, e eu estava na ponta da cadeira, meu corpo rigidamente parado. "Mas é difícil dizer. Ele é sempre tão enigmático".

Eu não devia ter sido tão transparentemente óbvio e descontrolado quanto havia pensado. Ainda assim... atenta como ela era... como ela podia não perceber que eu estava apaixonado por ela?

Eu filtrei nossas conversas, quase surpreso por não ter dito as palavras em voz alta. Parecia que este fato havia sido o assunto de cada palavra trocada por nós.

Uau. Como você fica sentada ali ao lado de um modelo e ainda tem assunto para conversar? "Eu não sei como você tem coragem o bastante para ficar sozinha com ele", disse Jéssica.

A expressão de Bella ficou chocada. "Por quê?"

Que reação estranha. O que ela acha que eu quis dizer? "Ele é tão..." Qual a palavra certa? "Intimidador. Eu não saberia o que dizer pra ele". Eu nem consegui falar português com ele hoje, e tudo o que ele estava dizendo era bom dia. Eu devo ter soado como uma idiota.

Bella sorriu. "Eu tenho sim alguns problemas de incoerência quando estou perto dele".

Ela devia estar tentando fazer Jéssica sentir-se melhor. Seu auto-controle quando estávamos juntos era fora do comum.

"Hmm, bom", Jéssica suspirou. "Ele é incrivelmente lindo".

O rosto de Bella subitamente esfriou. Seus olhos brilharam da mesma maneira que faziam quando ela presenciava alguma injustiça. Jéssica não percebeu a mudança em sua expressão.

"Há muito mais coisas a respeito dele do que isso", disse Bella abruptamente.

Ooh. Agora estamos chegando a algum lugar. “Verdade? Como o quê?” Bella mastigou o lábio por um momento. “Eu não consigo explicar direito”, ela finalmente disse. “Mas ele é ainda mais inacreditável por trás daquele rosto”. Ela desviou o olhar de Jéssica, seus olhos levemente fora de foco como se ela estivesse visualizando uma coisa muito distante. A maneira como eu me sentia agora lembrava um pouco como eu me sentia quando Carlisle ou Esme me avaliavam além do que eu merecia. Similar, mas mais intenso, mais ardente. Vá falar besteiras para outra pessoa – não há nada melhor do que aquele rosto! A não ser que seja o seu corpo. Desmaia. “Isso é possível?”, Jéssica dava risadinhas. Bella não se virou. Ela continuou a olhar para longe, ignorando Jéssica. Uma pessoa normal estaria se gabando. Talvez se eu facilitar as perguntas. Ha ha. Como se eu estivesse falando com uma criancinha. “Você gosta dele, então?” Eu estava rígido de novo.

Bella não olhou para Jéssica. “Sim”.

“Quero dizer, você realmente gosta dele?”

“Sim”.

Olha como ela corou!

Eu estava.

“O quanto você gosta dele?”, Jéssica exigiu.

A sala de Inglês podia ter se incendiado e eu não teria percebido.

O rosto de Bella estava vermelho vivo agora – eu podia quase sentir o calor através da imagem mental.

“Demais”, ela suspirou. “Mais do que ele gosta de mim. Mas não vejo como poderia mudar isso”.

Droga! O que o Sr. Varner perguntou? “Um – qual número, Sr. Varner?”

Era bom que Jéssica não pudesse mais interrogar Bella. Eu precisava de um minuto.

O que diabos esta garota estava pensando agora? Mais do que ele gosta de mim? De onde ela tirou essa? Mas não vejo como poderia mudar isso? O que isso deveria querer dizer? Eu não conseguia encontrar uma explicação racional para aquelas palavras. Elas eram praticamente sem sentido.

Parecia que eu não podia achar que nada estava garantido. Coisas óbvias, coisas que faziam total sentido, de alguma forma eram distorcidas e viradas ao avesso no cérebro bizarro dela. Mais do que ele gosta de mim? Talvez eu ainda não devesse desconsiderar a idéia de um tratamento psicológico.

Eu fuzilei o relógio, rangendo os dentes. Como era possível meros minutos parecerem tão impossivelmente longos para um imortal? Onde estava minha perspectiva?

Meu maxilar estava travado durante toda a lição de trigonometria que o Sr. Varner estava ensinando. Eu a ouvi mais do que o que estava sendo ensinado na minha própria classe. Bella e Jéssica não falaram mais, mas Jéssica lançou vários olhares na direção de Bella, cujo rosto ficou vermelho vivo de novo sem razão aparente.

A hora do almoço não chegaria rápido o suficiente.

Eu não tinha certeza se Jéssica obteria algumas das respostas que eu estava esperando quando a aula acabou, mas Bella foi mais rápida.

Assim que tocou o sino, ela virou-se para Jéssica.

“Na aula de Inglês, Mike perguntou se você havia dito alguma coisa sobre segunda à noite”, Bella disse, com um sorriso despontando no canto de seus lábios. Eu entendi o que era isso – o ataque era a melhor defesa.

Mike perguntou de mim? A alegria deixou a mente de Jéssica subitamente desprotegida, mais leve, sem a malícia usual. “Você tá de brincadeira! O que você disse?”

“Eu disse que você falou que se divertiu muito – e ele pareceu gostar”.

“Me conte exatamente o que ele disse, e exatamente o que você respondeu!”

Claramente, aquilo seria tudo o que eu conseguiria arrancar de Jéssica hoje. Bella estava sorrindo como se pensasse o mesmo. Como se tivesse vencido a batalha.

Bem, o almoço seria outra história. Eu teria mais sucesso em conseguir as respostas que Jéssica, e me certificaria disso.

Eu mal pude suportar checar ocasionalmente os pensamentos de Jéssica durante o quarto período. Eu não tinha paciência por seus pensamentos obsessivos com Mike Newton. Eu já havia tido o suficiente dele nas últimas duas semanas. Ele tinha sorte de estar vivo.

Eu me movi sem vontade alguma durante a aula de educação física com Alice, da maneira que eu sempre fazia quando se tratava de atividades físicas com humanos. Ela era minha parceira de time, naturalmente. Era o primeiro dia de badminton. Eu suspirei com o tédio, fazendo um movimento em câmera lenta com a raquete para rebater a peteca de volta para a outra quadra. Lauren Mallory estava no time adversário; ela não conseguiu acertar. Alice estava revirando sua raquete como se fosse um taco, olhando para o teto.

Nós todos odiávamos educação física, Emmett em especial. Jogos de arremesso eram uma afronta à sua filosofia de vida. A aula parecia hoje pior que o usual – eu me sentia tão irritado quanto Emmett sempre se sentia.

Antes que minha cabeça pudesse explodir de impaciência, o treinador Clapp encerrou os jogos e nos dispensou mais cedo. Eu estava ridiculamente grato por ele ter pulado o café da manhã – uma tentativa recente de começar uma dieta – e a fome o deixou com pressa de deixar o campus para encontrar algum lanche gorduroso. Ele prometeu a si mesmo que começaria de novo amanhã...

Isso me deu tempo suficiente para chegar ao prédio da Matemática antes que a aula de Bella terminasse.

Divirta-se, Alice pensou enquanto seguia para encontrar Jasper. Apenas mais alguns dias de paciência. Eu suponho que você não vai dar um oi a Bella por mim, vai?

Eu balancei a cabeça, exasperado. Seriam todos os videntes tão convencidos?

Para sua informação, vai estar ensolarado por toda parte neste fim de semana. Você pode querer refazer seus planos.

Eu suspirei conforme segui na direção oposta. Convencidos, porém úteis.

Eu me encostei na parede perto da porta, esperando. Estava próximo o suficiente para ouvir a voz de Jéssica através dos tijolos tão bem quanto seus pensamentos.

“Você não vai sentar com a gente hoje, vai?”. Ela parece toda... iluminada. Aposto que há uma tonelada de coisas que não me contou.

“Eu acho que não”, Bella respondeu, estranhamente incerta.

Eu não havia prometido que passaria o almoço com ela? O que ela estava pensando?

Elas saíram da classe juntas, e ambas arregalaram os olhos quando me viram. Mas eu só consegui ouvir a Jéssica.

Legal. Uau. Ah, sim, há mais coisas acontecendo aqui do que ela me contou. Talvez eu possa ligar para ela hoje a noite... ou talvez não devesse encorajá-la. Huh. Eu espero que ele passe por ela com pressa. Mike é bonitinho mas... uau.

“Te vejo mais tarde, Bella”.

Bella caminhou na minha direção, parando a um passo de distância, ainda incerta. Sua pele estava rosa sobre as bochechas.

Eu a conhecia bem o bastante para ter certeza que não havia medo por trás de sua hesitação. Aparentemente, isso era devido a algum abismo que ela imaginava existir entre os seus sentimentos e os meus. Mais do que ele gosta de mim. Absurdo!

“Olá”, eu disse, minha voz um pouco rude.

Sua expressão se iluminou. “Oi”.

Ela não parecia inclinada a dizer qualquer outra coisa, então eu fiz o caminho até o refeitório e ela seguiu atrás de mim.

A jaqueta havia funcionado – seu cheiro não foi o golpe que costumava ser. Ele apenas intensificou a dor que eu já sentia. Eu podia ignorá-lo mais facilmente do que jamais teria pensado que fosse possível.

Bella estava inquieta enquanto esperávamos na fila, brincando distraída com o zíper de sua jaqueta e nervosamente mudando o apoio de um pé para o outro. Ela me olhava freqüentemente, mas sempre que encontrava meu olhar, olhava para baixo como se estivesse envergonhada. Seria porque tantas pessoas estavam nos encarando? Talvez ela pudesse ouvir os sussurros altos – a fofoca hoje era tão verbal quanto era mental.

Ou talvez ela percebesse, pela minha expressão, que estava encrencada.

Ela não disse nada até eu começar a pegar seu almoço. Eu não sabia do que ela gostava – ainda – então peguei um de cada coisa.

“O que você está fazendo?”, ela sibilou numa voz baixa. “Você não está pegando tudo isso para mim?”

Eu balancei a cabeça, e empurrei a bandeja na direção do caixa. “Metade é para mim, claro”.

Ela levantou uma sobrancelha, cética, mas não disse mais nada enquanto eu pagava pela comida e a escoltava até a mesa em que havíamos sentado na semana passada, antes de sua desastrosa experiência com tipagem sanguínea. Parecia fazer muito mais do que alguns dias. Tudo era diferente agora.

Ela sentou de frente a mim novamente. Eu empurrei a bandeja em sua direção.

“Pegue o que quiser”, encorajei-a.

Ela pegou uma maçã e ficou virando-a em suas mãos, uma aparência especulativa em seu rosto. “Estou curiosa”.

Que surpresa.

“O que você faria se alguém te desafiasse a comer comida?”, ela continuou numa voz que não seria audível para os ouvidos humanos. Ouvidos de imortais eram outra história, se estes ouvidos estivessem prestando atenção. Eu provavelmente deveria ter mencionado algo para eles hoje mais cedo...

“Você está sempre curiosa”, eu reclamei. Oh bem. Não era como se eu não tivesse tido que comer antes. Era parte da farsa. Uma parte desagradável.

Eu peguei a coisa mais próxima, e encarei seus olhos enquanto mordida um pequeno pedaço do que quer que fosse. Sem olhar, eu não poderia distinguir. Era viscoso e empelotado e repulsivo como qualquer outra comida humana. Eu mastiguei rapidamente e engoli, tentando não fazer cara feia. A gosma de comida se moveu lenta e desconfortavelmente por minha garganta abaixo. Eu suspirei enquanto pensava de como teria que segurá-la para impedir que voltasse. Nojento.

A expressão de Bella estava chocada. Impressionada.

Eu queria rolar os olhos. Claro que teríamos que ter dominado tais enganações.

“Se alguém te desafiasse a comer terra, você não conseguiria?”

Seu nariz se enrugou e ela sorriu. “Eu comi uma vez... em uma aposta. Não foi tão ruim”.

Eu ri. “Acho que não estou surpreso”.

Eles parecem íntimos, não parecem? Boa linguagem corporal. Vou avisar a Bella mais tarde. Ele está se inclinando na direção dela bem como deveria se estivesse interessado. Ele parece interessado. Ele parece... perfeito. Jéssica suspirou. Yum.

Eu encontrei os olhos curiosos de Jéssica, e ela os desviou nervosamente, dando risinhos para a garota ao lado dela.

Hmmm. Provavelmente melhor me manter em Mike. Realidade, não fantasia...

“Jéssica está analisando tudo o que faço”, eu informei a Bella. “Ela vai destrinchar tudo para você mais tarde”.

Eu empurrei o prato de comida de volta para sua direção – pizza, percebi – imaginando como seria melhor começar. Minha antiga frustração se reascendeu conforme suas palavras se repetiram em minha mente: Mais do que ele gosta de mim. Mas não vejo como poderia mudar isso.

Ela deu uma mordida no mesmo pedaço de pizza. Me maravilhava o quanto ela confiava em mim. Claro, ela não sabia que eu era venenoso – não que dividir a comida fosse machucá-la. Ainda assim, eu esperaria que ela fosse me tratar diferente. Com distinção. Ela nunca o fez – pelo menos, não de um jeito negativo...

Eu começaria gentilmente.

“Então, a garçonete era bonita, era?”

Ela levantou uma sobrancelha novamente. “Você realmente não reparou?”

Como se qualquer mulher pudesse esperar tirar minha atenção de Bella. Absurdo, de novo.

“Não. Eu não estava prestando atenção. Eu tinha muitas coisas na cabeça”. E uma fração não muito pequena dessas coisas havia sido a forma como sua blusa colava suavemente ao seu corpo...

Ainda bem que ela havia vestido aquele suéter feio hoje.

“Pobre garota”, Bella disse, sorrindo.

Ela gostava do fato de que eu não havia achado a garçonne interessante de nenhuma forma. Eu podia entender isso. Quantas vezes eu havia me imaginado aleijando Mike Newton na aula de Biologia?

Ela não podia realmente acreditar que seus sentimentos humanos, fruto de dezessete curtos anos mortais, poderiam ser mais fortes que as paixões imortais que haviam estado guardadas em mim por um século.

“Algo que você disse a Jéssica...”. Eu não consegui manter minha voz casual. “Bom, me incomodou”.

Ela ficou imediatamente na defensiva. “Não estou surpresa por você ter ouvido algo de que não gostou. Você sabe o que dizem sobre pessoas que escutam a conversa dos outros”.

Que elas nunca ouviam coisas boas sobre si mesmas, era este o ditado.

“Eu te avisei que estaria escutando”, recordei-a.

“E eu te avisei de que você não queria saber de tudo o que eu estava pensando”.

Ah, ela estava pensando em quando eu a havia feito chorar. O remorso fez minha voz ficar mais grossa. “Você avisou. Mas você não está totalmente certa. Eu quero saber o que você está pensando – todas as coisas. Eu só queria... que você não estivesse pensando em determinadas coisas”.

Mais meias-mentiras. Eu sabia que não deveria querer que ela gostasse de mim. Mas eu queria. Claro que eu queria.

“É uma bela distinção”, ela reclamou, fechando a cara para mim.

“Mas não é bem disso que eu estou falando agora”.

“Então o que é?”

Ela se inclinou na minha direção, sua mão levemente curvada ao redor da garganta. Isso captou meu olho – me distraiu. Como aquela pele devia ser macia...

Foco, eu comandeí a mim mesmo.

“Você realmente acredita que gosta mais de mim do que eu de você?”, eu perguntei. A questão soava ridícula para mim, como se as palavras estivessem desorganizadas.

Seus olhos se arregalaram, e sua respiração parou. Então ela olhou para longe, piscando rapidamente. Sua respiração veio numa tragada baixa.

“Você está fazendo de novo”, ela murmurou.

“O quê?”

“Me deslumbrando”, ela admitiu, encontrando meus olhos cautelosamente.

“Oh” Hm.. Eu não estava certo do que fazer a respeito disso. Eu não tinha certeza se eu não queria deslumbrá-la. Eu estava em êxtase de saber que eu podia. Mas isso não estava ajudando no progresso da conversa.

“Não é sua culpa” Ela suspirou. “Você não pode fazer nada”.

“Você vai responder a minha pergunta?” Eu exigi.

Ela encarou a mesa “Sim”.

Isso foi tudo o que ela disse.

“Sim você vai responder, ou sim você realmente pensa isso?” Eu perguntei impaciente.

“Sim, eu realmente penso isso”. Ela não me olhava. Havia um leve tom de tristeza em sua voz.

Ela corou novamente, e seu dente moveu-se inconscientemente para morder o seu lábio.

Bruscamente, eu percebi que isso era muito difícil para ela admitir porque era o que ela realmente acreditava. E eu não era melhor do que o covarde do Mike, a fazendo declarar os seus sentimentos antes de eu mesmo o fazer. Eu não me importei com o que senti, apenas deveria fazer o meu lado ficar completamente evidente. Eu ainda não havia feito a conexão para ela, então eu não tinha desculpas.

“Você está errada” Eu prometi. Ela tinha de ouvir a ternura na minha voz.

Ela olhou para mim, seus olhos opacos, não deixando nada passar. “Você não tem como saber”. Ela sussurrou.

Ela pensou que eu estava superestimando o seus sentimentos porque não podia ouvir os seus pensamentos. Mas, na verdade, o problema era que ela estava superestimando os meus.

“O que faz você pensar isso?” E pensei alto.

Ela me encarou novamente e pela milionésima vez eu desejei desesperadamente poder ouvir os seus pensamentos.

Eu estava a ponto de implorá-la para me contar com que pensamento ela estava lutando, mas ela levantou o dedo para me impedir de falar.

"Deixe-me pensar" Ela pediu.

Ela só estava reorganizando os seus pensamentos, eu podia ser paciente.

Ou fingir que podia ser.

Ela juntou as suas mãos, enrolando e desenrolando os seus dedos. Ela olhava para suas mãos como se elas pertencessem a outra pessoa, enquanto falava.

"Bom, tirando que é óbvio". Ela murmurou. " Às vezes.. não tenho certeza - eu não sei como ler mentes - mas às vezes parece que você está tentando dizer adeus, quando está dizendo outra coisa qualquer". Ela não me olhou.

Ela pegou isso, não pegou? Ela percebeu que na realidade a única coisa que me prende aqui é a minha fraqueza e egoísmo? Ela pensa menos de mim por isso?

"Perceptiva" Eu respirei e vi o horror que tomou conta de seu rosto. Eu estava com pressa para contradizê-la. "E é exatamente por isso que você está errada, embora.." Eu comecei e então parei ao lembrar das palavras dela no começo da explicação. Elas me surpreenderam, mas eu não as entendi direito. "O que você quer dizer com "é óbvio" ?

"Bom, olhe para mim" Ela disse.

Eu estava olhando. Eu sempre estava olhando. O que isso queria dizer?

"Eu sou tão comum" Ela explicou. "Bom, exceto pelas coisas ruins como todas as experiências de quase-morte e sendo tão desajeitada que sou quase deficiente. E agora olha para você.." Com um movimento ela ventilou o ar em minha direção, como tentasse mostrar o quanto aquilo era óbvio.

Ela pensava que era comum? Ela pensava que eu era de alguma forma melhor do que ela? Nessa estimativa? Tola, mente pequena, humana cega como Jéssica ou Senhor Cope? Como ela não conseguia perceber que era o humano mais lindo.. mais requintado. Essas palavras não eram boas o suficiente.

E ela não tinha a mínima idéia.

" Você não se vê claramente, sabia?" Eu falei para ela. "Eu admito você está certa sobre as coisas ruins..." Eu ri com humor. Eu não conseguia encontrar o fato ruim que caçava o comico. Desajeitada, de qualquer jeito era um pouco engraçado. Simpático. Ela acreditaria se eu a contasse que ela era bonita por dentro e por fora? Talvez ela achasse confirmações mais persuasivas. "Mas você não estava ouvindo o que cada humano masculino estava pensando sobre você no primeiro dia".

Ah, a esperança, excitação, a ansiedade desses pensamentos. A velocidade com que eles se tornaram fantasias impossíveis. Impossível, porque ela não os queria.

Eu era o único para quem ela falava sim.

Meu sorriso deve ter sido de vencedor.

Seu rosto estava branco de surpresa. "Eu não acredito nisso" Ela resmungou.

"Acredite em mim pelo menos dessa vez - você é o oposto de comum".

Sua existência era uma desculpa suficiente para a justificativa da criação do mundo inteiro.

Ela não estava acostumada com elogios, como pude perceber. Outra coisa que ela devia se acostumar, também. Ela corou, e então mudou de assunto. "Mas eu não estou dizendo adeus".

"Você não vê? Isso é o que prova que eu estou certo. Eu me importo mais, se eu não posso fazer isso..- " Será que eu não seria egoísta o bastante para fazer o certo? Eu balancei a cabeça em disparato. Ela merecia uma vida. Não o que Alice havia visto o que a esperava. "Se ter deixar é fazer a coisa certa.."E tinha que ser a coisa certa, não era? Não havia anjo imprudente. Bella não me pertencia. "Então eu machucaria a mim mesmo para evitar que você se machucasse, para mantê-la segura".

Quando eu disse as palavras, eu desejei que elas fossem verdade.

Ela me lançou um olhar furioso, algo que eu havia falado havia a irritado. "Você não acha que eu faria o mesmo?". Ela exigiu furiosamente.

Tão furiosa- tão macia e tão frágil. Como ela poderia alguma vez machucar alguém? "Você nunca teve que fazer a escolha" Eu disse a ela, percebendo quantas diferenças havia entre nós.

Ela me encarou, preocupada em substituir a raiva em seus olhos e os franzindo um pouco.

Havia algo verdadeiramente errado no universo se alguém tão bom e tão quebrável não merecesse um anjo guardião para livrá-la dos problemas.

Bom, Eu pensei com o meu humor negro. Ao menos ela tinha um guardião vampiro .

Eu sorri. Como eu amei a minha desculpa para falar. "É claro que mantê-la viva é o meu trabalho integral e requer a minha presença constante".

Ela sorriu também. "Ninguém tentou me matar hoje" Ela disse alegremente e então sua expressão ficou especulativa por alguns segundos e depois se tornou opaca novamente.

"Ainda". Eu adicionei secamente.

"Ainda" Ela concordou, para a minha surpresa. Eu esperava que ela negasse qualquer tipo de proteção.

Como ele pôde? Aquele egoísta idiota! Como ele pode fazer isso com agente? Os resmungos mentais de Rosalie quebraram a minha concentração.

"Calma, Rose" Eu escutei o sussurro de Emmett atravessando a cafeteria. Seus braços estavam em volta dos ombros dela, a segurando fortemente do seu lado - a detendo.

Desculpa, Edward. Alice pensou se sentindo culpada. Ela pode contar que Bella sabe demais a partir de sua conversa.. e bom, isso teria sido pior se eu não tivesse contado a ela longe de casa. Acredite em mim.

Eu observei a imagem mental que apareceu em seguida, o que aconteceria se eu contasse a Rosalie que Bella sabia que eu era um vampiro, em casa, onde ela não tinha que manter uma fachada. Eu teria que esconder o meu Aston Martin (?) em algum lugar fora do estado se ela não se acalmasse antes de a escola terminar. A vista do meu carro preferido, mutilado e queimado, era entristecedora - embora eu soubesse que merecia.

Jasper não estava mais feliz do que Rosalie.

Eu lidaria com eles mais tarde. Eu tinha tão pouco tempo para partilhar com Bella e eu não ia desperdiçá-lo. E ouvir Alice havia feito eu me lembrar que tinha alguns negócios para tratar.

"Eu tenho outra pergunta para você" Eu disse, ignorando as histerias mentais de Rosalie.

"Manda". Bella disse, sorrindo.

"Você realmente tem de ir a Seattle esse sábado ou é apenas uma desculpa para dizer não a todo os seus admiradores?"

Ela fez uma careta para mim. "Você sabe, eu ainda não te perdoei pelo o lance do Taylor. É por sua culpa que ele fica se iludindo achando que eu vou ao Baile de final de ano com ele".

"Oh, ele teria achado uma chance de te convidar sem a minha ajuda - eu só queria ver a sua cara".

Eu ri agora, me lembrando de sua expressão horrorizada. Nada que eu havia contado a ela sobre a minha própria história sombria havia a feito ficar tão aterrorizada.

A verdade não a assustava. Ela queria ficar comigo.

"Se eu te perguntasse você teria me dispensado?"

"Provavelmente não" Ela disse. "Mas eu cancelaria depois - dizendo que estava doente ou que tinha torcido o tornozelo".

Que estranho. "Por que você faria isso?"

Ela balançou a sua mão, como se estivesse desapontada que eu não tivesse entendido de primeira. "Eu acho que você nunca me viu na aula de Educação Física, mas se você tivesse visto entenderia".

Ah. "Você está se referindo ao fato que não consegue andar em uma superfície plana e estável sem encontrar nada pra tropeçar?"

"Obviamente".

"Isso não seria o problema. Tudo depende de quem conduz".

Por uma fração de segundo, eu fui dominado pela idéia de segurá-la em meus braços num baile – onde certamente ela estaria vestindo algo bonito e delicado ao invés deste suéter horrível.

Com perfeita clareza, eu me lembrei de como foi sentir seu corpo sob o meu depois que eu a empurrei do caminho da van que se aproximava. Mais forte que o pânico ou que o desespero ou que a frustração, eu podia me lembrar desta sensação. Ela era tão quente e tão macia, encaixando-se facilmente na minha forma de pedra...

Eu me forcei a retornar da lembrança.

“Mas você nunca me disse –”, falei rapidamente, para evitar que ela argumentasse comigo sobre como era desajeitada, como ela claramente pretendia fazer. “Você está decidida a ir a Seattle, ou se importa se nós fizermos algo diferente?”

Tortuoso – dando-lhe a opção de escolher sem lhe dar a opção de escapar de passar o dia comigo. Justo o bastante da minha parte. Mas eu lhe havia feito uma promessa na noite passada... e eu gostava da idéia de cumpri-la – tanto quanto esta idéia me horrorizava.

O sol estaria brilhando no Sábado. Eu poderia mostrar-lhe meu verdadeiro eu, se fosse corajoso o suficiente para encarar seu horror e seu asco. Eu conhecia o lugar simplesmente ideal para correr tal risco...

“Estou aberta a alternativas”, disse Bella. “Mas eu gostaria de pedir um favor”.

Um sim condicionado. O que ela iria querer de mim?

“O quê?”

“Posso dirigir?”

Era esta sua idéia de humor? “Por quê?”

“Bem, principalmente porque quando eu contei a Charlie que iria a Seattle, ele especificamente perguntou se eu estava indo sozinha e, até então, eu estava. Se ele perguntasse de novo, eu provavelmente não iria mentir, mas eu não acho que ele vá perguntar de novo, e deixar minha picape em casa apenas levantaria o assunto desnecessariamente... E também, porque a maneira como você dirige me assusta”.

Eu rolei os olhos. “De todas as coisas as coisas em mim que poderiam assustá-la, você se preocupa sobre como eu dirijo”. Era verdade, seu cérebro trabalhava de trás para frente. Eu balancei a cabeça, desgostoso.

Edward, Alice chamou com urgência.

De repente, eu estava vendo um claro círculo de luz do sol, captado em uma das visões de Alice. Era um lugar que eu conhecia bem, o lugar a que havia acabado de considerar levar Bella – uma pequena clareira aonde ninguém ia além de mim. Um lugar bonito e silencioso onde eu podia esperar que fosse estar sozinho – longe o bastante de qualquer trilha ou habitação humana para que até a minha mente pudesse ter paz e silêncio.

Alice reconheceu-a também, porque ela havia me visto ali não fazia tanto tempo assim, em outra visão – uma daquelas oscilantes e indistintas visões que Alice havia me mostrado na manhã em que salvei Bella da van.

Naquela visão oscilante, eu não estava sozinho. E agora estava claro – Bella estava lá comigo. Então eu era corajoso o suficiente. Ela me encarava, um arco-íris dançando pelo seu rosto, seus olhos indecifráveis.

É o mesmo lugar, Alice pensou, sua mente cheia de um horror que não combinava com a imagem. Tensão, talvez, mas horror? O que ela queria dizer, o mesmo lugar?

E então eu vi.

Edward!, protestou Alice num tom agudo. Eu a amo, Edward!

Eu a tirei de sintonia ferozmente.

Ela não amava Bella da maneira como eu amava. Sua visão era impossível. Errada. Ela estava de alguma forma cega, vendo coisas impossíveis.

Nem meio segundo havia passado. Bella ainda estava olhando curiosamente para o meu rosto, esperando que eu concordasse com seu pedido. Teria ela visto a onda de medo, ou havia sido rápido demais para ela?

Eu me foquei nela, em nossa conversa inacabada, empurrando Alice e suas visões falhas e mentirosas para longe de meus pensamentos. Eles não mereciam minha atenção.

Mas eu não fui capaz de manter o tom brincalhão de nossas provocações.

“Você não quer contar para o seu pai que vai passar o dia comigo?”, perguntei, minha voz ficando sombria.

Eu espantei as visões novamente, tentando empurrá-las para mais longe, evitar que elas oscilassem na minha cabeça.

“Com Charlie, menos é sempre mais”, disse Bella, com segurança. “Onde nós vamos, de qualquer forma?”

Alice estava errada. Mortalmente errada. Não havia chance daquilo acontecer. E era apenas uma visão antiga, que já não valia mais. As coisas haviam mudado.

“O tempo vai estar bom”, eu lhe disse lentamente, lutando contra o pânico e a indecisão. Alice estava errada. Eu continuaria como se não tivesse ouvido ou visto nada. “Então eu vou evitar os olhos públicos... e você pode ficar comigo, se quiser”.

Bella entendeu o significado imediatamente; seus olhos estavam brilhantes e ansiosos. “E você vai me mostrar o que quis dizer, sobre o sol?”

Talvez, como tantas vezes antes, sua reação fosse ser o oposto do que eu esperava. Eu sorri com a possibilidade, lutando para recuperar a leveza do momento. “Sim. Mas...” Ela ainda não havia dito sim. “Se você não quiser estar... sozinha comigo, eu ainda assim iria preferir que você não fosse para Seattle sozinha. Eu tenho calafrios de pensar nos problemas que você poderia arranjar numa cidade daquele tamanho”.

Seus lábios apertaram-se; ela estava ofendida.

“Phoenix é três vezes maior que Seattle – só no tamanho da população. No tamanho físico –”

“Mas aparentemente sua hora não estava marcada em Phoenix”, eu disse, interrompendo suas justificativas. “Então eu preferiria que você ficasse comigo”.

Ela poderia ficar pela eternidade e não seria o bastante.

Eu não devia pensar desta forma. Nós não tínhamos a eternidade. Cada segundo que passava contava mais do que jamais haviam contado; cada segundo a modificava, enquanto eu permanecia intocado.

“Acontece que eu não me importo de estar sozinha com você”, ela disse.

Não – porque seus instintos eram invertidos.

“Eu sei”. Eu suspirei. “Mas você devia contar a Charlie”.

“Por que motivo eu faria isso?”, ela perguntou, soando horrorizada.

Eu a encarei bravo, as visões que eu não tive sucesso em reprimir rodopiando doentamente pela minha cabeça.

“Para me dar um pequeno incentivo de trazê-la de volta”, sibilei. Ela devia me dar este tanto – uma testemunha para compelir-me a ser cuidadoso.

Por que Alice havia forçado esta lembrança em mim justo agora?

Bella engoliu alto, e me encarou por um longo momento. O que ela teria visto?

“Acho que vou correr o risco”, ela disse.

Ugh! Ela sentia algum prazer em arriscar sua vida? Ansiava por alguma dose de adrenalina?

Eu franzi o cenho para Alice, que encontrou meus olhos com um olhar de aviso. Ao lado dela, Rosalie me encarava furiosamente, mas eu não poderia ter me importado menos. Deixe que ela destruísse o carro. Era só um brinquedo.

“Vamos falar sobre outra coisa”, sugeri Bella subitamente.

Eu olhei de volta para ela, imaginando como era possível ela ser tão inconsciente do que realmente importava. Por que ela não conseguia enxergar o monstro que eu era?

“Sobre o que você quer falar?”

Seus olhos correram para a esquerda e então para a direita, como se ela estivesse checando para ter certeza de que ninguém estava escutando. Ela devia estar planejando introduzir outro assunto relacionado com os mitos. Seus olhos congelaram por um instante e seu corpo se enrijeceu, e então ela olhou de volta para mim.

“Por que você foi até aquele local, Goat Rocks, na semana passada... para caçar? Charlie disse que não era um bom lugar para se escalar, por causa dos ursos”.

Tão inconsciente. Eu a encarei, levantando uma sobrancelha.

“Ursos?”, ela engasgou.

Eu sorri com ironia, assistindo enquanto ela absorvia a informação. Será que isto a faria me levar a sério? Alguma coisa faria?

Ela recompôs sua expressão. “Sabe, não estamos na temporada de ursos”, ela disse severamente, estreitando os olhos.

“Se você ler com cuidado, as leis só mencionam caçar com armas”.

Ela novamente perdeu o controle sobre seu rosto por um momento, e ficou de boca aberta.

“Ursos?”, ela disse novamente, desta vez uma tentativa de questionamento ao invés de uma expressão de seu choque.

“O urso pardo é o favorito de Emmett”.

Eu vigiei seus olhos, assistindo enquanto isso penetrava.

"Hmm", ela murmurou. Ela deu uma mordida na pizza, olhando para baixo. Mastigou pensativamente, e então pegou uma bebida.

"Então", ela disse, finalmente olhando para cima. "Qual é o seu favorito?"

Eu supus que deveria ter esperado por algo assim, mas não tinha. Bella era sempre interessante, para dizer o mínimo.

"Leão da montanha", eu respondi bruscamente.

"Ah", ela disse num tom neutro. Seus batimentos continuaram estáveis e compassados, como se estivéssemos discutindo sobre o restaurante favorito.

Está bem, então. Se ela queria agir como se isso não fosse algo fora do comum...

"É claro, nós temos que ter cuidado para não impactar o meio ambiente sendo imprudentes ao caçar", eu lhe disse, minha voz impessoal e clínica. "Nós tentamos nos focar em áreas onde há uma superpopulação de predadores – buscando o quão longe precisarmos. Sempre há uma grande quantidade de cervos e alces por aqui, e eles bastariam, mas onde estaria a graça nisso?"

Ela ouviu com uma expressão educadamente interessada, como se eu fosse um professor dando uma palestra. Eu tive que sorrir.

"De fato, onde", ela murmurou calmamente, dando outra mordida na pizza.

"O início da primavera é a temporada de ursos favorita de Emmett", eu disse, continuando a palestra. "Eles acabaram de sair da hibernação, então estão mais irritadiços".

Setenta anos depois, e ele ainda não havia superado o fato de ter perdido aquela primeira luta.

"Nada mais divertido que um urso pardo irritadiço", Bella concordou, acenando solenemente com a cabeça.

Eu não consegui segurar um risinho torto conforme balançava minha cabeça para sua calma ilógica. Tinha que ser encenação. "Diga em que está pensando, por favor".

"Estou tentando visualizar a cena – mas não consigo", ela disse, a ruga entre seus olhos aparecendo. "Como se caça um urso sem armas?"

"Oh, nós temos armas", eu disse, e então escancarei um sorriso. Eu esperava que ela fosse se encolher, mas ela ainda estava parada, me olhando. "Apenas não do tipo que eles levam em conta quando escrevem as leis sobre caça. Se você alguma vez já viu um ataque de urso na televisão, deve ser capaz de visualizar Emmett caçando".

Ela espiou a mesa onde os outros estavam sentados e teve um calafrio.

Finalmente. E então eu ri para mim mesmo, porque sabia que parte de mim desejava que ela permanecesse inconsciente.

Seus olhos escuros estavam arregalados e profundos quando me encararam desta vez. "Você é como um urso, também?", ela perguntou quase num sussurro.

"Mais como um leão, é o que dizem", eu disse, me esforçando para soar impessoal novamente.

"Talvez nossas preferências sejam um indicativo".

Seus lábios levantaram um pouco nos cantos. "Talvez", ela repetiu. E então ela inclinou a cabeça para o lado, e a curiosidade estava subitamente clara em seus olhos. "É algo que eu possa chegar a ver um dia?"

Eu não precisava das imagens de Alice para ilustrar este horror – minha imaginação bastava.

"Absolutamente não", eu rosnei para ela.

Ela se afastou rapidamente de mim, seus olhos confusos e assustados.

Eu me inclinei para trás, também, querendo colocar espaço entre nós. Ela nunca iria entender, iria? Ela nunca faria qualquer coisa para me ajudar a mantê-la viva.

"Assustador demais para mim?", ela perguntou, sua voz estável. Seu coração, entretanto, ainda batia com o dobro da velocidade.

"Se fosse por isso, eu te levaria esta noite", eu repliquei entredentes. "Você precisa de uma dose de medo. Nada poderia ser mais benéfico para você".

"Então por quê?", ela demandou, não convencida.

Eu a encarei de volta sombriamente, esperando que ela fosse estar com medo. Eu estava com medo. Eu podia imaginar claro demais ter Bella por perto quando eu estivesse caçando...

Seus olhos permaneceram curiosos e impacientes, nada mais. Ela esperava por sua resposta, não desistindo.

Mas nosso tempo havia acabado.

“Mais tarde”, eu interrompi a conversa subitamente, e fiquei em pé. “Nós vamos nos atrasar”.

Ela olhou ao seu redor, desorientada, como se tivesse se esquecido de que estávamos na hora do almoço. Como se ela tivesse se esquecido até mesmo de que estávamos no colégio – surpresa por não estarmos sozinhos em algum lugar particular. Eu entendia esta sensação perfeitamente. Era difícil lembrar do resto do mundo quando eu estava com ela.

Ela levantou-se rapidamente, inclinando-se uma vez, e atirou sua bolsa por cima do ombro.

“Mais tarde, então”, ela disse, e eu pude ver a determinação na posição de sua boca; ela cobraria isso de mim.

12. Complicações

Bella e eu caminhamos silenciosamente para a aula de biologia. Estava tentando me focar em mim mesmo no momento, na garota ao meu lado, no que era real e sólido, em qualquer coisa que deixasse as visões enganadas e sem significado de Alice fora de minha mente.

Nós passamos por Angela Weber, parada na calçada, discutindo uma tarefa com um garoto da sua classe de trigonometria. Eu examinei seus pensamentos superficialmente, esperando mais desapontamento, apenas para ficar surpreso com seus métodos desejosos.

Ah, então existia algo que Angela queria. Infelizmente, não era uma coisa que poderia ser facilmente embalado. Me senti estranhamente confortado por um momento, ouvindo a falta de esperança nostálgica de Angela. Um sentimento de carinho sobre o qual Angela nunca saberia passou por mim, e eu fui, por um segundo, um só com aquela gentil garota humana.

Era estranhamente confortante saber que eu não era o único a viver uma trágica história de amor. Corações partidos estavam em todos os lugares.

No próximo segundo, eu fiquei abruptamente e perfeitamente irritado. Porque a história de Angela não tinha que ser trágica. Ela era humana e ele era humano, e a diferença que parecia tão insuperável na cabeça dela era ridícula, realmente ridícula comparada à minha situação. Não existia nenhum propósito em seu coração partido. Uma devastadora tristeza, quando não existia nenhuma razão válida para que ela não estivesse com quem queria. Por que ela não tinha o que queria? Por que esta história não deveria ter um final feliz?

Eu queria lhe dar um presente... Bem, eu daria o que ela queria. Com o que eu sabia da natureza humana, isso nem mesmo seria muito difícil. Verifiquei a consciência do garoto ao seu lado, o objeto de sua afeição, e ele não parecia recusar, só estava frustrado pela mesma dificuldade que ela. Sem esperança e resignado, do jeito que ela estava.

Tudo que eu teria de fazer era plantar a sugestão...

O plano se formou facilmente, o roteiro se escreveu sozinho, sem esforço de minha parte. Eu precisaria da ajuda de Emmett - ter sua ajuda nisso era a real dificuldade. A natureza humana era muito mais fácil de ser manipulada do que a natureza vampira.

Eu estava satisfeito com minha solução, com meu presente para Angela. Era uma diversão legal dos meus próprios problemas. Gostaria que os meus fossem solucionados tão facilmente.

Meu humor foi levemente melhorado enquanto Bella e eu sentamos em nossos lugares. Talvez eu devesse ser mais positivo. Talvez existisse alguma solução para nós que estava escapando de mim, da mesma forma que a solução óbvia de Angela era invisível para ela. Provavelmente não.. mas para que perder tempo com falta de esperança? Eu não tinha tempo a perder quando se tratava de Bella. Cada segundo importava.

Sr. Barner entrou puxando uma antiga TV com vídeo cassete. Ele estava pulando para uma seção para a qual não estava particularmente interessado - doenças genéticas - ao mostrar um filme pelos próximos três dias. O óleo de Lorenzo não era uma parte muito animada, mas isso não parou o excitação na sala. Sem anotações, sem material de teste. Três dias livres. Os humanos alegraram-se.

Isto não importava pra mim, de qualquer jeito. Eu não estive planejando prestar atenção em qualquer coisa, exceto Bella.

Não arrastei minha cadeira para longe da dela hoje, para me dar espaço para respirar. Ao invés disso, sentei próximo a ela como qualquer outro humano normal sentaria. Mais perto do que nos

sentamos em meu carro, perto o suficiente para que o lado esquerdo do meu corpo submergisse ao calor de sua pele.

Era uma experiência estranha, agradável e irritante, mas eu preferia isso à sentar longe dela através da mesa. Era mais do que o que estava acostumado, e rapidamente percebi que ainda não era o bastante. Eu não estava satisfeito. Estar próximo assim dela só me fez querer estar mais perto. Quanto mais perto ficava, mais me atraía.

Eu tenho a acusação de ser um ímã de perigo. Nesse momento, sinto como se isso fosse a verdade literal. Eu era perigoso, e a cada polegada em que me permitia ficar mais perto dela, sua atração crescia com força.

E então Sr. Barner apagou as luzes.

Era estranho quanta diferença isso fez, considerando que a falta de luz significa pouco aos meus olhos. Eu ainda podia enxergar tão perfeitamente quanto antes. Cada detalhe da sala estava claro.

Então por que o repentino choque de eletricidade no ar, neste escuro que não era escuro pra mim? Seria porque eu sabia que era o único que podia ver claramente? Que Bella e eu estávamos invisíveis para os outros? Como se estivéssemos sozinhos, apenas nós dois, escondidos na sala escura, sentados tão perto um ao lado do outro...

Minha mão se moveu em direção a dela sem minha permissão. Apenas para tocar sua mão, para segurá-la na escuridão. Isso seria um erro terrível? Se minha pele a incomodasse, ela só teria de afastá-la...

Puxei minha mão de volta com força, cruzando os braços, apertando-os com força em meu peito e mantendo minhas mãos fechadas. Sem erros. Havia me prometido que não cometeria erros, não importa o quão pequenos eles parecessem. Se eu segurasse sua mão, iria somente querer mais - outro toque insignificante, outro movimento próximo a ela. Podia sentir isso. Um novo tipo de desejo crescendo dentro de mim, trabalhando para impedir meu auto-controle.

Sem erros.

Bella cruzou os braços em seu peito seguramente, e suas mãos se fecharam em punho, como as minhas.

O que está pensando? Eu estava morrendo para sussurrar as palavras a ela, mas a sala estava muito quieta para não notar mesmo uma conversa sussurrada.

O filme começou, iluminando um pouco a escuridão. Bella olhou para mim. Ela notou a maneira rígida com que eu mantinha meu corpo - assim como ela - e sorriu. Seus lábios se partiram levemente, e seus olhos pareciam cheios de convites calorosos.

Ou talvez eu estivesse enxergando o que queria ver.

Sorri de volta; sua respiração capturada com uma baixa arfada, e ela olhou para longe rapidamente.

Isso foi pior. Eu não sabia seus pensamentos, mas estava repentinamente positivo de que estava certo antes, e que ela queria que eu a tocasse. Ela sentia este desejo perigoso assim como eu.

Entre o seu corpo e o meu, a eletricidade zumbia.

Ela não se mexeu durante toda a hora, mantendo sua firme e controlada posição enquanto eu mantinha a minha. Ocasionalmente me espiaria de novo, e a eletricidade zumbindo me sacudiria como um choque repentino.

A hora passou - lentamente, e não lentamente o bastante. Isso era tão novo. Eu poderia ter sentado assim com ela por dias, apenas para experimentar o sentimento inteiramente.

Tive uma dúzia de diferentes discussões comigo mesmo enquanto os minutos passaram, racionalmente lutando com o desejo, conforme tentava justificar meu toque nela.

Finalmente, Sr. Barner acendeu as luzes novamente.

Na brilhante luz fluorescente, a atmosfera da sala retornou ao normal. Bella suspirou e se esticou, flexionando os dedos à sua frente. Deve ter sido desconfortável pra ela manter aquela posição por tanto tempo. Era mais fácil para mim - imobilidade vinha naturalmente. Eu ri da expressão aliviada de seu rosto. "Bom, isso foi interessante."

"Humm," ela murmurou, claramente entendendo ao que eu estava me referindo, mas sem fazer comentários. O que eu não daria para ouvir o que ela estava pensando agora.

Eu suspirei. Nenhum monte de desejo iria ajudar com aquilo.

"Vamos?" perguntei, me levantando.

Ela fez uma careta e ficou imóvel, suas mãos se estenderam como se estivesse com medo de cair.

Eu poderia oferecê-la minha mão. Ou poderia colocar a mão embaixo de seu cotovelo - levemente - e firmá-la. Certamente aquilo não deveria ser uma horrível infração...

Sem erros.

Ela estava muito quieta enquanto nós andamos até o ginásio. A ruga era evidente entre seus olhos, um sinal de que estava entregue aos pensamentos. Eu também, estava pensando profundamente.

Um toque em sua pele não a machuraria, meu lado egoísta afirmou.

Eu poderia facilmente moderar a pressão da minha mão. Não era exatamente difícil, contanto que estivesse firmemente controlado. Minha sensibilidade era mais desenvolvida que a dos humanos. Podia fazer malabarismo com uma dúzia de taças de cristal sem quebrar nenhuma delas; podia acariciar uma bolha de sabão sem estourá-la. Contanto que estivesse firmemente controlado...

Bella era como uma bolha de sabão - frágil e efêmera. Temporário.

Por quanto tempo eu seria capaz de justificar minha presença na vida dela? Quanto tempo eu teria? Teria alguma outra chance como esta, como este momento, como este segundo?

Ela não estaria sempre ao alcance dos meus braços...

Bella se virou para me encarar da porta do ginásio, e seus olhos se arregalaram com a expressão em meu rosto. Ela não falou. Eu me olhei pelo reflexo de seus olhos, e vi o conflito se enfurecendo dentro de mim. Observei meu rosto mudar como se o meu melhor lado tivesse perdido a discussão.

Minha mão se levantou sem um comando consciente para fazer isso. Gentilmente, como se ela fosse feita do vidro mais fino, como se fosse frágil como uma bolha, meus dedos acariciaram a pele quente que cobria sua bochecha. Ela esquentou com meu toque, e eu pude sentir o pulso do sangue correr embaixo de sua pele transparente.

Chega, ordenei, mesmo com minha mão ainda traçando seu rosto. Chega.

Era difícil puxar minha mão de volta, parar de me mover para mais perto dela do que já estava. Milhares de possibilidades diferentes passaram em minha mente num instante - milhares de formas de tocá-la. A ponta dos meus dedos traçando o contorno de seus lábios. Minha palma sob seu queixo. Tirar o grampo de seus cabelos, e os deixar derramar em minha mão. Minhas mãos envolvendo sua cintura, mantendo-a contra meu corpo.

Chega.

Me forcei a virar, ir para longe dela. Meu corpo se mexeu com vigor - recusando-se.

Fiquei perdido em pensamentos a observando por trás enquanto caminhava rapidamente para longe, quase fugindo da tentação. Ouvi os pensamentos de Mike Newton - eram os mais altos - enquanto observei Bella passar por ele em esquecimento, seus olhos sem foco e suas bochechas vermelhas. Ele olhou furiosamente, e meu nome foi misturado com maldições em sua mente; Eu não poderia ajudar sorrindo em resposta.

Minha mão estava formigando. Eu a flexionei e a fechei em um punho, mas ela continuou picando sem dor alguma.

Não, eu não havia a machucado - mas tocá-la ainda tinha sido um erro.

Parecia fogo - como se a sede que queima minha garganta tivesse se espalhado por todo o meu corpo.

Da próxima vez que eu estivesse perto dela, poderia evitar de tocá-la novamente? E se a tocasse uma vez, conseguiria parar?

Sem mais erros. Era isso. Saboreie a memória, Edward, eu disse a mim mesmo cruelmente, e guarde suas mãos para si. Isso, ou eu teria que me forçar a partir... de alguma forma. Porque eu não me permitiria estar perto dela se insistisse em cometer erros.

Tomei fôlego e tentei firmar meus pensamentos.

Emmett me alcançou fora do prédio de Inglês.

"Hey, Edward." Ele está parecendo melhor. Estranho, mas melhor. Feliz.

"Hey, Em." Eu parecia feliz? Acho que sim, apesar do caos em minha mente. Me sentia daquele jeito.

Dê um jeito de manter sua boca fechada, garoto. Rosalie quer arrancar sua língua.

Eu suspirei. "Desculpe por te deixar lidar com isso. Está com raiva de mim?"

"Nah. Rose vai esquecer. Isso aconteceria de qualquer jeito." Com o que Alice vê que está por vir...

As visões de Alice não era o que eu queria pensar agora. Olhei para frente, meus dentes trincados.

Enquanto procurava por alguma distração, pude ver Ben Cheney entrando na sala de Espanhol a nossa frente. Ah - aqui estava minha chance de dar a Angela Weber seu presente.

Parei de andar, e peguei o braço de Emmett. "Espere um segundo."

O que foi?

"Sei que não mereço isso, mas você me faria um favor, mesmo assim?"

"O que é?", perguntou ele, curioso.

Por baixo de minha respiração - e em uma velocidade que tornaria as palavras incompreensíveis aos humanos, não importa o quão alto falassem - expliquei a ele o que queria.

Ele me encarou inexpressivamente quando terminei, seus pensamentos tão vazios quanto sua expressão.

"E aí?" estimei. "Vai me ajudar com isso?"

Levou um minuto para ele responder. "Mas, por que?"

"Vamos, Emmett. Por que não?"

Quem diabos é você, e o que fez com meu irmão?

"Não é você que reclama que a escola é sempre a mesma? Isso é algo um pouco diferente, não é? Considere como um experimento - um experimento de natureza humana."

Ele me encarou por outro momento antes de concordar. "Bem, isto é diferente, eu lhe darei isso..."

Okay, tudo bem." Emmett bufou, e então deu de ombros. "Vou te ajudar."

Sorri pra ele, me sentindo mais entusiasmado com meu plano agora que ele estava junto.

Rosalie era chata, mas eu sempre deveria a ela por escolher Emmett; ninguém tinha um irmão melhor que o meu.

Emmett não precisou praticar. Sussurrei suas falas uma vez sob minha respiração conforme caminhávamos para a sala de aula.

Ben já estava em seu lugar atrás do meu, recolhendo seu trabalho de casa para entregar. Emmett e eu nos sentamos e fizemos a mesma coisa. A classe não estava quieta ainda; o murmúrio da conversa subjugada continuaria até a Sra. Goff chamar a atenção. Ela não tinha pressa, analisava os exames da última turma.

"Então," Emmett disse, sua voz mais alta que o necessário - se ele estivesse realmente falando para mim. "Você chamou Angela Weber para sair?"

O som dos papéis atrás de mim deram uma abrupta parada quando Ben congelou, sua atenção repentinamente revertida em nossa conversa.

Angela? Eles estão falando sobre Angela?

Ótimo. Consegui seu interesse.

"Não," eu disse, balançando a cabeça lentamente para parecer arrependido.

"Por que não?" Emmett improvisou. "Você é frangote?"

Sorri para ele. "Não, ouvi dizer que ela estava interessada em outra pessoa."

Edward Cullen ia chamar Angela para sair? Mas...Não. Não gosto disso. Não o quero perto dela.

Ele não é... certo para ela. Não é...seguro.

Eu não tinha previsto o cavalheirismo, o instinto protetor. Estive planejando causar ciúmes. Mas de qualquer forma, deu certo.

"Vai deixar isso te impedir?" Emmett perguntou zombando, improvisando de novo. "Não está disposto a uma competição?"

O olhei com raiva, mas fiz uso do que ele me deu. "Olha, eu acho que ela realmente gosta desse Ben. Não tentarei convencê-la. Existem outras garotas."

A reação da cadeira atrás de mim foi elétrica.

"Quem?" Emmett perguntou, de volta ao roteiro.

"Minha parceira de laboratório disse que era algum garoto chamado Cheney. Não estou certo se eu sei quem é ele."

Meu sorriso voltou um pouco. Somente os arrogantes Cullens poderiam escapar com o fingimento de não conhecer cada estudante nesta pequena escola.

A cabeça de Ben estava rodando em choque. Eu? Ganhar de Edward Cullen? Mas porque ela gostaria de mim?

"Edward," Emmett murmurou em um tom mais baixo, rolando os olhos pelo garoto. "Ele está bem atrás de você," ele balbuciou, então obviamente o humano poderia facilmente ler as palavras.

"Oh," eu murmurei de volta.

Me virei para espiar o garoto atrás de mim. Por um segundo, os olhos pretos por trás dos óculos estavam assustados, mas então ele endureceu e ajustou seus ombros encolhidos, afrontado pela minha clara avaliação humilhante. Seu queixo se impôs, e uma raiva ruborizada escureceu sua pele marrom dourado.

"Huh," eu disse arrogantemente enquanto me virei de volta para Emmett.

Ele acha que é melhor que eu. Mas Angela não. Vou mostrar a ele...

Perfeito.

"Você não disse que ela estava levando Yorkie para o baile?" Emmett perguntou, bufando enquanto dizia o nome do garoto que muitos evitavam devido ao seu jeito desengonçado.

"Foi uma decisão de grupo, aparentemente." Eu queria garantir que Ben estivesse entendendo. "Angela é tímida. Se B-- bom, se um cara não tiver coragem de chamá-la para sair, ela nunca o chamaria."

"Você gosta de garotas tímidas," Emmett disse, voltando ao improviso. Garotas quietas. Garotas como... hmm, eu não sei. Talvez Bella Swan?

Sorri para ele. "Exatamente." Então voltei à performance. "Talvez Angela se canse de esperar. Talvez eu a chame para o baile."

Não, você não vai. Ben pensou, se endireitando na cadeira. E daí que ela é muito mais alta que eu? Se ela não liga, também não ligarei. Ela é a garota mais legal, mais esperta, mais linda da escola... e ela me quer.

Gostei desse Ben. Ele parecia perspicaz e bem-intencionado. Até mesmo merecedor de uma garota como Angela.

Fiz sinal positivo para Emmett por debaixo da carteira, enquanto a Sra. Goff parou e cumprimentou a sala.

Okay, vou admitir - isso foi um pouco divertido. Emmett pensou.

Sorri para mim mesmo, satisfeito por ter sido capaz de formar um final feliz de uma história de amor. Estava certo de que Ben tomaria atitude, e Angela receberia meu presente anônimo. Minha dívida foi paga.

Como os humanos eram bobos por deixar 15 cm de diferença de altura perturbar sua felicidade.

Meu sucesso me deixou de bom humor. Sorri de novo enquanto me ajeitei na cadeira e me preparei para ficar entretido. Depois de tudo, como Bella disse após o intervalo, eu nunca havia a visto em ação na sua aula de educação física.

Os pensamentos de Mike eram mais fáceis de achar no meio das vozes tagarelando no ginásio. Sua mente tem sido muito familiar nas últimas semanas. Com um suspiro, me resignei para ouvi-lo. Ao menos poderia garantir que ele estaria prestando atenção em Bella.

Eu estava bem a tempo para ouvi-lo se oferecer para ser seu parceiro em badminton. Meu sorriso desapareceu, meus dentes trincaram, e tive que me lembrar que matar Mike Newton não era uma opção permissível.

"Obrigada, Mike... Sabe que não precisa fazer isso."

"Não se preocupe, vou me manter fora de seu alcance."

Eles sorriram um para o outro, e flashes de numerosos acidentes - sempre de alguma forma conectados a Bella - passaram pela cabeça de Mike.

Mike jogou sozinho primeiro, enquanto Bella hesitou na metade de trás da quadra, segurando sua raquete cuidadosamente, como se fosse algum tipo de arma. Então o treinador Clapp caminhou lentamente e ordenou que Mike deixasse Bella jogar.

Oh, oh Mike pensou enquanto Bella se movia adiante com um suspiro, segurando sua raquete em um ângulo estranho.

Jennifer Ford serviu a peteca para Bella com um ar presumido em seus pensamentos. Mike viu Bella balançar em direção a ela, balançando as raquetes para muito longe de seu alvo, e ele correu para tentar salvar o volei.

Observei a trajetória da raquete de Bella com alarme. Sem dúvidas, a raquete bateria de volta em sua própria cabeça, e saltaria para golpear o braço de Mike.

Ai. Ai. Ungh. Isso vai deixar uma contusão.

Bella estava massageando sua testa. Foi difícil ficar no lugar onde eu estava, sabendo que ela estava machucada. Mas o que eu poderia fazer se estivesse lá? E não parecia ser sério... Eu hesitei, assistindo. Se ela pretendesse continuar jogando, eu teria que inventar uma desculpa para tirá-la da aula.

O treinador riu. "Desculpe, Newton." Esta é a garota mais azarada que já vi. Não deveria obrigá-la a ficar com os outros...

Ele se virou deliberadamente e se mexeu para assistir outro jogo, então Bella poderia retornar ao seu papel de espectadora.

Ai, Mike pensou de novo, massageando seu braço. Ele se virou para Bella. "Você está bem?"

"Sim, você está?" ela perguntou envergonhada, corando.

"Acho que ficarei vivo." Não quero soar como um bebê chorão. Mas, cara, isso dói!

Mike balançou seu braço em círculo, retrocedendo.

"Eu estarei bem aqui," Bella disse, com mais constrangimento e desgosto do que dor. Talvez Mike tivesse levado a pior nessa. Certamente eu esperava que esse fosse o caso. Ao menos ela não jogaria mais. Ela segurou sua raquete tão cuidadosamente em suas costas, seus estavam olhos arregalados com remorso... eu tive que disfarçar minha risada enquanto tossia.

O que é engraçado? Emmett queria saber.

"Te conto mais tarde," murmurei.

Bella não se aventurou no jogo de novo. O treinador a ignorou e deixou Mike jogar sozinho.

Eu fiz meu exame rapidamente ao final da hora, e a Sra. Goff me deixou sair mais cedo. Estava escutando Mike intencionalmente conforme caminhava pelo terreno da escola. Ele havia decidido confrontar Bella sobre mim.

Jessia jura que eles estão namorando. Por que? Por que ele tinha que escolhê-la?

Ele não reconhecia o real fenômeno - de que ela havia me escolhido.

"E aí?"

"E aí o quê?" ela respondeu.

"Você e o Cullen, hein?" você e o esquisito. Eu acho, se um cara rico é importante assim para você...

Eu cerrei os dentes com essa suposição degradante.

"Isso não é da sua conta, Mike."

Defensiva. Então é verdade. Merda. "Não gosto disso."

Porque ela não podia que espetáculo de circo ele era? Como todos eles. O modo como ele a encara. Me dá calafrios de olhar. "Ele olha para você como se... como se você fosse uma coisa de comer."

Me contrai, esperando a resposta dela.

Seu rosto ficou vermelho, e seus lábios estavam pressionados como se ela estivesse segurando a respiração. Então, repentinamente um sorriso falso surgiu de seus lábios.

Agora ela está rindo de mim. Ótimo.

Mike se virou, pensamentos mal-humorados, e saiu para se trocar.

Eu me encostei na parede do ginásio e tentei me recompor.

Como ela podia ter rido da acusação de Mike – tão certa que eu estava começando a me preocupar se Forks estava se tornando ciente demais... por que ela ria da sugestão de que eu poderia matá-la, quando ela sabia que era totalmente verdade? Onde estava a graça nisso?

O que havia de errado com ela?

Será que ela tinha um senso de humor mórbido? Isso não se encaixava com a imagem que eu tinha sobre seu caráter, mas como eu podia ter certeza? Ou talvez minha fantasia do anjo sem nada na cabeça fosse verdadeira em um aspecto, o de que ela não tinha simplesmente nenhum senso de perigo. Corajosa – esta era uma palavra para isso. Outros poderiam dizer estúpida, mas eu sabia o quão esperta ela era. Entretanto, não importando o motivo, esta falta de medo ou senso de humor distorcido não era bom para ela. Será que era esta estranha deficiência que a colocava em perigo tão constantemente? Talvez ela sempre fosse precisar de mim aqui...

Subitamente, meu humor estava nas alturas.

Se eu conseguisse me disciplinar, tornar-me seguro, então talvez seria a coisa certa para mim ficar com ela.

Quando ela saiu pela porta do ginásio, seus ombros estavam enrijecidos e seu lábio inferior estava entre seus dentes de novo – um sinal de ansiedade. Mas assim que seus olhos encontraram-se com os meus, seus ombros tensos relaxaram e um largo sorriso despontou em seu rosto. Era uma expressão estranhamente cheia de paz. Ela caminhou diretamente para o meu lado sem hesitar, parando apenas quando estava tão próxima que o calor de seu corpo atingiu o meu como um tsunami.

“Oi”, ela sussurrou.

A felicidade que eu senti naquele momento era, novamente, sem precedentes.

“Olá”, eu disse, e então – porque com meu humor subitamente tão leve era impossível para mim não provocá-la – eu acrescentei, “Como foi a educação física?”

Seu sorriso hesitou. “Bem”.

Ela era uma péssima mentirosa.

“Verdade?”, perguntei, prestes a pressionar o assunto – eu ainda estava preocupado com sua cabeça; será que ela estava com dor? – mas então os pensamentos de Mike Newton estavam tão altos que quebraram minha concentração.

Eu odeio ele. Queria que ele morresse. Espero que ele caia de um penhasco com aquele carro brilhante. Por que ele não pode simplesmente deixar ela em paz? Procurar alguém da laia dele – um anormal.

“Que foi?”, demandou Bella.

Meus olhos focalizaram novamente o seu rosto. Ela olhou para Mike se afastando, e então de novo para mim.

“Newton está me dando nos nervos”, admiti.

Seu queixo caiu, e seu sorriso desapareceu. Ela devia ter se esquecido que eu havia sido capaz de assistir sua calamitosa última aula, ou esperado que eu não tivesse usado minha capacidade.

“Você não estava ouvindo de novo?”

“Como está sua cabeça?”

“Você é inacreditável!”, ela disse entredentes, e então deu as costas para mim e caminhou furiosamente na direção do estacionamento. Sua pele estava vermelho vivo – ela estava envergonhada.

Eu acompanhei seu passo, esperando que sua raiva fosse passar rapidamente. Em geral ela não demorava para me perdoar.

“Foi você quem mencionou que eu nunca havia te visto na educação física”, expliquei. “Me deixou curioso”.

Ela não respondeu; suas sobrancelhas unidas.

Ela parou abruptamente no estacionamento quando percebeu que o caminho até o meu carro estava sendo bloqueada por uma multidão de garotos.

Eu imagino a que velocidade eles chegaram nessa coisa...

Olha esses câmbios SMG. Eu nunca vi um desses fora de uma revista...

Belas saias laterais...

Bem que eu queria ter sessenta mil dólares dando sopa...

Era exatamente por isso que era melhor que Rosalie só usasse seu carro fora da cidade.

Eu circundei a multidão de garotos lascivos até o meu carro; após um segundo de hesitação, Bella me seguiu.

“Ostentação”, eu murmurei enquanto ela entrava.

“Que tipo de carro é esse?”, ela imaginou.

“Um M3”.

Ela franziu a testa. “Eu não falo o idioma da Car and Driver”.

“É uma BMW”. Eu rolei os olhos e então focalizei em dar a ré sem atropelar ninguém. Eu tive que travar os olhos em alguns garotos que não pareciam estar com muita vontade de sair do caminho. Um encontro de meio segundo com meu olhar pareceu ser o bastante para convencê-los.

“Você ainda está brava?”, perguntei-lhe. Sua testa não estava mais franzida.

“Definitivamente”, ela respondeu secamente.

Eu suspirei. Talvez eu não devesse ter tocado no assunto. Oh bem. Eu poderia tentar compensar, eu pensei. “Você vai me perdoar se eu pedir desculpas?”

Ela refletiu por um momento. “Talvez... se você for sincero”, ela decidiu. “E se você prometer nunca mais fazer isso de novo”.

Eu não ia mentir para ela, mas de forma alguma eu iria concordar com aquilo. Talvez se eu lhe oferecesse uma troca diferente.

“Que tal se eu for sincero, e deixar você dirigir no sábado?”. Eu me encolhi por dentro com o pensamento.

Uma ruga brotou entre seus olhos enquanto ela avaliava a nova barganha. “Combinado”, ela disse depois de pensar por um momento.

Agora, quanto ao meu pedido de desculpas... eu nunca havia tentado deslumbrar Bella propositalmente antes, mas agora parecia ser um bom momento. Eu olhei profundamente para dentro de seus olhos enquanto dirigia para longe do colégio, me perguntando se estava fazendo direito. Eu usei meu tom mais persuasivo.

“Então eu sinto muito mesmo por ter te chateado”.

Seu coração batia mais alto do que antes, e o ritmo estava abruptamente marcado. Seus olhos se arregalaram, parecendo um pouco atordoados.

Eu dei um sorriso torto. Parecia que eu tinha feito direito. Claro, eu estava tendo um pouco de dificuldade de desviar meus olhos dos dela, também. Igualmente deslumbrado. Era uma coisa boa que eu havia memorizado esta estrada.

“E eu estarei na sua porta no sábado bem cedo”, acrescentei, terminando o acordo.

Ela piscou rapidamente, balançando a cabeça como se tentasse limpá-la. “Um”, ela disse, “não ajuda muito minha situação com Charlie se um Volvo for inexplicavelmente deixado na calçada”.

Ah, como ela me conhecia pouco. “Eu não estava pretendendo levar meu carro”.

“Como –”, ela começou a perguntar.

Eu a interrompi. A resposta seria difícil de explicar sem uma demonstração, e agora não era a hora. “Não se preocupe. Eu estarei lá, sem carro”.

Ela inclinou a cabeça para um lado, e parecia por um segundo que ela iria pressionar por mais informações, mas então ela pareceu mudar de idéia.

“Já é mais tarde?”, ela perguntou, recordando-me de nossa conversa inacabada no refeitório hoje; ela abria mão de uma pergunta apenas para retornar para outra que era menos prazerosa.

“Eu acho que é mais tarde”, eu concordei contra minha vontade.

Eu estacionei em frente a sua casa, ficando tenso enquanto tentava pensar numa maneira de explicar... sem deixar minha natureza monstruosa muito evidente, sem assustá-la de novo.

Ela esperou com a mesma máscara educadamente interessada que havia vestido no almoço. Se eu estivesse menos nervoso, sua calma absurda teria me feito rir.

“E você ainda quer saber por que não pode me assistir caçando?”, perguntei.

“Bem, eu estava mesmo refletindo sobre sua reação”, ela disse.

“Eu te assustei?”, eu perguntei, certo de que ela negaria.

“Não”.

Eu tentei não sorrir, e falhei. “Peço desculpas por ter te assustado”. E então meu sorriso desapareceu junto com o humor momentâneo. “É que apenas o pensamento de tê-la ali... enquanto caçamos”.

“Isso seria ruim?”

A figura mental era demais – Bella, tão vulnerável na escuridão vazia; eu mesmo, fora de controle... tentei bani-la da minha mente. “Extremamente”.

“Porque...?”

Eu respirei fundo, me concentrando por um momento na sede que me queimava. Sentindo-a, controlando-a, provando meu domínio sobre ela. Ela nunca me controlaria novamente – eu torci para que isso fosse verdade. Eu seria seguro para ela. Eu encarei as nuvens bem-vindas sem realmente vê-las, desejando poder acreditar que minha determinação faria alguma diferença se eu estivesse caçando e cruzasse com seu cheiro.

“Quando nós caçamos... nos entregamos a nossos sentidos”, eu lhe disse, pensando em cada palavra antes de pronunciá-la. “Somos menos governados por nossas mentes. Especialmente

por nosso olfato. Se você estivesse em algum lugar perto de mim quando eu perdesse o controle dessa forma...”

Eu balancei a cabeça agoniado com o pensamento do que iria – não do que poderia, mas do que iria – certamente acontecer então.

Eu escutei seus batimentos se acelerando e depois acalmando, e então me virei, inquieto, para ler seus olhos.

A expressão de Bella estava composta, seus olhos graves. Sua boca estava crispada suavemente, no que eu pensei que fosse preocupação. Mas preocupação com o quê? Sua própria segurança? Ou minha angústia? Eu continuei a encará-la, tentando traduzir suas expressões ambíguas para fatos.

Ela me olhou de volta. Seus olhos se arregalaram após um instante, e suas pupilas dilataram, apesar da luz não ter mudado.

Minha respiração acelerou, e de repente o silêncio no carro parecia um zunido, exatamente como na aula de Biologia esta tarde. A corrente elétrica circulava entre nós novamente, e meu desejo de tocá-la era, brevemente, mais forte até mesmo que as demandas da minha sede.

A eletricidade pulsante me fez sentir como se eu tivesse uma pulsação de novo. Meu corpo cantava com ela. Eu me senti quase... humano. Mais do que tudo no mundo, eu queria sentir o calor de seus lábios contra os meus. Por um segundo, lutei desesperadamente para encontrar a força, o controle, para ser capaz de colocar minha boca tão próxima de sua pele...

Ela aspirou de forma rasgada, e apenas então eu percebi que, quando eu comecei a respirar mais rápido, ela simplesmente parou de respirar.

Eu fechei meus olhos, tentando quebrar a conexão entre nós.

Sem mais erros.

A existência de Bella era suspensa por milhares de processos químicos delicadamente equilibrados, todos tão facilmente interrompidos. A expansão rítmica de seus pulmões, o fluxo de oxigênio, era vida ou morte para ela. A ondulação rítmica de seu frágil coração poderia ser parada por tantos acidentes estúpidos ou por doenças ou... por mim.

Nenhum membro de minha família hesitaria se a ele ou ela fosse oferecida a chance de retornar – se ele ou ela pudesse trocar a imortalidade por mortalidade de novo. Qualquer um de nós suportaria queimar por isso. Queimar por quantos dias ou séculos fosse necessário.

A maioria dos nossos semelhantes valorizava a imortalidade sobre todas as outras coisas. Havia até mesmo humanos gananciosos por ela, que procuravam em lugares escuros por aqueles que poderiam lhe dar o mais negro dos presentes...

Não nós. Não a minha família. Nós trocaríamos tudo por sermos humanos.

Mas nenhum de nós já havia estado tão desesperado por uma maneira de retornar como eu estava agora. Eu encarei as microscópicas cavidades e falhas no pára-brisas, como se houvesse alguma resposta escondida no vidro. A eletricidade não havia desaparecido, e eu tive que me concentrar para manter minhas mãos no volante.

Minha mão direita começou a formigar sem dor novamente, como quando eu a havia tocado antes.

“Bella, eu acho que você devia entrar agora”.

Ela obedeceu de imediato, sem comentar, saindo do carro e fechando a porta atrás de si. Teria ela sentido o potencial para o desastre tão claramente quanto eu?

Doía para ela ter que partir, como doía para mim deixá-la ir? O único consolo era que eu a veria logo. Mais cedo do que ela veria a mim. Eu sorri com a idéia, e então desci o vidro da janela e me inclinei para falar com ela mais uma vez – era mais seguro agora, com o calor de seu corpo fora do carro.

Ela virou para ver o que eu queria, curiosa.

Ainda curiosa, apesar de ter feito tantas perguntas para mim hoje. Minha própria curiosidade estava completamente insatisfeita; responder suas questões hoje havia apenas revelado a ela meus segredos – eu havia conseguido pouco dela, por meio de minhas próprias conjecturas. Isso não era justo.

“Oh, Bella?”

“Sim?”

“Amanhã é minha vez”.

Sua testa se enrugou. “Sua vez de quê?”

“Fazer as perguntas”. Amanhã, quando estivéssemos num lugar mais seguro, cercados por testemunhas, eu obteria minhas próprias respostas. Eu sorri com o pensamento, e então me virei, porque ela não havia feito menção de partir. Mesmo com ela fora do carro, o eco da eletricidade zunia no ar. Eu queria sair, também, e acompanhá-la até a porta, para ter uma desculpa para ficar ao seu lado...

Sem mais erros. Eu pisei no acelerador, e então suspirei enquanto ela desaparecia atrás de mim. Eu me sentia como se estivesse sempre correndo na direção de Bella ou correndo para fugir dela, nunca ficando no lugar. Eu teria que encontrar alguma maneira de manter meu chão, se nós fossemos algum dia ter um pouco de paz.

FIM